

ISLAM, A RELIGIÃO DO DIÁLOGO

Nossa Mensagem I

AYATULLAH AL-ODHMA

ASSAYED MOHAMMAD HUSSEIN FADLULLAH

Islam, a Religião do Diálogo

Elaboração, Supervisão e Apresentação
Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji

Tradução e Revisão
Ismail Ahmed Barbosa,
Rukaia Escandar e Furqan Ali Silva



Tradução e Revisão

Ismail Ahmed Barbosa,
Rukaia Escandar e Furqan Ali Silva

Capa, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Yelow Design e
Nasereddin Taleb Al-Khazraji

Tiragem

2.000 exemplares

Data da Edição

Novembro de 2007

Impressão e Acabamento

Editores Marse
Tel.: (11) 6292-3322 - E-mail: ed.marse@terra.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fadlullah, Al-Odhma Assayed Mohammad Hussein
Islam, a Religião do Diálogo / Al-Odhma Assayed Mohammad Hussein
Fadlullah ; elaboração e supervisão Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji ;
tradução e revisão Ismail Ahmad Barbosa, Rukaia Escandar e
Furqan Ali Silva. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro Islâmico no Brasil, 2007.

1. Alcorão 2. Diálogo - Aspectos religiosos - Islamismo
3. Islamismo 4. Islamismo - Doutrinas 5. Narrativas alcorânicas
I. Al-Khazraji, Taleb Hussein. II. Título.

07-7479

CDD-297.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Diálogo : Islamismo : Doutrinas : Religião 297.2

Todos os direitos desta edição são reservados ao



Centro Islâmico no Brasil
Tel.: 55 11 3361-7348
Fax: 55 11 3331-5077
www.arresala.org.br
edicoes@arresala.org.br

É proibida a reprodução de parte ou da totalidade dos textos sem a autorização prévia.

Sumário

Sobre o Autor	7
Prefácio do Autor para Edição em Língua Portuguesa	9
Prefácio do Editor	17
Introdução à Primeira Edição Árabe	19
Introdução à Segunda Edição Árabe	27
Introdução à Terceira Edição Árabe	31
Introdução à Quarta Edição Árabe	35
Introdução à Quinta Edição Árabe	41
Prefácio	49
Capítulo 1	57
Diálogo e Discussão	57
Como o diálogo e a discussão aconteciam?	63
As Características do Diálogo Islâmico	65
A Base Islâmica da idéia de Diálogo	69
Capítulo 2	73
As Condições Adequadas para o Diálogo	73
Dúvida no Caminho para a Certeza	91
Capítulo 3	99
O Progresso do Diálogo nos Fundamentos da Fé Islâmica	99
O Diálogo com os Politeístas	101
O Diálogo com os Ateus	109
O Diálogo com os Rejeitadores da Ressurreição	119
O Diálogo com os que rejeitam a Profecia	124
O Diálogo com os Povos do Livro	145

Capítulo 4	197
Capítulo 5	223
O Modo como o Diálogo deve ser Concluído	223
Como devemos encarar o resultado do diálogo?	226
Capítulo 6	229
O Diálogo nas Narrativas Alcorânicas (1)	229
Com os profetas no diálogo sobre suas Mensagens	232
Noé e Seu Povo	232
Hud e seu Povo, Aad	246
Saléh e Çamud	251
Abraão e seu povo	255
O Diálogo na História de Moisés	271
Lot e seu Povo	294
Xuaib no diálogo com seu povo	302
A História de José	310
Capítulo 7	325
O Diálogo nas Narrativas Alcorânicas (2)	325
Humanos em diálogo sobre a Mensagem Divina	325
Abel e Caim	326
Saul e Golias	330
A História de Carun	334
O Proprietário dos Dois Pomares	341
Os Pobres e os Arrogantes	344
Uma Altercação dos Habitantes do Fogo do Inferno	353
O crente entre os Faraós	365
“Então um homem veio correndo da parte mais afastada da cidade”	377
Otimistas versus pessimismo	384
“Há aquele, que falando da vida terrena, te encanta...”	388
Capítulo 8	391
O Diálogo nas Narrativas Alcorânicas (3)	391
O papel de Satã na história da criação de Adão	392

Sobre o Autor

Sayyed Mohammad Hussain Fadlullah é de origem libanesa. Nascido em 1935. Um intelectual, um sábio e uma autoridade na jurisprudência islâmica, um homem das letras e um poeta; é muito bem versado em política. Com uma experiência de 55 anos no campo, intelectual, social e político.

O autor é fundador e patrono de várias instituições que abrangem cinco orfanatos, dois centros de reabilitação, especialmente voltados para deficientes físicos, quatorze escolas e academias, um instituto educacional técnico e locais para o serviço religioso. Estas instituições atendem cerca de 3.300 órfãos, 350 deficientes físicos e 15.500 estudantes e discípulos.

Ele participou em muitas conferências e simpósios por todo o mundo. É renomado por sua tolerância e por seu diálogo humanista e tem escrito intensamente sobre o respeito do Islam para com outras tradições religiosas. O autor é um prolífico escritor. Escreveu sobre exegese do Alcorão, Jurisprudência, pensamento Islâmico, diálogo Islâmico-Cristão e outros campos do conhecimento humano. Todos esses trabalhos foram escritos em Árabe. Entretanto, alguns foram traduzidos para vários outros idiomas.

Entre as idéias de Sayyed Fadlullah estão a objetividade e a abertura para os outros. Ele rejeita a rigidez e a fossilização no pensamento e na jurisprudência. Não tolera o fanatismo e a mentalidade de “*gueto*”. Não aceita a opressão a despeito de quem a perpetre. Apóia a prática política fundamentada na justiça e na verdade.

Prefácio do Autor para Edição em Língua Portuguesa

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

Louvado seja Deus, e que a sua paz e benção estejam com seus servos escolhidos.

O diálogo entre os humanos é o meio cultural que aproxima as mentes, os corações e as civilizações. Este diálogo esclarece a respeito das diferentes idéias das pessoas que seguem em direções diferentes e acaba aproximando as opiniões e idéias antes não tão esclarecidas, as quais para a maioria das pessoas seriam assuntos não tão claros. Este meio, acompanhado do raciocínio e da objetividade, pode levar à união das idéias e das opiniões, e guiar para a paz que reconhece e aceita o próximo. O resultado disto é evitar guerras e conflitos causados por mal entendidos ou análises diferentes de variados assuntos e questões.

O Islam se baseia no diálogo entre as pessoas quando as convida para a fé através do humanismo e da civilidade, diálogo que aproxima as mentes, corações, opiniões e posições, recusando qualquer forma agressiva de divulgação da mensagem.

O Islam incentiva o uso da palavra gentil da forma mais suave e agradável, isto para a transmissão das opiniões e idéias ou para a análise dos problemas com o intuito de encontrar a solução através dos meios mais humanos possíveis, que possam atrair aliados e transformar os inimigos em companheiros. Tudo isto através de um adequado conheci-

mento das difíceis necessidades, paciência para encarar tanto os fatos negativos quanto os positivos, recusando qualquer forma de agressão e violência. Mas nos casos em que grandes forças tentam se impor para destruir o humanismo e a liberdade do homem, assim como sua decisão ou escolha de seu destino, a defesa é uma reação à agressão imposta sobre os muçulmanos, agressão que se configura seja através do terrorismo, ocupação, expropriação e exploração das riquezas da pátria, ou até mesmo da proibição de um povo por inteiro de exercer sua liberdade de decidir o seu próprio destino.

Neste método, o Islam não se diferencia muito das demais civilizações humanas, e confirma o seu acordo com os próximos, tanto na guerra quanto na paz, quando eles escolherem a paz, e também na questão da defesa quando é ofendido e agredido. O Islam recusa e não aceita nenhum tipo de guerra violenta, ofensiva e agressora, pois respeita os povos que desejam a paz e não apóiam e nem incentivam injustamente as agressões e ofensas em todas as suas formas. O Islam coloca em consideração o relacionamento baseando-se na bondade, justiça e recusa a qualquer tipo de terrorismo que atinge os civis, indiferente de quem parta estas ofensas injustas, seja uma ideologia, povo ou religião. É repreendida e proibida a agressão de um muçulmano contra outro muçulmano, ou contra quem seja incrédulo, e também de um incrédulo contra um muçulmano, ou quaisquer outras pessoas de uma forma geral.

A mídia, que é contra o Islam, através dos grandes imperialistas tenta acusar a religião Islâmica pelo terrorismo que parte, de uma forma direta ou indireta, de alguns grupos islâmicos. Esta acusação é resultado de visões políticas e pessoais que não possuem nenhum conhecimento verdadeiro da opinião negativa do próprio mundo islâmico perante estes grupos e ações. Estes imperialistas consideraram a luta contra a ocupação, que leva à liberdade e independência, terrorismo, pois isto é contra seus interesses de vir a dominar as riquezas do mundo.

Neste aspecto, dia após dia estamos vendo mais situações de terrorismo pessoal ou coletivo no ocidente, especialmente no que se refere a máfias e domínio de povos pacíficos, sem que a mídia mencione nada sobre o assunto. O Islam por sua vez não acusa o ocidente por esta situação, mas sim, limita-a

em um círculo particular, especificando os grupos e os motivos da situação.

Infelizmente estamos vendo a avaliação da justiça humana civilizada se concentrar na acusação de um povo por inteiro pelo terrorismo que parte de um pequeno grupo. Lembrando que os ensinamentos e jurisprudências religiosas, e especialmente islâmicas, confirmam o dever do respeito do ser humano ao próximo, tanto em sua vida pessoal ou pública, o Islam incentiva e convida a todos para o diálogo por meios mais suaves e gentis entre as pessoas e a humanidade, com o intuito de solucionar os problemas e dificuldades entre elas através deste meio, e não com violência e agressão. O Islam incentiva que possamos se abrir para todos os povos com amizade e respeito. O Alcorão sempre foi o livro do diálogo entre as diferentes religiões e ideologias, com certeza sempre com a palavra mais gentil e agradável, e no reconhecimento do próximo, mesmo se for diferente.

Tentei através do meu livro, “Islam, a Religião do Diálogo”, esclarecer sobre o método islâmico de diálogo, isto com o intuito de colocá-lo como base para o diálogo entre as religiões e civilizações, e igualmente, como forma de abertura do ser humano ao próximo, baseando-se princípio do amor e respeito. Espero que possam encontrar na leitura da tradução deste livro para o idioma português algo que esclareça a todos sobre este método islâmico, usado em nossos movimentos e comportamentos, buscando a amizade entre os povos com a esperança de que o mundo possa ser dominado pela paz, justiça e amor.

Deus é o segredo do sucesso, Ele nos é suficiente, e Excelente Guardião!

Mohammad Hussein Fadhlullah

28 de Rajab de 1428

12 de Agosto de 2007

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

الحمد لله وسلام على عباده الذين اصطفى

وله

فإن الحوار الإنساني - الإنساني هو الوسيلة المتفانية التي تفتح العقل على العقل والقلب على القلب والحضارة على الحضارة وتوضح الأفكار المختلفة التي تتنوع في اتجاهات الناس وتقترب المناصم الضامضة التي قد ينالها الغموض في تصورات الفئات المتنوعة من الناس وقد تؤدي - من خلال أساليبها الموضوعية العقلانية الرهائنة - إلى توجيه المواطن وتثريه إلى السلام المنفتح على الاعتراف بالأجر والجهل به وتمنع الحروب القائمة على سوء التفاهم أو سوء التقدير ~~في الأمور~~ أو الأوضاع الدوائية

وقد انطلق الإسلام بالحوار بين الناس في دعوته إلى الإيمان بالأسلوب الإنساني الحضاري الذي يفتح العقل والقلوب ويقترب المواقف بعضها البعض في أسلوب الدعوة ومنفتحاً على الرفق بالكلية والأسلوب وحركية الفكرة لطريقة صادقة في اختيار أفضل الوسائل وأحسن الأساليب لا يصلح الفكرة وتحليل المشكلة ومواجهتها المحلّ بالوسائل الإنسانية التي تحذب الأصدقاء إلى الفكرة وتحوّل الأعداء إلى أصدقاء ~~من خلال~~ المرعي لحاجات الواقع المعقد والصبر على مواجهة السليبات بالزيادة من الإيجابيات رافضاً للتعنت إلا إذا فرض عليه من قبل القبول التي

تستخدم العنف في إسقاط أنظمة الإنسان في حريته وقواره في تحريمه
 قصيره لكيون العنف رد فعل اضطراري للعنف المفروض على المسلمين سواء
 بالارهاب او الاحتلال او مصادرة الثروات الوطنية بغير حق أو منع الشعب
 من الحرية في تقرير قصيره ولا يختلف الاسلام عن الحضارات الأخرى
 الأخرى في هذا المنح وتبدأ كد علاقته بالأخرى في مسألة الحرب والسلام ما اختيار
 السلام اذا اختاروها وبالحرب الدفاعية والوقائية ورفض الحرب العدوانية
 واهتمام الشعوب المسلمة التي لانما هذا سبب العدوان في كل اوضاعها الطبيعية
 العامة وتماثلها التعامل في حقوقها بالامانة والعدل وترفض الارهاب الذي
 يشهد على المسلمين من اي جهة ومن اي شعب ودين وترفض الاضرار
 من المسلم ضد المسلم والكافر والكافر ~~ويجوز~~ كما ترفضه سرا كما فرط الناس حيا
 وقد حاول الاعلام المضاد للسلام من قبل الاستكبار العالمي ان يبرهن السلام
 بالارهاب من خلال بعض الفئات الاسلامية التي تمارسه بطريقة وبأخرى
 كنيحة لبعض السموات السياسية والشخصية من دون أن يدرك رخص
 العالم الاسلامي بأكثرية الساحة للارهاب فكله كما حاول هؤلاء ^{المستكبرون}
 اعتبار الكف مع التحرير لمواجهة الاحتلال في حركة الحرية والاستقلال اربها
 لانه لا يتناسب مع مصالح التكبير . ولا حظ في هذا المجال ازيدا مما
 الارهاب العزيم او الجماعي في المضرب وعضوها في اوضاع الماخبات
 وفي احتلال الشعوب الأمنة من دون أن يتحدث الاعلام عن الارهاب
 الضري كما ان الاعلام الاسلامي لا يهتم المضرب كله بل يحد بل يحدد
 في دائرته الخاصة

إننا نؤمن ان ميزان العدل الانساني الحضاري يتركز على أساس انيتهم
شعبنا بالادصاب لان بعض افراده يمارسون ذنوب بيننا تنطلق منها
وتشريعنا للتأكيد على احترام الانسان للانسان في حياته الخاصة العامة
و خصوصاً الدين الاسلامي الذي يدعو الى الجوانب التي هي احسن والاهل
المشكلات بين الناس بالرفق لا بالعدف والانتقام على المنسوي الاطمن بالصدقة
والاحكام وقد كان القرآن كتاب الحوار بين الاديان والاربابها كما لا يخفى
بالتأكيد على الكلمة السواء والاعتراف بالآخر المختلف وقد حاولت في
كتابي هذا الحوار في القرآن في الاسلام ان اوضح المنهج الاسلامي
للحوار ليكون كما عدة لحوار الاديان وحوار الحضارات والانتقام
الانسان على الانسان على اساس المحبة والاحترام. وأرجو
ان يجد قراء اللغة البرتغالية في هذه الترجمة لكتاب الحوار بعض
ما يوضع لهم هذا المنهج الاسلامي في حركتنا الاسلامية في العالم
للصدقة بين الشعوب من اجل عالم يسوده السلام العادل
والمحبة المنفتحة على الحياة كلها

والله ولي التوفيق وهو سبحانه ونعم الديك



٢٨ رجب
١٤٢٨ هـ

Prefácio do Editor



Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

Louvado seja Deus, a paz e a sua bênção estejam sobre o Mensageiro de Deus e seus Ahlul Bait, as melhores criaturas de Deus, e quem os seguir até o dia do encontro com Deus.

Um dos elementos que destaca as sociedades civilizadas e elevadas é o diálogo, o qual se infiltra no pensamento, se enraíza na cultura e apaga o radicalismo contido nas opiniões, nas idéias e nas crenças. Isto porque o diálogo é a aproximação entre os pontos de vista, pois o pensamento se aproxima do pensamento, a lógica se encontra com a lógica e a razão alinha-se com a razão até chegarem a uma crença comum ou pelo menos se aproximarem. O diálogo esclarece às duas linhas os pontos importantes que devem ser colocados em consideração e respeitados.

Algo muito bem evidente no Islam é a sua confiança e o seu apoio no diálogo e na lógica objetiva, porque são os verdadeiros meios para convencer os próximos. O Islam não utiliza nenhum tipo de agressão ou terrorismo para impor algo sobre os próximos, e este é o princípio da religião islâmica e também de todas as mensagens celestiais, de todos os profetas e mensageiros. O diálogo é o primeiro caminho a ser tomado pelas mensagens celestiais no curso de toda a história. Mas ao mesmo tempo, este método era combatido pelos teimosos e dominadores, pois eles viam nele uma ameaça lógica à suas posições, teorias e cargos. Por isso, eles combateram o diálogo de forma agressiva e enfrentaram os

representantes do diálogo da forma mais ofensiva possível. Usando do radicalismo, violência, prisões e todos os meios que se afastam da lógica, do pensamento e da razão.

E desta forma a vida ficou mais difícil e aumentaram-se os problemas, pois o grupo que recusa o diálogo é o laço fraco da razão e da lógica. Ao mesmo tempo enxergamos o quanto podemos colher bons frutos quando o diálogo objetivo, civilizado, agradável e suave se expande na sociedade. Colheremos dele a aproximação, entendimento, conhecimento mútuo e respeito entre as nações. O diálogo pode nos legar uma riqueza grandiosa no campo do avanço científico, caso contrário, com a falta de diálogo, se paralisa a vida, se causa a morte da sabedoria, acabando com a razão e a lógica, criando-se assim sérios problemas para a sociedade mundial, expandido o ódio e a hostilidade.

O livro que esta em suas mãos, “Islam, a religião do diálogo” é uma das mais belas obras escritas pelo seu grande autor, Ayyatullah al-Odhmah Sayed Mohammad Hussein Fadlullah (D.D.), cujo apresentou através de seu estudo abençoado a opinião do Islam a respeito do diálogo, esclarecendo suas bases e suas formas, e evidenciando seus resultados e frutos. Sua excelência se baseou em seus estudos do Alcorão Sagrado e nas experiências práticas da vida dos profetas e mensageiros. Por isso, este livro é considerado uma riqueza científica grandiosa e rica, que deve ser estudada com muita atenção.

O Centro Islâmico no Brasil teve a honra de traduzi-lo e publicá-lo no idioma português para o benefício dos queridos leitores, reforçando o princípio do diálogo para o uso em todos os aspectos da vida.

Rogamos a Deus pelo sucesso e pela longa vida do seu autor, e todos que trabalham pela expansão da cultura islâmica verdadeira.

Louvado seja Deus, O Senhor do Universo.

Sheikh Taleb Hussein al-Khazraji

30 de Rajab de 1428

14 de Agosto de 2007

Introdução à Primeira Edição Árabe

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Todo louvor a Deus, Senhor dos mundos e que a benção e a paz estejam sobre Mohammad e sua Purificada Linhagem.

No princípio foi o diálogo. Os anjos entoavam o louvor e os atributos de Deus, com submissão e sinceridade. Todavia, desejou criar o homem para que fosse “*seu representante*” sobre a Terra. Deus manifestou seu plano para os anjos. O diálogo iniciou-se pela questão sobre a natureza do homem, seu papel, e seus aspectos positivos e negativos.

O Alcorão nos relata a história em poucas palavras: Deus informou aos anjos sobre tudo aquilo que eles tinham argüido. Deus conduziu o debate até o ponto do limitado conhecimento que possuíam, (e disse): “*Em verdade, eu sei o que vós não sabeis.*” (C.2 – V.30)

A despeito disso, a vida sobre a Terra começou verdadeiramente; em sua jornada, Adão deu o primeiro passo, o qual resultou na forma do “*homem individualista*” no caminho de produzir “*o homem sociável*”. Contudo, os membros da sociedade têm convivido com necessidades conflitantes, diferentes pontos de vista e emoções variadas. Séries de inimizades, contenda, e guerra tem resultado como um modo de expressar gostos e insatisfações pelos membros da sociedade.

Caim assassinou Abel por querer afirmar sua individualidade, como se ele não tivesse outro meio de manifestar seu complexo psicológico. Para sua mentalidade, matar era a única saída; ele não teve tempo para conversar; com uma visão de dar e receber.

Um outro capítulo foi aberto com o advento dos profetas. Eles foram enviados para instruir o homem com a natureza e a força da palavra, não qualquer palavra, mas aquela que dá e recebe, de modo a capacitar os membros da raça humana a comunicar seus problemas e, através do poder da palavra, resolver suas disputas. Esta abordagem é a única janela de oportunidade através da qual o homem pode conseguir comunicar-se, quer seja calmamente ou não.

O diálogo era o método dos profetas e o veículo por meio do qual eles apresentaram ao homem as mensagens divinas que foram a eles confiadas. Bem no princípio, eles tinham desejado que o homem se inscrevesse no primeiro estágio da escola do diálogo. Ressaltaram a ele questões que podiam desafiar sua ignorância e seu limitado alcance de raciocínio. Isto tinha o desígnio de incitá-lo a erguer-se para o desafio, conduzindo para algum tipo de reação de sua parte, para questionar, protestar, injuriar, rebelar-se, atirar uma pedra ou ameaçar de morte, numa tentativa de criar em seu íntimo mais profundo uma reação que o sacudisse para fora do silêncio que o sufocava. A idéia era que o homem aprenderia como aspirar a luz emanada de Deus.

A resposta do homem diante da mensagem foi negativa, pela rejeição e a rebelião, declarando guerra à mensagem. O homem não acreditou no que lhe foi anunciado e atacou a verdade, e, em algumas circunstâncias, assassinou os mensageiros. Contudo, os profetas perseveraram e demonstraram a tolerância com sua consciência da natureza das circunstâncias; eles perceberam que teriam sucesso dando ao homem a oportunidade de conciliar-se com seus sentimentos mais profundos de dúvida, perplexidade e preocupação, muito embora, externamente, tentassem dar a impressão de trazer uma mensagem conflitante. Entretanto, o gelo foi quebrado quando o homem começou a argüir agressivamente com os profetas na tentativa de justificar sua rebelião. Em troca, os profetas tentaram chamar o homem à razão para que diminuísse sua rebelião. Por sua parte, os profetas usavam de boas palavras, enquanto encontravam apenas a rispidez e as ofensas do homem. Eles começaram a ensinar o homem como dar ouvido às boas palavras a fim de que as aprendessem e talvez, pudessem utilizá-las mais tarde. Eles costumavam tratar com carinho o homem com sua tolerância, de maneira que este pudesse aprender como transformar isto num exemplo vivo, tal como era demonstrado pelo comportamento dos profetas. Eles queriam provar que a conduta do homem estava errada através do tipo de linguagem que

usavam para comunicar-se com ele e através de suas atitudes práticas. Tinham buscado fazê-lo vencer a si mesmo por meio da derrota dos impulsos ao crime contidos em sua psique. Os profetas demonstraram tolerância a fim de ensinar o homem como ser paciente no infortúnio, paciência para com as próprias inclinações e os desafios externos, paciência para se firmar fortemente do lado da verdade e da crença no espírito do diálogo que se encarrega de resolver os problemas da vida. Essas foram as primeiras lições do diálogo que o homem aprendeu dos profetas.

As lições continuavam a ser ministradas pelos profetas, que começavam a sucumbir sob a pressão da ingratidão de seus ociosos discípulos, que costumavam se inclinar para a descrença e a rebeldia. Ainda assim, o comboio do conhecimento, continuou por diversos meios de entrega, acendendo a chama da vida com o diálogo, a semelhança do qual é uma torrente de água, o jorro de uma fonte e o vento da mudança. Este era um esforço para provocar a razão, estimular o sentimento, e sacudir a consciência; também buscava a adoção de um caminho para guiar a vida para a realização de seus grandes objetivos.

Enquanto a vida ainda está abraçando o diálogo sofre tentativas violentas com o intuito de sufocá-la, por intermédio da pressão que alguns grupos estão tentando exercer, o poder materialista agressivo que eles podem reunir e pelas estreitas mentalidades que podem treinar. Diante do poder, o diálogo permaneceu audacioso, como os profetas tinham feito. Isto visa provar que o poder sozinho não é capaz de construir a natureza que a vida humana aspira. Isto pode ser realizado plenamente pelo diálogo. Poder privado do diálogo se provará no final auto-destrutivo, pois em um conflito não encontrará qualquer instrumento senão pedras ou balas para atirar no outro lado, sem qualquer objetivo resoluto. O diálogo é a força que dá substância àquilo que alguém esteja tentando proclamar, o alvo que deseje atingir e o espírito em que esteja a viver. O diálogo é, portanto, necessário para a continuidade da vida, seja na fraqueza ou na força, na guerra ou na paz.

O Alcorão Sagrado foi o último dos livros divinos que foram enviados para instruir o homem sobre como o diálogo pode ser um caminho para a ideologia, as crenças e o trabalho. Através do Alcorão o Islam veio a ser a religião do diálogo, o qual permitiu ao intelecto pensar livremente, falar sobre qualquer coisa e debater com os outros com base na prova e na evidência. O

objetivo era alcançar uma convicção e novos horizontes por meio do diálogo civilizado e do bom conselho, e com aquilo que fosse o melhor. O Islam tinha progredido e assim tinha as experiências do diálogo. Os muçulmanos tinham aprendido como abrir-se para o mundo com sua mensagem por meio de um clima de diálogo. Sua educação e experiência ensinavam como respeitar aqueles que divergiam deles, com o intuito de convencê-los no âmbito do respeito para com suas ideologias e perspectivas.

Então, com o passar dos anos veio o tempo do atraso quando os mais vastos horizontes do diálogo sofreram um retrocesso. Isto certamente afetou o Islam como religião. Os adversários não pouparam nenhum esforço em descrevê-lo como uma religião que não podia tolerar discordâncias. Conseqüentemente, e em suas comunidades, isto afetou os muçulmanos, tanto que eles não mantiveram o diálogo. Tinham sido levados para longe do Alcorão ao ponto de não adotá-lo como uma fonte definitiva em sua compreensão dos assuntos relativos aos princípios da religião e da vida. Depois disso, vieram as forças da descrença nos trajes do colonialismo para invalidar o Alcorão em sua psique e em sua vida, sugerindo-nos que o caminho para a salvação estava em advogar os princípios e as filosofias que eles (os colonialistas) tinham inventado. Tais princípios e filosofias encontraram seu caminho para os corações e mentes das gerações em virtude da estrutura ideológica imposta pelos sistemas educacionais do Ocidente e seus valores “civilizados”. E perpetuada por uma máquina imperialista poderosa e moderna com todos os instrumentos de guerra e destruição. Tudo isso foi transformado em terrorismo intelectual, o qual paralisou a habilidade do homem de debater sobre as bases e detalhes das coisas, quanto mais demonstrar qualquer oposição.

Todos esses fatores contribuíram para fazer emergir, no indivíduo muçulmano, sentimentos de inferioridade intelectual a ponto das fundações das raízes e da história de suas doutrinas estarem comprometidas. Faziam-no sentir-se alienado de sua própria herança, como se fosse a única estrada para adentrar o ambiente da época e elevar-se ao seu nível. Isto induziu os muçulmanos a fecharem a porta do diálogo entre eles próprios, na crença que a questão era algo que não podia ser debatido. Com isso, se produziu o sucesso da ideologia ocidental em dominar a vida e moldá-la à sua imagem, a qual

afirma que a questão de sua infalibilidade não precisa de uma prova porque seus proponentes sustentam que a experiência confirma seu ponto de vista. A história está ainda em ação nos níveis da vida, das ideologias e do destino, em um círculo que destaca os aspectos positivos, ocultando todos os aspectos negativos no aspecto espiritual, prático e nas matérias do destino.

A questão do diálogo, entre outros pesados fardos, retornou para perseguir os ativistas na arena da propagação islâmica, resultando em que eles encarem um ataque duplo:

1. Levantar-se para a tarefa de demolir as barreiras ideológicas que impediram uma geração, deslumbrada pelo clima da civilização ocidental, de iniciar-se no diálogo. Por um lado este esforço tem visado fazer os líderes desta geração descartar a dúvida, apresentar as questões, e (fazê-los) se preocupar com seu futuro destacando e fazendo-os pensar sobre os aspectos negativos que têm sido desencadeados dentro de sua instável e confusa existência em muitos níveis e muitas direções. Por outro, o esforço visava instigar aqueles muçulmanos, encantados com a civilização ocidental, a considerar os aspectos positivos da ideologia Islâmica, quer sejam eles no campo das crenças ou das leis, por propor a atuação dos conceitos universais os quais podem dirigir os problemas da vida em seus mais vastos aspectos, isto é realizado tendo em vista a fazer este grupo de muçulmanos pesar os ganhos e as perdas em uma bem informada e aberta comparação.

2. Despertar o espírito do diálogo dentro dos muçulmanos, que se consideram entre os ativistas, trabalhando para chamar as pessoas para o Islam. O objetivo é fazê-los reconhecer que a questão de entrar em diálogo com outros não se trata de ter uma mente aberta ou não, tal como praticam os homens quando estão a tratar de seus negócios. Ao invés disso, é uma questão da Mensagem nos passos alcorânicos da revelação, e em seu processo profético de ação. Por conseguinte os ativistas devem reunir todas as energias que possam, sejam elas espirituais, sensoriais, ou ideológicas, e guiá-las em direção ao clima do diálogo, transformando-as em algo produtivo com um vasto alcance espiritual e ideológico.

Ao mesmo tempo, sendo um grupo para o diálogo, os muçulmanos têm que se empenhar para aproveitar-se de um estudo profundo, pesquisa e reflexão, pois o diálogo atual requer um alto nível educacional por parte de seus participantes. Deve-se ser capaz de agir em mais do que uma frente. Também porque os problemas a serem discutidos não são de um só aspecto; ao contrário, seus objetivos e propósitos são multifacetados.

É natural que este método deva ser adotado para dirigir-se ao progresso no chamado à causa de Deus e que novas questões devem ser resolvidas com um novo espírito e nova abordagem. Um novo tipo de atividade, que os muçulmanos militantes não estavam familiarizados durante os tempos de inércia espiritual e ideológica, tempos que viviam em um tanto estranho e ocioso contentamento que não parecia abraçar a vida, com uma visão vendada sobre a idéia e o estilo. Eles também não pareciam prestar atenção para a realidade da situação, a qual tinha rapidamente os ultrapassado para procurar por novos horizontes, deixando-os para trás em completa desorientação.

O diálogo tem feito seu retorno para os campos do simpósio, dos escritos e das palestras depois que nós retornamos para o Alcorão novamente, para aprender com ele como iniciar o diálogo como advogado pelos métodos proféticos, e como nos movermos dentro de seus aspectos, mesclando doutrina com estilo. Isto porque a atmosfera de como a mensagem profética costumava ser comunicada e como ela imprimia às coisas sua marca característica tem dado ao trabalho um novo ímpeto e auxiliado a reavivar seu espírito com muita clareza de propósito.

Escrever este livro é uma humilde tentativa de explorar os horizontes do diálogo alcorânico e seus fundamentos, métodos e resultados práticos. Eu senti uma grande necessidade de escrever o livro, porque, com todo o meu conhecimento, eu não tenho notícia da existência de nenhuma obra que tenha discutido o assunto completamente, de uma perspectiva ideológica e universal, que são as premissas do diálogo e dos exemplos práticos derivados da experiência dos profetas e de outros. O livro não é uma nova experiência nos estudos culturais Islâmicos, ao invés disso, é um passo no caminho do movimento Islâmico contemporâneo, por um modo de descobrir as características comuns do diálogo alcorânico que foi conduzido nos tempos das missões proféticas. Isto deve ter um impacto sobre as experiências do ativismo Islâmico atual, de

modo que o Islam possa dirigir a vida com sua ideologia orientadora, seu senso de inspiração e sua lei reguladora, e aspirar confirmar a supremacia de Deus, o Poderoso, sobre todos os aspectos da vida, em toda abrangência do arcabouço legal. O Alcorão Sagrado e a tradição profética (*Sunnah*) podem ser aplicados neste respeito com interpretações flexíveis, mas sem se afastar da fonte da ideologia pura; ao contrário, deve prosseguir com o objetivo de propagar a prosperidade e o progresso em todas as atividades da vida.

Esta é uma modesta tentativa na esperança e na confiança que os inteligentes leitores, meus irmãos (na fé), que estão ativos na esfera da divulgação Islâmica, fornecerão observações críticas capazes de prestar ao assunto que este livro tenta tratar uma bem-sucedida e mais abrangente experiência, uma experiência que inclua as de todos os ativistas e aquela que eles anseiam alcançar.

Por fim, eu espero que este livro atinja seus objetivos e que Deus, o Poderoso o conte como um trabalho em sua causa e me recompense por ele, no dia em que nem os bens nem os filhos valerão, exceto aquele que comparecer ante Deus com um coração puro. E que nossa última prece seja: “Louvado seja Deus, o Senhor do Universo”.

Mohammad Hussain Fadlullllah
Beirute - Líbano
15 de Rajab, 1396
(13 de Julho de 1976)

Introdução à Segunda Edição Árabe

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso, Louvado Seja Ele, e que a paz esteja com seus servos, aos quais tenha escolhido.

Talvez discutir o diálogo no Alcorão conduzirá a seu papel cultural a ser desempenhado. Visa explicar às pessoas a visão do Alcorão sobre a dinâmica de diferentes ideologias, que estão dominando as maneiras de pensar na vida. Também visa discutir a noção que o Islam é “*a religião da espada*”, sugerindo que ele não tenta defender sua ideologia, senão com o uso da espada, longe da razão e do diálogo. A discussão tem a intenção de substituir esta idéia equivocada pela afirmação que abre todas as portas que têm estado fechadas para o diálogo, de maneira que o Islam venha a emergir com um tolerante e expositivo diálogo.

Entretanto, alguém pode apresentar uma série de dúvidas: é esta uma questão de alguém que tenta polir a imagem do Islam aos olhos dos outros e se esforça por remover a distorção que foi criada por seus inimigos, do mesmo modo que questões são discutidas com a intenção de rejeitar uma crítica, refutar um julgamento ou explicar uma posição sem qualquer propósito significativo para com a realidade? A resposta não será afirmativa. Nós não podemos negar a urgente necessidade de fazer face às tentativas de distorção, cujos métodos têm variado de acordo com as metas das forças da descrença, em sua tentativa de afastar o Islam da arena do debate ideológico e da vida humana. Ainda assim, nós não estamos partindo do ponto da reação; ao contrário, agimos sobre a crença de que o ponto de partida do Islam é aquele de um trabalho bem informado, confiando num bem pensado planejamento, baseado numa sólida fundação, a estrutura da qual é a ideologia, a fé e a realidade.

Conseqüentemente, objetivamos fazer todo esforço para moldar a personalidade do indivíduo muçulmano segundo a imagem dos puros preceitos Islâmicos, conduzindo seus movimentos na vida real. Esta clareza de propósito é capacitada a ignorar que os outros possam desejar que os muçulmanos sigam os seus caprichos. A razão disso é que a questão decisiva para os muçulmanos é que seu trabalho é buscar o aprazimento de Deus e estar em conformidade com o que Deus planejou para o homem e a existência. Tendo isto em conta, somos da opinião que a questão do diálogo está interligada com a natureza inata dos muçulmanos e muçulmanas, naquilo que o Islam deseja deles, que dêem o melhor de si para atrair os corações e as mentes dos demais para a religião de Deus e sua Lei. O Islam também deseja que seus seguidores sejam fiéis em suas vidas aos princípios de sua Mensagem, eles devem viver esta realidade em quaisquer que sejam as posições que possam ocupar, quer seja uma posição política, social, econômica ou militar.

Isto é designado de maneira a ensinar os muçulmanos a viver o Islam em todas as frentes, sendo desse modo uma ideologia, um trabalho, uma emoção, tanto assim que, para eles, o Islam é o fundamento para o pensamento, os sentimentos e a vida. O indivíduo muçulmano não seria capaz de alcançar esta meta, a menos que conseguisse imitar e viver, do começo ao fim, a vida daquele que convoca para a senda de Deus. Ele deve experimentar o que os ativistas muçulmanos vivenciam na preocupação espiritual incessante com os outros, que, enquanto tentam conscientizá-los e estando cientes de suas fraquezas e de seus potenciais, não insultam seus sentimentos para evitar provocar uma resposta negativa. Ele deve ser atencioso e não pressioná-las a aceitar seu ponto de vista nem com uma longa exposição tampouco por ser áspero com elas, seja isto com o uso de palavras ou gestos corporais. Seu estilo deve ser muito gentil, de maneira que isso possa produzir um bom ponto de partida para a confiança e bons sentimentos mútuos. Assim deve ser a fim de se alcançar o bem-estar e a segurança, a entrada natural para se chegar às conclusões e às convicções, e finalmente a suprema espiritualidade da fé. Visto que queremos a ideologia para que seja transformada em atitudes práticas, gostaríamos de ver o diálogo personificado na pessoa que toma parte dele, a pessoa que sabe como conscientizar outrem através da mais curta das rotas e com o melhor estilo.

O que queremos para este livro, em sua segunda edição, que consiga ser um posto orientador no longo caminho, um farol na escuridão da violência, uma estrela-guia na confusão da perda, e um caminho para estimular o diálogo na vida real, de modo que se torne a luminosa face do Islam em sua serena, racional e dócil imagem; uma imagem que descreva e expresse um desejo por paz que prevaleça num tempo de contenda, trabalhe para o amor enquanto apague a sede de ódio, e que sempre queiramos que o homem encontre Deus em seus pensamentos, em suas emoções e em sua vida, de modo que Deus seja o ponto comum onde as aspirações do homem na vida se encontrem.

E que a nossa última prece seja: Louvado seja Deus, o Senhor do Universo.

Mohammad Hussain Fadlullah

Beirute - Líbano

15 de Rajab, 1403

(29 de abril de 1983)

Introdução à Terceira Edição Árabe

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Louvado seja Ele, e que a paz esteja com seus servos, a quem tenha escolhido.

Qual é o propósito do diálogo na vida humana? É apenas para o debate de questões sobre as quais os membros da raça humana divergem a fim de se atingir a clareza de visão e finalmente encontrar um ponto comum para se firmar, onde posições conjuntas possam ser tomadas? Há algo mais a ver com isso? Talvez, o que as pessoas conhecem é um lado da moeda. Portanto, nós acreditamos que há mais do que uma faceta para esta questão.

O diálogo contribui para acalmar o clima psicológico entre as partes. Isto se alcança por meio de transformar o campo de batalha em um campo aonde os contendores chegam a termos mútuos de referência, conduzindo para o estabelecimento de uma situação na qual trocam mútua proximidade como também partilham uma (relativa) posição ideológica; ou, ao menos; este é o modo que deve ser.

Em outro nível, nós percebemos que em certas situações, onde o *status quo* é inicialmente uma arena dominada por julgamentos abstratos, pontos de vista coléricos ou idéias pré-concebidas originadas de convicções superficiais não baseadas em uma percepção bem atenta, um estudo abrangente ou uma ideologia dinâmica, o diálogo opera uma profunda mudança transformando isto num processo pleno de significado. Ele abre o caminho para que se examine a idéia, discuta-se sua natureza, e explore-se suas dimensões e sua profundidade, de modo que através da pesquisa se aprofunde a consciência, se faça a descrição mais clara e se ponha a idéia numa muito mais vasta perspectiva.

Neste processo, podemos fazer do diálogo um instrumento educacional para produzir convicções, embora gradualmente, um programa que seja digno de credibilidade e que reúna o ímpeto do movimento, do mesmo modo que uma criança cresce, mesmo na mais simples e mais comum das questões. Dessa maneira é o advogar o diálogo como um meio para se desenvolver na força mental, tratar da vida através do diálogo; um processo que finalmente prepare o caminho para um espírito objetivo num clima psicológico, abolindo as reações emocionais na lida de assuntos controversos, acomodando o ponto de vista oposto numa maneira realista e racional, tratando de diferentes ideologias com o tipo de mentalidade que reconhece o fato que os outros têm o direito de adotar um ponto de vista diferente e um modo particular de raciocínio.

A pessoa deve reconhecer que está no âmbito do direito de outros rejeitar o que não acreditam, ou requisitar uma prova irrefutável a fim de concordar. Agindo assim, devemos ser capazes de criar uma sociedade racional no trato com todos os tipos de questões na vida, quer sejam doutrinárias, políticas ou sociais. Este método é capaz de mover o conflito para uma nova posição, onde a violência não tem lugar para se resolver conflitos e disputas, e isto não fornecerá às partes a convicção ideológica que estão a buscar e nem poderá levar as questões a resultados conclusivos. Ao contrário, poderá criar novos problemas, que produzirão incertezas e inflamarão os sentimentos precipitados com o peso das pressões, sejam estas físicas ou mentais. Isto poderia também induzir ao desrespeito da dignidade, ao abuso das liberdades do ser humano e à rejeição de sua ideologia como algo irrelevante. Como consequência disso deverá surgir uma aberta agressão assim como uma violenta reação, o que levará ao fanatismo como um meio de reafirmar a individualidade no processo de prová-la.

Isto (o diálogo) é o que o Alcorão buscou em seu plano para uma sociedade Islâmica, que seja aberta e equilibrada, para estimular os demais e induzi-los a refletir sobre o que esta sociedade defende. Esta sociedade trabalha no sentido de engajar as pessoas no diálogo intelectual sobre suas convicções. Tem por meta formar, pela verdade, uma base ideológica suficientemente firme para suportar os movimentos da vida.

Contudo, se o Alcorão fala de modo severo daqueles que partem de um ponto de desacordo com aquilo que ele advoga, isto não deve significar necessariamente que rejeite o desacordo pela força; mas sim, em virtude da recusa a entabular o diálogo e pela aversão a utilizar os instrumentos que Deus pôs a disposição das pessoas para adquirir conhecimento e refletir. Isto é o que desejamos despertar, o diálogo com aqueles que estão preparados para tomar parte nele, e violência racional para com aqueles que advogam violência como um meio de suprimir o pensamento ou esmagá-lo. Este deve provar-se o único caminho para se atingir um resultado decisivo, o qual seja capaz de acertar as diferenças.

Finalmente, esta discussão sobre o diálogo no Alcorão ainda representa uma premente e grande necessidade para conduzir o diálogo, com vista de se alcançar um resultado final positivo, que nos coloque num sólido terreno que raramente tremerá quando estivermos a enfrentar situações de conflito e contenda.

Talvez a predominância de uma violência frenética nos dias atuais exija a grave necessidade por esta calma, sensata e minuciosa narrativa, a qual pode encontrar um firme apoio neste clima de distúrbio que certamente faz o homem abandonar seu bom senso e o afasta de suas reflexões racionais. Isto é o que me fez sentir que há neste livro, em sua terceira edição, algo que possa beneficiar as pessoas desde que a boa vontade para praticar o diálogo é ainda o impulso intelectual da vida e da sociedade; ambas estão em constante busca por uma tranqüila iniciativa em meio a esta dominante animosidade que estamos testemunhando, e em busca de um momento de silêncio neste ultrajante alvoroço.

Todavia, não importa quão ruidoso possa ter se tornado à nossa volta - como resultado dos planos das forças da descrença, da opressão e da transgressão - resta um espaço para o diálogo, mantendo-se o coração e a mente abertos, para o raciocínio objetivo e para uma posição realista. Este é o modo de reafirmar nossa humanidade e respeito, nossa obediência a Deus Todo-Poderoso, fazendo com que Ele testemunhe que permanecemos fiéis a Ele com palavras e ações, e que não sucumbimos a nenhuma inclinação caprichosa, quer seja isso excesso ou fervor meramente superficial. Nós nos colocamos neste rumo certo, inspi-

rados por seus versículos como um código de prática, em toda senda em que andamos, com o fito de construir a vida e o homem sobre uma sólida base e forte fundação.

E que seja nossa última prece: Louvado seja Deus, Senhor do Universo.

Mohammad Hussain Fadlullah

Beirute - Líbano

1º de Jamad awwal, 1405

(22 de janeiro de 1985)

Introdução à Quarta Edição Árabe

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos, e que as bênçãos e a paz estejam com Mohammad, sua purificada linhagem, os melhores de seus companheiros e aqueles que seguirem seus passos até o dia do Julgamento.

Talvez, entre os problemas que hoje cercam a realidade dos muçulmanos está o enorme abismo entre a teoria do que acreditam e o que praticam. Lastimavelmente, isso afetou a verdadeira imagem do indivíduo muçulmano - uma distorcida imagem do Islam como é praticado na vida real, porque as pessoas tendem a adotar a imagem das situações da vida ao invés de fazê-lo dos textos islâmicos do Alcorão Sagrado e da tradição profética. Deus tratou esse assunto como constituindo um grave risco extensivo no que concerne ao acerto de contas diante Dele.

“Ó fiéis, por que dizeis o que não fazeis? É enormemente odioso perante Deus dizerdes o que não fazeis.” (C.61 - V.2 e 3)

Isto significa dupla personalidade; entre o que representa a mentalidade cultural na ideologia e a prática nas situações da vida real. Isto é falhar em traduzir a teoria ideológica para uma experiência viva, levando a separação da relevância do Islam para a vida real; transformando-se num exemplo de estado ideológico do intelecto que se desviou como resultado de uma prática desencaminhada.

É possível que a questão do diálogo esteja entre as mais importantes da lógica islâmica, como um veículo que é direcionado para o destino da verdade e para o alcance das convicções. Similarmente, é um ingrediente na dinâmica do

conflito nos assuntos ideológicos, políticos, sociais, etc. Porque é o melhor meio pelo qual o homem pode expressar suas idéias à sua própria maneira, na rejeição ou na aceitação do raciocínio alheio. Tudo isso é feito num clima de segurança quanto a ser perseguido num conflito ativo. Este método é capaz de cristalizar as idéias, purificá-las das impurezas, esclarecer muitas das ambigüidades e revelar mais dos detalhes por intermédio do processo de fazer concessões.

Porém, o obstáculo é que o sistema de educação na sociedade não é preparado para realizar este resultado final. Exemplos dessa prática são abundantes. Dentro do quadro familiar, muitas vezes um pai trata severa e duramente seus filhos, rejeitando as idéias das crianças adquiridas no ambiente escolar e público, já que elas assimilam novas experiências do que as rodeia. Núcleos de poder dentro da sociedade tratam com seus membros utilizando do mesmo método, desde que não parece haver nenhum lugar para discordância sob o pretexto que a sociedade não tolera qualquer idéia que se oponha ao que é estabelecido por esses núcleos de poder. O mesmo problema permeia as posições de poder no governo. Os governantes perseguem as pessoas, se elas demonstram um sopro de discordância ou rejeição à sua ideologia, política ou programas sociais; prisão e/ou tortura pode ser seu destino, até mesmo execução. Mesmo nos círculos religiosos, discutir ou questionar detalhes de certos preceitos é entendido como algo proibido, não importa quão bem intencionada a tentativa possa ser. Sem dúvida, suprimir tentativas de conceituar e solidificar valores Islâmicos puros pode produzir matérias de divergência ou contenda mais confusas e obscuras.

Tudo isso pode transformar a sociedade Islâmica em um instrumento de repressão e violência no trato das questões ideológicas e políticas. É certo que isto dá a impressão errada sobre como a sociedade tolera e encara a liberdade intelectual, e de como questões de controvérsia são tratadas. É certo também que dá uma mensagem errada sobre como os pontos de vista são formados na sociedade Islâmica. Isto vai em sentido contrário ao método racional e ao modo objetivo de estudar as questões relativas às doutrinas e a vida, onde o Islam advoga a submissão da prova e da evidência.

Algumas pessoas podem ser da opinião que cedendo terreno a uma ideologia oposta ou a uma multiplicidade de pontos de vista se sujeita às tendências de oposição uma grande oportunidade de semear confusão e lançar a dúvida

sobre aquilo que os muçulmanos consideram sagrado. Elas, além disso, argumentam que tal liberdade poderia ajudar a propagar a falsidade dentro da sociedade Islâmica, em virtude dos avançados meios e capacidades dos defensores dessas tendências, que poderiam minar a força do Islam por dentro, uma força representada por sua herança ideológica. Isto é, embora seja capaz de lidar com qualquer ataque de base de poder ideológico, ainda assim sua posição poderia ser comprometida devido a falta de meios materiais quando se chega às realidades em discussão, já que podem haver outros fatores em jogo.

Se algumas pessoas podem levantar essa questão, acreditamos que está no âmbito do direito do Islam proteger seu próprio interior de ideologias contrárias. Isto pode ser conseguido no evitar que os outros explorem a ignorância, o atraso, a falta de educação e a inabilidade das massas muçulmanas em repelir as idéias contrárias, extraviadas e infieis. Porém, neste ponto permanece a necessidade de um abrangente e perfeitamente bem-pensado plano para estimular o diálogo sobre as questões, as inverdades e os pontos de vista contrários propostos pelos outros. Diálogo que pode ter lugar nos círculos escolásticos, onde homens de conhecimento e opinião possam se encontrar; isto poderia ser organizado em fóruns públicos, especialmente via canais da mídia, seja ela impressa, de rádio ou de televisão, onde intelectuais de crença Islâmica, e outros, poderiam expor mutuamente seus pontos de vista; isso poderia ser estabelecido como um simpósio. O diálogo deve, entretanto, ser conduzido de maneira a motivar as pessoas para que falassem de suas crenças sem perder de vista o nível de educação. Este é o modo de imunizar a fé de tudo aquilo que tenha por objetivo incitar confusão e inquietação na mente das pessoas.

Como Islâmicos, trabalhando para o retorno do Islam à vida - como um completo código de regulamento, de lei e conduta - devemos implementar o plano que fortaleça a liberdade intelectual na arena pública da *Ummah* (comunidade Islâmica). Isto, eu creio, pode ser conseguido através do conduzir o diálogo sobre todas as questões, com vista a armar a *Ummah* com a ideologia Islâmica a fim de robustecê-la para deter ideologias contrárias. Este processo também visa convidar outros a formar suas posições intelectuais com base no Islam. Uma outra meta por trás de ativar o diálogo deve ser o movimento de liberdade política dentro do alcance dos controles práticos que fazem com que isso se mova no âmbito da esfera do interesse público, longe de todos os fatores de exploração e de deturpação.

Nós pensamos que absoluta liberdade não existe no universo, nem em seu contexto prático/formal tampouco existe no mundo. Devem existir, portanto, certos limites, impedimentos e balanças para a liberdade de maneira a impor a ordem e orientar seus passos na direção certa. Não deve também haver espaço para se impor cerceamento ao pensamento político e social pela repressão, perseguição ou violência, pois isso não enriqueceria o pensamento, nem aprofundaria a consciência. Também não ajudaria a tornar um ponto de vista particular predominante. Um debate responsável e bem informado deve ser a base para se conseguir um equilíbrio humano e realista em todos os domínios.

Já que o Alcorão é o livro do diálogo, como este livro está tentando esclarecer, devemos trabalhar em direção a criar a sociedade do diálogo na qual o Islam abra seus braços para todos os modos de pensar, e na qual a sociedade Islâmica abra suas portas para todas as outras formas de sociedade. Isto dito, é essencial que o diálogo seja protegido com controles que sejam capazes de salvaguardá-lo da exploração por razões dissimuladas. O fato que o diálogo não seja isento de problemas não deve necessariamente significar que devamos por um fim nele. Ao contrário, isto deve nos estimular a estudar esses problemas no âmbito de sua ação. Ao agir assim, faremos o melhor nos dois mundos - o diálogo com responsabilidade e a liberdade com responsabilidade dentro de uma ordem geral para a *Ummah*.

Estamos enfrentando uma barreira de acusações que tentam distorcer a verdadeira imagem do Islam, em seu método objetivo e racional, e em seu valor intelectual dentro de uma situação de diálogo. Este esforço organizado visa colocar o Islam no molde de uma religião que rejeita a razão e a lógica; que se empenha em violar a liberdade intelectual, e que apela às pessoas através de suas necessidades básicas e não através da profundidade de seus intelectos.

A conduta dos ativistas Islâmicos - seja privativa ou publicamente - nas questões ideológicas e políticas na arena do conflito - monta uma grande defesa contra todas essas acusações falsas e injustas. O fato que o Islam é forte em virtude de sua ideologia e de seu dinamismo demonstra isso. Isto é, ele é capaz de propor um desafio viável para qualquer ideologia contrária, move-se em todos os domínios, com objetividade e vigorosa visão para as situações da vida real e as circunstâncias de mudança. A conduta necessária reconhece ao mesmo tempo que o Islam está bem ciente que aqueles que

lutam contra ele ignoram a lógica do diálogo, devendo como consequência, encarar a reciprocidade,(nesse caso) o diálogo pacífico é desprezado e se prova, finalmente, fútil.

Neste livro, fizemos o melhor possível para propor uma grande quantidade de idéias concernentes ao diálogo como um código alcorânico de prática para o Islam, o homem e a vida. Esperamos que isso contribua para criar algum estímulo na questão em debate, tudo pela causa do homem e da sociedade que são governados e guiados pelo diálogo.

Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos.

Mohammad Hussain Fadlullah

Beirute - Líbano

17 de Shawwal, 1407

(14 de junho de 1987)

Introdução à Quinta Edição Árabe

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos, e que as bênçãos e a paz estejam Mohammad, sua purificada Linhagem, os melhores de seus companheiros e aqueles que seguirem seus passos até o Dia do Julgamento.

Em seu conteúdo humano, a questão do diálogo diz respeito a moldar a personalidade humana num nível social, em que o homem reconheça sua relação com seus semelhantes. Tal afinidade se baseia na colaboração dos membros da sociedade para se agregar a ideologia, o programa e a dinâmica. E isto deve ser guiado por termos de respeito, advogando uma perspectiva ideológica partilhada, variadas abordagens racionais e emocionais e dinamismo para construir a vida, desenvolvendo e mudando com a finalidade de trazer equilíbrio para o caminho (a se trilhar) e para a meta (a se alcançar).

Esta é a diferença entre o homem vivendo num casulo - enclausurando-se longe de seus semelhantes no seu modo de pensar e em suas emoções - e viver a vida em sua totalidade. Isto pode ser posto em prática nos domínios do conhecimento e do encontro dos outros como um ser humano influenciado por outro, os quais se encontram, trocam opiniões, discutem questões pessoais e assim por diante. O resultado final deve ser a troca de experiências num processo de interação caracterizado por ser intelectual, espiritual e prático.

O diálogo representa a faceta da vida em sua dimensão dinâmica; por outro lado, o não-diálogo apóia a morte em sua imobilidade e friidez. Visto que a sociedade pode ser viva ou morta, inativa ou dinâmica, pode se abrir para o diálogo ou se fechar para ele. O primeiro tipo de sociedade

é capaz de desenvolver-se em todos os campos - ideológica, espiritual e dinamicamente - ao passo que, falando de modo geral, o outro tipo de sociedade vivencia a inércia em todos os campos.

Esta questão não se relaciona às linhas gerais da atividade intelectual humana; ao invés disso, as ultrapassa para permear o aspecto da prática política do diálogo entre o governante e o governado, entre as próprias pessoas, e entre os povos do mundo, nos assuntos políticos, legais, econômicos, sociais e de segurança, os quais dizem respeito a elas como seres humanos. Assim, um governo arrogante, que não se preocupa com o que o seu povo deseja ou não, ou que não conduz um diálogo com seus cidadãos sobre as questões públicas ou pessoais, deve ser irrelevante. Por outro lado, uma nação cujos membros não se capacitam para sua responsabilidade em estudar o programa do governante e considerá-lo responsável, com a finalidade de retificar sua conduta, se acaso ele se desviar, ou fortalecendo sua posição quando ele faz as coisas com correção, ou minando (sua força) quando ele abandona seu bom senso, é também irrelevante.

Deve ser frisado, porém, que o diálogo contínuo entre os que estão no poder e o povo pode ser o catalisador que conduz a vida política para longe da violência quando chega a abordar as questões críticas das realidades políticas entre o governante e os governados. Nosso meticuloso estudo do ciclo de violência no mundo Islâmico provou que suas raízes se encontram na perda de liberdade que capacita o povo a expressar suas opiniões críticas, apresentar seus programas alternativos e iniciar o processo de mudança na aspiração para o que seja melhor para sua vida pública. O outro fator que contribui para o predomínio do ciclo de violência relaciona-se a concepção do governante, quando ele se vê como um tirano sobre a terra, os demais não têm nenhum direito de conduzir um diálogo com ele, criticá-lo ou admoestá-lo, porque de acordo com ele, sua lei e seus poderes isto equivale a cometer um crime. Este fator certamente sufoca o debate político e impele o povo a recorrer a violência em nome da revolução, num esforço para expressar sua rejeição à uma linha particular de pensamento, movimento ou regime conforme o caso.

Todavia, nós acreditamos que nações civilizadas adotam o diálogo como um meio de discutir suas diferenças políticas e ideológicas; este

debate pode ser violento algumas vezes e calmo em outras. Na maioria dos casos, não alcança o ponto de violência física ou armada.

Deus Todo-Poderoso enviou os profetas com sua Mensagem como paradigmas para serem imitados pelo homem, homem que não é coagido de conduzir o diálogo sobre tudo que ele pensa ou queira discutir. Contudo, o problema que os profetas enfrentaram foi que as pessoas a quem foram enviados não acreditavam no diálogo, pois suas reações para o que os profetas os conclamavam não se originavam do argumento intelectual. Na verdade, se originavam do produzir declarações que eles consideravam tácitas suposições, sobre as quais eles não estavam preparados para dialogar ou desistir. Foi assim porque não viviam o espírito do diálogo, nem reconheciam que outros tinham um ponto de vista e abordagem diferentes, e que tal coisa fazia parte do direito deles de conduzir um diálogo, assim, talvez, pudesse ter alguma verdade naquilo, se não a verdade inteira. Este é o modo que o diálogo deve ser conduzido, mútuo reconhecimento para o diálogo, como se, talvez, quando você tentar alterar com a outra parte para que abracem a fé, eles possam pedir a você, em nome da justiça e da retidão, para que argumente com eles e não para que os rejeite imediatamente.

Eu acredito que as razões que estão por trás da posição entrincheirada dos rejeitadores do diálogo são de duas extremidades.

A primeira razão pode ser delineada como a de uma mentalidade arrogante que despreza os demais como inferiores, e, portanto, irrelevantes. A seus olhos, os outros não estão à altura a qual lhes dê o direito de receber a oportunidade de tomar parte no diálogo, assim toma os demais como subordinados, não como parceiros e iguais. E, de acordo com os rejeitadores, devem ser mantidos sem participação, para que, pensem que seu dever é seguir e obedecer, não argumentar ou mesmo tentar fazer os tiranos compreenderem seus argumentos.

Estas pessoas pensam que o status social é o critério pelo qual o diálogo com os outros deve ou não deve ser conduzido. Portanto, pessoas do mesmo nível de relacionamento social podem entrar no diálogo. Contrariamente àquelas a quem não é e nem deve ser dado o direito de fazer isso, pois, a seu modo de pensar, isto diminui a reputação das pessoas de um nível mais alto em virtude da influência política e social que podem exercer.

A segunda razão pode ser atribuída à debilidade intelectual, que caracteriza este grupo e, como resultado, o impede de enfrentar o ponto de vista alheio, pois estas pessoas carecem da força da prova que poderia emprestar credibilidade para as suas opiniões num debate, e (também) que tenham uma lógica racional, que possa refutar os argumentos contrários. Como uma saída, os carentes de inteligência podem, numa tentativa de ocultar suas fraquezas, recorrer ao exagero, ao apontar erros alheios, e a reações ásperas que podem incitar os sentimentos superficiais das pessoas e impeli-las a tomar posições demagógicas em relação à ideologia inovadora. Um exemplo pode ser extraído da Escritura Sagrada - a posição do Faraó contra Moisés. O Faraó quis inflamar os sentimentos populares contra Moisés sugerindo que este desejava desarraigá-los de sua terra natal. Este método pode ser verificado nas posições de muitos governantes em relação aos representantes de ideologias inovadoras ao estimular histeria entre as pessoas e impeli-las a tomarem posições demagógicas, numa tentativa de afugentá-las daquela idéia ou proposta.

Dentre os problemas que afligem o dinamismo do diálogo na vida, um é o fanatismo entrincheirado com o qual as pessoas consideram, e fixam a ele, suas tradições e herança ideológica; isso pode também ser devido a posições polarizadas frente às suas convicções políticas e sociais. Que pode ser atribuído a intolerante e impressionável atitude com a qual elas se aproximam de um contra-argumento; a fim de não se demoverem quando este alcança os pontos de vista que sustentam, quer sejam sectários ou partidários, desconsiderando as probabilidades de certo ou errado dessas percepções. Talvez seja assim porque tenham se tornado parte de sua psique e resumem o que compreendem como sendo dignidade, poder e influência política e social. Como tal, a questão não parece ideológica tanto quanto é da estrutura interna em que se movem, a despeito da natureza da imagem dentro da moldura.

O Islam, na atualidade, parece estar sofrendo da falta do espírito do diálogo dentro do mosaico de suas escolas de pensamento com respeito aos detalhes de suas crenças e da *Shariah* (lei), como interpretados por cada uma das escolas. Mas, que notem que, o diálogo diminuiria o estado de rigidez, o qual os defensores do sectarismo necessitam como margem

de pensamento ou jurisprudência. Isto pode se originar do fato que o diálogo pode contribuir para sacudi-los de suas raízes, e conseqüentemente, para torná-los suscetíveis de tombar sob o peso da evidência conclusiva, a qual provaria sua falsidade e grande distância da verdade. Parece que, os que advogam esta posição tornaram-se vítimas de uma visão incapaz de enxergar, o sectarismo tem sido transformado em alguma espécie de *apartheid* social que faz todos os seguidores de uma facção manter-se numa posição completamente diferente da dos seguidores de outra. Isto conduziu a mais posições entrincheiradas, geográficas, sociais e políticas, em certas situações, tanto que um acordo de um grupo com outro pode ser considerado como um tipo de suicídio político e social que pode afetar a sociedade inteira.

Este fenômeno não está confinado à divisão sectária, antes, é encontrada dentro de qualquer escola do pensamento Islâmico. Pode ser o caso que os de vanguarda dentre os intelectuais, que eventualmente advogam diferentes pontos de vista, não se sintam livres para expressá-los e se engajar no debate com outros para discuti-los. É principalmente quando tais pontos de vista se chocam com aspectos históricos e sentimentais de alguns dos personagens santos, ou quando podem se chocar com os detalhes da doutrina ou das posições jurídicas que formam parte do corpo da tradição que foi legada pelas gerações passadas.

Como resultado, algumas escolas Islâmicas de pensamento perderam a habilidade de introduzir mudanças em sua herança ideológica; ou melhor, costumeiramente demonstram uma inflexibilidade incomum que não tem espaço para nenhuma mudança ou movimento. Este estado de coisas surgiu como resultado da mentalidade emotiva, que pode tocar as raias do demagógico, com o qual defendem seus pontos de vista, como sendo verdades irrefutáveis, que ninguém tem o direito de questionar porque são os pontos de vista de boas gerações do passado ou dos sábios famosos, e assim por diante.

Acreditamos que a ausência de diálogo entre os muçulmanos, através da divisão sectária ou dentro dos próprios grupos sectários, está prestando um desserviço ao Islam na medida em que isso é vivido no mundo real, interna e externamente. Esta divisão certamente deixará o Islam atolado em seus as-

suntos jurídicos e sectários, longe de outro horizonte no qual sua ideologia possa ter uma oportunidade de olhar as demais ideologias e métodos.

Deve ser notado, entretanto, que esta conduta contraria a prática Islâmica através de sua história, especialmente o modo alcorânico de tratar com toda sorte de questões. O Alcorão nos informa de muitos exemplos onde o diálogo foi conduzido com os descrentes, os politeístas e os hipócritas, numa maneira objetiva e racional. É dessa forma porque o Alcorão está seguro que sua prova é de tal maneira que faz o outro lado ver sua força, seu sentido, de seu argumento. Ele também está à altura do desafio da crítica com uma mente aberta.

Ao trazer esta questão à baila, não queremos estabelecer contenda ao modo de pensar dos bons ideólogos muçulmanos do passado, de diferentes escolas de pensamento. Ao contrário, queremos criar o clima certo para o repensar das convicções e idéias que eles externaram, já que podemos encontrar em tais convicções carências em algumas áreas de maneira que possamos corrigir, um desvio que possamos retificar ou uma falha que possamos ajustar.

Sábios religiosos de outrora costumavam divergir entre si, mesmo dentro da mesma escola de pensamento, sem que eles entendessem tais divergências como uma ameaça à religião ou a um grupo sectário em particular, porque reconheciam que havia uma diferença entre a santidade da verdade original na religião ou escola de pensamento, e a santidade de interpretar este texto ou aquele, ou confirmar este ou aquele ponto de vista. Assim, por que nós temos de considerar haver santidade naquilo que eles não consideravam, isto é, suas interpretações, e nos furtarmos a questioná-las num processo intelectual, com o fito de examiná-las para separar o joio do trigo.

O valor do diálogo no Alcorão é que ele não definiu os assuntos do diálogo, não há interdições sobre qual assunto alguém queira discutir, tampouco ele nomeou quem pode e quem não pode travar o diálogo. Portanto, não há qualquer problema em conduzir um debate com pessoa alguma. Isto demonstra que o ponto crucial do assunto é que todos nós estamos em busca da verdade. Assim, por que não cooperar, por intermédio do diálogo, para alcançá-la, e não almejar o encontro do erro por uma maneira dialética confinada (em si mesma)?

Este livro foi uma tentativa de desvelar o método alcorânico do diálogo; pode ser que este seja o primeiro livro que discute este assunto.

Visto que eu apresento o livro, em sua quinta edição, tudo o que espero é que meu esforço se prove válido, na aspiração que este experimento seja concluído por conduzir a mais pesquisas e diferentes diálogos. Eu peço a Deus, o Poderoso, que me conceda êxito para continuar no serviço ao pensamento Islâmico, na arena dos desafios, e no serviço do Islam no atual campo de luta, pois isto é que nos faz vibrantes em nossa missão e objetivo no movimento do Islam na vida.

Louvado seja Deus, Senhor dos mundos. Dele é a melhor das recompensas e Ele é o melhor Guardião.

Mohammad Hussain Fadlullah
Beirute - Líbano
4 de Rajab, 1416
(29 de novembro de 1995)

Prefácio

Concepções Errôneas sobre Religião

Tem sido dito que a religião conclama as pessoas para aceitarem suas idéias sem discussão ou debate. Os que advogam esta opinião argumentam também que isso forçosamente torna redundante o papel do intelecto humano no que ele queira abraçar ou rejeitar, uma afirmação que anula qualquer diálogo que possa atuar nas questões do pensamento religioso.

Eles alegam que a diferença entre ciência e religião é que a ciência apresenta a idéia para que seja discutida e questionada num esforço para examinar todos os seus aspectos e dimensões, com vista a prová-la, quando a prova é necessária, ou refutá-la, se for preciso; tudo isso é feito através dos instrumentos da cognição disponíveis ao homem.

É, além disso, sustentado que a religião apresenta-se às pessoas com uma hoste de “*verdades irrefutáveis*”, as quais não deixam um espaço amplo para concessões, tampouco permite a oportunidade para o debate em razão de ser uma ideologia sacrossanta definitiva. Assim, nasceu a noção de “*fé cega*”, que tem caracterizado o pensamento religioso na opinião de muitos homens no mundo.

Alguns podem justificar isto como sendo o resultado de religiões surgirem para prover de respostas a perplexidade humana sobre o universo e a vida. Isto teria acontecido durante um estágio atrasado do desenvolvimento ideológico e mental do homem, quando ele não era claro em seu raciocínio, subserviente a um senso de fraqueza que esmagava toda energia que possuía;

poderia isso então ter sido utilizado para estimular seu fortalecimento. Este estado de coisas fez o homem sentir-se aniquilado diante das forças cósmicas ao seu redor. Teria ele assim concluído que não conhecia coisa alguma sobre o ambiente em que vivia e não desejava fazer nada para adquirir o conhecimento necessário para auxiliá-lo a lidar com essa situação.

Naquele estágio da vida do homem, a fé, por um lado, se constituiu numa janela que lhe forneceu a interpretação do que estava acontecendo ao seu redor, por outro, deu-lhe as instruções sobre o que considerar ou não. Ele aceitou tudo isso com satisfação e submissão, com um toque de conforto, e sem outra perspectiva de tentar discernir o assunto ou demonstrar discordância. Tudo o que importava para ele era que tinha visto a luz através da janela, embora todas as outras janelas estivessem fechadas para ele. Portanto, chegava-se a um acordo com o *status quo* de paz de espírito e conforto.

Ao contrário, a ciência foi o resultado da rebelião do homem contra as superstições e de sua aspiração para adquirir conhecimento para ajudá-lo a pensar, e por não lhe ser suficiente seguir instruções. Isto também deu a ele o impulso para buscar a verdade por todos os meios, incluindo qualquer das portas sagradas que lhe podiam ter sido fechadas. Assim, ele pôs-se no caminho da busca de tudo o que poderia destrancar as portas e abrir as janelas para deixar que entrasse a luz do sol e o ar puro, para que pudesse respirar com liberdade. Métodos científicos têm respondido a todas essas aspirações e permitido ao homem inquisitivo prosseguir em sua jornada de busca pela verdade e transformam os intelectos que estejam passivos e afligidos pela inércia em mentes dinâmicas nas quais todos os instrumentos do conhecimento que revelam a verdade são usados.

Em razão disso, o homem está em constante atividade e se seu intelecto experimenta uma calma, a isto se segue um período de inquietude para desvelar novas coisas obscuras no caminho de adquirir novo conhecimento. Porquanto, os proponentes deste argumento sustentam que a religião bateu a porta na face do diálogo apenas para que este fosse recebido pela ciência, porque a primeira tem necessidade somente de um clima de calma e constância. Que, eles afirmam, dar a religião a força da continuidade, ao passo que a ciência defende o dinamismo, a mudança, a renovação, qualidades que são partes de seu desenvolvimento e crescimento na jornada da vida em busca do conhecimento.

Uma visão predominante

Resumidamente, este foi um esboço dos pontos de vista sobre a religião e a ciência que são defendidos por muitas pessoas como conclusões prévias. Esta abordagem afetou totalmente a conduta do homem, que está em busca do conhecimento, diante dos clérigos ou dos cientistas. Esta tendência criou um clima de embaraço e inibição por parte do homem leigo quanto ao que ele pode perguntar aos clérigos e o que ele não pode. Por outro lado, a história é diferente, onde um clima de liberdade e abertura prevalece. O homem está livre para levantar qualquer questão com aqueles que atuam nas disciplinas científicas, a parte dos assuntos religiosos.

Contudo, isto coincide com a verdadeira imagem da religião? E é a imagem como a eles pintaram? Esta é a questão a qual queremos que este livro forneça a resposta.

A História e a *Shariah* (lei)

Para começar, devemos abordar aquilo que acreditamos e mostrar as falhas na representação errada da religião.

Nós rejeitamos esta representação nas religiões em geral e no Islam em particular. Acreditamos que a idéia em questão se origina das práticas individuais de algumas instituições religiosas do passado. Eles parecem ter advogado uma tendência particular de pensamento baseada na inviolabilidade que gozavam. Isto tinha obtido dessas instituições o tipo de santidade que outros não ousariam clamar qualquer discordância ou questionar as opiniões e interpretações que eles formulavam, exigindo de seus discípulos a lhes seguir sem discussão ou debate.

As instituições religiosas citadas não pararam aí, mas tentaram suprimir os argumentos contrários e praticaram a tortura contra aqueles que os defendiam, num frenesi demagógico, o qual não deixava nenhum espaço para que opiniões opostas pudessem ser defendidas, como foi o caso na Europa na época das trevas. A igreja estabeleceu tribunais para levar a júri cientistas que descobriram o movimento da terra e outras teorias científicas que estavam em

discordância com as crenças estabelecidas da igreja. Tendo acusado os cientistas de heresia, os tribunais os consideraram culpados; alguns foram sentenciados à morte e outros foram enviados para masmorras. Este detalhe histórico pode ter influenciado o nascimento desta idéia.

Quanto à história islâmica, houve exemplos onde o pensamento foi suprimido porque contrariava a linha de pensamento adotada pela instituição religiosa oficial. Um exemplo disso foi a questão da criação do Alcorão, que foi defendida pelo governo Abássida no tempo de al-Mu'tasim. Isso levou a instituição religiosa a perseguir alguns sábios que se opunham a ela, tais como Ahmad ibn Hambal, que foi aprisionado por suas opiniões.

Quanto a tendência geral, o Islam esteve do lado da liberdade intelectual, que respeitava os pontos de vista dos outros e discutia com eles, contanto que isso não se traduzisse em ações que visassem semear o caos e a destruição e o atentar contra a paz e a ordem. São abundantes na história Islâmica relatos de seminários e diálogo realizados por clérigos muçulmanos e não-muçulmanos, sábios e defensores de crenças anti-Islâmicas, sob o atento olhar dos governantes, embora num clima de liberdade intelectual. Um exemplo disso é o simpósio promovido pelo Califa abássida al-Ma'mun para o oitavo Imam da linhagem do Profeta, Ali Ibn Musa ar-Ridha (A.S.). Presentes naquele encontro estavam, cristãos, zoroastristas e outros sábios, onde o diálogo demonstra uma evidência histórica de até que ponto ia a receptividade de idéias do Islam e sua tolerância no campo da fé.

Um outro exemplo pode ser encontrado nos encontros de intelectuais que costumavam ser promovidos pelo Imam Ja'far Mohammad Assadeq (A.S.), o sexto Imam da linhagem do Profeta (S.A.A.S.) na Sagrada Mesquita em Mecca, onde hereges e descrentes daqueles dias, tais como Ibnil Muqaffa'a, Ibn Abil Awja'a e Abu Shakir ad-Disani, debatiam com o Imam sobre questões relativas a existência de Deus, sua sabedoria e outros assuntos doutrinários de um modo desafiador. Ele costumava argumentar com eles com uma linguagem delicada e de um modo sereno, substanciando seu argumento com evidências conclusivas, tanto que ele costumava deixá-los sem nenhuma alternativa senão desistir do debate.

Algumas das pessoas que estiveram presentes naqueles encontros de intelectuais relataram acerca das reuniões, a atmosfera daqueles simpósios e o espírito com que o diálogo era conduzido. Sobre a história de um herege

que estava debatendo com o Imam a questão da existência de Deus, al-Mufadhal ibn Umr registrou isso para descrever seus sentimentos: *“Eu não podia me conter de raiva e ódio daquele homem, dizendo”: “Oh tu inimigo de Deus! Abandonaste a religião de Deus e renegaste o Criador que te criou na melhor das formas e cuidou de ti durante os diferentes estágios de tua vida até este momento. Se tu refletisses sobre ti mesmo e acreditasses em teu instinto terias encontrado a evidência da astúcia na criação de Teu Senhor muito bem manifesta em ti.”*

Al Mufadhal prosseguiu repreendendo o homem e chamando-o à razão, *“Se acaso fizeres parte do grupo da teologia especulativa, debateremos a questão contigo. Se tu mostrares a força de tua argumentação, nós o seguiremos. Porém, se não és um deles, não temos nada a ver contigo. Se estás entre os seguidores de Ja’far Ibn Mohammad, este não foi o modo que ele usou para comunicar-se conosco, tampouco foi o mesmo tipo de prova que tu estás apresentando que ele usou para nos demonstrar sua posição da questão. Ele costumava ouvir nossas palavras mais do que tu fizeste, além disso, ele não era severo conosco, nem grosseiro em suas palavras. Era ele o mais gentil dos homens, o mais sábio e o mais tranqüilo. Costumava manter-se paciente numa maneira altamente digna; costumava ouvir-nos atenciosamente a fim de se tornar completamente ciente de nossa argumentação; uma vez que tivéssemos terminado, na crença de que tínhamos sido bem-sucedidos, ele refutava nossa opinião com o mais breve e direto dos discursos, em razão do qual ele nos deixava sem palavras e ficávamos sem nenhuma escolha senão observar a força de seu argumento. Assim, se tu estás entre seus seguidores, aproxima-te de nós com o tipo de distinção que ele usava conosco.”*

Deve ser ressaltado, entretanto, que quaisquer que sejam os belos episódios que a história Islâmica nos relata, a questão não é inteiramente a da história dessas práticas, muito embora isso possa ter uma grande influência ao provar a natureza do pensamento que governa a história e controla seus movimentos. Porém, devemos ter conhecimento sobre a originalidade da idéia no corpo da *Shariah* (lei) e da ideologia da fé. E permitir que isso seja o padrão com o qual medimos a natureza da evidência histórica apresentada ou pela qual outros nos desafiam, as práticas correntes sobre as quais discutimos com eles e, finalmente, o tipo de medidas que estamos contemplando, guiados por esta ideologia.

Alcorão, o Livro do Diálogo

O Alcorão Sagrado é o Livro de Deus, o qual, “*Nenhuma falsidade pode se aproximar dele nem pela frente, nem por trás.*” (C.41 – V.42). É, portanto, a palavra final sobre tudo que Deus deseja e que Ele não deseja. É a verdade conclusiva na qual a dúvida não pode entrar, “*Eis o livro que é indubitavelmente, a orientação para os tementes.*” (C.2 – V.2).

É o livro a que deve se dar sua devida parte de estudo cuidadoso, com vista a encontrar a evidência do diálogo religioso concernente a todas as questões da crença - da noção da existência de Deus e de sua Unicidade até os artigos da fé.

Aqui, estamos iniciando uma calma viagem sobre os versículos alcorânicos, os quais nos informam dos meios que Deus quis que seu Profeta (S.A.A.S.) usasse para convidar as pessoas a abraçar o Islam. Ao fazê-lo, nós seremos capazes de adquirir conhecimento sobre a missão do Profeta na convocação à senda de Deus, e sermos guiados por seu método prático o qual estamos tentando obter no modo de propagar o Islam.

Entretanto, no processo podemos precisar seguir algumas das práticas do profeta e de sua sagrada tradição (*Sunnah*), administrando o diálogo para defender a aplicação prática do método alcorânico, que lançou a base e erigiu o edifício.

Enquanto estamos nos estendendo nesse tipo de narrativa, não devemos esquecer que a discussão não estará limitada ao que o Alcorão descreve do método de diálogo do Profeta; pelo contrário, discutiremos as práticas do diálogo dos demais profetas em seu embate com os que se opunham à suas missões e conclamações do povo ao caminho de Deus, como é relatado no Alcorão em mais de uma de suas “*suratas*”. É assim porque a referência no Alcorão a essas experiências não tem origem num desejo de apresentar a História, mas sim, no fato que estas experiências representam exemplos pioneiros dignos de serem seguidos, pois elas são a materialização do mais sublime dos métodos nas situações de conflito intelectual no decorrer de todas as missões proféticas. Isto é digno de nos fazer pesquisar os fortes aspectos que poderão guiar nossos passos na jornada aos destinos onde as missões práticas podem ser encontradas.

Com tudo isso, temos como meta detectar as falhas no argumento dirigido contra a religião, de que ela combate o diálogo e apela para a fé cega. Ao fazer isso, devemos ser capazes de descobrir como o Islam lança as bases do diálogo como ponto de partida de seus passos no caminho de convocar as pessoas à abraçar seus princípios e viver a vida. Nós almejamos descobrir tudo isso no Livro de Deus, que transforma a crença numa contínua posição para o diálogo, começando com a alma humana, cujo espírito e revelação permeia todos os domínios da vida e eterna. Neste ponto, o diálogo para, dando caminho ao mais decisivo dos diálogos, aquele que se dá perante Deus, quando o homem dará conta de suas ações nesta vida e finalmente receberá a sentença de ir para o Paraíso ou para o Inferno.

Referências

Tendo limitado a pesquisa a esta narrativa, temos que ressaltar que não estamos prestes a iniciar uma pesquisa cultural, mas aspiramos captar vários elementos na busca por ter acesso ao aspecto técnico do diálogo nos métodos alcorânicos. Este não é o lugar para tal pesquisa. Podemos, entretanto, encontrar um excelente método para isso no livro de Sayyed Qutb, “*At’aswyyrul Fanni fil Qur’an*” (O Estilo Artístico no Alcorão).

Entretanto, tudo o que tentaremos fazer é lançar mão do método onde isto se relaciona ao clima intelectual ou emocional do raciocínio, e até ao ponto em que os ingredientes sensoriais, intelectuais e espirituais possam ser encontrados através de todos os seus aspectos e características.

Capítulo 1

Diálogo e Discussão

O homem tem experimentado o significado dessas duas palavras em sua vida e em sua psique desde que iniciou sua jornada na vida social, onde uma miríade de idéias e conceitos podem ser encontrados. Isto presenteia o homem com a oportunidade de descobrir se elas fazem sentido nas situações da vida real, onde conflito e discussão são abundantes.

O homem pode fazer um esforço com a intenção de tornar sua idéia clara, na esperança de conseguir torná-la tão inteligível que não haja lugar para que alguma questão possa ser levantada contra ela ou para que alguma opinião divergente seja emitida de modo precipitado por informação insuficiente, o que poderia tornar sua idéia deficiente em certos pontos. Esta é a arena do auto-diálogo algumas vezes, e do diálogo mútuo em outras. Neste processo, o pensamento inicia uma longa jornada, cheia de muitas paradas no caminho da maturidade. Isto é o que queremos dizer com a palavra “*diálogo*” (*hiwár*).

Pode ser o caso que, em outras vezes, o homem encontra-se numa situação onde ele não tem alternativa senão precipitar-se na luta para defender seu ponto de vista contra seus oponentes. A situação então muda para um conflito caracterizado por bater e fugir, atacar e se defender. Que é dominado por um clima de tensão verbal, psicológica e mental, tudo no esforço para triunfar, caso haja lugar para vitória, ou para alcançar um acordo, ou para que haja uma posição em comum.

Isto é o que a palavra “disputa” (*al jadal*) nos sugere, no que ela tenta nos dar o significado de um diálogo que existe num clima de diferentes ideologias ou doutrinas, ao passo que a primeira palavra (diálogo) sugere mais do que isso.

A palavra “diálogo” no Alcorão

As duas palavras em questão foram mencionadas no Alcorão em muitas passagens. A primeira palavra, diálogo (*hiwár*) foi usada menos do que a segunda, disputa (*judal*); esta é mencionada em três versículos, dois dos quais estão na surata “*Al Kahf*” (A caverna), contando a história do proprietário de dois pomares e sua discussão com seu companheiro, que não era tão rico como o primeiro:

“E abundante era a sua produção. Ele disse ao seu vizinho: Sou mais rico do que tu e tenho mais poderio.” (C.18 – V.34)

Seu companheiro disse a ele, no curso do diálogo com ele:

“Seu vizinho lhe disse, argumentando: Porventura negas Quem te criou, primeiro do pó, e depois de esperma e logo te moldou como homem?” (C.18 – V.37)

O terceiro versículo onde esta palavra é mencionada está na surata “*Al Mujádalah*”, na história da mulher que veio ao Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), reclamando de seu marido:

“Em verdade, Deus escutou a declaração daquela que discutia contigo, acerca do marido, e se queixava (em oração) a Deus. Deus ouviu vossa palestra, porque é Oniouvinte, Onividente.” (C.58 – V.1)

A “disputa” de acordo com os desafios

A segunda palavra foi mencionada em vinte sete passagens no Alcorão, em questões privadas e públicas, estendendo-se das religiosas, que tratam da vida e da doutrina, até as sociais.

Talvez, a razão fundamental para todo este espaço que a palavra ocupou no Alcorão - naquilo que o Islam lutava contra ou nas situações vividas - é que a palavra disputa tem sido a mais próxima das realidades vivenciadas pelo Islam. Ele tem enfrentado desafios ideológicos e tradicionais, que formam parte do intelecto humano; a disputa segue de mãos dadas com o movimento para a mudança que o Islam deseja para que o íntimo e o intelecto do homem sejam desafiados, com vista a afastá-lo da escuridão da dúvida, da descrença e do extravio, em direção à luz da fé, unidade divina e orientação.

O Islam tinha também que enfrentar desafios externos apresentados por um regimento de forças, sejam elas religiosas, sociais ou políticas, que estavam dirigindo a vida do homem nas comunidades que não acreditavam no Islam. Essas forças se empenharam ao máximo para retardar, senão parar, o progresso do Islam, usando todos os instrumentos a sua disposição. Isto foi feito através de prolongadas e debilitantes guerras que eles promoveram, obstáculos que puseram no caminho, dúvidas que levantaram, sentidos dúbios que usaram para semear a dúvida, perplexidade e medo no que o Islam oferecia como orientação e soluções para os problemas da vida. Com base nisso, o Islam tomou sua posição diante de todos esses desafios e enfrentou-os com vigor, impulsionado por um desejo de comunicar a verdade e permitir que os pontos de vista se encontrassem com seus conceitos, não através de uma vontade de triunfar por causa do triunfo em si.

Portanto, o Islam dedicou-se a conduzir um debate que esteja baseado no diálogo direto, o qual surge da apresentação da idéia na arena de luta. Ele tem estado num esforço para convidar à troca de questões e respostas a fim de poupar o tempo e o empenho dos contendores. Isto é, eles não necessitam procurar por questões que não encontrarão prontamente ou que possam ter dificuldades no caminho de busca. Este é um esforço para incutir profundamente a idéia na mente do homem e instigar com vigor seus pensamentos. Por esta razão que no Alcorão, o Islam discutiu a questão do debate interior junto

com o que se é conduzido com os membros dos grupos sociais, inclusive os que tinham pontos de vista opostos ao Islam.

Ele não parou nesse ponto. Ao contrário, se empenhou em imortalizar tudo aquilo que foi suscitado no debate sobre as crenças, a fim de originar a idéia que é necessária para manter esta prática viva até onde as questões da fé sejam concernentes.

O “diálogo” contém o elemento da “disputa”

Nós preferimos usar a palavra diálogo no título deste livro, muito embora as palavras “*discussão*”, “*disputa*” e “*argumentação*” ocupem maior espaço na narrativa alcorânica e em seu estilo, por duas razões:

1. A palavra “*argumento*” recebeu uma nova conotação, na qual denota o modo adotado por ambas as partes para a argumentação. Eles tendem a disputar de maneira despropositada, tanto que seu bate-boca parece um tipo de luxo intelectual, com divagações e discussões verbais tortuosas acontecendo, que pesa muito no tópico sendo debatido, levando a lugar algum.

Talvez a razão para isto é que argumentar pelo próprio prazer de argumentar tornou-se uma espécie de exercício adotado por muitos que visam preparar-se nos meios de troca de idéias, de ataque e defesa na arena da luta intelectual. Isto se faz numa tentativa de derrotar o oponente, e não para se chegar com ele a verdade ou a uma conclusão. Por isso não queremos que nossa discussão seja rotulada com essa marca característica já de princípio.

2. A palavra diálogo tem, como já mencionamos, implicações mais amplas do que discussão, disputa ou argumentação, cada uma das quais implica que haja um elemento de conflito. A primeira é flexível o suficiente para acomodar o dito elemento, e mais, em um caminho de tornar o assunto mais claro através da pergunta e da resposta. Isto é mais relacionado e benéfico à nossa discussão, porque aqui, começamos a advogar o

diálogo que tem o seu ponto de partida na apresentação da idéia, mesmo se não houver objeções já colocadas. Nós também advogamos o diálogo que monta uma defesa da idéia, na arena do conflito, contra os desafios de seus oponentes ou inimigos. Este diálogo é para que se realize o nosso objetivo nesta discussão da descoberta dos mecanismos do método que foi aceito pelo ativismo Islâmico, dentro dos limites do diálogo, em todos os seus domínios, de maneira que possamos utilizá-lo ampliando o apelo do ativismo Islâmico contemporâneo, o qual está diante da mesma situação em duas frentes:

a) A defesa contra as concepções erradas em relação ao Islam, um retrocesso com o qual ainda sofremos. Que tem sido o resultado de práticas intelectuais desorientadas ou uma equivocada e débil apresentação do Islam.

b) A defesa contra os desafios montados por outros que podem detectar “*falta de clareza*” nas visões do Islam, nas soluções para as questões da vida e nas questões doutrinárias e intelectuais.

Diálogo indireto

Nesta discussão, podemos nos deparar com o método que não parece ter lugar num diálogo real, em que podemos ver duas pessoas engajadas numa “*discussão pela discussão*”. O Islam, por outro lado, gostaria que as pessoas se engajassem no diálogo sobre as questões da fé a fim de alcançarem um objetivo. Por conseguinte, este método representa uma via natural para o diálogo.

Todavia, a referência feita a este método não deve significar um abandono do assunto que estamos discutindo. Ou seja, é uma obrigação das pessoas que assumem para si o chamado de outra para a senda de Deus convidá-las para entabular o diálogo, levá-las a fazer isso pelo exemplo, e retribuir quando elas as convidem para fazê-lo. Enfim, estarão em meio ao diálogo numa vez ou a caminho dele noutra, ao primeiro passo na estrada da descoberta.

Devemos seguir o exemplo do Alcorão ao refutar certas alegações ou palavras proferidas por algumas pessoas, com as quais o Islam diverge ou em pontos ideológicos ou em alguns aspectos da vida. Assim, a questão deve ser posta num curso que seja capaz de tornar tais alegações não apenas meros pontos de vista que não possam ser postos em discussão ou em questões que não possam encontrar uma resposta. Este procedimento é digno de ser reconhecido como o princípio de um diálogo na atividade da doutrina ou da legislação para a vida e para a sociedade. E se manifestará na dinâmica do diálogo, sobre as questões de crença, com os idólatras, ateístas e negadores da profecia, dentre os povos do livro e outros. O Alcorão relata os pontos de vista e os argumentos desses, e em seguida os responde, a fim de apresentar o assunto inteiro num ambiente de diálogo. O diálogo alcorânico pode tentar que sejam aceitas, como exemplos, algumas excelentes e bem delineadas práticas e personagens, de modo que as pessoas se façam cientes delas, com vista que sigam seus exemplos nas situações da vida real.

Podemos nos deparar com outros exemplos que são completamente o oposto, onde o diálogo visa descrever algumas personalidades perversas limitando a narrativa a questões que possam revelar aspectos importantes das personalidades em discussão. Isto nos dá uma percepção de muitos indivíduos desagradáveis, de maneira que possamos nos precaver de tomá-los como exemplos, especialmente em assuntos decisivos.

Num terceiro nível, o princípio de racionalização por trás do diálogo seria o esclarecimento de posições na vida e de nossa missão nela, através da discussão de certos aspectos pertinentes a elas em diálogos que podem ser curtos ou longos.

Tendo isso em conta, a discussão sobre o diálogo partirá de, por um lado, estabelecer linhas gerais de orientação para os métodos de debate e de direção do empenho na dinâmica do ativismo Islâmico, e por outro, no domínio do realce de características originais de alguns exemplos do que é bom ou mal na sociedade.

Como o diálogo e a discussão aconteciam?

A Natureza Humana

O Alcorão tem isto para nos contar sobre o homem:

“Temos reiterado, neste Alcorão, toda a classe de exemplos para os humanos; porém, o homem é o litigioso mais recalcitrante (que existe)”. (C.18 – V.54)

Podemos aprender deste versículo sagrado que a qualidade da discussão é algo que é intrínseco a natureza humana, do mesmo modo que outras características do homem colocam-no num diferente grupo em relação às demais criações. O homem foi moldado numa maneira que o faz se confrontar com a vida e com tudo aquilo de que ela é repleta, sejam situações, incidentes, complexidades e noções, com uma mentalidade que é aberta, ainda que inquieta. Não surpreende, que ele esteja em constante busca por uma dada coisa e por sua antítese, por verdade e falsidade, na mesma medida, discutindo ou argüindo com tudo isso. Nem bem tenha ele alcançado uma conclusão, outra vez acolhe a dúvida, em uma nova jornada em direção à dúvida; e nem bem tenha ele chegado a um acordo com a segunda então inicia uma longa jornada em direção a certeza.

Tais são as variadas idéias e opiniões, que cada estágio da vida humana é diferente equiparado às questões e discussões que têm lugar dentro daquele estágio e de acordo com a situação geral que seja prevalecente, que pode impor um ponto de vista particular ou outro. Isto certamente faz as questões intelectuais se desenvolverem, crescerem, deixando para trás grande número de seguidores e apoiadores, que, na vida da raça humana, constituem diferentes grupos caracterizados por suas qualidades particulares, sejam elas intelectuais, sociais ou políticas.

Neste ambiente, o conflito emerge e transforma-se ora num meio de persuasão, ora em justificação, e também, joga com as palavras e concentra-se na retórica, a fim de manipular conceitos. Muitos grupos recorrem a esta atitude, com o objetivo de travar a luta ideológica e doutrinária na esperança de alcançar sucesso, ainda que, possam provar neste processo, o amargor da derrota.

A estratégia divina

Desnecessário dizer que, em tais circunstâncias, a verdade tem que harmonizar-se a tudo isso, usando método similar ou mesmo superior, porque o caminho para os corações e as mentes humanas não é livre de barreiras. Ele é emperrado por muitos conceitos e opiniões, que podem obscurecer a verdade ou estreitar a visão. É requerido um grande esforço para desobstruir o caminho da vida doutrinária e intelectual do homem, usando as mais efetivas e convenientes idéias e estilos.

O Islam foi muito cuidadoso com isso. Portanto, desejou planejar a jornada do homem para a fé sem coerção.

Neste ponto, o diálogo entre grupos divergentes ou conflitantes teve lugar. Houve disputa, que deu ao diálogo a dimensão de persistência e força de percepção sobre a idéia a ser debatida; quando entram em jogo as provas e contraprovas de cada grupo para o diálogo ou a discussão. Assim, a força do argumento emprestou às idéias uma base firme sobre a qual pudessem ancorar.

Estas foram as estrelas guias para os passos do homem na jornada para apresentar a ele as questões da verdade e da mentira, praticando seu livre-arbítrio aceitando a primeira ou rejeitando a segunda, como se evidencia neste versículo alcorânico:

“... para que Deus cumprisse Sua decisão prescrita, a fim de que perecessem aqueles que, com razão, deveriam sucumbir; e sobrevivessem aqueles que, com razão, deveriam sobreviver; sabei que Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo.” (C.8 – V.42)

As Características do Diálogo Islâmico

Modalidade de discussão rejeitada

Como já foi mencionado, diálogo e discussão não agem no pensamento Islâmico apenas por serem coisas independentes, capazes de prover a vida com o tipo de entusiasmo intelectual habilitado a tomar parte de quaisquer debates sobre qualquer assunto, como é o caso do caminho intelectual que Platão exigia que o diálogo seguisse. Ele era da opinião que o aspecto argumentativo do diálogo era deliberado e vinha em primeiro lugar e o desejo de resolver as questões filosóficas tinha um lugar secundário na escala de importância. Platão disse:

“O diálogo determina um assunto a ser investigado, não necessariamente com o objetivo de encontrar uma solução para ele; o desígnio é nos tornar melhor equipados para lidar com a discussão em todos os tópicos. O objetivo do diálogo não é, assim, nos fornecer informações ou conhecimento sobre o assunto porquanto nos empresta suporte no processo de dominar a arte da discussão”.

A razão para a diferença entre os dois métodos pode ser atribuída ao fato que o principal objetivo do Islam ao se engajar no diálogo é mostrar a verdade aos seres humanos, numa maneira que seja capaz de aprofundar a fé e dar paz de espírito às pessoas. Os meios práticos do Islam para o diálogo são, portanto, preparados para atingir esta meta.

Em certas circunstâncias, o homem pode ser encorajado a instruir-se na arte do debate fora do ambiente das idéias. Isto, porém, não se origina de um vácuo intelectual, satisfazendo o instinto humano para assumir o controle; ao contrário, torna disponível a ele os instrumentos para a defesa da verdade num modo que seja mais vigoroso, ainda que flexível. Uma comparação poder ser a de um soldado, que passa longos períodos em treinamento militar se preparando para enfrentar um inimigo real numa batalha decisiva.

Nós podemos detectar, no Alcorão Sagrado, características desta linha de pensamento, que almeja rejeitar o debate por conta de sua natureza como uma arte independente cujos profissionais transformam-se em pessoas obcecadas pela disputa, sem nenhum objetivo aparente, exceto golpear seus adversários, ou girar num círculo vicioso na tentativa de desperdiçar tempo e abandonar a meta principal. Isto certamente contribui para a distorção da faculdade mental do homem, em virtude desta se encontrar atada à hipóteses extravagantes, que alimentam contenda e obscurecem a percepção humana quanto a realidade.

Descrições alcorânicas

O Alcorão Sagrado descreveu tudo isso em mais de um versículo. Esta descrição apareceu no contexto da sua narrativa sobre os descrentes que advogavam a contenda como um meio de confundir a idéia a ser debatida, e recusaram ter qualquer coisa a ver com a verdade, muito embora eles pudessem vê-la. O Alcorão falou da atitude e da resposta dos politeístas de Mecca, depois que eles tinham ouvido os versículos sobre Jesus, filho de Maria (A.S.):

“E dizem: Porventura, nossas divindades não são melhores do que ele? Porém, tal não aventaram, senão com o intuito de disputa. Esses são os litigiosos! Ele (Jesus) não é mais do que um servo que agradecemos, e do qual fizemos um exemplo para os israelitas”. (C.43 – V. 57 a 59)

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) relatou-lhes a história de Jesus, filho de Maria (A.S.); como Deus concedeu a graça sobre ele e deu-lhe o poder de realizar milagres; o relato se fez no contexto Islâmico, no qual Jesus (A.S.) era um servo de Deus e seu mensageiro. No entanto, eles se afastaram dessa afirmação, preferindo falar sobre ele de uma maneira distorcida, como a afirmação dos cristãos de que ele seria o Senhor. Assim, levantaram a questão sobre a preferência entre ele e o que eles adoravam, porque ambas as noções conduziam ao oposto do que o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) os convocava, ou seja, a adoração de um único Deus. Como poderia ele abraçar isso e rejeitar o que eles acreditavam?

O Alcorão Sagrado discorda deles sobre esta afirmação, confirmando que não adotavam a senda correta do diálogo. Isto gira em torno de discutir a noção da perspectiva dos detalhes que seus intérpretes fornecem, não através de como outros podem concebê-la, e cujas convicções podem ser opostas. Se sujeita a ser levado ao fracasso em suplantá-los. Contrariamente, eles tentaram tomar a estrada da discussão fútil, que faz os afeitos à contenda fugir da posição do correto para outra. Pode fazê-los levantar dúvidas sobre a verdade. Em sua tentativa de conseguir isto, eles recorreram ao sofisma e a coisas desse tipo. Tivessem eles desejado alcançar a verdade, teriam mantido uma mente receptiva para perceber a imagem real, que os teria guiado a verdadeira fé, assim como o Alcorão apresentou a solução com respeito a Jesus (A.S.).

“Ele (Jesus) não é mais do que um servo que agradecemos, e do qual fizemos um exemplo para os israelitas.” (C.43 – V.59)

Rejeitar esta linha de discussão não estava confinado aos meios advogados pelos descrentes. Tinha encontrado seu caminho em alguns daqueles que acreditavam no Profeta (S.A.A.S.) e em sua missão. Estes não estavam capacitados para a responsabilidade de tratar com as questões de fé e embates da verdade, em que tentavam se desviar das questões recorrendo à contenda. Isto se apresenta no contexto da narrativa alcorânica sobre os muçulmanos que estavam se recusando a acompanhar o Profeta (S.A.A.S.) para a Jihad, procurando por desculpas para não fazê-lo:

“Tal como, em verdade, quando o teu Senhor te ordenou abandonar o teu lar, embora isso desgostasse alguns dos fiéis. Discutem contigo acerca da verdade, apesar de a mesma já lhes haver sido evidenciada, como se estivessem sendo arrastados para a morte, e a estivessem vendo”. (C.8 – V.5-6)

O Alcorão Sagrado está repleto de relatos sobre aqueles que discutem sobre Deus, o Alcorão e a missão profética. O Alcorão critica sua atitude corrupta em virtude deles dirigirem o argumento para a subserviência, a mentira e a negação da verdade evidente, sem prova, mas com palavras fúteis. O Alcorão explica que isto é obra de Satã:

“... porque os demônios inspiram os seus asseclas a disputarem convosco; porém, se os obedecerdes, sereis idólatras.” (C.6 – V.121)

No mesmo contexto, existem versículos alcorânicos, que relatam os tipos de debate que são dirigidos para servir à traição e seus praticantes. Isto foi demonstrado pelo episódio de um grupo de muçulmanos que tentaram acusar alguns judeus de furto, num esforço para desviar a acusação deles próprios. Eles erroneamente acreditaram que a condição de judeus seria uma razão suficiente para acusá-los, sem consideração da questão do certo e do errado:

“Não advogues por aqueles que enganaram a si mesmos, porque Deus não aprecia o pérfido, pecador. Eles se ocultam das pessoas, não podendo, contudo, ocultar-se de Deus, porque Deus está presente, com eles, quando, à noite, discorrem sobre o que Ele desagrada. Deus está inteirado de tudo quanto fazem. Eis que vós, na vida terrena, advogastes por eles. Quem advogará por eles, ante Deus, no Dia da Ressurreição ou quem será seu defensor?” (C.4 – V.107 a 109)

O Islam e a profissão legal

Por conta dos versículos precedentes, aprendemos sobre a posição do Islam sobre a profissão legal, em que um advogado pode passar a defender um acusado por ganho material. Isto é proibido no Islam, a menos que a defesa vise restabelecer os direitos de outrem, ou livrar um inocente da opressão que possa ter sido exercida contra ele.

A Base Islâmica da idéia de Diálogo

A ideologia islâmica parte de uma base sólida reconhecendo que o intelecto é um bom e forte fundamento do qual se aprova julgamentos sobre coisas ou situações, e um árbitro entre o que seja bom e o que seja mal. Algumas tradições proféticas falaram sobre o intelecto descrevendo-o como o mensageiro interior, ao lado do exterior, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Esta é uma prova do grande valor que o Islam vincula a razão e o respeito que nutre por ela, por seu papel nas questões doutrinárias e da *Shariah* (lei).

Por conta disso, os teólogos Islâmicos consideraram os julgamentos intelectuais como um meio para se chegar a decisões legais em muitas situações, onde a base para a legislação Islâmica pode ser identificada à razão em si mesma. Isto é claramente demonstrado no que os teólogos descrevem (na ciência da interpretação ou obtenção de juízos legais) como os quatro princípios fundamentais ou instrumentos, (a) O Alcorão; (b) a *Sunnah* (tradição profética); (c) A razão (d) O consenso. Eles podem, porém, falar sobre outros elementos, que não são pertinentes ao que é tratado aqui.

A rejeição da imitação em questões de doutrina

Com base nisso, não há como fugir do fato que a razão contribui dinamicamente e consideravelmente com a atividade humana em muitas áreas. É inevitável que a religião, que respeita a razão, a autorize a prover com sua parte na discussão dos dogmas e das concepções religiosos. Assim, o Islam tomou como ponto de partida o diálogo em duas direções. O ativismo Islâmico é confrontado com dois desafios. Um diz respeito ao enfrentamento com seus adversários. O outro se relaciona com o modo de se conduzir na vida, em virtude de ceder ao uso do racionalismo, quando o racionalismo, como tendência filosófica de pensamento, não existia. Pondo em prática esta abordagem o Islam tem, em princípio, convidado as pessoas a acreditarem em seus preceitos por conta de suas próprias convicções, através da evidência que apresenta a elas, o que prova que seu caminho é o certo.

Ao fazer isso, o Islam reconhece que este é o modo correto para convocar as pessoas a abraçar a fé. Eliminando a imitação quando ela toca os artigos essenciais da fé, sejam eles da fé da própria pessoa ou da fé de outrem. Sendo dessa maneira porque imitar os demais nessas questões doutrinárias determina um afastamento do modo confiável de pensar, perpetuando o erro e a falsidade, sem nenhuma esperança de se retomar o caminho certo, o que acarreta riscos. Por outro lado, nenhuma doutrina pode resistir ao tempo se estiver baseada em seguidores e imitadores, pois a força da imitação sobrevive apenas por conta do caráter sagrado, na mente das pessoas, de seus tempos antigos. Se esta santidade for minada ou ruir, de algum modo, a estrutura toda virá abaixo.

Quanto à convicção intelectual, é um poder constante que se apóia na força da doutrina enraizada firmemente e no intelecto seguro. O diálogo tem uma grande parte a cumprir dentro deste cenário, pois mantém a busca da idéia com diferentes movimentos em vários níveis. Isto mantém a fé viva e ativa no curso de atingir a perfeição. Não é um meio de exercitar a agilidade mental que doma a idéia de modo desorientado numa discussão, como um jogo de passatempo no qual o leviano pode produzir coisa alguma e o vencedor pode deixar o vencido sem palavras, porém, sem alcançar satisfação.

O Modo Islâmico

Sobre a força da evidência e a atitude responsável, o Islam inicia sua jornada no exame da fé. O Alcorão trata da evidência conclusiva, que Deus apresentou à seus servos, daquilo que Ele deseja que eles acreditem quando isso implica nas questões de crença ou descrença:

“... Dize (mais): Só a Deus pertence o argumento eloqüente. Se ele quisesse, Ter-vos-ia iluminado a todos.” (C.6 – V.149)

O Alcorão além disso anuncia sua rejeição à posição de fraqueza dos descrentes diante dos outros que tentam incitar a dificuldade para a fé e os fiéis:

“Aonde quer que te dirijas, orienta teu rosto para a Sagrada Mesquita. Onde quer que estejais (ó muçulmanos), voltai vossos rostos na direção dela, para que ninguém, salvo os iníquos, tenha argumento com que refutar-vos. Não temais! Temei a Mim, a fim de que Eu vos agrade com Minhas mercês, para que vos ilumineis.” (C.2 – V.150)

Em outros versículos o Alcorão nos narra sobre o envio dos Mensageiros como prenúncios e servidores das advertências, de modo que eles mostram ao povo o caminho da retidão, pois Deus não deseja deixar qualquer possível “atalho” para que nenhuma pessoa venha a se desviar da senda reta da doutrina e da vida:

“Foram mensageiros alvissareiros e admoestadores, para que os humanos não tivessem argumento algum ante Deus, depois do envio deles, pois Deus é Poderoso, Prudentíssimo”. (C.4 – V.165)

Todos esses versículos alcorânicos descrevem brilhantemente o modo Islâmico, que adota como prioridade a prova para a crença. Não deve haver crença sem evidência e nenhuma responsabilidade sem a presença da evidência. As condições adequadas devem estar constantes a fim de apresentarem a evidência divina. Isto com o propósito de induzir as pessoas a pensarem e travarem diálogo na sua jornada da dúvida para a fé, por isso é desejo de Deus dar a evidência conclusiva. Por isso que as pessoas não devem discutir com Ele sobre a não-disponibilidade da orientação, se elas se desviarem da senda reta, tampouco recorrerem contra os fiéis quando a crença e a descrença lutarem entre si.

O direito de defesa do Homem perante Deus

Mesmo no dia do Julgamento, o homem não estará diante de Deus com as mãos atadas, quando seu destino final estiver sendo determinado. Ele receberá toda oportunidade para travar diálogo e argumentar em sua defesa num julgamento justo, onde a justiça de Deus garante o direito natural do homem

de defender-se. Ou seja, mesmo perante Deus, que conhece todas as coisas, já que nada, seja na terra ou nos céus, escapa a seu conhecimento. Ele conhece o que o olho observa e o que as almas tentam esconder:

“Recordai-vos o dia em que cada alma advogará pela própria causa e em que todo o ser será recompensado segundo o que houver feito e (ambos) não serão defraudados”. (C.16 – V.111)

Em suma, o Islam quer que o homem esteja absolutamente satisfeito quanto a força da evidência apresentada a ele, um calmo e bem-informado debate sobre as questões relativas à doutrina e à responsabilidade; deve haver, para cada questão, uma resposta, já que a estrada para o caminho certo está claramente sinalizada. Do ponto de vista do Islam, o diálogo é a base fundamental para que se convoque os outros à crença em Deus e a adoração a Ele.

Capítulo 2

As Condições Adequadas para o Diálogo

Elementos e parâmetros do diálogo

Desnecessário dizer que deve existir o clima adequado para o diálogo de maneira que este se torne frutífero, ao invés de ser um exercício limitado ou cerceado, tanto na forma como no conteúdo.

No Alcorão, Deus desejou que seu Profeta (S.A.A.S.) firmasse a base correta para este clima tomando providências práticas para formular os parâmetros necessários. No topo da agenda está a personalidade de ambas as partes para o diálogo, ou seja, o iniciador e seu interlocutor, onde a mentalidade que anima o progresso do diálogo entra em jogo. Isto é, na via do conhecimento e finalmente da fé, e não na discussão obstruída.

Um sincero esforço deve ser feito para criar uma atmosfera calma e útil para suscitar idéias. Isto está muito distante de influências irritantes que confundem a mente humana e a distraem do pensar de modo independente e correto, não uma sombra dos outros. Com este clima disponível, ambas as partes começarão a reconhecer a tarefa a frente, tornar suas mentes claras para as linhas definidas do assunto sobre o qual desejam dialogar. Conseqüentemente, o modo de abordagem do diálogo terá influência sobre outros que serão atraídos por seu resultado, no que os fará mais próximos da noção do que tenha sido debatido.

Todavia, qualquer diálogo deve ter cinco elementos:

1. A personalidade do debatedor que conduz o diálogo.
2. A personalidade do seu interlocutor.
3. A criação de um clima calmo que conduza ao pensamento independente.
4. Conhecimento do assunto a ser debatido.
5. O estilo do diálogo.

Aqui, estamos fazendo um esforço sincero para discutir alguns detalhes desses cinco elementos, dentro do contexto de como o Alcorão articulou suas características gerais e específicas.

A personalidade do debatedor que conduz o diálogo

Naturalmente, em qualquer diálogo significativo entre duas pessoas para conduzir a um resultado conclusivo, este deve preencher uma condição fundamental. Cada uma das partes deve possuir liberdade intelectual, que forneça a ambos a confiança da independência, diferentemente de cair presa do temor psicológico e intelectual. Isso pode ocorrer como resultado do sentir-se inferior e, portanto desamparado diante da força intimidadora do interlocutor. Resultaria (neste caso) na dissolução da autoconfiança de uma das partes, o que por sua vez, minaria sua fé na causa (que defende) e na capacidade de ser um participante ativo no diálogo. Perderia então sua força intelectual, tornando-se um eco para as idéias de seu interlocutor.

Na prática o Profeta (S.A.A.S.) levou a cabo as instruções de Deus no Alcorão, assegurou que esta condição, ou seja, a garantia da liberdade intelectual da outra parte no diálogo, fosse cumprida. Em muitas ocasiões reiterou que era um ser humano como qualquer outro membro da raça humana, sem quaisquer super-poderes inatos. Ele não estava numa posição de operar milagres como foi requerido dele por certas pessoas. Ele não podia predizer o invisível. A única diferença era que ele tinha recebido a revelação de Deus, como seu mensageiro. Seu papel era comunicar a mensagem de modo persuasivo às pessoas, de to-

das as maneiras possíveis. Nenhuma compulsão estava envolvida, já que ele não possuía um condão mágico para fazê-las acreditar naquilo para que os convidassem a aceitar. Quanto às pessoas, estavam livres para aceitar seu convite à fé ou rejeitá-lo. No primeiro caso, ele teria conseguido o que tinha se proposto a fazer. No segundo caso, seu consolo seria que tinha transmitido a mensagem em nome de seu Senhor com o melhor de sua capacidade.

“Dize: Sou tão-somente um mortal como vós, a quem tem sido revelado que o vosso Deus é um Deus único. Por conseguinte, quem espera o comparecimento ante seu Senhor que pratique o bem e não associe ninguém ao culto d’Ele.” (C.18 – V.110)

“Dize: Eu mesmo não posso lograr, para mim, mais benefício nem mais prejuízo do que o que for da vontade de Deus. E se estivesse de posse do incognoscível, aproveitar-me-ia de muitos bens, e o infortúnio jamais me açoitaria. Porém, não sou mais do que um admoestador e alvissareiro para os fiéis”. (C.7 – V.188)

A personalidade do interlocutor no diálogo

Incumbe a parte que trava o diálogo preparar-se para o desafio que tem a sua frente, no qual deve estar muito bem preparada interior e exteriormente para aceitar os resultados que o diálogo produzirá. De outro modo, o diálogo se transformará num inútil bate-boca destinado a uma demonstração de força e de sofisma que não terá nenhuma influência sobre o assunto a ser debatido. Se acontecer isso, denotará que todo esforço foi algo preparado de antemão por razões pessoais e sociais que não tinham nenhuma relação com as convicções intelectuais dessa pessoa, convicções que devem basear-se na força da evidência e do argumento.

O Alcorão destacou este aspecto e falou daqueles que não desejavam aceitar o argumento sensato:

“Alguns deles te escutam; porém, anuviamos-lhes as mentes e ensurdecemos-lhes os ouvidos; por isso, não compreendem. E, mesmo quando virem qualquer sinal, não crerão nele; e até quando vêm a ti, vêm para refutar-te; e os incrédulos dizem: Isto não é mais do que fábulas dos primitivos! E impedem os demais, apartando-os dele (o Alcorão); mas, com isso, não fazem mais do que se prejudicar, sem o sentirem”. (C.6 – V.25 e 26)

“Quanto aos incrédulos, tento se lhes dá que os admoestes ou não os admoestes; não crerão. Deus selou os seus corações e os seus ouvidos; seus olhos estão velados e sofrerão um severo castigo”. (C.2 – V.6 e 7)

Estes versículos fazem uma descrição daqueles que podem ouvir o chamado a fé, embora seus corações e mentes se oponham a discerni-lo. Se os claros sinais vindos de Deus chegam a eles, eles viram a face como se não cressem neles, não porque não tenham respostas para justificar sua rejeição, ao contrário, eles desejam rejeitá-los em posições defensivas e obstinadas. Portanto a frase que usam diante dos ativistas Islâmicos, não expressa qualquer responsabilidade intelectual. Dizem: *“Isto não é mais do que fábulas dos primitivos!”*, sem nenhuma prova para incrementar seu argumento.

Exemplos dessas pessoas podem ser encontrados hoje. Muitas pessoas que nutrem inimizade para com as religiões, e que não possuem nenhum conhecimento com o qual possam confrontar o pensamento religioso em todos os seus dogmas e concepções da vida, não possuem arma alguma senão a de forjar palavras como *“superstições”* ou *“fábulas”* para rotular a religião. Algumas vezes, recorrem a fechar a porta para o debate insinuando que a religião teve seu *“prazo de garantia”* vencido e que foi substituída pela ciência. No entanto, não fundamentam isso com provas claras e evidências conclusivas, já que não são capacitados para fazê-lo.

Os versículos seguintes descrevem esta posição claramente, como extensão de a arrogância e de toda a negação cega do contra-argumento:

“Juraram solenemente por Deus que, se lhes chegasse um sinal, creriam nele. Dize-lhes: Os sinais só estão em poder de Deus. Porém, quem poderá fazer-vos compreender que, ainda que isto se verificasse, não

creriam? Assim confundimos seus corações e seus olhos, tal como fizemos quando disso duvidaram pela primeira vez, e os abandonamos, vacilantes, em sua transgressão. Ainda que lhes enviássemos os anjos, os mortos lhes falassem e congregássemos ante seus olhos toda a criação, nunca creriam, a menos que a Deus aprouvesse; porém, na maioria, são insipientes”. (C.6 – V.109 a 111)

Tais pessoas não queriam crer em Deus, requerendo de Mohammad (S.A.A.S.) que demonstrasse alguns feitos sobrenaturais como um pré-requisito para que abraçassem a fé. Entretanto, sabiam que seu pedido não seria considerado, já que produzir sinais não era uma brincadeira, ao contrário, isto estava sujeito à sabedoria divina, a qual não faria que nada acontecesse a não ser numa medida certa e em resposta a uma necessidade que certos desafios lançados aos mensageiros em dadas circunstâncias específicas.

Além disso, para aqueles que querem chegar até a verdade, a questão da fé não está, em essência, ligada ao operar milagres, ela tem de existir em qualquer lugar e em toda e qualquer posição que o Islam assume na existência. Conseqüentemente, não há lugar para a sagacidade, exceto tentativas inconsistentes e arrogantes de justificar suas posições a partir de uma base débil:

“Ainda que lhes enviássemos os anjos, os mortos lhes falassem e congregássemos ante seus olhos toda a criação, nunca creriam, a menos que a Deus aprouvesse; porém, na maioria, são insipientes.” (C.6 – V.111).

Não é, portanto, uma questão de requerer sinais e a resposta a eles; ou senão, ao invés disso, a posição defensiva de não estar preparado para aceitar a crença, desconsiderando-a. Eis um outro exemplo deste tipo de pessoa, que não tem nenhuma preocupação senão se firmar na sua posição, aconteça o que acontecer:

“Os néscios dizem: “Por que Deus não fala conosco, ou nos apresenta um sinal?” Assim falaram, com as mesmas palavras, os seus antepassados, porque os seus corações se assemelham aos deles. Temos elucidado os versículos para a gente persuadida”. (C.2 – V.118)

“E de quando disseram: Ó Deus, se esta é realmente a verdade que emana de Ti, faze com que caiam pedras do céu sobre nós, ou inflige-nos um doloroso castigo”. (C.8 – V.32)

Esta é a abordagem do ignorante, que tenta experimentar a crença em Deus pedindo para vê-lo, ou para falar diretamente com ele, ou até mesmo para provar seu castigo, a partir de uma posição de negação. Um exemplo disso, são aqueles que, no que compreendem como sendo desafiar a Deus, exibem e esticam suas mãos na presença de outros, dizendo: “Se Deus existe, que ele quebre nossas mãos.” Estes chegam mesmo a sugerir as crianças que peçam a Deus para que lhes envie água, comida ou sapatos, como um sinal de sua existência ou não.

Estes não são nada mais que métodos simplistas, provocativos e enganosos, os quais visam sujeitar a questão da crença à provocação e o desafio. Estas táticas são comumente adotadas por pessoas que reivindicam serem importantes e grandes, estes portanto, cercam-se de uma aura de magnificência que, pensam, tornará a questão de sua crença ou descrença, algo de grande impacto na existência. Eis como o Alcorão retratou este tipo de pessoa:

“Aqueles que disputam acerca dos versículos de Deus, sem autoridade concedida, não abrigam em seus peitos senão a soberbia, com a qual jamais lograrão o que quer que seja: ampara-te, pois, em Deus, porque é o Oniouvinte, o Onividente”. (C.40 – V.56)

“Aqueles que não esperam o comparecimento ante Nós, dizem: Por que não nos são enviados os anjos, ou não vemos nosso Senhor? Na verdade, eles se ensoberbeceram e excederam em muito!” (C.25 – V.21)

Ao contrário desta imagem sombria que o Alcorão traçou para os obstinados insensatos, que são inflexíveis na descrença, a despeito da disponibilidade de evidências conclusivas que poderiam fazê-los crer, um quadro iluminado é apresentado para a pessoa brilhante que está em busca da verdade. Isto foi abrangido na pessoa do Profeta Abraão (A.S.), no diálogo sobre a distinção entre a verdade e a falsidade. Ele costumava expor para si mesmo as

questões da falsidade, então, iniciava o processo de busca espiritual a fim de alcançar a verdade, que o conduziria ao campo da autêntica crença através da mais curta e sólida das rotas. Imagine a brilhante visão de uma pessoa, calma e recolhida, numa procura pela verdade a partir de uma posição de dúvida. Assim, ele passou a assumir o papel da outra parte no diálogo e começou o processo de alcançar a certeza através do auto-questionamento:

“E foi como mostramos a Abraão o reino dos céus e da terra, para que se contasse entre os persuadidos. Quando a noite o envolveu, viu uma estrela e disse: Eis aqui meu Senhor! Porém, quando esta desapareceu, disse: Não adoro os que desaparecem. Quando viu desapontar a lua, disse: Eis aqui meu Senhor! Porém, quando esta desapareceu, disse: Se meu Senhor não me iluminar, contar-me-ei entre os extraviados. E quando viu despontar o sol, exclamou: Eis aqui meu Senhor! Este é maior! Porém, quando este se pôs, disse: Ó povo meu, não faço parte da vossa idolatria! Eu me consagro a Quem criou os céus e a terra; sou monoteísta e não me conto entre os idólatras”. (C.6 – V.75 a 79)

Do mesmo modo os ignorantes e os simplórios dentre o povo de Abraão começaram sua jornada na busca de algo para crer, sucumbindo sob o encanto dos fenômenos cósmicos já que representam grandeza e ambigüidade. Na psique das pessoas, a adoração das estrelas, da lua e do sol foi levada a sério. As diferentes formas que estas adorações assumiram seguiam as diferentes formas que esses astros tomavam; em que os deuses, como compreendemos, progrediam do menor para o maior. Primeiro, esta abordagem progressiva, foi considerada no modo de pensar de Abraão como sendo uma delas. Ele decidiu por considerar o Sol como ”Deus”, pois este é maior do que a Lua, portanto, seria digno de adoração, devido este possuir maiores características de adoração do que os demais astros.

A mudança do seu modo de pensar foi influenciada pelo conceito de superioridade e inferioridade, como no caso de se observar um objeto ou outro. Entretanto, sempre que uma certa estrela ou planeta se punha, havia um indício de fraqueza, isto tornava os astros indignos de serem (tidos como) “Deus”; o Deus que criou o universo e o dirige; fato este que o fazia possuidor

de poder infinito e de onipresença. Assim, Abraão (A.S.) conseguiu substituir sua fugaz e transitória crença por uma fé absoluta no Criador dos Céus e da Terra, cuja presença é demonstrada nas manifestações do que Ele criou. Além disso, o que faz esta fé enraizar-se é o sentimento de continuidade da presença divina, visto que é manifesta pela contínua atividade do universo em sua ordem e permanência. Este foi um vívido quadro de uma pessoa que experimentou as preocupações do conhecimento a fim de alcançar a certeza da fé. Portanto, essas pessoas seguem os passos do conhecimento num espírito consciencioso e livre de preconceitos, sempre submisso à verdade em todas as provas e evidências fornecidas.

O Alcorão Sagrado apresenta-nos uma outra situação na qual o Profeta Abraão (A.S.) é retratado como um ser humano que em virtude de sua natureza, possui um desejo ardente de fé, contudo precisa atravessar para um outro plano, o da paz de espírito, já que ele havia se posto em busca daquilo que pode garantir aquela muito procurada serenidade de coração e mente:

“E de quando Abraão implorou: Ó Senhor meu, mostra-me como resuscitas os mortos; disse-lhe Deus: Acaso, ainda não crês? Afirmou: Sim, porém, faze-o, para a tranqüilidade do meu coração. Disse-lhe: Toma quatro pássaros, treina-os para que voltem a ti, e coloca uma parte deles sobre cada montanha; chama-os, em seguida, que virão, velozmente, até ti; e sabe que Deus é Poderoso, Prudentíssimo”. (C.2 – V.260)

Visto que ele acreditou na onipotência divina, uma crença originada de uma mente sensata e de uma aguda e observadora percepção, quis unir isso à força dos resultados tangíveis porque estes podem atrelar o coração à mente, o intelecto à percepção. Seu pedido não surgiu do desafio, longe disso, foi uma prece e um rogo, e ele foi impelido por um senso de necessidade e responsabilidade no âmbito de sua sociedade incrédula, cujo equilíbrio estava abalado nas bases por uma multiplicidade de direções em que haviam se extraviado.

Desses dois lados da personalidade de Abraão (A.S.), em seu dinâmico diálogo na senda fé, alguém pode imaginar o aspecto religioso da outra parte no diálogo, a parte que quer chegar até a verdade, não poupando esforços para alcançar este objetivo, não se distraindo nem sendo frustrado por nada.

A criação de um clima calmo para o raciocínio independente

Talvez o mais importante requisito para percorrer a distância para alcançar o objetivo do diálogo é a presença do ambiente adequado que seja proveitoso ao ser humano, longe de situações tensas que formem barreiras à sua necessidade de contemplação. Há sempre o risco que algumas pessoas possam cair vítimas do padrão geral de pensamento predominante em seu meio social, o que pode dar lugar ao excessivo entusiasmo em seguir algumas idéias ou conceitos, e a rejeição de outras.

Assim, elas podem inconscientemente e sem muita reflexão, seguir o mesmo padrão como conseqüência natural de sua condição de pertencer ao mesmo caldo cultural. Essa situação negará ao indivíduo sua independência intelectual e seu caráter distinto, e o transformará numa mera sombra de si mesmo.

O Alcorão Sagrado comunicou-nos o estilo de diálogo que o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) utilizava com seus oponentes, especialmente quando eles o acusavam de insanidade. A mensagem foi clara e audível:

“Dize-lhes: Exorto-vos a uma só coisa: que vos consagreis a Deus, em pares ou individualmente; e refleti. Vosso companheiro não é um energúmeno. Ele não é senão vosso admoestador, que vos adverte, face a um terrível castigo”. (C.34 – V.46)

Portanto, a revelação divina atribuiu a acusação de que o Profeta (S.A.A.S.) estaria louco ao agitado clima que caracterizava o campo de obsessiva inimizade de seus adversários. Eles estavam privados de qualquer critério pelo qual pudessem discernir as coisas boas das más, suas idéias eram um reflexo das idéias de outros. Esta é a razão por que se pedia para que se dispersarem em grupos menores ou individualmente em uma discussão intelectual que pudesse restaurar suas faculdades individuais de raciocínio, de modo que pudessem decidir no mais curto espaço de tempo. Isto era assim porque a atividade intelectual calma lhes daria a oportunidade de ponderar sobre o caráter de Mohammad (S.A.A.S.), suas idéias e os preceitos de sua mensagem. O resultado desejado era que pudessem por tudo isto em perspectiva,

levando-os a rescindir a acusação de insanidade definitivamente. Uma conclusão natural então se seguiria, ou seja, o reconhecimento que ele era o Mensageiro de Deus para o povo, para alertá-lo de uma iminente e severa punição.

Circunstâncias similares em que a histeria governou podem ser encontradas em todos os lugares onde o Islam esteja engajado numa penosa luta contra os inimigos de Deus, sejam eles ateístas ou outros adversários, em questões de fé ou *Shariah* (lei divina). Acusações são lançadas em todas as direções, tudo numa tentativa de desviar aqueles que convocam os membros da sociedade para o caminho de Deus através da pura ideologia Islâmica. Isto é percebido como oposição às realidades do extravio e da descrença que são abundantes em certas comunidades. Assim, os inimigos de Deus não poupam esforços em empreender campanhas bem organizadas de vilipêndio aos verdadeiros fiéis. No contexto do avanço social e ideológico, eles são incompetentes e reacionários. Podem também ser acusados de antipatriotas. No âmbito da libertação política, podem ser acusados de colaborarem com as forças colonialistas.

A guerra contra o Islam parece não ter limites, alguns grupos aparentemente exploram a alienação da sociedade, tendo se distanciado sobremaneira do espírito e dos ensinamentos Islâmicos. O fato é que o Islam tornou-se refém de leis estrangeiras e as normas formaram esta situação que deram a esses grupos a oportunidade de instigar o povo a atacar o que o Islam defende. Um exemplo disso é a tentativa de retratar o código penal Islâmico, a pena de amputação da mão de um ladrão, por exemplo, como sendo bárbaro, divergindo das leis dos tempos modernos, as quais, alegam, tratam o crime do furto por um método científico com base na psicologia e na sociologia, sem violência ou severidade. Eles surgem para fazer tais acusações sem considerarem o fato que experiências práticas deste tipo de punição provaram-se bem-sucedidas na eliminação deste crime em algumas sociedades contemporâneas, enquanto que por outro lado, as muitas abordagens científicas para diminuir o flagelo do roubo nas nações mais desenvolvidas não alcançaram quaisquer resultados tangíveis.

Com o objetivo de desacreditar a lei Islâmica, eles, além disso, sustentam que amputando a mão dos ladrões criar-se-ia um grupo de pessoas que viveriam como parasitas na sociedade, por não estarem mais capacitados para trabalhar devido ao estado de deficiência física a que foram reduzidos. Em sua inventiva parecem ignorar os aspectos fundamentais da legislação para

considerar os lucros e as perdas na vida da sociedade. Assim, almejam incitar sentimentos hostis contra o Islam, uma atmosfera carregada que não deixa qualquer lugar para que os ativistas Islâmicos travem um expressivo debate com seus adversários.

Uma outra frente tem sido aberta na guerra contra o Islam. A das mulheres e de seus direitos. O *hijáb* (o véu), a poligamia, a lei do matrimônio e em especial do divórcio, e outras questões, que podem ter alguns efeitos negativos sobre algumas sociedades que foram criadas sob conceitos extraviados e opiniões desorientadas. Isto é encontrado nas sociedades do ocidente, que tratam o divórcio e a poligamia a partir do ponto de vista cristão, que é a marca da ideologia ocidental. Não surpreende, portanto, que alguns dos governantes muçulmanos tenham sucumbido ao ataque dos legisladores e sociólogos ocidentais, aprovando leis que contrariam a lei de Deus, Todo-Poderoso, com pouca ou nenhuma consideração para seus aspectos positivos. Eles tomam essa posição por medo de serem acusados de reacionários, sem atentarem para as razões por trás da campanha para vilipendiar a lei Islâmica, que visa atender os interesses da raça humana como um todo, sem explorar sentimentos que não são capazes de prestar suporte a qualquer lei.

O ataque insano ao Islam tem se refletido na árdua luta que os muçulmanos enfrentam para infundir firmemente na vida, conceitos econômicos Islâmicos independentes, para por um fim em ambas, a ideologia capitalista e a filosofia materialista do socialismo marxista.

Um exemplo que se pode testemunhar nesta frente é a injusta acusação que o Islam nega os direitos da classe trabalhadora por se aliar com as classes exploradoras e monopolistas, em razão da sua posição acerca da propriedade individual e sua proteção. Esta acusação é feita sem qualquer tentativa da parte dos acusadores para ver por eles mesmos o sincero esforço do Islam para proteger a sociedade dos excessos, se houver algum, dos grandes proprietários, através do seu sistema legal.

Ativistas Islâmicos enfrentam todas essas acusações numa atmosfera tensa. Esta é uma estratégia deliberada a fim de impelir as massas a uma posição onde o debate seja impossível, de modo que não possam pensar com independência em virtude seu estado emocional. Em tal situação, os ativistas Islâmicos devem dar o melhor de si para conduzir o diálogo longe deste ambiente, onde

a inimizade em relação ao Islam é uma prévia conclusão, para um clima mais calmo, no qual as pessoas possam novamente observar por si mesmas a opção do argumento. Nesta ocasião a jornada do diálogo pode ser reiniciada partindo do limiar do intelecto, ao invés do limite do mesmo.

Em seu esforço para criar o clima ideal para um debate bem-informado, os ativistas Islâmicos não devem perder de vista certas situações onde ambas as partes do diálogo podem ser influenciadas por um enraizado senso de respeito pelo que acreditam e defendem. Essencialmente, este sentimento de afinidade se baseia em emoções ao invés de serenidade racional, o que torna o debate difícil para aqueles preocupados em livrar-se de alguma pressão social ou ideológica.

Um exemplo claro dessa atitude é a posição das pessoas frente a frente com as tradições e crenças de seus antepassados. Nesta situação o grau com que eles defendem essas tradições e crenças estará ligado ao nível em que respeitam estes antepassados. Portanto, parece não haver nenhuma possibilidade para que admitam que possam estar errados, por medo de condenarem os antepassados e mancharem sua imagem, vendo qualquer mudança de curso como uma traição a sua memória. Estas são questões sentimentais, não racionais.

O Profeta (S.A.A.S.) teve que enfrentar esta situação com sua própria tribo, os árabes em geral e outras nações. Isso ocorreu quando ele os enfrentou com a fé e a lei Islâmica, que se opunha às crenças e normas tribais herdadas dos pais e antepassados. O resultado foi que eles o afrontaram e que ele demonstrou tolerância porque queria que endireitassem suas veredas, ou seja, se afastassem das crenças errôneas de seus antepassados e adotassem a orientação de Deus e de seu Mensageiro. O que foi surpreendente é que eles não possuíam qualquer prova ou evidência da sensatez de suas crenças, exceto o fato de serem as crenças dos seus pais e antepassados, o que, segundo seu modo de pensar, constituía-se a vontade de Deus em todas as coisas, e portanto a ligação entre a santidade sentimental e a vontade divina, na sua percepção.

Desde que esse era o caso, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) dobrou seus esforços, primeiro, para discutir com eles a abordagem ideológica, antes de raciocinar com eles sobre a natureza da idéia e seus detalhes. Esta foi uma tentativa de fazê-los conscientes da verdade perene que pareciam ter esquecido, estas questões ideológicas não sofrem qualquer influência pessoal, cada uma delas tem os seus próprios domínios, fundamentos e ramificações. Ques-

tões ideológicas emanam do intelecto humano e não estão sujeitas a quaisquer influências, quer sejam emocionais ou externas. Ao iniciar seu caminho na senda da crença ou da descrença o homem tem que explorar a questão em sua situação natural, por intermédio de seus fatores internos e externos. Se não fosse por isso, o Profeta (S.A.A.S.) não teria alcançado um evidente resultado com eles, porque, dada as suas posições defensivas sobre o passado, não estavam preparados para o debate, quanto mais para permitir que tentasse convencê-los. O estilo de apresentar a idéia e discutir a abordagem delineado nos seguintes versículos põe a questão em perspectiva:

“Quando lhes é dito: Segui o que Deus revelou! Dizem: Qual! Só seguimos as pegadas dos nossos pais! Segui-las-iam ainda que seus pais fossem destituídos de compreensão e orientação?” (C.2 – V.170)

“Responderam-lhe: bem pouco se nos dá que nos exortes ou que não sejas um dos exortadores, porque isto não é mais do que fábulas dos primitivos. E jamais serão castigados!” (C.26 – V.136 a 138)

“Não! Porém, dizem: Em verdade, deparamo-nos com os nossos pais a praticarem um culto, por cujos rastros nos guiamos. Do mesmo modo, não enviamos, antes de ti, qualquer admoestador a uma cidade, sem que os abastados, dentre eles, dissessem: Em verdade, deparamo-nos com os nossos pais a praticarem um culto, cujos rastros seguimos. Disse-lhes: Quê! Ainda que eu vos trouxesse melhor orientação do que aquela que seguiam os vossos pais? Responderam: Fica sabendo que renegamos a tua missão”. (C.43 – V.22 a 24)

Pode-se detectar uma atitude de obstinada rejeição a mensagem divina porque ela tinha contradito o que seus pais estavam a seguir. A abordagem alcorânica ao rejeitar seus argumentos estava questionando a capacidade intelectual de seus pais. Ela também os convidava a se engajarem num processo de avaliação do que haviam herdado e da revelação divina para a qual estavam sendo convocados. Era possível que eles vissem a força dos argumentos apresentados pela dita revelação e sua superioridade sobre a herança cultural.

Portanto, acreditamos que os ativistas Islâmicos devem estar cientes deste aspecto quando enfrentam uma situação similar. Não devem poupar esforços para retirarem-se do clima de inviolabilidade em que relacionam a sua herança cultural para um clima mais natural, lançando dúvida sobre o que considerem sacrossanto e desfazendo a aura que tenham posto ao redor de seus pais. Deve ser ressaltado a eles que manter seus pais em alta consideração não deve significar que eles não estejam sujeitos a cometer erros, isto é, não foram infalíveis em suas crenças e ações.

O que está diante de nós neste clima não está confinado ao tratar a herança cultural como sagrada. Podemos encontrar o tipo de pessoa que recusará a debater o contra-argumento dos seguidores partidários, como muitos partidos infundem nas mentes de seus membros a idéia de firmar-se tenazmente à ideologia do partido, não considerando o fato que, se debatida, ela possa ser provada como equivocada. O mesmo pode ser dito das pessoas que prestam obediência a um determinado líder, um ícone social, ou um intelectual de renome.

A abordagem correta e prática deve, portanto, estar centrada na discussão pelos partidos para o diálogo, do modo pelo qual eles se libertarão das algemas do apego tradicional para aquilo que eles entendem como inviolável. Isto garantirá um bom começo, no qual os interlocutores estarão à vontade e capacitados a travar o diálogo livremente, se acaso estiverem ansiosos para uma boa conclusão. O Alcorão Sagrado deixou bastante claro para o Profeta (S.A.A.S.) que ele deveria tornar disponível o clima natural para o diálogo. Isto é capaz de levar o diálogo ao seu objetivo sem conflitos negativos posteriores, tampouco uma repentina eclosão de emoções. O caminho para a crença então será semeado de agradáveis surpresas, não uma prática rude que resulte em amargura, ódio e inimizade.

Conhecimento sobre o assunto do diálogo

Todas as partes do diálogo devem possuir conhecimento sobre o assunto no qual pretendem provar ou refutar, pois ignorância nesta matéria transformará o debate numa discussão onde cada parte se esforçará para ocultar suas fraquezas, por exemplo, mantendo-se firme na defesa de um único aspecto do argumento. Contrário a isso, o conhecimento sobre a questão a ser debatida

fornecerá a cada uma das partes a munição necessária para uma troca de pontos de vista do começo ao fim, com clareza de propósito, serenidade mental, a força da prova e a delicadeza da oratória.

O Alcorão Sagrado relatou sobre algumas pessoas que se opuseram ao Profeta (S.A.A.S.) e sua missão, por pura ignorância:

“Vá lá que discutais sobre o que conheceis. Por que discutis, então, sobre coisas das quais não tendes conhecimento algum? Deus sabe e vós ignorais”. (C.3 – V.66)

“Aqueles que disputam acerca dos versículos de Deus, sem autoridade concedida, não abrigam em seus peitos senão a soberbia, com a qual jamais lograrão o que quer que seja: ampara-te, pois, em Deus, porque é o Oniouvinte, o Onividente”. (C.40 – V.56)

“Porém, desmentiram o que não lograram conhecer, mesmo quando a sua interpretação não lhes havia chegado. Do mesmo modo seus antepassados desmentiram. Repara, pois, qual foi o destino dos iníquos”. (C.10 – V.39)

Podemos constatar desses versículos que o Alcorão está criticando todos aqueles que contestam as revelações divinas e o envio dos profetas, tendo entrado no debate sem os recursos adequados pois são privados de qualquer conhecimento ou prova sobre o assunto que estão a rejeitar. Isto certamente provará que suas altercações e negações se baseiam em caprichos induzidos por um complexo psicológico, com o qual recorrem a conversas levianas, a evasivas e a descrença. Tal abordagem conduzirá o diálogo a lugar nenhum, em prejuízo do conhecimento e da verdade.

Uma alusão a isto pode ser encontrada no embate do Islam contra seus oponentes, existem muitos que escolhem discutir uma questão ou outra sem possuir sequer a mínima idéia sobre a natureza do que estão defendendo ou rejeitando. Isto se aplica a alguns grupos que falam em nome do Islam, tanto quanto aos seus adversários. Conhecem muito pouco sobre seu próprio argumento, quanto mais sobre os da parte oposta, os quais estão velados em sua mente com a ambigüidade. Podem, entretanto, estar munidos de algum

conhecimento, tão limitado em seu conteúdo e aplicação que ignoram a relação dessas com as outras partes que formam o todo do quebra-cabeça. Assim, prestam um desserviço à questão quando se concentram sobre uma parte e não ao resto, já que isso causa perda em substância ao que poderia dar força e vibração.

É natural, pois, que alcancemos um resultado inconclusivo de um diálogo que pode às vezes deixar os defensores do Islam numa nada invejável situação. Isto, contudo, não acontece como resultado de uma fraqueza da causa, antes, eles carecem de conhecimento sobre a mesma. Os ativistas muçulmanos podem abaixar sua guarda, satisfazer-se na sensação de que sua causa é forte, e conseqüentemente, perder um debate que pode ser fraco. Isto pode ser a ponta do iceberg, já que eventualmente pode resultar em desastrosas conseqüências, em que venham a perder a vontade de enfrentar as verdadeiras forças da mentira e da descrença, que são representadas pelos intelectuais de alto gabarito. E assim, serão pegos de surpresa. Em certas circunstâncias, isto conduziria a uma derrota intelectual que afetaria gravemente o progresso do ativismo Islâmico.

Somos, portanto, da opinião que os ativistas devem manter-se a par dos movimentos culturais e educacionais Islâmicos. Isto pode firmá-los num sólido terreno quando se engajarem no debate com seus oponentes, discutindo de uma posição de força ao invés de explorar as deficiências dos adversários. Por outro lado devem também manter-se informados sobre a cultura contrária, especialmente onde pensem que isso auxilie sua posição de argumentação. Esta atitude pode guiar seus passos através do processo de comparar as coisas e fazer opções considerando os conceitos ou exposições da crença a ser debatida para um resultado conclusivo, um resultado que pode ser influenciado pela força ou pela fraqueza do oponente, de acordo com seu estilo de debate, conhecimentos e evidências.

O Estilo do diálogo

Dos relatos alcorânicos, o Islam concluiu que existem dois caminhos para o debate ou a discussão intelectual.

Há o estilo duro ou violento, que apóia a noção de atacar o oponente com a mais rude linguagem e métodos, optando por usar tudo o que contribua para ferir seus sentimentos e degradar sua integridade. Assim, não há nenhum res-

peito aos seus sentimentos, nenhuma consideração por sua reputação e nenhum cuidado para com as suas condições, ao contrário, parece como se estivesse se empenhando num ataque completo. Desnecessário dizer que esta abordagem não pode produzir nada senão mais ressentimento, ódio e animosidade, e um afastamento do clima que seja proveitoso para esclarecer opiniões e conduzir o esforço até uma conclusão satisfatória.

O outro caminho do debate intelectual é aquele da não-violência, do caminho da paz, o que os paladinos da tolerância e do amor usam como um meio para ajustar as disputas e diferenças. Este caminho se origina do princípio Islâmico que reconhece que a questão do esforço, em todas as suas formas, é um dinâmico e sincero meio para se atingir o objetivo, isto é, abraçar a verdade e se conformar a ela, e galvanizar a opinião pública para que tome partido deste objetivo e se identifique com o mesmo. É, portanto, necessário para este método de debate ter em seu arsenal tudo aquilo que seja bom e agradável, ou seja, aquilo que abre os corações e mentes para a verdade e apresente as opiniões mais próximas do caminho do pensamento do Islam e de suas injunções, longe do que seja mal e negativo.

O Islam conclama para que se apóie este caminho em todas as abordagens do diálogo e da argumentação, com o fito de adquirir conhecimento e se chegar até a verdade. O Islam denominou este caminho de *“Aquele que é o melhor”*. É, portanto, a marca distintiva de todos os métodos para o diálogo:

“E quem é mais eloqüente do que quem convoca (os demais) a Deus, pratica o bem e diz: Certamente sou um dos muçulmanos? Jamais poderão equiparar-se a bondade e a maldade! Retribuí (ó Mohammad) o mal da melhor forma possível, e eis que aquele que nutria inimizade por ti converter-se-á em íntimo amigo! Porém a ninguém se concederá isso, senão aos tolerantes, e a ninguém se concederá isso, senão aos bem-aventurados”. (C.41 – V.33 a 35)

É bastante claro que *“fazendo o bem”* defende-se o caminho da paz, ao passo que o *“mal”* simboliza o caminho violento.

É também esclarecido que quando o Alcorão recomenda o uso dos meios da não-violência, está seguro quanto aos bons resultados que serão colhidos pelo uso

desses métodos, em que alguém transforma seus inimigos em amigos, juntando-se a essa pessoa no que esteja pensando ou no que queira fazer. O Alcorão é, contudo, ciente de que trilhar esta senda não é fácil, requer resistência e uma fé virtuosa, porque isso pode testar os nervos de alguém em situações que requerem que se esteja à altura dos desafios e que se enfrente os problemas inerentes à luta.

Isto foi discutido em outros dois versículos concernentes ao chamado para o caminho de Deus e o diálogo direto:

“Convoca (os humanos) à senda do teu Senhor com sabedoria e uma bela exortação; dialoga com eles de maneira benevolente, porque teu Senhor é o mais conhecedor de quem se desvia da Sua senda, assim como é o mais conhecedor dos encaminhados”. (C.16 – V.125)

“E não disputeis com os adeptos do Livro, senão da melhor forma, exceto com os iníquos, dentre eles. Dizei-lhes: Cremos no que nos foi revelado, assim como no que vos foi revelado antes; nosso Deus e o vosso são Um e a Ele nos submetemos”. (C.29 – V.46)

Engajar-se no debate com outros utilizando a melhor abordagem pode convencê-los a aceitar a sua posição. Ao usar esta abordagem os ativistas Islâmicos devem permanecer alerta através de todos os modos de mudança do diálogo a fim de escolher a abordagem que mais corresponda a um dado estágio do progresso do diálogo. Isto é aplicável às experiências comunicativas como também ao significado do que alguém esteja tentando fazer com que seja aceito.

Um exemplo desta abordagem é o que o último versículo trata, do debate com os povos do Livro, isto é, nenhuma abordagem senão a melhor delas. O versículo expõe o explorar as bases comuns entre eles e nós, entre o que cremos e que eles crêem. A grande importância do Islam é que ele parte de uma crença compartilhada em todas as revelações de Deus e seus mensageiros, de maneira que todos nós adoramos a Deus e nos submetemos a Ele. Assim, o diálogo parte de uma base compartilhada, que pode servir como um trampolim para promover um possível encontro de mentes em outras questões, depois que um acordo tenha sido alcançado nas que são fundamentais.

Dúvida no Caminho para a Certeza

O modo adotado pelo Profeta (S.A.A.S.) para conduzir o diálogo com seus oponentes demonstrava o dinamismo e a flexibilidade da abordagem Islâmica. O progresso de sua missão foi caracterizado em suas bases, no seu geral, como também em suas especificidades, por essas qualidades. Ele foi a pessoa que criou o clima certo para o diálogo e sua condução, exortando o povo a abraçar o Islam de acordo a esta estrutura de fundamentos.

Como foi exemplificado pelo modo que o Profeta (S.A.A.S.) conduziu, nos tornamos cientes de duas abordagens práticas no ativismo Islâmico.

A primeira delas está focada em por fim às idéias preconcebidas que possam tornar a situação complicada, estendendo sua sombra para todos os domínios do diálogo. Preconceitos constituem uma barreira para o fato de sentir-se livre quanto ao que aceitar ou o que rejeitar. Desta maneira garante-se que ambas as partes do debate possam iniciar a partir da aceitação de que a dúvida que possa estar retardando o raciocínio seja algo deliberado. O que se conclui que ambas as partes podem explorar as idéias novamente, como se não tivessem as discutido antes. Não deve haver qualquer pré-julgamento de uma ou de outra parte considerando a questão em pauta, quer seja verdadeira ou falsa, ao contrário, um mútuo reconhecimento que queiram alcançar a verdade por intermédio de um honesto e bem-informado debate, na senda do esforço de se chegar a um entendimento, como foi demonstrado neste versículo alcorânico:

“Dize-lhes: Quem vos agracia, seja do céu, seja da terra? Dize: Deus! Portanto, certamente, ou nós estamos guiados ou vós estais orientados, ou em erro evidente”. (C.34 – V.24)

Como está evidente, o Profeta (S.A.A.S.), ao adotar esta abordagem, não retratou a si mesmo como “o que tem a razão” nem rotulou seu adversário como “o que está errado”, muito embora em sua mente estivesse absolutamente seguro que este era o caso. Estava ciente que deveria dar autonomia para que a questão fosse debatida numa atmosfera liberal, de maneira que o debate alcançasse seu requerido destino a partir de uma base de liberdade intelectual num diálogo mantido no caminho certo.

A segunda abordagem o Profeta (S.A.A.S.) adotou para conduzir um diálogo frutífero ao enfrentar os oponentes com a plena força de suas convicções, baseado no poder e na clareza da prova, por um lado, e no erro manifesto dos oponentes, por outro. Ainda que ele não deixasse aos oponentes nenhuma dúvida de que as convicções não eram permeáveis, naquele caso todas as portas eram abertas para uma mútua troca de opiniões, se eventualmente seus oponentes sentissem que tinham algo novo para debater. Isto poderia ter uma influência sobre o resultado final, já que eles podiam, talvez, passar o dia tentando provar que seu caminho era superior e corretamente orientado. Esta abordagem é capaz de tornar a situação livre das tensões, de ser duramente acusado de fanatismo ou inflexibilidade, o que conduziria o assunto a uma estagnação, impossibilitando que este fosse debatido de modo apropriado. Esta liberdade de retornar ao debate das questões empresta clareza à posição de fé, no sentido que ele possa lançar um desafio e, ao mesmo tempo, aceitar os desafios da outra parte sempre que surja a necessidade:

“Dize-lhes: Apresentai um livro, da parte de Deus, que seja melhor guia do que qualquer um destes (Alcorão e Tora); então, eu o seguirei, se estiverdes certos”. (C.28 – V.49)

Portanto, o ponto crucial da questão é que há um nítido caminho que deve ser seguido em direção à crença. Nossa fé neste caminho se baseia na convicção que este é o caminho certo, e que qualquer outro não é senão um extravio. Se acaso alguém tenha um caminho melhor ou um livro mais evidente, então nos oriente para isso, porque não sofremos de qualquer complexo de superioridade, nós mantemos nossa mente receptiva.

As duas abordagens encontram-se no ponto de dar toda a liberdade para o processo do diálogo. A primeira parte reinicia o diálogo, de um ponto em que se semeia a dúvida no caminho da certeza, desconsiderando todas as persuasões afirmadas anteriormente. A segunda abordagem se aferra às convicções, porém, em razão do requerido dinamismo para debater os argumentos contrários, lhes dá oportunidade de aceitação sobre novas bases plausíveis.

Como ativistas Islâmicos, devemos perceber a necessidade de ambas as abordagens a fim de nos capacitarmos a superar todas as barreiras intelectuais

ou psicológicas que os adversários do chamado à Senda de Deus tentam colocar a nossa frente. Tais barreiras tomam diferentes formas e aspectos, incluindo as injustas acusações inventadas contra o Islam, as quais se originam do fanatismo, da inflexibilidade e do obscurantismo, e que nos impede de atrair nossos oponentes para o diálogo.

Nós também podemos perceber a importância de tal abordagem em razão de um senso de necessidade de se superar as posições defensivas dos oponentes, que impedem que seus seguidores travem diálogo conosco, o que poderia levá-los a abraçar a crença em Deus. Esta abordagem pode provar-se útil em induzir estas pessoas a levantar dúvidas sobre suas próprias crenças em razão de convidá-los a explorar a possibilidade de se provar certas ou erradas às nossas e às suas crenças.

Uma outra abordagem pode ser sugerida aos seus oponentes. É a que você não se importa em dar apoio a sua posição, puxando a sua linha de crença, se eles puderem convencê-lo que o sistema de crença deles seja superior ao seu, e que esteja num caminho mais evidente. Assim, você os atrairá para que se engajem no diálogo na esperança de que possam convencê-lo a aceitar seus pontos de vista. Ao fazer isso, conseguirá destruir a barreira que os impede de se entenderem com você a esse respeito.

Discutindo com a Falsidade

Tendo discutido os princípios fundamentais que podem criar o ambiente mais apropriado para iniciar o processo do diálogo a partir de uma sólida base, podemos encarar uma questão decisiva nesta frente:

É possível que possamos nos engajar no debate contra o conhecimento do que acreditamos que seja falso, ou que parte de pontos de vista que não compartilhamos, por que essa pode ser uma abordagem que possa quebrar o gelo e suavizar o oponente, forçando-o assim a abandonar sua posição defensiva?

É permissível conduzir uma discussão que esteja baseada na falsidade, se esta provou-se gratificante no processo do diálogo?

O Alcorão discute esta questão neste versículo, onde sua condenação é evidente:

“Jamais enviamos mensageiros, a não ser como alvissareiros e admoestadores; porém, os incrédulos disputam com vãos argumentos a falsidade, para com ela refutarem a verdade; e tomam os Meus versículos e as Minhas advertências como objeto de escárnio”. (C.18 – V.56)

Em outro versículo, o Livro de Deus nos fala, assim:

“E também há aqueles que, com suas línguas, deturpam os versículos do Livro, para que peneis que ao Livro pertencem, quando isso não é verdade. E dizem: Estes (versículos) emanam de Deus, quando não emanam de Deus. Dizem mentiras a respeito de Deus, conscientemente”. (C.3 – V.78)

Condenar tais pessoas pela falsidade que apóiam é análogo à idéia que convida a fidelidade rejeitando as mentiras completamente em qualquer situação em que possam estar. Seja uma luta com a verdade para miná-la, ou no contexto de lutar com a falsidade, numa tentativa de enfraquecê-la, por inventar uma falsidade similar. Em ambos os exemplos, há um caso de perpetuar a falsidade e emprestar a ela legitimidade, não importando o resultado final, seja a favor da verdade ou da falsidade.

Este princípio está também elaborado nesta tradição do Imam Ja‘far Assadeq (A.S.): *“Não confundam a verdade com a falsidade, uma pequena medida da verdade é mais efetiva do que uma farta medida da falsidade”.*

Sobre a diferença entre argumentar com as pessoas por aquilo que seja melhor e discutir com elas por aquilo que não o seja, é relatado que tenha dito:

“Quanto ao discutir por aquilo que não seja o melhor, é como se você estivesse altercando com um mentiroso que se apresentasse com palavras levianas e você não estivesse em condição de refutar a isso com uma prova divina; então você não quer reconhecer aquilo, nem rejeitar uma verdade que o mentiroso tenha tomado para usar em suporte a sua mentira; você não encontra nenhum jeito senão o de repudiar aquela verdade, por temor de reconhecer a (falsa) causa defendida por ele. Isto é proibido para os nossos seguidores, sendo a fonte de intriga ou prova para aqueles que são considerados fracos por seus irmãos e pelos men-

tirosos. Quanto aos mentirosos, quando entram num debate, exploram as deficiências dos que são fracos e a fragilidade de suas provas, com evidências sobre “a força” de seus falsos argumentos. Com respeito aos fracos, se sentirão tristes pela aparência de fraqueza da verdade perante a falsidade”.

Todavia, podemos estar numa posição de compreender a questão de modo mais completo se conhecermos uma verdade fundamental, na qual a situação não é de luta ou competição entre dois grupos rivalizando-se em infligir a derrota um ao outro. No processo, tentam utilizar todos os meios à sua disposição para atingir a meta final, a vitória. Diferente disso, a disputa é entre a verdade e a falsidade. Com o objetivo de ficar do lado da verdade, em todos os seus domínios, contra a falsidade, em todos os seus aspectos e posições. Portanto, aceitar alguma mentira em qualquer lugar é equivalente à traição na contenda entre a verdade e a mentira. Somos todos pela verdade, mesmo se esta se encontra dentro dos domínios dos nossos opositores, tanto quanto somos contra a falsidade, ainda que possa ser encontrada em nossa vida de vez em quando, por digressão do caminho correto.

Se o objetivo de tratar superficialmente com a mentira nos campos da contenda e do diálogo seja emprestar suporte a posição da verdade pelo caminho da prova e da evidência, rejeitamos tal coisa, a partir do ponto de vista que se constitui em algo inferior ao lado da verdade. Porque a verdade possui um grande poder que é capaz de lançar um desafio viável e defender o mesmo, como está evidente no dito do Imam Ja‘far Assadeq (A.S.): *“Uma pequena medida de verdade é mais efetiva do que uma farta medida da falsidade”.*

É digno de menção que isso pode afetar contrariamente a posição da verdade dentro de seu campo ou no campo de seus opositores. Embora, reconhecendo que seu oponente esteja com a razão não deverá necessariamente enfraquecer sua posição. Ao contrário, este pode ser um meio de fortalecê-la, pois, pelo reconhecimento do certo que seu oponente advoga, você será capaz de derrotar a principal investida da mentira que ele apóie ou defenda, contanto que você saiba como usar isso, em sua vantagem.

Essa circunstancia está claramente descrita no versículo alcorânico que segue, onde os mentirosos tentam ocultar a verdade a respeito dos sinais da

profecia de Mohammad (S.A.A.S.), dos quais os judeus bem conheciam, por temor de que isso fosse usado para contrariar seus argumentos.

“Quando se encontram com os fiéis, declaram: Cremos! Porém, quando se reúnem entre si, dizem: Relatar-lhes-eis o que Deus vos revelou para que, com isso, vos refutem perante o vosso Senhor? Não raciocinais?” (C.2 – V.76)

É assim também em situações em que você quer deixar a posição da falsidade sem resposta. Entretanto, se for um caso de simular reconhecimento à falsidade a fim de forçar a outra parte a reconhecer que está equivocada, este será um modo inteligente de expor a falsidade dentro de seu campo. Os versículos alcorânicos que nos relatam o diálogo do Profeta Abraão (A.S.) com seu povo sobre a adoração dos ídolos discutem esse aspecto. Ele recorreu à destruição de todos os ídolos, exceto o grande, como um meio de incrementar o debate na prática:

“Anteriormente concedemos a Abraão a sua integridade, porque o sabíamos digno disso. Ao perguntar ao seu pai e ao seu povo: Que significam esses ídolos, aos quais vos devotais? Responderam: Encontramos nossos pais a adorá-los. Disse-lhes (Abraão): Sem dúvida que vós e os vossos pais estais em evidente erro. Inquiriram-no: Trouxeste-nos a verdade, ou tu és um dos tantos trocistas? Respondeu-lhes: Não! Vosso Senhor é o Senhor dos céus e da terra, os quais criou, e eu sou um dos testemunhadores disso. Por Deus que tenho um plano para os vossos ídolos, logo que tiverdes partido... e os reduziu a fragmentos, menos o maior deles, para que, quando voltassem, se recordassem dele. Perguntaram, então: Quem fez isto com os nossos deuses? Ele deve ser um dos iníquos. Disseram: Temos conhecimento de um jovem que falava deles. É chamado Abraão. Disseram: Trazei-o à presença do povo, para que testemunhem. Perguntaram: Foste tu, ó Abraão, quem assim fez com os nossos deuses? Respondeu: Não! Foi o maior deles. Interrogai-os, pois, se é que podem falar inteligivelmente. E confabularam, dizendo entre si: Em verdade, vós sois os injustos. Logo

voltaram a cair em confusão e disseram: Tu bem sabes que eles não falam. Então, (Abraão) lhes disse: Porventura, adorareis, em vez de Deus, quem não pode beneficiar-vos ou prejudicar-vos em nada? Que vergonha para vós e para os que adorais, em vez de Deus! Não raciocinais?” (C.21 – V.51 a 67)

Está claro que Abraão (A.S.) atribuiu a responsabilidade da destruição dos ídolos menores ao maior, o que não era verdade. Ele não fez isso para negar sua responsabilidade pelo ato, muito longe disso; foi uma tática para ganhar vantagem sobre os idólatras e fazer com que reconhecessem o erro de sua adoração, sem perceberem a frivolidade de seus argumentos. O plano valeu a pena. A acusação ao grande ídolo de ter quebrado os demais, junto com a resposta dos idólatras que isto seria impossível porque os ídolos não podiam falar por si mesmos foi um meio de cercá-los novamente: *“Que vergonha para vós e para os que adorais, em vez de Deus! Não raciocinais?”*

Nada temos contra adotar uma aparência de reconhecimento à falsidade se isso contribui para desmascará-la completamente, desde que sabemos muito bem que isso não equivale a render-se a falsidade de modo algum.

Em suma, se o objetivo do diálogo for chegar à verdade é óbvio que a verdade deve ser a ideologia que deve governar suprema do começo ao fim. Ceder à falsidade para entrar em contenda resultará em privar a verdade de suas qualidades, pureza e finalmente sua força, a qual nos dá a sensação que ela se encontra triunfante no campo de batalha. Portanto, rejeitamos a discussão que visa afastar-se da senda da verdade, já que isso tende a brincar com os fatos numa tentativa de esconder as fraquezas do debatedor face à forte posição do campo que combate a falsidade.

Capítulo 3

O Progresso do Diálogo nos Fundamentos da Fé Islâmica

Enquanto o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) se empenhava em propagar sua mensagem no chamado à senda de Deus, o Islam enfrentava muitos desafios que tinham sido lançados pelos descrentes. Eles foram convocados a mudar suas concepções sobre o universo e a vida em razão de um novo modo de pensar e de agir propagado pelo Islam. Isto, naturalmente, contrariava as práticas e crenças que possuíam. Dentre os objetivos que o Islam tinha se proposto a atingir estava um plano de mudança completo: uma nova abordagem para solucionar as questões proeminentes. O Islam tinha resolvido que o valor de qualquer projeto de mudança não se encontrava nas opiniões expressas, ao invés disso, naquilo que conseguia na frente de lutas por mudança na vida real.

O Alcorão Sagrado tem desejado convencer as pessoas, as do passado e as da atualidade para o racional, ou lógico, um modo de raciocínio que explore uma idéia ou uma dada situação em todos os seus aspectos e facetas, no processo de conhecê-la.

Este método pode empregar certas abordagens a fim de conseguir evidenciar uma idéia, dando exemplos ou por intermédio de imagens sensoriais para despertar a capacidade perceptiva inata do homem, estimulando suas faculdades cognitivas. Isto é assim porque os instintos humanos podem ser embotados por fatores externos; e o único modo de incitá-los é trazê-los de volta à realidade, onde a idéia é simbolizada por uma imagem que pode ser visualmente percebida ou sentida.

Esta é a abordagem que o Alcorão adotou para apresentar, o apoio da mudança pela mudança do método usado para adquirir conhecimento sobre uma idéia e chegar a um entendimento com ele. Ao fazer isso, o homem será posto frente a frente com a fé, já que esta surge de sua base ideológica, e não pelo abraçar algo que seja absolutamente garantido. Esta é uma abordagem que é flexível e multidimensional, que é governada pelo intelecto, pelo coração e os instintos, conforme o caso. É uma abordagem que abre caminho para que o homem use sua mente, seu coração, consciência e raciocínio, discuta as questões, e que tenha um senso de entendimento em qualquer domínio que queira entrar e em qualquer meta que queira atingir. Tudo isso é feito num clima de amor e objetividade.

Se alguém quiser interromper o diálogo para fechar a porta da fé para si mesmo e para os demais, a porta será fechada suavemente, na esperança de que ele possa mudar de idéia e reabri-la.

Aqui, estamos tentando nos reunir ao movimento do diálogo sobre os fundamentos da fé, o qual tem experimentado todos os tipos de desafios, de maneira que possamos estar esclarecidos sobre as características da abordagem Islâmica, na teoria e na prática. Faremos algumas paradas ao longo do caminho. Acompanharemos o Islam em seu contato inicial com os idólatras acerca do politeísmo e do monoteísmo. Uma outra parada será nas interações do Islam com os descrentes, acerca da crença e da descrença, a mensagem e o mensageiro, e o Livro divino.

Deve ser ressaltado, porém, que estamos ainda discutindo o diálogo quando envolve o intercâmbio de idéias entre duas pessoas, e também discutindo como dar início a uma conversação com outros para encorajá-los a travar um novo diálogo. O objetivo por trás disso é que desejamos conhecer como o diálogo deve ser conduzido e como devemos iniciá-lo. Este é o contexto do progresso do ativismo Islâmico e do Jihad para hastear bem alto a bandeira da fé neste mundo.

O Diálogo com os Politeístas

No início do chamado islâmico a senda de Deus, o Profeta (S.A.A.S.) enfrentou o problema do povo adotar parceiros a Deus. O problema manifestava-se no panteão de ídolos que eram adorados de acordo com um conjunto de cerimônias e práticas. A adoração dos ídolos tinha permeado a vida e a psique das pessoas inteiramente. Ela estava tão embutida em seus corações e mentes que a consideravam uma verdade absoluta e por conseguinte estavam inclinados a rejeitar qualquer coisa que se opusesse àquela crença estabelecida sem qualquer discussão ou reflexão.

O estado psicológico das pessoas

Os seguintes versículos alcorânicos lançam luz sobre o estado mental e psicológico em que os politeístas se encontravam quando foram convidados a adoração do Deus Uno e Único:

“Pretende, acaso, fazer de todos os deuses um só Deus? Em verdade, isto é algo assombroso! E os chefes se retiraram, dizendo: Ide e perseverai com os vossos deuses! Verdadeiramente, isto é algo designado. Não ouvimos coisa igual entre as outras comunidades. Isso não é senão uma ficção!” (C.38 – V.5 a 7)

Assim, para eles, a questão não era digna de resposta ou discussão, ao contrário, era um assunto embaraçoso e nada mais. A revelação os pôs em pânico, já que isso exigia deles demonstrar firmeza e paciência, como uma resposta a algo que nunca tinham ouvido da fé original, para apenas concluir que aquilo não era nada senão mentiras.

O Monoteísmo e o Politeísmo em embate

Naquela situação, o politeísmo representava o maior de todos os desafios para o progresso da missão profética; já que era o maior obstáculo para

impedir que a mensagem encontrasse as pessoas. Não era algo transitório em suas vidas, já que era um modo de vida e um sistema social. Por outro lado, a mensagem Islâmica simbolizava um grande desafio à mentalidade politeísta, na medida em que em que era a crença em cuja dureza do politeísmo se despedaçaria, como também todas as normas de conduta e costumes baseados nele, mesmo os mais profundos sentimentos humanos, que formavam as relações do homem com os seus semelhantes e com Deus. Este é o chamado politeísmo oculto, um de seus aspectos é similar à conduta de um hipócrita que cuida de suas ocupações, apreensivo com os outros da mesma maneira que com Deus.

As primeiras salvas da batalha começaram com força total. Seguindo o estilo de diálogo e de condução da luta do Profeta, o Islam não iniciou a batalha do modo como eles esperavam que fosse conduzida. Assim foi por causa da esfera dentro da qual o desafio da nobre tarefa do Islam se movia, que era diferente da esfera na qual o politeísmo se movia. No caso do primeiro, a missão do Islam tinha partido da posição de uma ideologia ligada às mais vastas realidades do universo e da vida. Quanto ao segundo, tinha partido da posição de um costume entrelaçado com o sentimentalismo da herança dos pais e dos antepassados, e de uma base de concessões feitas à elite governante.

É óbvio, portanto, que a diferença na natureza do desafio deixaria seu impacto na abordagem utilizada por cada campo no progresso da luta.

Razão versus Fúria

Os métodos usados pelos politeístas para conduzir a luta tinham sido caracterizados pelas tensões que não deixavam nenhum lugar para um intercâmbio intelectual de idéias significativo. Assim, eles recorreram às táticas provocativas por meio de improperios, insultos e incontáveis acusações injustas e forjadas. Eles puseram em ação uma outra tática, que era de incitar a histeria pública contra os propagadores do monoteísmo. O resultado foi que a prática da opressão e da tortura contra estes se tornou comum. Este, desnecessário dizer, tem sido o meio ao qual os tiranos, que são desprovidos de provas consistentes para apresentar a seus adversários, recorrem. Eles fazem uso de todas as ferramentas a sua disposição para suprimir a resistência.

Por outro lado, a missão do Islam tinha optado por uma abordagem calma que fosse capaz de ganhar os corações e as mentes dos politeístas para a causa do monoteísmo, na reflexão e na prática. Ele tinha se posto no caminho para gradualmente libertar suas consciências de todos os aspectos do politeísmo num bem-pensado plano que proveria todas as eventualidades. Algumas situações podem ter exigido sacudir as mentes dos idólatras, com vista a incitá-los a raciocinar sobre suas crenças. A necessidade pode ter surgido para fazer os oponentes ridicularizarem suas próprias convicções, depois de terem descoberto as debilidades e inconveniências dentro delas.

Este foi o método que o Profeta do Islam pôs em prática, guiado pela abordagem alcorânica de diálogo. Não havia outra maneira que ele pudesse ter tentado, pois estava firme no conhecimento e na confiança de que seu argumento era mais forte do que o dos seus oponentes. Portanto, estava consciente que o resultado da contenda seria o triunfo de suas crenças, embora, não estivesse nesta luta para marcar pontos sobre seus adversários como se fosse numa competição. Ao contrário, seu objetivo era que eles o acompanhassem a um novo fundamento comum, tendo visto a força do seu argumento. Sua abordagem era a de nunca perder de vista a meta à frente, ainda que a jornada pudesse ser longa e árdua. Isto pode ter sido induzido pela luta entre o homem e seu impulso íntimo para a pressa e os eventos fortuitos.

O Politeísmo perde a Discussão

O início foi dado de uma posição muito bem estabelecida. A idéia que tinha regido a posição encontrava-se armada com a prova e a evidência, como também com o conhecimento. O Profeta (S.A.A.S.) pediu a seus adversários que apresentassem tudo isso, se desejassem sustentar sua posição, na mesma medida que ele requereu isso de si próprio, em tudo o que ele estava convocando, a crença e a ideologia. Ele costumava lançar o desafio do ponto onde eles podiam expor sua posição, questionando suas convicções e solicitando evidência para provar que eles estariam certos. Suas questões não eram afirmativas, isto é, não eram questões de alguém que desejava adquirir conhecimentos sobre suas crenças. Ao contrário, elas foram colocadas num modo

negativo, com o fito de rejeitar as alegações deles como algo sem fundamento. Isto é sucintamente apreendido nos seguintes versículos alcorânicos:

“Dize-lhes: Porventura, tendes reparado nos que invocais, em lugar de Deus? Mostrai-me o que têm criado na terra! Têm participado, acaso, (da criação) dos céus? Apresentai-me um livro, revelado antes destes, ou um vestígio de ciência, se estiverdes certos”. (C.46 – V.4)

“Os idólatras dirão: Se Deus quisesse, nem nós, nem nossos pais, jamais teríamos idolatrado, nem nada nos seria vedado! Assim, seus antepassados desmentiram os mensageiros, até que sofreram o Nosso castigo. Dize: Tereis, acaso, algum argumento a nos expor? Qual! Não seguis mais do que conjecturas e não fazeis mais do que inventar mentiras!” (C.6 – V.148)

Portanto, o Alcorão apresenta a questão a partir da perspectiva das verdades comuns, no que desafia a inteligência deles (dizendo): “Se aqueles a quem vocês invocam junto a Deus são divindades, devem ser capazes de criar. Do contrário, ser deuses não faz sentido, onde está o que eles tenham criado sobre a terra, ou nos céus? Se a resposta for afirmativa, de onde partiria a alegação? Se for negativa, onde então se encontra a evidência, ou seja, um livro ou qualquer informação, de maneira que se possa ponderar sobre isso?” De fato, eles estavam sem recursos. Naquela situação, não tinham coisa alguma para recorrer, exceto conjecturas e mentiras, e ambas seriam inconsistentes e vazias.

O Monoteísmo prova a impossibilidade do Politeísmo

Enquanto o diálogo progredia, o argumento do Islam começava a ganhar impulso. Isto foi conseguido com o rejeitar do argumento dos duvidosos do ângulo do pensamento racional e da dedução lógica. Assim, o debate tornou-se uniforme em ambas as situações conforme os dois princípios filosóficos com respeito à “*negação*”, em que a não-existência de prova sobre algo significa que não há nenhuma maneira que isso possa ser provado. E o de fornecer a prova para “*nada*” transforma a negação num determinismo racionalista.

Empregando esta abordagem o Islam demonstrou a impossibilidade do politeísmo, como sendo uma noção abstrata, a despeito de seus proponentes e da natureza de suas justificativas para sustentar tais opiniões. Deus diz:

“Ou (será que) adotaram divindades da terra, que podem ressuscitar os mortos? Se houvesse nos céus e na terra outras divindades além de Deus, (ambos) já se teriam desordenado. Glorificado seja Deus, Senhor do Trono, de tudo quanto Lhe atribuem!” (C.21 – V.21 e 22)

“Dize-lhes: Se, como dize, houvesse, juntamente com Ele, outros deuses, teriam tratado de encontrar um meio de contrapor-se ao Soberano do Trono”. (C.17 – V.42)

“Deus não teve filho algum, nem jamais nenhum outro deus compartilhou com Ele a divindade! Porque se assim fosse, cada deus ter-se-ia apropriado da sua criação e teriam prevalecido uns sobre os outros. Glorificado seja Deus de tudo quanto descrevem!” (C.23 – V.91)

A multiplicidade de deuses, o assunto do primeiro versículo, presume que cada um deles tenha poder absoluto, pois esta qualidade é a mais suprema que os deuses poderiam possuir. Isto empresta suporte à suposição de que cada um deles poderia cobiçar algo que os demais desejassem, e o conflito irromperia, pondo em risco a ordem universal neste caso. A realidade aponta o oposto, não há nenhuma desordem no sistema do universo. Por conseguinte, devemos rejeitar a noção da existência de mais de um Deus.

O segundo versículo discorda dos defensores da teoria usando uma abordagem diferente. A sugerida existência de outros deuses além de Deus há de aceitar que sejam capazes de competir entre si para chegar a Ele, pois, ser parceiro de Deus deve, necessariamente, significar partilhar de suas próprias características. No ápice dessas qualidades está o atributo da onipotência, que daria, como conseqüência, a mesma capacidade de alcançá-lo, lutar com Ele e depô-lo. Isto não é possível, já que não há nenhum sinal disso no universo.

Quanto ao terceiro versículo, discute os ângulos adotados pelos versículos anteriores e acrescenta às afirmações a idéia da divisibilidade do universo em virtude de que cada deus subtraia o que criou, sem nenhuma chance para que os demais deuses tenham parte nisso com ele. Esta opinião se desfaz na rocha da realidade, já que podemos ver que toda criação é governada por um único sistema, o qual é uniforme e perfeito.

Da Perspectiva dos Teólogos

Como de costume, os teólogos escolásticos desejaram explicar esses versículos alcorânicos a partir de uma perspectiva filosófica. Eles apresentaram um argumento filosófico que denominaram de “*inquestionabilidade*”. Em seu comentário sobre o primeiro versículo, o autor de *Majma al Bayán fii Tafsíril Qu`ran*, dá esta interpretação no desenvolvimento de sua argumentação: “*Se existisse outro Deus, além do Poderoso. Teria de ser eterno, atemporalidade é a mais sublime de todas as características, ter parte neste atributo produziria correlação (de forças). Resultando então que ambos deveriam ser poderosos, sábios e vivos, por seu próprio direito, cada um deles a desejar aquilo que contrarie a vontade do outro, provocando vida ou morte, incitando ou acalmando as coisas, causando pobreza ou prosperidade, e assim por diante. Nesta suposição, seus desejos contraditórios não podem se materializar, isto é impossível. Porém, se seus desejos não se realizam, isto diminui sua condição existencial de “todo-poderoso”. Se o desejo de um deles se materializasse, (e do outro não), aquele que não pudesse fazer as coisas acontecerem, sem justificção para o porque isso não teria sido possível para ele, seria chamado de incapaz. Por conseguinte, é plausível que não há nenhuma divindade senão Deus. Contudo, se é dito que eles não fazem objeção a que a vontade do outro seja feita, já que estejam a desejar a mesma coisa, a resposta será que o que estão tentando provar é a validade da inquestionabilidade, não sua incidência. Portanto, a validade da inquestionabilidade é uma prova suficiente que é inevitável que o poder de um deles, seja limitado, conseqüentemente, é inconcebível que ele seja Deus.*”

Vemos que é possível que os três versículos, especialmente o primeiro, podem presta-se a interpretação dos teólogos escolásticos. Todavia, o Alcorão, dá maior importância às provas que ele deseja estabelecer, inclusive as racionais, que influenciam a idéia, livre de todo jargão ou manobras filosóficas. Assim, podemos identificar neste versículo sagrado o reconhecimento da verdade natural que é ditada pela disputa de múltiplos centros de poder em quaisquer áreas da atividade humana. Isto é similar ao que vemos em situações da vida real. Quando cada centro de poder possui autoridade e independência absoluta, isto é, em pensamento, direção ou movimento, isso leva a desacordos e em seguida, a conflito, desordem e então vitória, finalmente, o vencedor leva tudo. Além disso, o método advogado por este versículo sagrado está de acordo com a tendência de fornecer respostas aos politeístas para aquilo que afirmam de sua crença no contexto do debate. Isto é feito a fim de demonstrar uma causa para a rejeição, não se satisfazendo com uma tendência negativa: a não-existência de uma prova para apoiar a idéia. Harmonizar-se com o lado que está a negar não será uma negativa da possibilidade da idéia, ao contrário, refutará a existência da prova de que algo tenha acontecido, em virtude do pensamento racional, *“a não existência de prova não deve levar a conclusão de que algo não exista.”* Assim, se os outros precisam de uma prova para algo, nós precisamos de uma prova para de que tal coisa não exista.

Politeísmo na realidade

Uma nova abordagem para a condução do diálogo foi discutida no Alcorão. Ele exigiu do Profeta Mohammad (S.A.A.S) adotar isso em seu diálogo com os politeístas. O método era o de confiar no pensamento racional. De início, ele ancorou sua posição no rejeitar da supremacia de seus deuses, desnudando-os do atributo de divindade, o que significa onipotência, capacidade de criação, eternidade, etc. Ele então foi, além disso, extraíndo de seus deuses todas as qualidades que poderiam fazer as pessoas manter por eles qualquer respeito. Isto certamente os colocaria numa posição de zombaria sobre seu valor, não no campo da divinização. Esta abordagem é descrita na narrativa desses versículos alcorânicos:

“Atribuíram-Lhe parceiros que nada podem criar, uma vez que eles mesmos são criados. Nem tampouco poderão socorrê-los, nem poderão socorrer a si mesmos. Se os convocardes para a Orientação, não vos ouvirão, pois tanto se lhes dará se os convocardes ou permanecerdes mudos. Aqueles que invocais em vez de Deus são servos, como vós. Suplicai-lhes, pois, que vos atendam, se estiverdes certos! Têm, acaso pés para andar, mão para castigar, olhos para ver, ou ouvidos para ouvir? Dize: Invocai vossos parceiros, conspirai contra mim e não me concedais folgança!” (C.7 – V.191 a 195)

“Não obstante, eles adoram, em vez d’Ele, divindades que nada podem criar, posto que elas mesmas foram criadas. E não podem prejudicar nem beneficiar a si mesmas, e não dispõem da morte, nem da vida, nem da ressurreição”. (C.25 – V.3)

Para iniciar, tinha se concluído que eles não podiam nem criar coisa alguma nem serem eternos. Eram também incapazes de desejar, ou repelir, coisas como a vida, a morte, e a ressurreição. Eram desprovidos de sentidos para ter sequer alguma faculdade. Este é um brilhante quadro que não pode produzir nada senão riso e degradação, como então, poderiam tais deuses serem elevados à posição de serem dignos de adoração?

“Ó humanos, eis um exemplo; escutai-o, pois: Aqueles que invocais, em vez de Deus, jamais poderiam criar uma mosca; ainda que, para isso, se juntassem todos. E se a mosca lhe arrebatasse algo, não poderiam dela tirá-lo, porque tanto o solicitador como o solicitado, são impotentes”. (C.22 – V.73)

Este versículo ilustra brilhantemente o profundo sentimento de total incapacidade diante de uma das menores e mais vulneráveis das criaturas, onde o ingrediente de escárnio se mescla com a noção de divindade de tais deuses, os quais os idólatras adoravam excluindo a Deus. Imaginem as duas visões. A primeira é a dos deuses tentando colaborar mutuamente para criar uma mosca, embora não pudessem a despeito da força que empregassem. A segunda é

a da mosca, com toda a fraqueza e insignificância que representa, tomando a frente destes “*grandes deuses*” para arrebatar algo que possuísem. Os deuses são imaginados então numa cena em que perseguissem a mosca para recuperar o que esta lhes tivesse roubado, sem que fossem capazes de fazê-lo.

Esta hábil abordagem para o diálogo tencionava desnudar tais deuses de seus atributos de divindade e submetê-los ao ridículo. Isto tornava insustentável a posição daqueles que acreditavam e os adoravam, pois sua crença não se encontrava numa base sólida, tampouco era digna de qualquer respeito, bem ao contrário, era digna de sarcasmo, desprezo e desdém.

Estas foram algumas amostras alcorânicas da abordagem adotada pelo Profeta (S.A.A.S.) em seu diálogo com os politeístas. Esta abordagem era de acordo com a realidade humana face ao que ele acreditava e àquilo que os outros acreditavam. A experiência Islâmica e a aplicação desta abordagem numa sociedade politeísta provaram-se bem sucedidas. Além disso, não se encontra distante dos outros campos da fé e da condução do embate ideológico nas questões práticas da vida.

O Diálogo com os Ateus

Depois da disputa ideológica com o politeísmo, o Islam enfrentou o problema do ateísmo, embora numa escala muito menor. Dado o fato que o ateísmo não era tão difundido como o politeísmo, a campanha com a qual o Islam enfrentou a noção ateísta foi de muito menor expressão. Isso porque na luta contra os politeístas a contenda envolvia ideologias conflitantes por princípio. O que dava à batalha uma margem extra devia-se ao fato de que o politeísmo se constituía num modo de vida para a maioria dos membros da sociedade da época. Uma tradição enraizada que formava uma barreira adicional às normas que o Islam aspirava estabelecer naquela sociedade politeísta.

Quanto ao ateísmo, a questão era de duas abordagens ideológicas, Islam versus ateísmo, com o segundo não tendo raízes na sociedade onde a missão

Islâmica havia nascido, a despeito do fato que tivesse presença em outras comunidades. Assim, o ateísmo não constituía uma grande ameaça para a recém-formada sociedade muçulmana. A questão com os politeístas não era que eles não acreditassem na existência de Deus, como no caso dos ateus, mas que associavam divindades a Ele. Estavam, contudo, cientes que seus deuses não eram tão grandes ou importantes como Deus, mais propriamente, entendiam que o valor dessas deidades estava em sua proximidade a Deus, a qual nenhum ser nesta vida pode alcançar. Segundo o que pensavam, a sua adoração àqueles deuses estava reduzida à crença de que eram intermediários e intercessores, cuja função era aproximar os humanos de Deus. Os sacrifícios que ofereciam aos seus deuses era um meio de alcançar seu aprazimento e suas bênçãos. O seguinte versículo alcorânico colocou isto em perspectiva:

“Nós só os adoramos para nos aproximarem de Deus...” (C.39 – V.3)

Em consequência disso o Alcorão, como já foi discutido, tinha se empenhado em desnudar esses deuses de qualquer qualidade, sejam subjetivas ou de outra natureza, que pudessem torná-los objeto digno de respeito por seu próprio direito, ou ainda de alguma possibilidade de atingirem uma posição que os tornasse mais próximos ou mais favorecidos de Deus Todo-Poderoso. Isto foi aludido quando estávamos discutindo o método do diálogo que envolve o ridicularizar, enquanto permite-se o debate da questão.

A Conexão entre Teísmo e Monoteísmo

Isto não significava que o politeísmo não tivesse qualquer conexão com a idéia da existência de Deus, ao contrário, tinha uma influência da correta concepção da divindade, a qual põe a questão da crença em seu contexto natural. Porque, por si mesma, a idéia não tem valor, sem as características fundamentais que oferecem à imagem completa, o brilho que esta requer dentro da moldura. Por esta razão, uma grande quantidade de discussão no Alcorão foi dedicada a corrigir a idéia de divindade que as pessoas do passado possuíam em sua consciência doutrinária. Assim, quando o Alcorão descrevia esses deu-

ses como sendo incapazes de criar qualquer coisa, que não poderiam colher benefícios de si próprios nem repelir qualquer malefício que os atingisse, e que não poderiam nem decretar a morte, tampouco produzir a vida ou operar a ressurreição isto objetivava criticá-los pela sua equivocada idéia sobre a qualidade de sua crença em Deus. O Alcorão estava tentando deixar claro para eles que tais qualidades, como eternidade, criação, onipotência e riqueza absoluta estão entre as mais destacadas de Deus. Como tais, podemos considerá-las critérios pelos quais devemos julgar a verdade e a falsidade de qualquer suposição de divindade.

Até o ponto em que este aspecto da crença Islâmica diz respeito, consideramos o tópico anterior do diálogo com os politeístas como tendo uma ligação com este tópico do diálogo com os ateus.

O Alcorão estabelece as Diretrizes para o Diálogo

Deve-se ser mencionado que, como início da discussão deste tópico, ressaltamos que o diálogo dispensado pelo Alcorão sobre a questão da prova da existência de Deus e a rejeição do ateísmo foi de pequena expressão, comparado ao diálogo conduzido sobre a questão do monoteísmo versus politeísmo.

A este respeito é notável que o Alcorão começou formando um novo estilo, o qual desejava que a sociedade considerasse e adotasse o debate das questões. Iniciou por conclamar o povo a refletir sobre o universo, a criação e todos os fenômenos dentro dele, numa tentativa de investigar seus segredos e as leis naturais que o governa. Desejou que o homem recorresse à pureza de seus instintos enquanto estivesse ocupado em suas atividades, e a sua mente serena quando estivesse refletindo. Se a pureza dos mais fortes sentimentos do homem e a serenidade de seu intelecto unem forças e abrem o Livro do Universo, isto é capaz de orientá-lo a um resultado conclusivo, ou seja, a constatação que este universo tem que ter um regente sábio e todo-poderoso.

Por esta razão, encontramos no Alcorão um vivo e abrangente documento contendo uma abundante quantidade de informações sobre os fenômenos cósmicos e os procedimentos que governam o desenvolvimento do homem e da existência. Isto é assim, porque tudo o que possa ser encontrado no univer-

so é considerado uma matéria viva, que induz o pensamento para o que o guia, pela rota mais curta possível, à crença na existência de Deus.

É digno de menção, entretanto, que o Alcorão não limita seu convite ao homem a entender, de uma vez, tudo o que há no universo e deixar sua mente a lutar com isso. Ele tenta guiar os passos do homem para que esses passos tenham um apoio firme no início do caminho.

O Universo, o Livro da Fé

A fim de discutir essa questão, não há nada melhor do que experimentar a atmosfera dos seguintes versículos alcorânicos, que adotam um estilo de diálogo que é capaz de conclamar o homem a examinar e ver por si próprio a força da posição alcorânica da discussão:

“Na criação dos céus e da terra; na alteração do dia e da noite; nos navios que singram o mar para o benefício do homem; na água que Deus envia do céu, com a qual vivifica a terra, depois de haver sido árida e onde disseminou toda a espécie animal; na mudança dos ventos; nas nuvens submetidas entre o céu e a terra, (nisso tudo) há sinais para os sensatos”. (C.2 – V.164)

“Deus é o Germinador das plantas graníferas e das nucleadas! Ele faz surgir o vivo do morto e extrai o morto do vivo. Isto é Deus! Como, pois, vos desviais? É Ele Quem faz despontar a aurora e Quem vos estabelece a noite para o repouso; e o sol e a luz, para cômputo (do tempo). Tal é a disposição do Poderoso, Sapientíssimo. Foi Ele Quem deu origem, para vós, às estrelas, para que, com a sua ajuda, vos encaminhásseis, nas trevas da terra e do mar. Temos esclarecido os versículos para os sábios. Foi Ele Quem vos produziu de um só ser e vos proporcionou uma estância para descanso. Temos elucidado os versículos para os sensatos. É Ele Quem envia a água do céu. Com ela, fizemos germinar todas as classes de plantas, das quais produzimos verdes caules e, destes, grãos espigados, bem como as tamareiras, de cujos talos pendem cachos ao alcance da

mão; as videiras, as oliveiras e as romãzeiras, semelhantes (em espécie) e diferentes (em variedade). Reparai em seu fruto, quando frutificam, e em sua madureza. Nisto há sinais para os fiéis”. (C.6 – V.95 a 99)

“Foi Deus Quem erigiu os céus sem colunas aparentes; logo assumiu o Trono e submeteu o sol e a lua (à Sua vontade); cada qual prosseguirá o seu curso, até um término prefixado. Ele rege os assuntos e elucida os versículos para que fiqueis persuadidos do comparecimento ante o vosso Senhor. Ele foi Quem dilatou a terra, na qual dispôs sólidas montanhas e rios, assim como estabeleceu dois gêneros de todos os frutos. É Ele Quem faz o dia suceder à noite. Nisso há sinais para aqueles que refletem. E na terra há regiões fronteiriças (de diversas características); há plantações, videiras, sementeiras e tamareiras, semelhantes (em espécie) e diferentes (em variedade); são regadas pela mesma água e distinguimos umas das outras no comer. Nisto há sinais para os sensatos”. (C.13 – V. 2 a 4)

Portanto, pode-se sentir vida, em todos os seus aspectos, e beleza deslumbrante, movendo-se diante de nossos olhos, ganhando vida em nossa consciência e em nossa mente. Todas essas experiências ocorrem no princípio da existência das coisas, as quais são continuamente renovadas e movem-se de maneira dinâmica a motivar o nosso intelecto e nossa consciência. Estão tentando nos dizer que são manifestações da onipotência, mostrando-nos quem o seu Criador é o Criador que produziu todas essas criações, sejam animadas ou inanimadas, toda essa grandeza, beleza e encanto. Tais méritos prestam testemunho do segredo da criação e da potência do Criador.

É uma tão primorosa abordagem a cultivar, no decorrer da jornada da aquisição do conhecimento, sua percepção sensorial com brilho, seu sensível gosto com beleza, e seu consciencioso intelecto com os grandes segredos que suspiram dentro da vastidão do universo.

Outros versículos alcorânicos dirigem a atenção a esta verdade num inequívoco tom:

“Dize: Contemplai o que há nos céus e na terra! Mas sabeis que de nada servem os sinais e as advertências àqueles que não crêem”. (C.10 – V.101)

“Que mencionam Deus, estando em pé, sentados ou deitados, e meditam na criação dos céus e da terra, dizendo: Ó Senhor nosso, não criaste isto em vão. Glorificado sejas! Preserva-nos do tormento infernal!” (C.3 – V.191)

“E também (os há) em vós mesmos. Não vedes, acaso?” (C.51 – V.21)

É este um genuíno convite a refletir sobre a verdade por trás de tudo o que está na terra e nos céus, o qual reconhece que não se requer do homem nada mais senão olhar e refletir. É, ao mesmo tempo, um chamado para que se lance a mente num esforço para se adquirir conhecimento sobre os segredos do universo e suas leis a caminho para uma compreensão apropriada de tais leis. Esta é uma tentativa para se utilizar de um novo fundamento do conhecimento em todas as esferas de uma transformação do mundo e da existência.

O Caminho da Ciência ligado ao da Religião

Pode-se afirmar que, no Islam, a via da ciência une-se a da religião levando em conta a noção apresentada pelos versículos supracitados. Sobre a questão da crença em Deus, tenta-se atrair o homem a descobrir o Criador através da magnificência de sua criação. Também pode ser dito que o caminho da religião liga-se com o da ciência, pois quanto mais o homem se torna sábio mais se torna ciente de Deus, tanto mais ele se torna consciente de Deus, mais devoto se torna, temente a Deus e submisso às suas instruções, isto é expresso de modo conciso neste versículo:

“... Os sábios, dentre os servos de Deus, só Ele temem...” (C.35 – V.28)

As Provas da Crença podem ser encontradas na Vida mais do que na Filosofia

O modo que os versículos acima tratam o diálogo, provando a existência de Deus por intermédio dos fenômenos e dos segredos cósmicos, é indicativo da abordagem prática que o Alcorão adota. Ele escolheu não discutir a questão de

uma maneira filosófica abstrata, a qual pode transformá-la numa questão não-figurativa. Esta é uma abordagem que deixa o intelecto inanimado. O Alcorão escolheu debater a questão como um ser vivo, um diálogo que preenche a vida com o dinamismo e a renovação que a habilita ao debate. Com isto em mente, ele conclama o homem a render graças a Deus e a adorá-lo, para tentar conhecê-lo através da necessidade do homem de ser grato por suas graças. Isto pode fazer o processo de identificar-se com Deus um fim em si mesmo e um meio de render graças e de prestar culto. O homem não pode agradecer, ou adorar, algo que não lhe seja familiar, embora o universo e todas as coisas magnificentes que estão nele sejam provas que apontam para a existência de Deus e estas mesmas coisas são bênçãos pelas quais o homem deve demonstrar gratidão.

A importância desta abordagem é que está capacitada a fazer a fé mover-se em uníssono com o movimento do cotidiano da vida em si e com o movimento do vasto universo que rodeia o homem. Além disso, ela pode dar um impulso à vida para que se desenvolva, se renove e permaneça ativa. Isto deve proporcionar aos ativistas muçulmanos o sentimento de ser parte da existência enquanto conduzem o diálogo com os outros. Os outros também, não devemos fazê-los sentir que estão tateando às cegas numa bruma de idéias abstratas tentando conhecer a Deus. Portanto a questão do conhecimento de Deus e da crença nele torna-se a questão da vida com toda sua força, vibração e continuidade em que se manifesta, não uma questão de imaginação que esteja seguindo de perto na busca por um ponto de apoio na realidade.

Ainda que o Alcorão Sagrado esteja cheio de exemplos deste tipo de abordagem, escolhemos uns poucos:

“Deus vos extraiu das entranhas de vossas mães, desprovidos de entendimento, proporcionou-vos os ouvidos, as vistas e os corações, para que Lhe agradecêsseis”. (C.16 – V.78)

“Não vêem, acaso, os incrédulos, que os céus e a terra eram uma só massa, que desagregamos, e que criamos todos os seres vivos da água? Não crêem ainda? E produzimos firmes montanhas na terra, para que esta não oscilasse com eles, e traçamos, entre aqueles, desfiladeiros como caminhos, para que se orientassem. E fizemos o céu como abóbada bem protegida; e, apesar disso, desdenham os seus sinais!” (C.21 – V.30 a 32)

“Não tens reparado em como o teu Senhor projeta a sombra? Se Ele quisesse, fá-la-ia estável! Entretanto, fizemos do sol o seu regente. Logo a recolhemos até Nós, paulatinamente. Ele foi Quem vos fez a noite por manto, o dormir por repouso, e fez o dia como ressurreição. Ele é Quem envia os ventos alvissareiros, mercê da Sua misericórdia; e enviamos do céu água pura, para com ela reviver uma terra árida, e com ela saciar tudo quanto temos criado: animais e humanos”. (C.25 – V.45 a 49)

Quando seguimos por estes versículos alcorânicos, sentimos isto em nossa vida de seu início até sua conclusão, quer estejamos comendo, bebendo, andando ou satisfazendo nossas necessidades com todas as coisas no universo que Deus nos criou, podemos perceber profundamente o poder da presença de Deus. Esta é uma questão que está entrelaçada com o segredo da vida, o qual não pode ser separado dela, nem mesmo por um segundo. O que implicaria em separação daquilo o que a vida significa, o que transformaria em mera hipótese o procurar por um firme ponto de apoio por entre a vasta gama de probabilidades.

Esses exemplos, e outros, proverão os ativistas muçulmanos com o material necessário para ampliar a visão da vida quando discutirem sobre qualquer um dos seus domínios. Uma vez que tenham estabelecido isto, convencendo os outros sobre a sua posição no debate, podem falar sobre a noção divina como sendo digna de discussão, dando um sentido racional ao processo de elevação das consciências com respeito a crença em Deus.

Este papel carrega uma dimensão adicional de importância dentro da fraternidade científica, interessada em matérias como a biologia, a física e a química. O entrar em debate no campo científico se prova compensador quanto aos segredos que as diferentes disciplinas científicas proporcionam no trabalho da aquisição factual dos conhecimentos sobre Deus Todo-Poderoso.

O Modo Racional de Pensar conduz à Crença em Deus

Ao dirigir o diálogo para o propósito da crença em Deus, o Alcorão Sagrado se empenha em apresentar os contra-argumentos, aquilo que se opõe à crença em Deus, dentro da estrutura do modo racional de pensar. A marca

distintiva desta abordagem é o fornecer suposições possíveis, e em seguida submetê-las a um procedimento de prova e contraprova. Portanto, a consequência no caso estará sujeita ao resultado final que seja aprovado por um teste crítico. Isto é o que o seguinte versículo demonstrou:

“Porventura, não foram eles criados do nada, ou são eles os criadores?” (C.52 – V.35)

A questão discutida no versículo presta-se a três possíveis proposições:

1. que não existe nenhum criador.
2. que o criador e a criatura são os mesmos.
3. que Deus é o Criador.

Pode-se dizer que o versículo afasta-se da questão de uma maneira negativa, rejeitando a idéia em discussão. A primeira noção é impossível, porque admitindo a ocorrência, e a ausência de uma causa para a existência, para que seja uma indicação da mesma, isso exigiria a existência de um poder capaz de criação, o qual justificaria o seu existir, já que a hipótese de existência e ausência é simétrica. Torna-se necessário para a existência ter tido como causa algo de fora dela.

Quanto à segunda suposição, esta também está fora de questão. Porque pressupor que o homem tenha criado a si mesmo compulsoriamente cede à idéia de que este pré-existiu, que algo exista enquanto seja não-existente. Esta teoria é absurda, porque ninguém pode supor que algo existente não possa existir, principalmente quando exista. O contrário é verdadeiro, porque contradição mútua é impossível. Conseqüentemente, isto prova a terceira hipótese como sendo correta, com base no argumento racional, Deus prova ser o Criador.

Em alguns outros versículos alcorânicos a abordagem assume um tom diferente. A questão é resolvida a partir de duas hipóteses diferentes, (a) o Criador é Deus (b) o criador é o homem. Isto é assim proposto por causa de uma terceira teoria, que rejeita a questão da criação, preferindo a da eternidade. Não encontrado sentido na possibilidade da existência.

Isto é o que os versículos alcorânicos seguintes ilustram:

“Nós vos criamos. Por que, pois, não credes (na Ressurreição)? Haveis reparado, acaso, no que ejaculais? Por acaso, criais vós isso, ou somos Nós o Criador? Nós vos decretamos a morte, e jamais seremos impedidos, de substituir-vos por seres semelhantes, ou transformar-vos no que ignorais. E, na verdade, conheceis a primeira criação. Por que, então, não meditais? Haveis reparado, acaso, no que semeais? Porventura, sois vós os que fazeis germinar, ou somos Nós o Germinador? Se quiséssemos, converteríamos aquilo em feno e, então, não cessaríeis de vos assombrar, (dizendo): Em verdade, estamos em débito, estamos, em verdade, privados (de colher os nossos frutos)! Haveis reparado, acaso, na água que bebeis? Sois vós, ou somente somos Nós Quem a faz descer das nuvens? Se quiséssemos, fá-la-íamos salobra. Por que, pois, não agradeceis? Haveis reparado, acaso, no fogo que ateais? Fostes vós que criastes a árvore, ou fomos Nós o Criador?” (C.56 – V.57 a 72)

O que se mostra evidente nesses versículos é que o assunto sendo debatido não é o do homem e seu surgimento, mas sim, é o dos fenômenos que envolvem sua vida, começando da união do espermatozóide e do óvulo, a qual dá início ao processo da criação, da vida e da morte, para as sementes que plantamos na terra, para a água que bebemos e o fogo que acendemos. Quem fez com que isso tudo existisse? Foi o homem ou Deus?

Referente a isso, os versículos sagrados estão se concentrando na incapacidade do homem de manter estas coisas e protegê-las contra as eventualidades enquanto elas permanecem funcionando de acordo com os perfeitos sistemas que governam todos os seus movimentos, começo e fim, livre da vontade do homem e de sua influência. Isto deve fazer-nos aceitar a noção que Aquele que criou todas essas coisas é o Criador do homem, e está de posse do poder absoluto em tudo isso.

Ao fim deste tópico, gostaríamos de acrescentar que estes versículos tratam a questão de uma perspectiva que sugere que o homem é melhor orientado ao recorrer a sua natureza e percepção inatas como árbitro final. Em outras palavras, ele deve por fim em argumentos filosóficos e análises, pois a questão da prova ou da contraprova neste ponto é puramente uma matéria para a consciência intrínseca do homem, já que qualquer pessoa que vier a experimentá-la, descobrirá.

O Diálogo com os Rejeitadores da Ressurreição

No assunto da ressurreição e do dia do julgamento final o Islam enfrentou desafios na forma de ridicularização, repúdio e de ter esta convicção estigmatizada como mera superstição, desafios que, deve-se logo dizer, não tem qualquer suporte da verdade.

Aqueles que sustentam estas opiniões não possuem uma prova que ampare as suas afirmações, além da especulação e da total rejeição da idéia da ressurreição. Fazem isto por não conseguirem compreender como a vida pode ser produzida em restos inanimados, como pode o pó, tudo o que resta do homem após a morte, transformar-se novamente num ser humano vivo? Como pode a vida ser inspirada na matéria que esteja desprovida de todos os componentes necessários para a mesma? O Alcorão usou várias abordagens para tornar esta idéia aceita, removendo a dúvida de que seja algo sumamente extravagante e para ancorar a afirmação sobre uma base sólida.

Racionalismo

Fundamentado numa via racionalista de dedução, o Alcorão diz para os proponentes da impossibilidade da ressurreição:

“E Nos propõe comparações e esquece a sua própria criação, dizendo: Quem poderá recompor os ossos, quando já estiverem decompostos? Dize: Recompô-los-á Quem os criou da primeira vez, porque é Conhecedor de todas as criações. Ele vos propiciou fazerdes fogo de árvores secas, que vós usais como lenha. Porventura, Quem criou os céus e a terra não será capaz de criar outros seres semelhantes a eles? Sim! Porque Ele é o Criador por excelência, o Onisciente! Sua ordem, quando quer algo, é tão-somente: Seja!, e é”. (C.36 – V.78 a 82)

“Porém, o homem diz: Quê! Porventura, depois de morto serei ressuscitado? Por que não recorda o homem que o criamos quando nada era?” (C.19 – V.66 e 67)

Assim, a questão da ressurreição está tão brilhante e nítida quanto o brilho da própria vida. Se o pensar sobre a improbabilidade se origina de uma concepção simplista, a qual se vê surpresa pela idéia de como a vida pode surgir de cinzas que não possuem nenhuma qualidade de vida, pode ser provado para tal pessoa que isto é possível, por meio da parábola do começo da vida. Pode-se expor a questão de como é possível para o sêmen, cujas origens se encontram no pó, ser transformado num ser humano. Em resposta a esta questão, podemos dizer que o Onipotente, que transformou o sêmen num ser a partir do pó, e fez nascer o homem do sêmen, dá ao pó o mistério da vida, para que seja transformado num ser humano completamente novo outra vez. A capacidade para remover do nada para a existência no início poderá fazer isso acontecer no final. Porque a base para a existência e a não-existência é única, indivisível e simétrica.

Reprodução

O Alcorão também discutiu a questão da reprodução, onde se empenha para apresentar a idéia, ao longo de idéias similares da vida, por intermédio da dinâmica da renovação e da transformação na criação do homem e da flora. Esta abordagem visa aproximar a idéia à mente humana, que continuamente experimenta tais percepções. Os versículos alcorânicos seguintes demonstram este aspecto:

“Ó humanos, se estais em dívida sobre a ressurreição, reparaí em que vos criamos do pó, depois do esperma, e logo vos convertemos em algo que se agarra e, finalmente, em feto, com forma ou amorfo, para demonstrar-vos (a Nossa onipotência); e conservamos no útero o que queremos, até um período determinado, de onde vos retiraremos, crianças para que alcanceis a puberdade. Há, entre vós, aqueles que morrem (ainda jovens) e há os que chegam à senilidade, até ao ponto de não se recordarem do que sabiam. E observai que a terra é árida; não obstante, quando (Nós) fazemos descer a água sobre ela, move-se e se impregna de fertilidade, fazendo brotar todas as classes de pares de viçosos (frutos). Isto, porque Deus é Verdadeiro e vivifica os mortos, e porque é Onipotente. E a Hora chegará indubitavelmente, e Deus ressuscitará aqueles que estiverem nos sepulcros”. (C.22 – V. 5 a 7)

Esta é uma tentativa realista que deseja que a questão da ressurreição seja um sistema para a vida. Esta noção está muito bem representada nos estágios cobertos pela existência humana, de seu início, movendo-se, em todas as fases, do nada para a condição de ser. Isto também é simbolizado na criação das plantas, que morrem, e então renascem das sementes lançadas ao solo.

A Ressurreição: uma faceta da Onipotência de Deus

A terceira abordagem busca resolver a questão a partir da perspectiva da Onipotência de Deus, está apta a tornar qualquer rejeição da idéia implausível e sem sentido. Desde que o poderio de Deus está manifesto em todas as coisas que Ele criou, por que, então, não é possível para tal poder absoluto fazer coisas mortas retornarem à vida? Ou seja, por que haveria menos razão para aplicar esse poder no fim, do que tenha sido possível utilizá-lo no começo? Além disso, a ressurreição não é um ato maior do que a criação dos céus e da terra, ou outras manifestações da criação. O espírito dessa idéia é graciosamente abordado nos seguintes versículos alcorânicos:

“Ao contrário, dizem o mesmo que diziam os seus antepassados: Porventura, quando morrermos e nos tivermos convertido em ossos e pó, seremos ressuscitados? Havia-nos sido prometido o mesmo, tanto a nós como aos nossos antepassados; porém, isso é não mais do que fábulas dos primitivos. Pergunta-lhes: A quem pertence a terra e tudo quanto nela existe? Dizei-o, se o sabeis! Responderão: A Deus! Dize-lhes: Não meditais, pois? Pergunta-lhes: Quem é o Senhor dos sete céus e o Senhor do Trono Supremo? Responderão: Deus! Pergunta-lhe mais: Não (O) temeis, pois? Pergunta-lhes, ainda: Quem tem em seu poder a soberania de todas as coisas? Que protege e de ninguém necessita proteção? (Respondei) se sabeis! Responderão: Deus! Dize-lhes: Como, então, vos deixais enganar?” (C.23 – V.81 a 89)

“Não reparam, acaso, em que Deus, que criou os céus e a terra sem Se esforçar, é capaz de ressuscitar os mortos? Sim! Porque é Onipotente”. (C.46 – V.33)

“Porventura, Quem criou os céus e a terra não será capaz de criar outros seres semelhantes a eles? Sim! Porque Ele é o Criador por excelência, o Onisciente! Sua ordem, quando quer algo, é tão-somente: Seja!, e é.” (C.36 – V.81 e 82)

Como se pode ter percebido, esses versículos não quiseram discordar daqueles que não acreditavam na ressurreição por simplesmente rejeitar suas objeções diretamente. Ao invés disso, o Alcorão preferiu apresentar umas poucas questões a eles sobre o que os rodeia nos céus e na Terra: A quem tudo isso pertence? Quem o criou? E quem possui o domínio sobre todas as coisas? Isto com a intenção de guiá-los à onipotência que está por trás de tudo isso, para o reconhecimento de Deus, que criou e tem poder sobre todas as coisas. Isto, finalmente, os fará crer com consciência que o Onipotente que criou o universo inteiro não encontra dificuldade em insuflar vida no pó e ressuscitar o ser humano a partir dele.

Esta é a abordagem que funciona como um trampolim para provar seu argumento, a perfeita sabedoria que surpreende o adversário com a verdade que tenha escolhido negar, muito embora a tenha desafiado. Esta abordagem utiliza tudo isso de tal maneira que as próprias do oponente, as quais não podem abandonar, servem como causa para sua rendição.

A Ressurreição no âmbito da Sabedoria Divina

O diálogo se move numa direção diferente, longe do que seja possível ou não, de quem seja capaz ou não. Ele escolheu colocar a idéia dentro dos parâmetros dos princípios racionais subjacentes à existência. Tratou a questão da negação da ressurreição de modo similar ao rejeitar a questão da criação como sendo desprovida de propósito, um prejuízo que não pode ser atribuído a Deus. Este é o assunto deste versículo alcorânico:

“Pensais, porventura, que vos criamos por diversão e que jamais retornareis a Nós?” (C.23 –V.115)

Sendo assim, confiando ao homem a responsabilidade, certamente o fazendo enfrentar as conseqüências, pois sem isso, a questão toda se transformaria num ato sem sentido, o que é indigno do poderio absoluto de Deus, de sua sabedoria e perfeição.

A Conjectura é a raiz da negação

Portanto, o diálogo retorna a noção que discutimos no começo deste tópico. Ou seja, a negação com que enfrentam a idéia origina-se de suas dúvidas infundadas e de suas mentiras. Isto é habilmente exposto nestes dois versículos alcorânicos:

“E dizem: Não há vida, além da terrena. Vivemos e morremos, e não nos aniquilará senão o tempo! Porém, com respeito a isso, carecem de conhecimento e não fazem mais do que conjecturar. E quando lhes são recitados os Nossos lúcidos versículos, seu único argumento é dizer: Trazei nossos pais, e estais certos!” (C.45 – V.24 e 25)

Portanto, guiado pela narrativa do Alcorão, o Profeta (S.A.A.S.) partiu de uma premissa que considerava provar um argumento certo ou errado como uma base para aceitá-lo ou rejeitá-lo. A segunda fase no diálogo é a de estimular a mente humana a pesquisar os detalhes a fim de conhecer todos os aspectos da questão. Se o diálogo colher um resultado conclusivo, terá alcançado seu objetivo. De outra maneira, a posição prudente, no contexto da crença, deve ser a de dar oportunidade para que todas as idéias possam fluir e progredirem livremente, contanto que seu movimento não resulte numa quebra da paz e da ordem. O Islam estende sua mão para aqueles que divergem dele a partir de um ponto de vista ideológico, de modo que venham a travar um diálogo da melhor maneira possível:

“E se não te atenderem, ficarás sabendo, então, que só seguem as suas luxúrias. Haverá alguém mais desencaminhado do que quem segue sua concupiscência, sem orientação alguma de Deus? Em verdade, Deus não encaminha os iníquos”. (C.28 – V.50)

O Diálogo com os que rejeitam a Profecia

Os Fenômenos Incomuns

As missões proféticas atraíam o debate onde quer que elas surgissem. Tais missões foram acontecimentos extraordinários na vida do povo, daí a discussão. Elas não foram designadas para introduzir mudanças apenas naquelas sociedades. Não foram governadas pelas normas humanas apenas, fossem estas de virtudes ou de fraquezas. Foram chamados caracterizados por sua conexão à metafísica. Uma faceta disto era a revelação divina, uma forma de comunicação invisível com poderes além da visão humana que pertencem a um mundo que difere do nosso em aparência e natureza. Assim, essas nobres tarefas eram inabaláveis em suas convicções, sem nenhuma tendência à fraqueza, e no interesse fundamental da vida, porque Deus, que é conhecedor do que é bom e do que é mal para o homem, as tinha encarregado.

As qualidades que colocaram estas missões proféticas a parte de outros movimentos para mudança foram responsáveis por suscitar discussões, a maioria das quais foram coléricas, tanto assim que se transformaram em posições defensivas de total rejeição às pessoas que exemplificavam a noção da profecia.

A primeira linha do questionamento se restringia à personalidade do profeta, conforme o que o povo entendia como uma personalidade devia ser. Se profecia significava um evento extraordinário deveria manifestar-se numa pessoa igualmente extraordinária. Inevitavelmente, o profeta não deveria (segundo eles) ser uma criatura humana, já que a profecia dizia respeito a um mundo diferente daquele dos humanos e a linha de comunicação seria portanto, não-humana.

Esta foi a origem da idéia da descrença nos profetas, porque, para as mentes da rejeição, estes eram homens como eles. Estavam comendo e indo aos mercados, o que não correspondia à imagem geral que haviam criado em suas mentes para um profeta, a quem, pensavam que deveria ser um anjo enviado dos céus, se fosse capaz de portar a mensagem divina.

O segundo argumento era: talvez aceitemos a noção de um homem-profeta, porém, ele deve ser uma pessoa dotada de faculdades para-normais, que devem ser uma extensão das características do divino, ainda que não necessariamente similar. Este argumento surgiu em virtude da função da profecia ter um acesso imediato a Deus, e que portando, sua mensagem, através da revelação, necessitaria disso.

Alvos do Questionamento

Em tal clima, por em dúvida os profetas, que não eram diferentes das pessoas comuns em suas habilidades e nas situações corriqueiras da vida, era a norma. Por conseguinte, os profetas não se inclinaram a responder quaisquer pedidos para que fizessem o que fosse sobrenatural.

Além dessas questões, a missão Islâmica na pessoa do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), enfrentou questões de natureza diversa. Diferentes indagações foram expostas para desafiar o que o Islam afirmava. As coisas que os inspiradores de dúvidas não podiam encarar com a razão, a lógica ou o debate informado, tachavam de feitiçaria. Deste modo, passaram a considerar o Profeta (S.A.A.S.) um mago sob o disfarce de um poeta, ocupado em reunir as superstições do passado, as quais lhe eram ditadas continuamente. A questão tornou as relações tensas e amargas. Estas pessoas estavam caracterizadas pela má vontade e a animosidade da parte dos descrentes, tanto assim que tomavam o Profeta (S.A.A.S.) como um lunático. Esta era apenas uma descrição dada à mensagem Islâmica na pessoa do Profeta (S.A.A.S.).

Todavia, não estamos afirmando que estes adjetivos ofensivos tenham sido lançados exclusivamente sobre o Profeta do Islam, porque o Alcorão narrou que os profetas (A.S.) foram ofendidos e acusados de loucura: *“Mesmo assim, não se apresentou mensageiro algum àquelas que vos precederam, sem que dissessem: É um mago ou um energúmeno!”* (C.51 – V.52). Ainda assim, podemos afirmar que esta foi uma característica destacada na posição dos inimigos do Islam com respeito ao Profeta (S.A.A.S.).

Uma tentativa de esclarecer os adversários

O Profeta (S.A.A.S.) se confrontou com o ataque de seus inimigos de uma maneira calma e serena, como ditado pela força do sentimento sobre sua mensagem, pela profunda autoconfiança e pelo completo e informado reconhecimento das circunstâncias, razões e estereótipos que estavam prevalecendo em sua época. Essas condições contribuíam para criar as posições de rejeição tomadas contra sua missão e que zombavam de seu caráter. A falsa concepção da missão do profeta e os fatores sociais que eram dominantes tinham grande responsabilidade nisso.

Em virtude de suas posições radicalmente defensivas, o Profeta (S.A.A.S.) buscou travar diálogo com eles, com a intenção de corrigir as falsas opiniões que sustentavam sobre seu ministério e seu papel. Ele também almejava esclarecê-los sobre sua pessoa e o que estava capacitado a realizar. Adotando o mesmo estilo de um diálogo pacífico e calmo, ele deu o melhor de si para corrigir suas falsas concepções sobre a natureza de sua missão, o Alcorão e a descrição que estes fizeram dele. Não negligenciou o fato que a posição dos oponentes era um resultado das condições bastante difíceis em que viviam.

Quanto à primeira questão, a de que estava tratando da correlação entre profecia e a natureza humana, ele conseguiu conduzir o diálogo no modo em que o Alcorão descreveu, em duas abordagens: 1) uma tentativa de discutir a questão através da história das missões proféticas, como o diálogo costumava ser conduzido com as forças de oposição no decorrer das vidas dos profetas dos tempos antigos; e 2) uma tentativa de discutir a noção equivocada dos adversários sobre sua pessoa, o que contribuía para a severidade do ataque contra sua missão. Na primeira abordagem, encontramos os versículos alcorânicos que falam sobre os profetas anteriores, que eram respeitados por tais comunidades árabes para quem tinham sido enviados. Nós não vemos o por que não possamos presumir que aquelas comunidades acreditavam em tais boas pessoas como profetas por direito. Os versículos alcorânicos falam dessas comunidades que estavam a rejeitar os profetas por sua natureza humana, o que, sustentavam não corresponder com a excelência do ofício da profecia. Porém, a profecia, no final, superou a isso por causa das posições que os profetas tomaram e os milagres que operaram. Em última análise, isto deixou a oposição sem escolha se não abandonar as falsas convicções que possuíam.

Na história de Noé (A.S.) e seu povo, o Alcorão narra o seguinte:

“Porém, os chefes incrédulos, dentre seu povo, disseram: Não vemos em ti mais do que um homem como nós, e não vemos a te seguir mais do que a nossa plebe irreflexiva; tampouco consideramos que tendes (vós e vossos seguidores) algum mérito sobre nós; outrossim, cremos que sois uns mentirosos. Respondeu-lhes: Ó povo meu, se possuo a evidência de meu Senhor que me agraciou com a Sua misericórdia – a qual vos foi vedada (por tal merecerdes) – posso, acaso, obrigar-vos a aceitá-la, uma vez que a aborreceis?” (C.11 – V. 27 e 28)

Um outro versículo fala sobre o estilo de debate de Noé (A.S.) com seu povo, não reivindicando para a missão da profecia pura qualquer traço sobrenatural ou angelical:

“Dize: Eu não vos digo que possuo os tesouros de Deus ou que estou ciente do incognoscível, nem tampouco vos digo que sou um anjo; não faço mais do que seguir o que me é revelado. Dize mais: Poderão, acaso, equiparar-se o cego e o vidente? Não meditais?” (C.6 – V.50)

Outros versículos alcorânicos falam sobre a noção do profeta-anjo, que os opositores de Noé (A.S.) usaram como uma desculpa para rejeitarem sua missão:

“Porém, os chefes incrédulos do seu povo disseram: Esse não é mais do que um homem como vós, que quer assegurar a sua superioridade (sobre vós). Se Deus quisesse, teria enviado anjos (por mensageiros). Jamais ouvimos tal coisa de nossos antepassados!” (C.23 – V.24)

Desse modo o Alcorão discute a história de Noé (A.S.) e seu povo, para provar, em mais de um versículo, com a força das provas de sua missão, o erro de seu povo no que defendiam pelo que entendiam como sendo uma contradição entre o homem e a mensagem. A questão tinha envolvido outros profetas (A.S.), já que o Alcorão nos relatou as histórias dos profetas Hud, Saleh e Xu‘aib (A.S.). Eis o que disse sobre o povo de Hud:

“Porém, os chefes incrédulos do seu povo, que negavam o comparecimento na outra vida e que agradecemos na vida terrena disseram: Este não é senão um homem como vós; come do mesmo que comeis e bebe do mesmo que bebeis”. (C.23 – V.33)

“Disseram-lhe: Certamente és um energúmeno! Tu não és mais do que um mortal como nós. Apresenta-nos algum sinal, se és um dos verazes”. (C.26 – V.153 e 154)

Na narrativa sobre Xu‘aib e seu povo, disse o Alcorão:

“Não és senão um mortal como nós, e pensamos que és um dos tantos mentirosos”. (C.26 – V.186)

O Alcorão resume o aspecto histórico da rejeição à idéia de correlação da natureza humana e a profecia. Ele conclui que todos os profetas foram seres humanos, possuindo todas as propriedades físicas humanas, e todas as virtudes e fraquezas que essas qualidades carregam, eis como o Alcorão afirma isso:

“Antes de ti não enviamos nada além de homens, que inspiramos. Perguntai-o, pois, aos adeptos da Mensagem, se o ignorais! Não os dotamos de corpos que pudessem prescindir de alimentos, nem tampouco foram imorais”. (C.21 – V.7 e 8)

Quanto à segunda abordagem, encontramos versículos alcorânicos que discutem a questão da rejeição da mensagem do Profeta por conta de sua natureza mortal e de suas capacidades comuns:

“E dizem: Que espécie de Mensageiro é este que come as mesmas comidas e anda pelas ruas? Por que não lhe foi enviado um anjo, para que fosse, junto a ele, admoestador? Ou por que não lhe foi enviado um tesouro? Ou por que não possui um vergel do qual desfrute? Os iníquos dizem ainda: Não seguis senão um homem enfeitado!” (C.25 – V.7 e 8)

“Antes de ti jamais enviamos mensageiros que não comessem os mesmo alimentos e caminhassem pelas ruas, e fizemos alguns, dentre vós, tentarem os outros. Acaso (ó fiéis), sereis perseverantes? Eis que o teu Senhor é Onividente”. (C.25 – V.20)

No mesmo tom, o Alcorão discute o problema, nos versículos seguintes, com a intenção de expor sua discordância:

“E dizem: Não creremos em ti, a menos que nos faças brotar um manancial da terra, ou que possuas um jardim de tamareiras e videiras, em meio ao qual faças brotar rios abundantes. Ou que faças cair o céus em pedaços sobre nós, como disseste (que aconteceria), ou nos apresentes Deus e os anjos em pessoa, ou que possuas uma casa adornada com ouro, ou que escales o céus, pois jamais creremos na tua ascensão, até que nos apresentes um livro que possamos ler. Dize-lhes: Glorificado seja o meu Senhor! Sou, porventura, algo mais do que um Mensageiro humano? Que foi que impediu os humanos de crerem, quando lhes chegou a orientação? Disseram: Acaso, Deus teria enviado por Mensageiro um mortal? Responde-lhes: Se na terra houvesse anjos, que caminhassem tranqüilos, Ter-lhes-íamos enviado do céu um anjo por mensageiro”. (C.17 – 90 a 95)

Como está evidente nestes versículos, os oponentes exigiam a realização de tais portentos, como prova da missão profética por causa de sua percepção sobre o tipo de ações sobrenaturais que um profeta deve manifestar. A resposta foi simples, clara e direta, não havia nenhum que o profeta (S.A.A.S.) considerasse seus pedidos, já que era um ser humano. A única coisa que o diferenciava era o fato de ter recebido a revelação.

O versículo chega à outra conclusão, que é, a crença equivocada em toda a história das nações que testemunharam as missões proféticas e rejeitaram a noção de profeta-humano, isso contribuiu para impedir que abraçassem a fé. O Alcorão expõe a questão em sua correta perspectiva, de dois ângulos:

- 1) Rejeitando esta falsa crença, já que não se encontrava estabelecida

numa base (racional) sólida. Ele também afirma que no contexto natural das coisas, o profeta tinha de ser uma criatura humana, sendo este um pré-requisito para o surgimento de uma relação harmoniosa e normal entre ele e seus seguidores. Isto foi deste modo porque sua tarefa não era portar a mensagem por si só, ao contrário, ele devia ser um exemplo vivo e verdadeiro da mensagem que estava a transmitir. Se o Profeta fosse um anjo ou estivesse numa posição superior da capacidade dos mortais possivelmente o povo teria tratado o modo com que ele se ocupava de suas atividades como um indicativo para a credibilidade de sua mensagem, e presumido que esta tarefa poderia ter sido desempenhada por outros. Isto é o que o Alcorão Sagrado expressou de maneira eloqüente, quando reconheceu que a natureza do relacionamento harmonioso entre o profeta e seus seguidores fazia-se necessária, pois Deus desceria um mensageiro angelical apenas se a comunidade alvo na terra fosse composta de anjos.

2) A reiteração é que o argumento é falho sob uma diferente análise. A que, não se deve achar que seja necessário para o profeta possuir poderes paranormais, porque seu trabalho não era mudar o sistema normal do universo ou realizar prodígios para impressionar os que estavam a seu redor e ostentar sua grandeza. Sua única missão era a de transmitir a mensagem, e a única condição era que ele devia estar apto para receber a mensagem por meio da revelação, comunicando-a ao povo, vivendo com base nela, a fim de guiar pelo exemplo. Fora da esfera da atividade, a questão era de exclusivo domínio de Deus Todo-Poderoso, se Ele quisesse, daria a seu profeta o requerido conhecimento e o faria realizar milagres se isso fosse necessário. A clareza deste ponto pode ser vista em muitos versículos alcorânicos que falam dos objetivos que as missões proféticas tinham a atingir. Isto tinha definido para a missão suas normas de procedimento, que possuíam duas frentes de ação: 1) propagar a mensagem e estabelecer a lei; 2) introduzir a mudança na sociedade para atingir estes dois objetivos. O resultado final desejado deveria ser aquele em que as pessoas pudessem cuidar de suas ocupações em paz baseada na equidade, na compreensão, na cooperação e na bondade. Estas eram as principais características das nobres tarefas proféticas:

“No princípio os povos constituíam uma só nação. Então, Deus enviou os profetas como alvissareiros e admoestadores e enviou, por eles, o Livro, com a verdade, para dirimir as divergências a seu respeito, depois de lhes terem chegado as evidências, por egoística contumácia. Porém, Deus, com a Sua graça, orientou os fiéis para a verdade quanto àquilo que é causa das suas divergências; Deus encaminha quem Lhe apraz à senda reta”. (C.2 – V.213)

“Enviamos os Nossos mensageiros com as evidências: e enviamos, com eles, o Livro e a balança, para que os humanos observem a justiça; e criamos o ferro, que encerra grande poder (para a guerra), além de outros benefícios para os humanos, para que Deus Se certifique de quem O secunda intimamente, a Ele e aos Seus mensageiros; Sabei que Deus é Poderoso, Fortíssimo”. (C.57 – V.25)

Quanto à missão do Profeta, sua natureza e seus objetivos gerais, o Alcorão diz:

“Ele foi Quem escolheu, entre os iletrados, um Mensageiro da sua estirpe, para ditar-lhes os Seus versículos, consagrá-los e ensinar-lhes o Livro e a sabedoria, porque antes estavam em evidente erro”. (C.62 – V.2)

“Realmente, revelamos-te o Livro, a fim de que julgues entre os humanos, segundo o que Deus te ensinou. Não sejas defensor dos pérfidos”. (C.4 – V.105)

“São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Tora e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e que proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o imundo, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que o deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados”. (C.7 – V.157)

Pode-se claramente ver as tarefas determinadas às missões proféticas. A clareza das diretrizes para a lei e a ideologia é inequívoca. E isto está na expectativa que o governo da lei surja da fundação do direito, da justiça e do bem estar da sociedade, com o objetivo de aliviar o fardo de seus membros. Tal fardo poderia impedi-los em seu progresso na construção da vida sobre bases confiáveis. Um outro aspecto é o de fazer os interesses comuns de todas as pessoas se enraizarem, com o objetivo de resolver as diferenças dispensando justiça de modo equitativo, em que nem se desvie da senda reta nem se pratique qualquer injustiça. O principal resultado almejado é a difusão da paz baseada na compreensão e na justiça.

Pode-se, pois, concluir que não havia nenhuma necessidade que o Profeta possuísse poderes sobrenaturais que o capacitasse a operar milagres à vontade. Ao invés disso, o que o Profeta precisava era que estivesse apto para a responsabilidade de ser portador da mensagem, transmitindo-a e aplicando-a na prática com sabedoria e flexibilidade, embora com energia, já que esses são os méritos que qualquer ativista, legislador ou governante necessitam demonstrar no desempenho de sua tarefa. Por conseguinte, a equivocada idéia que costumava ligar a profecia aos poderes para-normais provara-se falsa.

A Superioridade Absoluta e a Profecia

Neste ponto podemos pedir licença para diferir dos teólogos escolásticos com respeito à afirmação de que um profeta, qualquer profeta, devia sobressair-se em toda disciplina e aspecto, e em todas as características pessoais. Eles baseiam sua afirmação no princípio racional da não-aceitabilidade da noção que o inferior lidere o superior. Isto é, se um profeta não fosse incomparável em todos os aspectos não seria digno da alta posição da profecia.

Alguns teólogos foram, além disso, argumentando que um profeta deveria possuir qualidades pessoais, tais como ser o mais belo, o mais corajoso, o mais forte, etc, características que não teriam qualquer relação com a condição de ser um profeta ou um líder. Nas situações da vida real, o líder, inclusive um líder militar, não deve necessariamente ser mais corajoso do que os membros da tropa. Não se pode anular a possibilidade de que houvesse entre aqueles membros, alguns mais corajosos do que o líder. O papel principal de um líder não é lutar na

guerra, mas sim, liderar, do plano à execução, por causa da instrução e o valor de liderança que possui. Este é o caso em todas as atividades da vida, o que é requerido da liderança em qualquer domínio é sobressair-se nele para capitaneá-lo.

Discordamos radicalmente desses teólogos quanto ao que entendem das capacidades de um profeta. O papel do profeta não era o de uma pessoa que estabelecia os fundamentos para disciplinas tais como ciências naturais ou matemáticas. Não era o seu trabalho ensinar idiomas. Não se exigia dele que fosse um erudito em todas as disciplinas ou línguas, muito menos que fosse incomparável de um ponto de vista profético. Como já foi delineado nos versículos alcorânicos anteriormente citados, sua tarefa era a de guiar o povo para aquilo que fosse bom e que os alertasse sobre as ações que eram más. Ou seja, livrá-los da escuridão para a luz - a senda do Poderoso e do Digno de Louvor.

Isto pode ser perfeitamente apreendido da ênfase na natureza humana do profeta que teve acesso à revelação, e que categoricamente rejeitou a noção que pudesse conhecer o invisível, tanto assim que ele não se encontrava em posição de rechaçar qualquer malefício que viesse em seu caminho, tampouco poderia trazer para si algo de bom para que lhe acontecesse.

“Dize: Eu mesmo não posso lograr, para mim, mais benefício nem mais prejuízo do que o que for da vontade de Deus. E se estivesse de posse do incognoscível, aproveitar-me-ia de muitos bens, e o infortúnio jamais me açoitaria. Porém, não sou mais do que um admoestador e alvissareiro para os crentes”. (C.7 – V.188)

“Dize-lhes (mais): Não sou um inovador entre os mensageiros, nem sei o que será de mim ou de vós. Não sigo mais do que aquilo que me tem sido revelado, e não sou mais do que um elucidativo admoestador”. (C.46 – V.9)

Não obstante, Deus possa favorecer seu Mensageiro com alguns conhecimentos exclusivos:

“Ele é Conhecedor do incognoscível e não revela os Seus mistérios a quem quer que seja, salvo a um mensageiro que tenta escolhido, e faz um grupo de guardas marcharem, na frente e por trás dele”. (C.72 – V. 26 a 27)

Alguns versículos alcorânicos tratam do conhecimento lingüístico do Profeta apenas para rejeitar a isso. Foi esta a história dos descrentes que o acusaram de ser ensinado por alguma pessoa. A resposta alcorânica foi inequívoca, que a pessoa que alegavam, o estaria instruindo era um não-árabe, ao passo que a linguagem do Alcorão era inteiramente árabe. Como poderia a acusação ser sustentada? É óbvio que esta resposta não teria sido suficiente para deixar os descrentes aturdidos, a menos que o profeta não fosse conhecedor do idioma do não-árabe em questão, porque não teria sido possível para o profeta compreendê-lo ou traduzir o que estaria a lhe ditar sobre a Torah, a Bíblia ou outra narrativa:

“Bem sabemos o que dizem: Foi um ser humano que lho ensinou (o Alcorão a Mohammad). Porém, o idioma daquele a quem eludem tê-lo ensinado é o persa, enquanto que a deste (Alcorão) é a elucidativa língua árabe”. (C.16 – V.103)

Sentimos certa recusa em concordar com os proponentes da noção de que se faça necessário a um profeta ser superior em todas as coisas. Nossa posição se baseia no fato que um profeta não precisava de tudo isso. Todavia, não vemos porque um profeta não poderia possuir a maior parte dessas qualidades superiores, realista e objetivamente, como distintas qualidades pessoais, não proféticas necessariamente, de acordo com o julgamento racional, como eles sustentam.

Diálogo sobre a natureza do Alcorão

É o Alcorão a palavra de Deus, que Ele revelou a Mohammad (S.A.A.S.) a fim de que pudesse ser visto como uma prova de sua missão profética e da sua autoridade sobre o povo? Ou algo composto por ele, copiado das narrativas antigas, incluindo as dos povos do Livro?

Esta questão circulava na sociedade árabe que testemunhou o advento do Islam. Para eles, era uma questão que precisava de uma resposta para determinar sua aceitação ou não. Esta pode também ter sido uma acusação lançada

para desafiar o Profeta (S.A.A.S.) em sua nobre tarefa. Isto porque o Alcorão tinha representado a força da mensagem Islâmica no contexto de uma prova de sua correção e capacidade de alcançar a comunidade.

O impasse era indicativo da magnitude da mensagem, que tinha enfrentado o desafio com o calmo e lúcido diálogo que apenas visa deixar os adversários sem recursos orais, mas também deseja que eles vejam a força do seu argumento. Se não, almejava demolir sua teimosia sacudindo suas mentes de modo que pudessem começar a julgar de maneira independente, não a partir de um ponto de vista de animosidade à fé Islâmica.

Rompendo o Impasse

A fim de romper o obstáculo do debate, o Alcorão se empenhou em duas abordagens:

1) O Contra-ataque

Desafiando os oponentes a imitá-lo, mesmo que fosse com uma surata. Esta demanda não estava confinada a certo grupo de pessoas. Ia muito além disso, dando a eles a oportunidade de requisitar a ajuda de outras criaturas, humanos ou gênios, não importando sua posição intelectual, individualmente ou num esforço conjunto. Confiante que não seriam capazes de aceitar o desafio, o Alcorão provou a impotência dos seus opositores para enfrentar o desafio.

A história não relata qualquer experiência genuína ou bem sucedida a este respeito. Isto a despeito do fato que os adversários do Islam não pouparam esforços para tentar marcar pontos sobre o profeta e sua missão no decorrer da luta que se difundiu entre os dois campos. Para combater a inexorável campanha de mentiras e farsas que foi empenhada contra o Alcorão por seus adversários, o Islam teve que buscar argüir deste modo: Se o Alcorão fosse as palavras de um mortal, deveria refletir certos níveis culturais e ideológicos que eram prevaletentes no mundo. O que o tornaria suscetível de imitação, quer seja na mesma medida ou acima de seu estilo. Se o contrário acontecesse, isto, se o Alcorão fosse inimitável, o resultado provaria que ele era a palavra de Deus, à qual nada pode se comparar ou ser superior a ela.

O objetivo neste ponto não era silenciar os oponentes, ao contrário, o Alcorão tinha procurado fazer o desafio como um meio para que aceitassem o ponto de vista Islâmico que era apresentado a eles. Isto é descrito brilhantemente nesses versículos alcorânicos:

“Ou dizem: Ele o forjou! Dize: Pois bem, apresentais dez suratas forjadas, semelhantes às dele, e pedi (auxílio), para tanto, a quem possais, em vez de Deus, se estiverdes certos”. (C.11 – V.13)

“E se tendes dívidas a respeito do que revelamos ao Nosso servo (Mohammad), componde uma surata semelhante à dele (o Alcorão), e apresentai as vossas testemunhas, independentemente de Deus, se estiverdes certos”. (C.2 – V.23)

Este versículo alcorânico resume a disposição:

“Dize-lhes: Mesmo que os humanos e os gênios se tivessem reunido para produzir coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se ajudassem mutuamente”. (C.17 – V.88)

2) A abordagem racional analítica

Esta abordagem submete o argumento oposto a um rígido exame crítico. O Alcorão Sagrado adotou esta abordagem em três áreas:

a) Descobrimo alguns aspectos da história cultural do Profeta

No que se refere a sua escolaridade, ele nunca leu um livro, escreveu uma carta ou freqüentou uma escola, como está evidenciado nestes concisos versículos:

“E nunca recitaste livro algum antes deste, nem o transcreveste com a tua mão direita; caso contrário, os difamadores teria duvidado”. (C.29 – V.48)

“E também te inspiramos com um Espírito, por ordem nossa, antes do que não conhecias o que era o Livro, nem a fé; porém, fizemos dele uma

Luz, mediante a qual guiamos quem Nos apraz dentre os Nossos servos. E tu certamente te orientas para uma senda reta”. (C.42 – V.52)

“Dize: Se Deus quisesse, não vo-lo teria eu recitado, nem Ele vo-lo teria dado a conhecer, porque antes de sua revelação passei a vida entre vós. Não raciociniais ainda?” (C.10 – V.16)

Antes de ser encarregado da responsabilidade de transmitir a mensagem do Islam o Profeta tinha vivido entre o povo por quarenta anos e ele nem disse ou aludiu a nada que pudesse ter indicado o que viria a ser o seu futuro. Nisso, há uma clara prova de que nem a mensagem, tampouco o Alcorão surgiu da própria capacidade pessoal do Profeta. É improvável, se não impossível, que uma pessoa que nutrisse tais idéias tivesse vivido em completo silêncio por quarenta anos sem ao menos falar sobre suas opiniões. A conduta do homem, pela palavra e ação será um espelho natural de suas opiniões no mundo, da mesma maneira que a luz do Sol e a água brota da fonte sem que sejam coisas passíveis de escolha ou vontade.

A sociedade árabe na qual o profeta nasceu e viveu não se prestava para o nascimento de uma ideologia no nível da ideologia alcorânica, cuja cultura é multidimensional, nos diferentes campos do conhecimento, legislação, ética, segredos do universo e das questões psicológicas, sociais e morais. Tudo isso era um tanto estranho ao limitado padrão educacional da sociedade da península arábica, que abraçava uma única dimensão da cultura: a excelência literária.

A referência a este assunto pode ser vista na descrição alcorânica dos membros da sociedade de Mecca, como sendo ignorante e estando num erro manifesto:

“Ele foi Quem escolheu, entre os iletrados, um Mensageiro da sua estirpe, para ditar-lhes os Seus versículos, consagrá-los e ensinar-lhes o Livro e a sabedoria, porque antes estavam em evidente erro”. (C.62 – V.2)

O profeta não estava vinculado a nenhum outro ambiente cultural. Nada em sua biografia indica alguma longa jornada empreendida para instrução. Suas viagens incluíram duas pequenas viagens comerciais à Síria.

Estas viagens não demoraram mais do que o tempo que uma pessoa leva para percorrer tal distância utilizando o transporte convencional disponível naquela época. Elas ocorreram num período um pouco anterior ao de sua emigração à Medina. Em ambas as jornadas o Profeta não chegou à Beirute, que à época era o centro do conhecimento e do ensino. Ele viajou até Busra, como foi mencionado em sua biografia.

b) A abordagem racional do diálogo sobre o assunto

O caso de se atribuir o Alcorão a alguma outra pessoa senão Deus ficou claro na afirmação de que tal pessoa não era árabe (1). Porém, é digno de menção que, como já dissemos antes, o Profeta não falava qualquer outra língua além do árabe. Como o ensino poderia ser plausível? Como poderia a tradução/interpretação ser possível? Além disso, se o jovem tivesse sido a fonte dessas palavras, a língua usada teria sido estrangeira.

(1) Na biografia profética de Ibn Hisham [vol.1 p.264] é mencionado que esta pessoa era um jovem católico romano chamado Jubair al Hadhrami, que não falava árabe, embora fosse letrado. Ele trabalhava em Mecca como fabricante de espadas. Às vezes o Profeta o visitava para ver o seu trabalho. Os descrentes acusaram o Profeta de ser orientado por esse jovem com respeito ao texto. Em resposta, Deus revelou ao Profeta o versículo 103 da Surata 16).

“Bem sabemos o que dizem: Foi um ser humano que lho ensinou (o Alcorão a Mohammad). Porém, o idioma daquele a quem eludem tê-lo ensinado é o persa, enquanto que a deste (Alcorão) é a elucidativa língua árabe”. (C.16 – V.103)

c) O Alcorão é consistente

Todas as questões, conceitos e leis do Alcorão Sagrado foram caracterizadas pela consistência. Portanto, pode-se dizer que o argumento que tenta atribuir o texto do Alcorão ao Profeta (S.A.A.S.) necessariamente significaria que o texto conteria contradições e discrepâncias. Supondo que isso fosse verdade, o que poderia substanciar este tipo de argumento é o fato que o Alco-

rão foi revelado em diferentes locais e circunstâncias no decorrer de um longo período, isto teria, como consequência, o tornado deficiente em coesão, já que um mortal é usualmente inclinado e sujeito a cometer erros. Isto foi registrado sucintamente nesse versículo:

“Não meditam, acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem, que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias”. (C.4 – V.82)

Portanto, em tudo que temos demonstrado da abordagem do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) para o diálogo com seus oponentes, que lançavam a dúvida sobre se o Alcorão seria a palavra de Deus, nos tornamos cientes do espírito da abordagem Islâmica, que deseja colocar o diálogo num território positivo. Ou seja, ao lado do conhecimento e da convicção, da questão debatida pela força da evidência, não por meio de uma atmosfera tensa que não seja favorável a um honesto e frutífero debate.

Como o Profeta enfrentou as campanhas de distorção?

Os desafios que os adversários do Islam estavam lançando desde o início visavam o próprio Profeta. Eles almejavam *“assassinar”* sua reputação. Em sua campanha, tentaram retratá-lo como um ser humano comum, este esforço incluía motejá-lo como *“poeta”* ou *“mago”* apenas para induzir a opinião pública a acreditar que ele não sabia do que estava falando. Ao fazerem isso, seus oponentes buscavam desacreditá-lo e privá-lo de qualquer santidade ou de um papel importante na introdução da reforma na sociedade. Suas táticas não pararam aí; o tacharam de lunático, muito embora não apresentasse quaisquer sinais de insanidade para que fizesse os outros acreditar que, de fato, o fosse. Ainda assim, eles conseguiram criar condições favoráveis para que o povo aceitasse qualquer coisa dita sobre ele sem um juízo independente. Era uma situação muito tensa. Eis como o Alcorão Sagrado mostra isso:

“...E os incrédulos dizem da verdade quando lhes chega: Isto não é mais do que pura magia!” (C.34 – V.43)

“Assombraram-se (os maquenses) de lhes haver sido apresentado um admoestador de sua graça. E os incrédulos dizem: Este é um mago mendaz”. (C.38 – V.4)

A despeito disso o Profeta (S.A.A.S.) se manteve firme, ele suportou o que estava sendo lançado sobre ele e manteve seu bom ânimo. Como indivíduo não se importava com o tipo de difamação que sobreviesse a ele. Portanto, não respondeu aos ataques de linchamento moral. Apenas quando as campanhas passaram a intenção de manchar a mensagem do Islam que estava encarregado de propagar ele se levantaria para defender a fé diante das deliberadas tentativas de descrédito.

Assim, por conta de o chamarem de poeta, ele pediu a eles para que comparassem cuidadosamente quais assuntos os poetas tratavam, o ambiente em que viviam e os métodos que adotavam, com o Alcorão, sobre as questões que este tratava, o ambiente que tinha promovido e a abordagem que tinha empregado. O Profeta esclareceu perfeitamente que, em última análise, constatariam que o estilo alcorânico estava muito distante, em todos os sentidos, do estilo de poesia, o mesmo foi argüido quando o acusaram de estar envolvido na prática de magia e adivinhação. O Alcorão não tinha utilizado quaisquer meios para enganar e encantar as pessoas ou ludibriar seus olhos. Ao contrário, é um livro que se dirige diretamente às pessoas, armado com a razão, as idéias e a clareza de propósito, usando uma calma e delicada abordagem e belas palavras, para que sejam convencidas apenas depois que tiverem julgado aquelas idéias que contrariem seus próprios critérios.

“Que este (Alcorão) é a palavra do Mensageiro honorável. E não a palavra de um poeta. – Quão pouco credes nem tampouco é a palavra de um adivinho. Quão pouco meditais! (Esta) é uma revelação do Senhor do Universo”. (C.69 – V.40 a 43)

“E não instruímos (o Mensageiro) na poesia, porque não é própria dele. O que lhe revelamos não é senão uma Mensagem e um Alcorão lúcido.” (C.36 – V.69)

“E diziam: Acaso, temos de abandonar as nossas divindades, por causa de um poeta possesso? Qual! Mas (o Mensageiro) apresentou-lhes a Verdade e confirmou os mensageiros anteriores”. (C.37 – V.36 e 37)

Biógrafos do Profeta narram a história de Walid Bin al Mughira, um Coraichita e arquiinimigo da mensagem Islâmica, que espontaneamente rejeitou a idéia que o Alcorão era uma forma de poesia ou uma narrativa de adivinhação. A história conta que ele ouviu alguns versículos alcorânicos sendo recitados, aos quais foi receptivo, em razão disso foi acusado de apostasia e que faria os membros da tribo de Coraich abandonar sua religião. Numa tentativa de limitar o estrago, Abu Jahl foi enviado a ele para louvar suas qualidades, riqueza e nobre linhagem, e para que pedisse para que dissesse algo mau sobre o Alcorão, de modo que seu povo cresse que se opunha a ele. Walid disse:

O que direi? Por Deus, nenhum de vós é melhor instruído em poesia, em todas as suas modalidades, inclusive a dos gênios. O que o Alcorão está dizendo não pode ser jamais comparado a qualquer uma das realizações literárias. Por Deus! O que ele diz é primoroso e há um ar de esplendor sobre ele. Seu estilo mantém a cabeça e os ombros acima de todas as formas literárias. Abu Jahl respondeu: Por Deus! Teu povo não se apaziguará até que tu tenhas desaprovado o Alcorão. Ele replicou: Dê-me algum tempo para pensar, tendo feito isso, ele disse: Não é senão a palavra de um mortal. Não viste que semeia a discórdia entre o homem e a mulher, entre o patrão e o escravo?

Como a história narra, esta posição redundou nesta revelação:

“Deixa por Minha conta aquele que criei solitário, que depois agradei com infinitos bens, e filhos, ao seu lado, e que agradei liberalmente, e que ainda pretende que lhe sejam acrescentados (os bens)! Qual! Por Ter sido insubmisso quanto aos Nossos versículos, infligir-lhe-ei um acúmulo de vicissitudes, porque meditou e planejou. Que pereça, pois, por planejar, e, uma vez mais, que pereça por pla-

nejar! Então, refletiu; depois, tornou-se austero e ameaçador; depois, renegou e se ensoberbeceu; e disse: Este (Alcorão) não é mais do que magia, oriunda do passado; esta não é mais do que a palavra de um mortal!” (C.74 – V.11 a 25)

Biografias do Profeta narram a história numa versão diferente versão, como na de Ibn Hisham (vol. 1 pag, 174-175 [resumida]):

No início do festival anual literário, principalmente poético, um grupo de Coraich dentre os quais estava Walid Bin al Mughira, se reuniu, al Mughira disse a eles: *“O festival anual está aberto. As delegações das tribos árabes os convocarão para ouvir a história de seus parentes. Será melhor para vós falar com uma única voz. Não demonstrei desacordo nem altercação entre vós. Eles disseram: E o que tu dizes? Disse ele: O que sugeris que eu diga? E disseram: e se dissermos que (as palavras do Alcorão) são palavras de um adivinho? Respondeu: Nós temos visto adivinhos. Elas não são palavras destes. Disseram então: Pois digamos que são palavras de um possesso. Ele comentou: Temos visto pessoas insanas. As palavras (do Alcorão) não possuem qualquer semelhança às palavras de um possesso ou de uma pessoa enlouquecida. Eles disseram: diremos que são palavras de um poeta? Respondeu: Não são. Temos visto poetas e somos versados em todos os tipos de poesia. Então perguntaram: Diremos que são palavras de um mago? Respondeu: Não são. Já que conhecemos os feiticeiros e sua arte mágica. As palavras não possuem qualquer semelhança com aquelas que se encontram nos trabalhos de lançar encantamentos ou soprar nós. Indagaram: O que podemos então dizer? Respondeu: Por Deus! Vós não podeis ter nada disso. É falso. O mais próximo que podeis descrevê-lo, é com aquilo que dizem, suas palavras são as de um mágico, que chegou com uma narrativa que é capaz de semear discórdia entre pai e filho, entre um irmão e outro, homem e esposa, o homem e seus parentes”.* Tendo se dispersado, eles tomaram posições nos caminhos que levavam ao lugar onde a feira anual acontecia, nem um único transeunte atravessava sem que não fosse instigado contra o Profeta (S.A.A.S.) e a mensagem que veio transmitir, por isso esta revelação:

“Porque meditou e planejou. Que pereça, pois, por planejar; e, uma vez mais, que pereça por planejar! Então, refletiu; depois, tornou-se austero e ameaçador; depois, renegou e se ensoberbeceu; e disse: Este (Alcorão) não é mais do que magia, oriunda do passado; esta não é mais do que a palavra de um mortal!” (C.74 – V.18 a 25)

É óbvio que a palavra “*magia*” que al Mughirah escolheu como a acusação que pudesse provar a “*falsidade*” da mensagem, não é o que comumente os magos utilizam para seduzir sua audiência. Antes, é a mágica, o encantamento, que alguém experimenta quando ouve a idéia, a palavra e o estilo do Alcorão. Quanto ao chamar o profeta de louco, era uma descrição que não se provava crível nem para aqueles que a usavam, isso era ouvido *ad nauseam*. Foi por esta razão que no processo de condução do debate do profeta com seus opositores, por meio do que era o melhor, o Alcorão solicitou que refletissem profundamente sobre o que e de que estavam acusando-o, e logo concluiriam o quão auto-humilhante seria o destino deles:

“Dize-lhes: Em verdade, meu Senhor prodigaliza e restringe a Sua graça a quem Lhe apraz: porém, a maioria dos humanos o ignora”. (C.34 – V.36)

Como está evidente, o Profeta (S.A.A.S.) não reagiu de maneira furiosa, como fazem as pessoas que são facilmente desequilibradas quando provocadas e partem para a troca de insultos com o outro lado. Ele era calmo e compenetrado em todos os seus intercâmbios com os adversários do Islam. Em razão de que não via aquilo como um assunto pessoal. Era um assunto da mensagem que fora enviado para propagar. Era, portanto, inevitável que o diálogo fosse conduzido numa maneira que servisse o interesse da nobre tarefa. Este processo foi orientado pela senda reta do Islam, por sua ideologia e tolerância, e devido à confiante posição que assumiu, deste modo:

“Ou dizem que está possesso! Qual! Ele lhes trouxe a verdade, embora à maioria desgostasse a verdade”. (C.23 – V.70)

“Se pudessem, os incrédulos far-te-iam vacilar, com os seus olhares (de rancor), ao ouvirem a Mensagem. E dizem: Em verdade, é um

energúmeno! E este (Alcorão) não é mais do que uma mensagem para todo o universo". (C.68 – V.51 e 52)

"E o vosso companheiro (ó povos), não é um energúmeno!" (C.81 – V.22)

Estes versículos alcorânicos falam serenamente sobre a pessoa do Profeta (S.A.A.S.). No primeiro versículo (C.23 . V.70), o Alcorão frisa que o assunto não está relacionado a qualquer convicção da parte dos descrentes, mas sim, se apresentava em razão do ressentimento que nutriam contra a verdade com que o Profeta tinha sido enviado. Embora não quisessem se envolver com a questão, não queriam ser vistos como avessos a ela. Assim, a única alternativa que tinham era a de tachar o Profeta de lunático.

No segundo grupo de versículos (C.68 – V.51 a 52), Deus descreve o estado de confusão, irritação e espanto dos descrentes, que os fazia tratar o profeta com desdém pela recordação (mensagem) que estava a propagar. Então, o Alcorão logo nos faz perceber a conexão com a realidade, quanto à natureza da revelação divina, convidando-nos a considerar isso, a fim de chegarmos à conclusão de que ele é uma recordação e um bom conselho para a humanidade.

O terceiro versículo (C.81 – V.22) rejeita a questão como um assunto de princípio, não oferece qualquer resposta explanatória ou analítica. Ao contrário, sugere que a questão não serve para qualquer argumento ou contra-argumento, e isso está tão claro que não deixa nenhum lugar para debate.

Em alguns versículos encontramos o Profeta sendo difamado como um possuído pelos gênios, o que é pouco diferente de tachá-lo de lunático. A este respeito, o Alcorão não vai além de denominar os difamadores como opressores, por conta de duas coisas, por eles próprios não praticarem a justiça ao eleger parceiros a Deus e por serem injustos com o Profeta (S.A.A.S.) forjando falsas acusações contra ele. O Alcorão, portanto, conclui que estas pessoas injustas haviam se extraviado e jamais poderiam encontrar o caminho.

"Sabemos, melhor do que ninguém, quando vêm escutar-te e porque o fazem; e quando se encontram em confiança, os iníquos dizem: Não seguis senão um homem enfeitado! Olha com o que te comparam! Porém, assim se desviam, e nunca encontrarão senda alguma". (C.17 – V.47 e 48)

O Diálogo com os Povos do Livro

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) não se engajou em nenhum debate com os povos do livro em Mecca, já que a sociedade mequense era predominantemente politeísta. O que pode explicar a escassez da revelação em Mecca, que poderia ter registrado algum diálogo ou discussão entre os dois grupos. A outra razão pode ter sido que no topo da agenda do Profeta estava a luta contra o politeísmo e a idolatria. Além disso, os Povos do Livro não se apresentavam como um grande problema ao Islam.

A empatia com o Cristianismo

Nos primeiros tempos, podemos perceber um tipo de simpatia e afinidade entre o Profeta (S.A.A.S.) e uma vasta comunidade cristã. Isto ficou aparente na fuga dos primeiros muçulmanos para a Abissínia (atual Etiópia), onde encontraram abrigo, paz e segurança, o que permitiu que praticassem seu culto com liberdade. Há referência a este incidente no Alcorão, como também nos anais da história. Os muçulmanos que migraram para a Abissínia receberam garantias de proteção do Rei. Quando os Coraichitas os seguiram para incitar a desconfiança deste contra eles, o Rei preferiu acreditar nos muçulmanos. Junto com sua corte, o Rei os ouviu, e eles recitaram versículos alcorânicos para ele, os quais narravam a história de Jesus e de sua Mãe (A.S.), e os maiores aspectos espirituais do Islam que Deus tinha revelado ao Profeta (S.A.A.S.). O rei e seu povo descobriram que isto estava relacionado a o que eles acreditavam, a espiritualidade do cristianismo puro, tanto assim que ele mal pode conter suas lágrimas:

“Constatarás que os piores inimigos dos fiéis, entre os humanos, são os judeus e os idólatras. Constatarás que aqueles que estão mais próximos do afeto dos fiéis são os que dizem: Somos cristãos!, porque possuem sacerdotes e não ensobrecem de coisa alguma. E, ao escutarem o que foi revelado ao Mensageiro, tu vês lágrimas a lhes brotarem nos olhos; reconhecem naquilo a verdade, dizendo: Ó Senhor nosso, cremos! Inscreve-nos entre os testemunhadores!” (C.5 – V.82 a 83)

O tratado com os judeus

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) emigrou para Medina para estabelecer as bases para a nova sociedade Islâmica. Neste local, ele ficou face a face com os judeus, há de se destacar o fato de que não havia cristãos em Medina. Ele não queria conflito com os judeus, já que não desejava abrir uma nova frente de contenda. Ao invés disso, ele deixou a sabedoria prevalecer, assinando um pacto com eles, por meio do qual os seguidores de cada uma das religiões poderiam viver lado a lado em paz e harmonia. O pacto era indicativo de uma nova realidade: a tolerância religiosa construída sobre uma base sólida em que ambos os grupos religiosos reconheciam o que os unificava. Assim, ambos optaram por um meio termo, onde o diálogo era o caminho para uma mútua compreensão, longe do fanatismo e do preconceito.

Isto se encontra nos interesses dos pesquisadores muçulmanos sinceros para compreender quão realista e dinâmico era o movimento Islâmico, tanto na arena doutrinária como na arena da disputa social. Esses escritores são aconselhados a estudar o pacto acima citado, o qual é um grandioso documento que prepara o terreno para a exemplar co-existência religiosa, apenas para que saibam como o Islam considera o diálogo a base firme base resolver o conflito. Isto é indicativo de seu esforço para criar as condições apropriadas, que abrem o caminho para o surgimento e a manutenção de relações simples baseadas no respeito mútuo, religioso e humano, num ambiente que não seja governado pelo fanatismo mas sim na razão e na lei.

Antes de examinarmos este pacto, como um prelúdio para entendermos a natureza da contenda entre o Islam e os judeus dentre os povos do Livro, achamos necessário reiterar um ponto que consideramos que seja importante. Este tratado não foi um acordo unilateral entre o Profeta (S.A.A.S.) e o povo do livro. Foi celebrado num completo clima harmonioso que prevalecia no campo das relações entre os próprios crentes. Assim, o tratado foi parte deste relacionamento, que indicava o fato que o Profeta (S.A.A.S.) queria transformar a sociedade civil num mosaico de diferentes confissões religiosas e tribos, fossem mequenses que migraram com ele para sua nova base, os medinitas que o auxiliaram, ou os povos do Livro, não importando seu credo. A força impulsora por trás deste pensa-

mento era o reconhecimento que o futuro da sociedade como um todo, sua segurança e bem estar, eram prioritários. Ou seja, sem qualquer apreensão quanto ao Islam como uma nova religião. O que nos leva a concluir que o Islam não abrigava nenhuma inimizade ou intenções de guerra contra os povos do Livro, inclusive os judeus. Ao contrário, planejava-se projetos a longo prazo para a co-existência pacífica entre as religiões.

O texto do pacto

O que se segue é o texto do citado pacto, como foi registrado por Ibn Hisham em sua biografia profética:

Ibn Hisham disse: O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) escreveu um compromisso na presença dos Muhajirin (migrantes de Mecca) e dos Ansar (literalmente, os socorredores, referência feita aos fiéis de Medina). No compromisso firmado, ele confirmou que a coexistência pacífica com os judeus tinha sido alcançada, que ele reconhecia sua religião, e que eles poderiam sentir-se seguros em suas possessões. Havia estipulações que ambas as partes do acordo deveriam honrar:

“Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso: esta é a missiva do Profeta Mohammad para os crentes e muçulmanos entre Coraich e Yaçrib (antigo nome de Medina), e para todos aqueles que os seguirem e tomarem parte no Jihad com eles. Eles são uma só nação. Os muhajirin de descendência Coraichita, em seu centro de influência, devem cooperar e resgatar os aflitos dentre eles com justiça e equidade, como é entre os que crêem. Banu Awf, em seu centro de influência original, deve cooperar, e cada grupo deve resgatar os aflitos dentre eles com justiça e equidade, como é entre os que crêem. (As palavras desta sentença foram repetidas para as seguintes tribos: Banu Saaïda, Banu Jashm, Banu AnNajjar, Banu An Nabeet, Banu Aws). Os crentes não devem abandonar pessoa alguma, seriamente em débito, sem ajudá-las de modo equitativo em resgate ou resgate de sangue.

Um crente não deve fazer uma aliança com um servo de um outro crente sem seu conhecimento. Os devotos que crêem devem se unir contra aquele que transgredir ou buscar oprimir, fazer injustiça, semear a corrupção ou ser agressivo contra qualquer um deles, eles devem juntar forças contra o transgressor, mesmo se este for um de seus descendentes. Um descrente não deve ser auxiliado contra um crente. O pacto divino de proteção é único, a mais insignificante das pessoas deve receber refúgio. Os crentes devem ficar unidos muito mais do que os outros.

(Também foi acordado) que, quem se juntar a nós dos servos dos judeus, deverão ser qualificados com nosso apoio e ser tratados como um de nós, não devem nem ser oprimidos, tampouco ser alvo de hostilidade de um grupo. Em guerra na causa de Deus, um crente não deve, separadamente, buscar a paz com um descrente, exceto com justiça e bondade. Os crentes podem substituir um ao outro na mortandade que sobreveio sobre eles na causa de Deus. Os devotos entre os crentes são os mais bem-guiados e estão na senda reta. Um politeísta não deve reter o dinheiro devido a um Coraichita, ninguém deverá reter o dinheiro de um crente. Quem quer que seja que tenha causado o derramamento do sangue de um crente com prova, será considerado responsável, até que chegue a um acordo com o parente próximo do assassinado, todos os crentes devem tomar posição contra ele.

(Também foi acordado) que, não é permissível para nenhum crente que testemunhou este documento, e acreditou em Deus e no Último Dia, prestar apoio a nenhum iniciador do mal ou da discórdia, nem abrigá-lo. Aquele que lhe prestar ajuda ou abrigo deve estar ciente que a maldição de Deus permanecerá com ele até o dia do Julgamento, não será aceita compensação por ele ou da parte dele. Qualquer um de vocês que estiver em desacordo, deverá buscar a solução por recorrer a Deus, o Altíssimo e a Mohammad.

Que, judeus e muçulmanos financiarão o jihad, pelo tempo em que estejam sendo combatidos. Que, os judeus dentre Banu Awf são uma comunidade igual à dos crentes. Os judeus têm sua religião e os muçulmanos

têm a sua, senhores e servos igualmente. A exceção sendo aqueles que transgredirem ou pecarem. Eles têm que culpar a si mesmos. Os judeus de Bani An Najjar têm os mesmos direitos que os judeus de Banu Awf. (Esta última sentença foi repetida mencionando os judeus das demais tribos). Aqueles que se relacionam com Tha'labá devem receber o mesmo tratamento que os próprios membros de Tha'labá.

Aquilo que seja direito de Banu Awf, deve ser igualmente dado (direito) a Banu Shutaiba. Fazer o bem é muito recomendável para apagar as más ações. Os servos de Tha'labá devem receber o mesmo tratamento que os seus senhores. Aqueles no domínio dos judeus receberão o mesmo tratamento acordado para os próprios judeus. Que, nenhum deles parta, exceto com a permissão de Mohammad. Que, nem um ferimento sequer deve ser infligido por vingança. Que aquele que ferir a si mesmo, deve se responsabilizar por isso, exceto quem praticou injustiça. Deus é capaz de resolver a questão.

Que, os muçulmanos devem prover-se a si próprios, e os judeus também devem prover-se da mesma maneira. Eles devem permanecer unidos contra aquele que empenhar guerra contra os signatários deste pacto. Devem aconselhar-se mutuamente e ordenar o que seja bom, evitando o que seja mal. Ninguém deve sofrer por um crime que seu aliado tenha cometido. Ajuda e apoio devem ser dados a aquele que seja injustiçado.

Que, os judeus devem financiar o esforço de guerra pelo tempo em que estejam sendo combatidos. Yaçrib é um santuário para os signatários deste pacto. Que, vizinhos estão em igualdade mútua, sem discriminação. Que, a privacidade dos indivíduos deve ser respeitada.

Que, se houver qualquer discórdia ou desentendimento, cujo perigo potencial possa ser grande, isto deve ser levado à decisão de Deus, O Altíssimo e a Mohammad, o Mensageiro de Deus. Deus está com os mais sinceros partícipes deste pacto e com os bondosos dentre eles. Que, nenhum abrigo deve ser dado a Coraich e seus aliados. (Os signatários

deste pacto) devem auxiliar-se mutuamente, se Yaçrib encontrar-se sob ataque, e se forem chamados para fazer a paz, devem responder com boa vontade. Se isto acontecer, eles deverão ter as mesmas responsabilidades dos crentes, exceto aqueles que lutaram pela fé, pois cada grupo tem a parte que lhe cabe com seus correlatos. Os judeus de Aws e seus servos têm os mesmos direitos e responsabilidades dos signatários deste pacto naquilo que seja puramente justo.

Ibn Hisham então disse:

A justiça é mais louvável do que a maldade. Quaisquer que sejam as más ações cometidas por uma pessoa, estas ações acusam-se a si mesmas. Deus está com os signatários deste pacto que sejam os mais bem-intencionados e justos.

Este pacto não deve ser visto como provisão de proteção para aqueles que transgredirem ou fizerem o mal. Os residentes de Medina deverão sentir-se seguros, quer seja permanecendo dentro dos limites da cidade ou fora deles, exceto os transgressores e os praticantes do mal.

Os judeus em confronto com o Islam

Este pacto teria durado e criado as condições apropriadas para a tolerância religiosa e a paz se não tivesse sido a má vontade dos judeus em contribuir para materializar este ambiente, pois estavam inclinados a se opor à nova religião e a seu Profeta.

Citando a biografia do Profeta, de Ibn Hisham, Ibn Ishaq diz o seguinte:

Assim, os rabinos nutriam inimizade ao Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) em transgressão, rancor e inveja por aquilo que Deus tinha concedido aos árabes, enviando a eles um Profeta dentre eles mesmos. Alguns homens das tribos de Aws e Khazraj, que ainda estavam apegados à tradição de seus antepassados e à idolatria, se juntaram aos judeus para

conspirar contra o Profeta (S.A.A.S.). Muito embora aqueles politeístas tenham abraçado o Islam ostensivamente, quando viram como se expandia por toda parte, em seus corações ainda não tinham se convertido, eram hipócritas. A tendência destes e dos judeus era a rejeição à mensagem do Islam e o tomar o Profeta como um mentiroso. Os rabinos fizeram o máximo que podiam para confundir as questões e transformar as verdades em mentiras ao argüir com o Profeta, tanto assim que muito das revelações alcorânicas do período tratavam dos rabinos e de seus modos corruptos, muito pouco do Alcorão, durante o mesmo período, que foi, na maior parte, o tratar com as matérias do que era ou não permissível, foi revelado. (Ibn Hisham , v.1 p.358)

Está perfeitamente claro que os Judeus iniciaram o conflito num esforço de incitar a inquietação e provocar questões tendenciosas sobre a mensagem do Islam e seu Mensageiro (S.A.A.S.). Estas foram táticas com a intenção de distrair o Profeta de continuar o principal esforço de sua nobre missão: fazer com que a nova religião se enraizasse na sociedade. Os rabinos almejavam também distrair os muçulmanos de seu empenho concentrado na nova vida sob o Islam, por meio de desconfiças e preocupações que eles semeavam nos corações e mentes dos muçulmanos, e das divisões e discórdia que eles buscavam espalhar em suas fileiras.

Como o Profeta (S.A.A.S.) respondeu a este ataque? Ele declarou guerra a eles? De modo algum. O Profeta (S.A.A.S.) não queria tornar aquela escaramuça o início de uma guerra generalizada. Ao invés disso ele estava determinado a estabelecer as diretrizes com as quais os muçulmanos deveriam firmar-se no debate com os Povos do Livro, quer fossem os judeus ou outros.

O Islam planeja o debate ideológico com os Povos do Livro

Em seu esforço para ativar o debate inter-confessional o Profeta (S.A.A.S.) estava resoluto em criar as condições apropriadas para isso. Ele queria dirigir o debate longe de ambientes tensos, a fim de torná-lo proveitoso para atingir a meta desejada: um acordo total entre as partes do debate ou o consenso em posições partilhadas, baseado na clareza de visão que cada parte fosse capaz de ter.

O Islam tem sido prático e realista a esse respeito. Ele reconhece que o conceito de co-existência pacífica entre as religiões, cuja bandeira ele tem hasteado, não deve necessariamente significar reconhecimento que a arena esteja livre das causas de conflito que podem surgir de tempos em tempos. Também reconhece que estes fatores não devem impedir o Islam de se ocupar de sua missão em propagar sua mensagem a outras religiões e àqueles que não tem religião.

Por conta disso, é necessário estabelecer as bases, no conceito e na metodologia, sobre os quais a contenda há de se formar. Isto com o objetivo de isolar o ambiente de co-existência dos dias tempestuosos de luta, que podem fazer soar os tambores da guerra ou conduzir a ela. Portanto, as principais características que pavimentaram o caminho para um debate racional e frutífero começaram a surgir.

Quanto ao conceito, a questão principal era partir de um ponto em comum, que pudesse fortalecer a co-existência e explorar mais aspirações partilhadas ou ao menos a possibilidade de descobrir novas instâncias de encontro das idéias.

Concernente a metodologia, tratava-se de buscar a melhor, a superior e a mais agradável das linguagens do diálogo, seu dinamismo e seu ambiente geral. Utilizar palavras rudes não seria tolerado, conquanto o debate possa ser conduzido calmamente, nem é aconselhável recorrer a métodos históricos, quando a alternativa deve ser um debate informado conduzido numa atmosfera amistosa.

O objetivo subjacente em tal abordagem é o de provocar as mentes e fazê-las reconhecer que o Islam respeita suas idéias e sentimentos, e que não tenta tratá-los de modo insolente. O que se faz é confrontá-los pedindo respostas às questões postas e às indagações que são levantadas. As respostas fornecidas são o ponto de partida de um debate realista, calmo e livre, não uma sessão de interrogatório que possa abusar da dignidade e do amor próprio da pessoa. O Islam não quer que isso aconteça porque ele almeja a crença a qual se chega através da convicção pessoal. Isso apenas pode ser encontrado em condições em que a liberdade e a tranqüilidade venham a predominar.

O impulso principal da abordagem

“E não disputeis com os adeptos do Livro, senão da melhor forma, exceto com os iníquos, dentre eles. Dizei-lhes: Cremos no que nos foi revelado, assim como no que vos foi revelado antes; nosso Deus e o vosso são Um e a Ele nos submetemos”. (C.29 – V.46)

“Dizei: Cremos em Deus, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles, e nos submetemos a Ele”. (C.2 – V.136)

Portanto, o Alcorão estabeleceu as bases para o diálogo com os povos do Livro com aquilo que seja o melhor, impedindo a ação dos injustos dentre eles, pois seu objetivo não é um desejo de conhecer a verdade. Ao contrário, eles buscam transgredir, causar problemas e fazer o mal o melhor que possam e as circunstâncias permitam. Portanto, é inevitável que eles sejam tratados com aquilo que os impedirá de perpetuar a injustiça e a agressão, não pode existir diálogo com eles, de qualquer forma.

O Alcorão não desenvolveu esta abordagem teoricamente para o diálogo. Ele tentou apresentar o lado prático dela denominando-a *“aquilo que seja o melhor”*, de maneira que possamos mantê-la. A abordagem é uma mescla de metodologia e conceito sobre os quais a crença no Islam esta baseada, uma fé que é uma ponte entre religiões. Ela é assim porque não tem qualquer reserva sobre o respeitar a santidade na qual outras religiões consideram seus profetas, as doutrinas que elas acreditam e as leis que sustentam. O Islam crê em todos os profetas (A.S.) que foram enviados antes do Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Ele crê em todos os livros que foram revelados por Deus aos demais profetas da mesma maneira que considera sagrado o livro que foi revelado à Mohammad. A pedra fundamental de sua crença é o monoteísmo, que é partilhado pelas demais tradições religiosas (judaísmo e cristianismo). No princípio e no fim a crença Islâmica é submissão ao Todo-poderoso em qualquer que seja a forma ou a situação que isso possa assumir no contexto da verdade e da paz.

Esta abordagem pode sugerir que crendo no que outros consideram sagrado, do mesmo modo que os muçulmanos consideram o que crêem como sagrado, o Islam não reconheça a existência das demais tradições, visto que sua posição não é comprometida. Isso pode ser atribuído ao ato de prestar atenção às sutilezas e no de buscar uma base comum para se chegar a um acordo a custo de posições reais. Ao contrário, isto é manter-se no nível das realidades do Islam, esta realidade é capaz de dar a todas as partes no diálogo o sentimento de afinidade espiritual e ideológica. E pode assegurar-lhes novamente que o encontro com o Islam não os afastará de suas posições originais como uma questão de princípio.

A abordagem fornece um ponto de segurança contra o isolamento

É óbvio que, como ativistas Islâmicos, necessitamos dessa abordagem para dialogar em muitas esferas. É sempre melhor que iniciemos de posições que nos unam aos que estão do outro lado do debate do que dos pontos que nos mantenham separados. Isto é capaz de guiar nossos passos em direção a uma base comum. E é aplicável a matérias doutrinárias como também para outras questões, sejam elas da vida em geral ou de natureza pessoal.

O diálogo conduzido desta maneira é capaz de evitar que os ativistas muçulmanos, convocando para a senda de Deus, caiam na armadilha do isolamento social e político, que pode se provar uma barreira para o desenvolvimento de seu ponto de vista. Como se encontra aparente nos versículos mencionados anteriormente, os ativistas Islâmicos podem tomar como seu ponto de partida no diálogo a discussão de assuntos de interesse comum, antes de examinar os detalhes da doutrina e da vida em geral. Este pode ser um prelúdio para conquistar corações e mentes, e então mover-se de uma base sólida dirigindo-se para públicos maiores. Aos outros não se deve dar a chance de explorar a indulgência dos ativistas muçulmanos nos detalhes sobre a fé como um trampolim para acusá-los de estarem distanciados das questões reais, sejam elas sociais, econômicas ou políticas, que preocupam a maior parte das pessoas.

A vantagem de dirigir a atenção às questões reais é para ser vista neste ponto. As realizações que os grupos e partidos políticos alcançam ao adotar slogans receptivos às aspirações e questões dos povos são evidentes. Contu-

do, o movimento Islâmico, de modo geral, parece ser tímido, vacilando em seu caminho e permitindo que outros passem, conformando-se às barreiras fundamentais colocadas ao lado deles. Em outras palavras, sem possuir a preocupação com assuntos de interesse comum. Assim, o movimento islâmico tem sido deixado no começo do caminho, quase imóvel, ao largo dos demais grupos, e que cujos pés tornaram-se entorpecidos pelo longo tempo em que tem se mantido parado. Eles foram abandonados num limbo devido a crença de que devem abster-se e esperar a esmo sem mesmo tentar ver se há luz no fim do túnel.

Todavia, não vemos porque não possamos nos unir ao comboio, mas sem perder nosso distinto caráter Islâmico, exatamente do mesmo modo que outros podem se unir sem perder sua identidade. Isto, acreditamos, não se opõe às injunções Islâmicas, que reconhecem que buscar denominadores comuns com os outros é uma boa base para se atingir a muito necessária liberdade de movimentos no debate com os outros ou em seus próprios interesses. Não precisamos de nada mais do que examinar os versículos alcorânicos que se seguem para provar a legitimidade desta abordagem até o ponto em que a natureza da noção e da metodologia do diálogo sejam pertinentes. Entretanto, o problema com muitos de nós é que parecemos nos comportar de um modo que sugere que cremos em certas partes do Livro e descremos em outras, quando se refere ao tratar como os descrentes. Parecemos nos apoiar radicalmente nos versículos que ordenam demonstrar dureza com eles, ao invés daqueles que ordenam que se adote tolerância e indulgência. Não nos apresentamos para adotar uma posição serena e para tentar diferenciar tais versículos levando em conta alguma dada circunstância.

Construindo posições de acordo mútuo

“Dize-lhes: Ó adeptos do Livro, vinde, para chegarmos a um termo comum, entre nós e vós: Comprometamo-nos, formalmente, a não adorar senão a Deus, a não Lhe atribuir parceiros e a não nos tomarmos uns aos outros por senhores, em vez de Deus. Porém, caso se recusem, dize-lhes: Testemunhais que somos muçulmanos”. (C.3 – V.64)

Este versículo alcorânico concorda com o anterior (C.2 – V.136) no discutir das questões fundamentais de interesse comum para todas as religiões. Isto é, o puro monoteísmo, que não se mescla com o politeísmo ou a idolatria, nem é um politeísmo latente que se manifesta no culto de personalista adoração, tomando pessoas por senhores e não a Deus:

“Tomaram por senhores seus rabinos e seus monges em vez de Deus, assim como fizeram com o Messias, filho de Maria, quando não lhes foi ordenado adorar senão a um só Deus. Não há mais divindade além d’Ele! Glorificado seja pelos parceiros que Lhe atribuem!” (C.9 – V.31)

Esta abordagem de diálogo parte do concordar, em termos gerais, quanto ao tópico do debate sem entrar em detalhes, com o intuito de evitar que se provoquem sensibilidades com respeito a certas práticas. Se o acordo for alcançado, o caminho então estará aberto para examinar os detalhes diretamente.

A importância desta abordagem está na possibilidade que as objeções levantadas pudessem se originar da ignorância do principal impulso da fé, ou devido a serem completamente superadas pela realidade de como ela esteja sendo praticada, sem que sejam capazes de distinguir entre ideologia e prática. É, portanto, desejável que o diálogo se concentre na idéia geral, num exercício que estimule o raciocínio.

Isto é o que o Alcorão está tentando enfatizar com respeito ao exame dos detalhes. Ele esclarece sem deixar qualquer dúvida que, conforme os versículos acima, eles se desviaram profundamente do que na verdade acreditavam, como está claro no versículo (C.9 – V.31): *“Tomaram por senhores seus rabinos e seus monges em vez de Deus, assim como fizeram com o Messias, filho de Maria”*. Isto é, a despeito da diferença que afirmam existir entre os rabinos e os monges por um lado, e Jesus (A.S.) por outro. Em outras palavras, o que sua posição demonstra é a pura divergência com o monoteísmo, o qual o Alcorão apresenta como base para o consenso mútuo entre as religiões, e que não há muita diferença entre essas duas posições.

Por que o Alcorão tomou por alvo os Rabinos e os Monges?

Alguém pode levantar uma questão quanto ao porque o Alcorão se apresenta para dirigir o diálogo ao relacionamento entre eles (judeus e cristãos) e seus rabinos e sacerdotes, a despeito do fato que este relacionamento nada tivesse a ver com as matérias doutrinárias. Não há nenhuma evidência que a afirmação deles seria que seus rabinos e monges fossem deuses. Ao invés disso, a questão parece se relacionar à completa submissão aos rabinos e sacerdotes, sem que necessariamente acreditem que sejam deuses.

Contudo, a resposta é que talvez devido ao poder desses em influenciar as vidas das pessoas e o seu modo de pensar, e a sua amarga e determinada oposição à mensagem do Islam. Eles fizeram o máximo que puderam para impedir que as pessoas adentrassem o caminho de Deus, o qual foi aberto pela nova religião, pois estavam apreensivos de que pudessem perder sua posição privilegiada. Assim, se inclinaram a espalhar a discórdia e a desencaminhar o povo, adulterando e interpolando com suas próprias palavras os livros revelados que estavam encarregados de ser os guardiões. Suas falsificações contribuíram para desfazer qualquer chance das religiões de se aproximarem e se encontrarem em um ponto em comum.

O conceito que o Alcorão desenvolveu consiste em sustentar o fato que as religiões possuem um denominador comum, no qual nenhuma pessoa deve ter qualquer concessão sobre as demais, não importando sua posição ou reputação. Ninguém deve ter o direito de colocar-se como parceiro de Deus ao ponto disso significar total submissão. Nenhum mortal, incluindo os profetas (A.S.), possuem quaisquer dos atributos de Deus, nem mesmo a mínima parte disso. O trabalho dos profetas foi comunicar a mensagem confiada a eles por Deus, e convocar o povo para submeter-se a Ele. Se houvesse qualquer instrução divina para obedecer aos profetas, era baseada, como a compreendemos, na total submissão a Deus, o que é a fibra moral e a força impulsora por trás de suas missões.

O Alcorão esclareceu esta situação em muitos versículos. Ele pintou um triste quadro dos rabinos e sacerdotes, em especial do trabalho sinistro que estes tencionavam levar a cabo contra as escrituras que supostamente consideravam como sagradas:

“Ó fiéis, em verdade, muitos rabinos e monges fraudam os bens dos demais e os desencaminham da senda de Deus. Quanto àqueles que entesouram o ouro e a prata, e não os empregam na causa de Deus, anuncia-lhes (ó Mohammad) um doloroso castigo. No dia em que tudo for fundido no fogo infernal e com isso forem estigmatizadas as suas fronteiras, os seus flancos e as suas espáduas, ser-lhes-á dito: eis o que entesourastes! Experimentai-o, pois!” (C.9 – V.34 e 35)

Ao rejeitar a adoração ou culto da personalidade, fora a de Deus, o Alcorão diz o seguinte:

“É inadmissível que um homem a quem Deus concedeu o Livro, a sabedoria e a profecia, diga aos humanos: Sede meus servos, em vez de o serdes de Deus! Outrossim, o que diz, é: Sede servos do Senhor, uma vez que sois aqueles que estudam e ensinam o Livro. Tampouco é admissível que ele vos ordene tomar os anjos e os profetas por senhores. Poderia ele induzir-vos à incredulidade, depois de vos terdes tornado muçulmanos?” (C.3 – V.79 e 80)

A questão concernente aos clérigos muçulmanos que seguem este caminho

Estes sagrados versículos afirmam que a denúncia do Alcorão das ações deste grupo dos povos do Livro não está restrita a eles, mas sim, inclui as pessoas do mesmo tipo que estejam desviadas e que sejam mal intencionadas. Isto é dessa maneira porque o Alcorão não condena as pessoas por si mesmas, mas sim pelo que elas carregam em seu íntimo e pelo que praticam, pelo que ajudam a propagar através do tempo e dos locais.

Com este sentido, podemos concluir enfaticamente que os versículos sugerem que sua mensagem é dirigida para a classe dos clérigos muçulmanos que se colocam acima das pessoas. Aqueles que exploram sua capa religiosa para amealhar riquezas injustamente, ou conseguir ilicitamente concessões, erguendo barreiras entre as pessoas e os nobres valores da fé, bajulando os abastados e os poderosos à custa dos princípios da fé e das questões reais do

povo, e usam sua posição social para prejudicar as pessoas, nem que seja favorecendo um parente, embora errado, e desconsiderando uma pessoa que não seja ligada a eles, embora correta. Assim, o correto perde seu encanto e seu valor em suas vidas, deixando de ser um critério para avaliar as pessoas e julgar as coisas. A tradição atribuída ao décimo primeiro Imam da linhagem do Profeta, Al-Hassan Ali al-Askari (A.S.), que traz o comentário alcorânico, parece aludir a isso, quando comentando sobre este versículo do Alcorão:

“Entre eles há iletrados que não compreendem o Livro, a não ser segundo os seus desejos, e não fazem mais do que conjecturar”. (C.2 – V.78), ele é citado como tendo dito: ((referente ao versículo) um homem disse para Imam Ja`far Assadeq (A.S.): “Se os iletrados dentre os judeus e cristãos não eram conhecedores do livro, apenas daquilo que ouviam de seus clérigos, por que foram criticados por dar ouvidos a seus clérigos? Não são os nossos iletrados como aqueles dos judeus e cristãos, imitando seus clérigos? Assim, se aqueles estavam no erro ao aceitar o que seus clérigos estavam lhes ensinando, nossos iletrados não estariam necessariamente na mesma situação?” Imam Assadeq (A.S.) disse: “Entre os leigos de nosso povo e seus sábios, por um lado, e os leigos dos judeus e cristãos e seus sacerdotes, por outro, existem similaridades e diferenças. A similaridade surge com o desagrado de Deus com os leigos dentre o nosso povo pelo modo que eles imitam seus sábios, do mesmo jeito que Ele demonstrou seu desagrado com os leigos dentre eles Onde há a diferença, a resposta está na rejeição”. O homem retorquiu: “Explique-me, ó filho do Mensageiro de Deus!” O Imam (A.S.) disse: “Os leigos dentre os judeus sabiam que seus rabinos mentiam abertamente, devoravam o que é ilícito, aceitavam subornos, eles eram dados a interpretar falsamente as leis impelidos pelo nepotismo, corporativismo e favorecimento, eles (os leigos) conheciam o fanatismo obstinado (dos rabinos), o que tinha sido uma causa para o seu afastamento da verdadeira fé, pois isto conduzia ao tratamento injurioso aos que estavam certos, e ao ficar flagrantemente do lado que estava no erro, a quem demonstravam favorecer. Assim, eles praticavam a injustiça com o lado mais fraco, embora estivesse com a razão, e faziam-nos desculpá-los

por praticar o que é proibido, os leigos sabiam perfeitamente bem que qualquer um que fizesse o que eles faziam de errado era um renegado que não deveria ter crédito fora das instruções de Deus, nem deveria ser levado a sério quando se tratava de resolver as questões entre as pessoas. Por isso é que Deus os denunciou por seguirem tais rabinos que eles sabiam que não eram sinceros, e que não deviam ter acreditado em sua narrativa. Não deviam ter agido segundo o conselho extraviado de seus rabinos, deviam ao invés disso ter examinado as questões por si mesmos naquilo que o Mensageiro de Deus veio a eles para comunicar, o que é perfeitamente claro.

De maneira similar, se nossos leigos souberem que seus juristas estejam num erro manifesto, mascateando fanatismo, correndo atrás de ganhos mundanos e daquilo que seja ilícito, e pondo as pessoas de quem estejam com raiva no caminho do prejuízo, muito embora essas possam estar necessitando de correção, e por outro lado, estejam favorecendo as pessoas de quem gostam, ainda que estas mereçam o insulto e o aviltamento. Quem quer que esteja entre nossos leigos que imitar tal espécie de juristas, devem ser tratados do mesmo jeito que os judeus a quem Deus denunciou por imitarem os renegados dentre os doutos da religião. Quanto àquele, entre os juristas, que seja cuidadoso em preservar sua integridade, mantendo sua fé, se opondo a seus caprichos, e submetendo-se a seu Senhor, os leigos podem segui-lo (em assuntos da lei e da prática religiosa). (At-tibrisi, Al Ihtijaj, vol. 2, p.263)

O ponto essencial do assunto é que as mensagens divinas não foram enviadas para criar um grupo elitista dentre os que receberam o encargo de zelar por elas, que gozasse de privilégios sem direito a isso e praticando tudo o que quisessem sem serem responsabilizados por isso. Ao contrário, as mensagens foram enviadas para liberar o homem da escravidão de seu semelhante e conceder a ele o sentimento de dignidade e de valor, através da eficiência e da boa obra, de modo que ele buscasse a verdade a partir da liberdade intelectual sem se submeter a um outro ser humano. Ele, ao lado dos demais seres humanos, deve manter-se unido diante de Deus em completa e pura sinceridade, submissão e obediência.

Finalmente, o homem não deve sentir que sua fé se constitua numa barreira para o seu relacionamento com os outros, e que ele pode firmar relacionamentos, em qualquer circunstância, com base na lealdade. Do contrário, estará procurando num campo muito distante em sua jornada em busca da verdade.

O Profeta enfrenta o desafio

Os povos do livro, especialmente os judeus, não responderam ao chamado sincero do Profeta Mohammad, como foi revelado no Alcorão. Eles se puseram a conspirar para derrubar o Islam internamente, por um lado, e lançar dúvida sobre sua validade e manchar sua reputação, por outro. Esta atitude se traduziu em latentes e manifestos movimentos contra o Profeta Mohammad (S.A.A.S.).

Contudo, o Profeta (S.A.A.S.) não abandonou a abordagem Islâmica no diálogo ou na prática, já que ambos buscam alcançar as convicções através da rota mais curta. Isto foi dessa maneira porque o Islam não adotou esta abordagem fora da arena do desafio, ao contrário, ele tomou seu ponto de partida de uma posição de entrar no desafio de cabeça com a poderosa sabedoria e o poder do conhecimento. Isto é, de uma crença geral no chamado para o que promove a sabedoria e o bom conselho. O comunicado divino para eles tinha permanecido calmo e o Profeta (S.A.A.S.) tinha se mantido desafiando-os com os sinais de Deus pelo caminho da evidência e da contra-evidência, da afirmação e da contra-afirmação. Apesar de que, às vezes, seu tom era ríspido porque a questão não estava limitada a tentar mostrar a eles o lado mais forte na discussão, mas sim, tratava-se de enfraquecer a influência que tinham sobre os demais no incitamento de problemas para a nova religião e na criação de obstáculos em seu caminho. Esta era a razão por trás do desvelar suas intrigas e sua história, desnudando tudo aquilo que faz os inocentes confiarem e tratarem com eles.

Essencialmente, estas ações foram dirigidas aos judeus, pois estes viviam com o Profeta (S.A.A.S.) e se associaram contra ele aberta e secretamente. Eles tomaram a escritura como uma coberta para se aproximar da santidade dela, de modo que estivessem seguros e invioláveis em sua posição social, para sua própria satisfação e a dos olhos dos outros.

As questões que o Islam conduziu no diálogo foram muitas e variadas, dependendo das questões apresentadas por seus inimigos ou que o Islam queria discutir.

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) iniciou o diálogo com eles sobre o assunto que estavam tentando promover, vestindo a roupa da santidade através da escritura, e usando-a como um escudo. Antes do advento do Islam, eles costumavam levantá-la diante da face dos descrentes como uma evidência do próximo profeta, cuja vinda a Torah tinha anunciado. Todavia, eles davam as costas ao Profeta depois do advento do Islam e depois que os descrentes, com quem estavam conspirando, tinham se convertido ao Islam:

“Quando, da parte de Deus, lhes chegou um Livro (Alcorão), corroborante do seu – apesar de antes terem implorado a vitória sobre os incrédulos – quando lhes chegou o que sabiam, negaram-no. Que a maldição de Deus caia sobre os ímpios!” (C.2 – V.89)

O Alcorão submete a profecia de Mohammad ao diálogo

A questão que o Profeta (S.A.A.S.) queria discutir de início era a sua profecia, a qual o Alcorão confirma que era a boa nova de Moisés (A.S.) e de Jesus (A.S.) na Torah e no Injil (Evangelho), assim:

“São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Tora e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e que proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e vedalhes o imundo, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que o deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados”. (C.7 – V.157)

A referência a descrição do Profeta (S.A.A.S.) e de seus companheiros foi feita nos dois livros sagrados citados:

“Mohammad é o Mensageiro de Deus, e aqueles que estão com ele são severos para com os incrédulos, porém compassivos entre si. Vê-los-ás

genuflexos, prostrados, anelando a graça de Deus e a Sua complacência. Seus rostos estarão marcados com os traços da prostração. Tal é o seu exemplo na tora e no Evangelho, como a semente que brota, se desenvolve e se robustece, e se firma em seus talos, compraz aos semeadores, para irritar os incrédulos. Deus prometeu aos fiéis, que praticam o bem, indulgência e uma magnífica recompensa”. (C.48 – V.29)

Isto foi mencionado novamente no contexto da história de Jesus (A.S.):

“E de quando Jesus, filho de Maria, disse: Ó israelitas, em verdade, sou o mensageiro de Deus, enviado a vós, corroborante de tudo quanto a Tora antecipou no tocante às predições, e alvissareiro de um Mensageiro que virá depois de mim, cujo nome será Ahmad! Entretanto, quando lhes foram apresentadas as evidências, disseram: Isto é pura magia!” (C.61 – V.6)

Por conta disso, o Alcorão conclama os povos do livro a prestar testemunho da profecia de Mohammad em virtude do testemunho da Torah e da Bíblia. Solicita a eles que mostrem a Torah e esclareçam ao povo, de modo a que possam ver por si mesmos a evidência em favor do Profeta e de sua profecia. Em muitos versículos o Alcorão reiterou a responsabilidade deles por esconderem o que conheciam do Livro, advertindo-os de uma punição severa, como está evidente nesses versículos:

“Recorda-te de quando Deus obteve a promessa dos adeptos do Livro, (comprometendo-se a) evidenciá-lo (o Livro) aos homens, e a não ocultá-lo. Mas eles jogaram às costas, negociando-o a vil preço. Que detestável transação a deles!” (C.3 – V.187)

“Aqueles a quem concedemos o Livro, conhecem-no como conhecem a seus próprios filhos, se bem que alguns deles ocultam a verdade, sabendo-a”. (C.2 – V.146)

“Aqueles que ocultam as evidências e a Orientação que revelamos, depois de as havermos elucidado aos humanos, no Livro, serão malditos por Deus e pelos imprecadores.” (C.2 – V.159)

O Alcorão ordena que a Torah seja revelada

Este é o modo com o qual o Alcorão queria que o debate fosse iniciado, da base sobre a qual eles apoiavam o que acreditavam ou não. Contudo, não aceitaram se engajar em debate sobre esta base, pois este atingiria seus objetivos.

Isto é um sintoma do fato que o desafio lançado pelo Alcorão atinge o seu alvo, embora saibamos que o Alcorão é fiel naquilo que discute. Tivessem eles sido honestos em sua rejeição ao que o Alcorão dizia, não precisariam ter feito qualquer esforço para desmenti-lo. Teria sido suficiente apresentar a Torah ao povo, e assim provando falsa a reivindicação do Profeta. Porém, sabiam perfeitamente que aceitar o desafio provaria sua própria falsidade.

Em um assunto diferente, o Alcorão os desafia a revelar o que está na Torah para provar algumas questões legislativas, sobre as quais o Alcorão afirma que estavam mentindo. Isto se encontra na narrativa sobre o alimento lícito e ilícito:

“Aos israelitas, todo o alimento era lícito, salvo aquilo que Israel se havia privado antes de a Tora ter sido revelada. Dize-lhes: Trazei a Tora e lede-a, se estiverdes certos. E aqueles que forjarem mentiras acerca de Deus, depois disso, serão iníquos”. (C.3 – V.93 e 94)

Eis quão simples e direto o Alcorão é em sua exigência em relação aos povos do Livro, das questões que apresenta e eles negam. Diz a eles: Recorramos à Torah, o documento compartilhado, onde o povo pode ver as evidências por si mesmo. O Alcorão prova assim seu estilo prático na condução do diálogo, ou seja, a busca de parâmetros comuns, em que todas as partes possam concordar e dar início ao diálogo.

A necessidade de tal estilo no embate atual

Nos dias de hoje há uma necessidade por tal estilo de debate, especialmente com algumas tendências ideológicas de descrença. Esses grupos adotam um raciocínio que é em geral diametralmente oposto a aquilo que é essencial e sagrado. Os defensores dessas ideologias tentam algumas vezes

ocultar o que acreditam com que receio que isso seja tomado como uma evidência contra eles pelas massas que tentam enganar. Um exemplo disso é o de alguns grupos que baseiam sua filosofia em questões puramente materialistas e não acreditam em nada fora do campo da percepção de seus sentidos. Consideram a religião como sendo “o ópio das massas”. Outras ideologias, ainda que não partilhem a mesma plataforma que a ideologia ateuista ou materialista, consideram as religiões, o Islam inclusive, como sendo uma espécie de crença humana, ou sistema, que está submetido às circunstâncias e ao tempo em que tenha surgido ou predominado, e que seu papel termina com o fim daquela fase particular. Isto, ele dizem, se sustenta no que foi feito de outras doutrinas ou sistemas, que deram lugar a novas idéias e leis. De acordo com estas tendências, a religião deveria transformar-se numa herança como outros tipos de herança que são celebradas apenas como memória, ou uma fonte de inspiração para encher-nos de orgulho e ser cantada em nosso louvor, nada mais e nada menos que isso. Essas afirmações contribuem para colocar as religiões em desvantagem abrindo o caminho para que seus adversários as discriminem política e socialmente. Isto também desvia as pessoas, especialmente as menos instruídas dentre elas, que não estejam em condições de verificar os princípios dessas religiões por si mesmas a partir de suas fontes (a literatura).

Os defensores dessas tendências ideológicas podem recorrer à negação das origens doutrinárias num modo que sugere as pessoas que elas são falsificações produzidas pelas forças imperialistas, as quais buscam desacreditar injustamente os movimentos nacionais. Tais táticas podem encontrar quem os ouça porque esses se acostumaram com a intriga e a astuciosa propaganda imperialista.

Pode haver a necessidade de adotar a abordagem alcorânica para o confronto com os judeus, que estavam inclinados a rejeitar a evidência que eles conheciam de maneira que isso não fosse usado contra eles. O debate teve início por desafiar-los a procurar a arbitragem de sua Escritura, a qual possui toda a evidência. O Alcorão também tinha tentado extrair deles a confissão conclusiva da verdade que estavam lutando para ocultar, isto é, nas situações de natureza geral, de que não poderiam escapar. O objetivo sendo que uma das duas posições seria extraída deles:

a) respondendo ao desafio, o que certamente revelaria sua verdadeira posição e os impeliria a aceitar o engajamento no diálogo - um confronto face a face, ou;

b) reconhecendo a verdade como uma posição honesta ou digna de registro. Isto pode fortalecer a posição da verdade e enfraquecer a mentira em sua atuação na vida.

O diálogo do Profeta com os judeus quanto as suas exigências impossíveis

Ao que parece não havia limite onde os judeus iriam parar. Numa tentativa de provocar o Profeta (S.A.A.S.) e enfraquecer sua posição diante das pessoas ingênuas, os judeus passaram a exigir que ele realizasse alguns entretenimentos para-normais. Ainda assim, como sempre, o Profeta (S.A.A.S.) continuou calmo e concentrado. Ele não queria que esse impasse verbal desse início a uma guerra generalizada, ao contrário, ele fez o melhor que pôde para promover o impulso principal da abordagem Islâmica para o diálogo. Ele estava dando a todas as questões as mais apropriadas respostas, num esforço para provar que a profecia possuía a mais vasta perspectiva e era mais disposta a beneficiar. Assim, não seria arrastado a uma luta que não desejava, ou para uma discussão que não levaria à lugar algum. As respostas, portanto, foram sucintas e decisivas. Elas destacavam a história das missões proféticas anteriores, as quais aquelas pessoas seguiram, e as posições que assumiram sobre elas. Isto para estabelecer que a posição deles sobre o novo profeta era uma extensão da oposição que tinham tido contra seus profetas, para se chegar à conclusão que elas nutriam uma aversão inerente, animosidade e ódio às mensagens divinas. O Alcorão nos dá alguns exemplos de tais posições:

“Os adeptos do Livro pedem-te que lhes faças descer um Livro do céu. Já haviam pedido a Moisés algo superior a isso, quando lhe disseram: Mostranos claramente Deus. Por isso, a centelha os fulminou, por sua iniquidade. E (mesmo) depois de receberem as evidências, adoraram o bezerro; e Nós os perdoamos, e concedemos a Moisés uma autoridade evidente. E eleva-

mos o Monte por cima deles, pelo ato de seu pacto, e lhes dissemos: Entrai pelo pórtico da cidade, prostrando-vos; e também lhes dissemos: Não profaneis o Sábado! E obtivemos deles um compromisso solene. (Porém, fizemo-los sofrer as conseqüências) por terem quebrado o pacto, por negaremos versículos de Deus, por matarem iniquamente os profetas, e por dizerem: Nossos corações estão insensíveis! Todavia, Deus lhes obliterou os corações, por causa perfídias. Em quão pouco acreditam! E por blasfemarem e dizerem graves calúnias acerca de Maria”. (C.4 – V.153 a 156)

É de se notar que o Alcorão Sagrado não responde a questão diretamente, ele escolheu apresentar sua posição por meio da história de Moisés (A.S.), o Profeta que eles seguiam, sobre aquilo que pediram a ele para que fizesse, os pactos que quebraram, e as obras que levaram a cabo contra ele e contra os profetas que foram enviados posteriormente. Isto dava um sentido de permanência à questão e esta se caracterizava pela blasfêmia e corrupção do começo ao fim.

Esta descrição pode servir como uma resposta que infunde a idéia através dos fatos históricos. Não era estranho, para aqueles que pediram a Moisés (A.S.) que mostrasse Deus para eles, ainda que conhecessem o monoteísmo em sua mensagem e que Deus não pode ser visto, pedir a Mohammad (S.A.A.S.) para que enviasse um livro dos céus para eles, a despeito do fato que isto não poderia se materializar pois a vontade de Deus barraria a descida da mensagem no caminho. Qualquer um que tivesse desejado viver a vida espiritual da fé poderia ter feito isso por meio da evidência que a mensagem exibía.

Os teimosos, que não queriam ter nada com a fé, sem consideração à insofismável evidência, que nada tinham em seu poder para rejeitar o que os profetas traziam, como pura feitiçaria ou qualquer outra coisa. O assunto não era, portanto, para o diálogo ou discussão porque o outro lado não estava interessado num debate que pudesse conduzir à verdade:

“São aqueles que disseram: Deus nos comprometeu a não crermos em nenhum mensageiro, até que este nos apresente uma oferenda, que o fogo celestial consumirá. Dize-lhes: Antes de mim, os mensageiros vos apresentaram as evidências e também o que descreveis. Por que os matastes, então? Respondei, se estiverdes certos”. (C.3 – V.183)

Este é ainda outro pretexto para não crer, em razão de um novo pedido de prova para a mensagem: “*até que este nos apresente uma oferenda, que o fogo celestial consumirá*”. O que para eles, seria um prova descida de Deus, como Ele prometera.

O que pode ser entendido deste versículo é que eles estavam tentando insinuar que eram fortes em virtude de sua suposta proximidade e relação com Deus. Este é um deliberado estratagema com o intuito de exercer pressão psicológica sobre as massas, que não possuem conhecimentos desses assuntos para que estejam capacitadas a aceitar ou rejeitar conscientemente.

A resposta tinha vindo na forma de um relato histórico, em que tais exigências não eram novidades. Eles tinham feito o mesmo com os profetas do passado, que utilizavam essas abordagens para convencer o povo, quando elas se provavam efetivas na frente de luta da crença. Os profetas responderam àquelas exigências, enquanto tinham reagido às outras, mas inutilmente. A resposta dos adversários era encobrir seu fracasso diante dos profetas pela utilização da força, repressão, tortura e assassinato, estes foram alguns dos meios violentos que usaram contra eles.

Por esta razão, não houve nenhum meio para que o Profeta (S.A.A.S.) aceitasse seus pedidos, pois a história se repetiria, já que o objetivo deles era apenas afrontar o Profeta (S.A.A.S.) e provar sua incapacidade. Não estavam procurando uma resposta para o problema em razão de sua obstinada posição de blasfêmia e extravio.

Muitos versículos com estes exemplos podem ser encontrados no Alcorão Sagrado, das forças da descrença e seu estilo de confrontação, e o estilo do diálogo dos profetas, que era caracterizado pela serenidade e a bondade, sem tensão ou cólera.

O Alcorão responde aos judeus com um conselho bondoso

Em outros versículos o Alcorão assume uma posição calma sobre a questão da crença e da descrença dos judeus. Ele expressa desapontamento com eles, já que deviam estar na linha de frente dos que queriam abraçar a nova religião, ao invés de serem seus arqui-inimigos, nem que fosse ao menos por-

que tivesse confirmado suas Escrituras com provas evidentes, e que nesse caso, tornava o fato de seguir o novo profeta uma questão de submissão a Deus, de adoração a Ele e de agradecer-lhe por todas as graças mostradas a eles.

Este estilo, embora mescele repreensão com um sentimento de decepção, está ainda imbuído de pregação e bons conselhos, com o intuito de manejar toda uma série de fatores que poderiam animar suas consciências e estimular suas mentes. Este tinha sido um meio para tentar superar a barreira psicológica que os induzia a rejeitar a fé. Um caminho que tinha ligado o presente com o passado e o futuro neste mundo - com o que eles pregavam e o que praticavam - para se colocarem diante de Deus no Dia do Julgamento para responder por suas más ações. Ou seja, tratando a religião do mesmo jeito que negociam mercadorias, com todo o regateio que isso envolve, e deixando Deus para trás.

Vamos dispensar algum tempo aos seguintes versículos alcorânicos, onde Deus se dirige aos israelitas:

“Ó israelitas, recordai-vos das Minhas mercês, com as quais vos agraciei. Cumpri o vosso compromisso, que cumprirei o Meu compromisso, e temei somente a Mim. E crede no que revelei, e que corrobora a revelação que vós tendes; não sejais os primeiros a negá-lo, nem negociéis as Minhas leis a vil preço, e temei a Mim, somente, e não disfarceis a verdade com a falsidade, nem a oculteis, sabendo-a. Praticai a oração pagai o zakat e genuflecti, juntamente com os que genuflectem. Ordenais, acaso, às pessoas a prática do bem e esqueceis, vós mesmos, de fazê-lo, apesar de lerdes o Livro? Não raciocinais? Amparai-vos na perseverança e na oração. Sabei que ela (a oração) é carga pesada, salvo para os humildes, que sabem que encontrarão o seu Senhor e a Ele retornarão. Ó Israelitas, recordai-vos das Minhas mercês, com as quais vos agraciei, e de que vos preferi aos vossos contemporâneos. E temei o dia em que nenhuma alma poderá advogar por outra, nem lhe será admitida intercessão alguma, nem lhe será aceita compensação, nem ninguém será socorrido!” (C.2 – V.40 a 48)

Este é o estilo que combina tolerância com dureza, e conselho com advertência, a fim de mitigar qualquer complexo psicológico que possa formar uma barreira entre o homem e o caminho reto, se houver algum lugar para

orientação para este caminho. O Alcorão tinha procurado, nesses versículos, criar as condições certas, a calma e a tranqüilidade, que pudessem provar-se proveitosas para conduzir um diálogo significativo como um meio prático. Isto é, quando os confrontadores ponderarem sobre o assunto eles podem, talvez, sentir a necessidade de pensar de modo sincero e de serem práticos, depois que as razões para a dúvida e as inventivas tenham sido removidas, para que a verdade surja diante de seus olhos.

Vamos examinar cuidadosamente os ingredientes desta abordagem de raciocínio. Para começar, Deus os fez recordar os favores que tinha feito a eles, e a nenhum outro povo. Ele em seguida pediu para que honrassem seu pacto com Ele, já que Ele pode honrar sua parte no acordo neste mundo e no além. Os versículos alcorânicos terminam com uma severa advertência, se eles não atentassem para o seu dever para com Deus. Em tal situação, Deus colocou-os face a face com o chamado da nova Mensagem, pois respondendo a ela positivamente seria este o resultado natural da ação de graças pelos favores concedidos, da preservação do pacto e do temor a Deus.

Então, Deus Todo Poderoso dirigiu sua atenção para suas práticas corruptas, que estavam manifestas no confundir da mentira com a verdade, ocultando esta, e não cumprindo as preces nem concedendo o tributo dos pobres, a despeito do fato que sabiam que isso era ilícito. Deus não escondeu seu descontentamento e amargura em relação a eles por ordenarem aos outros a prática das boas ações enquanto eles mesmos não praticavam o mesmo. Com o propósito de auxiliá-los a se corrigir, ele lhes ordenou a recorrerem ao jejum e a prece, os quais são meios para que a alma ascenda, em submissão e paz, aos níveis mais altos. Ou melhor, é quando a alma encontra alívio e força no sentimento que está agradando a Deus.

O apelo se conclui como iniciou: citando os favores que Deus tinha concedido a eles, admoestando-os a temê-lo e para que fossem piedosos, porque um dia virá em que nada pode ser útil, fora das boas obras do homem de maneira que a obra é o slogan do homem para o sucesso neste mundo e a felicidade no mundo vindouro. Este brilhante estilo descreve o quadro de como o homem pode ter a audiência com Deus, dando conta de todas as suas ações e aspirações, no passado, presente e futuro, neste mundo e no além, tudo numa tentativa de fazê-lo assumir a responsabilidade com clareza de visão.

Adotar a abordagem produz frutos

É desejável utilizar esta abordagem no enfrentamento da posição arraigada daqueles que estão inclinados à confrontação. Criar as condições para tal atmosfera talvez compensará, nem que seja apenas porque os fatores da concentração e da excitação mental serão úteis para que se explore os assuntos a fundo e se apresente uma posição.

Deve se ter em mente, contudo, que a situação para se dar bons conselhos não deve ser desconsiderada, porque isto é capaz de transportar a alma para uma iminente audiência com Deus, quando toda alma se encontrará responsabilizada frente a Ele. A alma pode ter produzido quando pregou, especialmente em tempos de transparência espiritual o que pode levá-la para os domínios do Espírito de Deus.

O Alcorão continua o diálogo a fim de expor as posições

O Alcorão continua o diálogo e cria as condições certas para isso, de maneira que possa revelar as posições cambiantes de seus opositores, e isolar as pessoas contra a influência deles depois de ter desistido da possibilidade de retornarem à senda reta. Deus tornou isto perfeitamente claro a seu Profeta, Mohammad (S.A.A.S.):

“Ainda que apresentes qualquer espécie de sinal ante aqueles que receberam o Livro, jamais adotarão tua quibla nem tu adotarás a deles; nem tampouco eles seguirão a quibla de cada um mutuamente. Se te rendesses aos seus desejos, apesar do conhecimento que tens recebido, contar-te-ias entre os iníquos. Aqueles a quem concedemos o Livro, conhecemo como conhecem a seus próprios filhos, se bem que alguns deles ocultam a verdade, sabendo-a”. (C.2 – V.145 e 146)

“Aspirais, acaso, a que os judeus creiam em vós, sendo que alguns deles escutavam as palavras de Deus e, depois de as terem compreendido, alteravam-nas conscientemente?” (C.2 – V.75)

Portanto, as mensagens de Deus ao Profeta Mohammad (S.A.A.S.) começaram seriamente, pedindo a ele que tratasse das questões que o Islam desejava discutir com os judeus. Ou eles responderiam ao chamado e iniciariam o debate ou o Islam tomaria a iniciativa de explorar aquilo que cabia a eles fazer, ou ainda, eles se calariam. Foi isto o que eles fizeram, já que não tinham nenhuma escapatória diante daquelas questões, as quais chegavam a os assombrar e expunham suas verdadeiras posições.

O Alcorão fez questão de dirigir-se a eles com a descrição do que os ligava às Escrituras, sugerindo que estavam muito afastados delas e de suas injunções. Como se dá normalmente quando se compara o que as pessoas pregam e o que praticam.

Não estamos tentando traçar todos os versículos alcorânicos revelados a esse respeito, mas sim, consultar alguns que revelam os traços gerais e as linhas comuns que passam através da abordagem Islâmica de diálogo:

“Dize-lhes: Ó adeptos do Livro, pretendeis vingar-vos de nós, somente porque cremos em Deus, em tudo quanto nos é revelado e em tudo quanto foi revelado antes? A maioria de vós é depravada”. (C.5 – V.59)

Com surpresa e amargura ele levanta a questão quanto à razão para que nutrissem sentimentos de vingança e aversão ao Profeta (S.A.A.S.) e a seus seguidores. Seria por que acreditavam em Deus, seus mensageiros e seus livros, que foram revelados para ele e para os outros mensageiros, em quem os povos do Livro acreditavam? Se esta era a razão, como poderia isso corresponder a sua aderência a fé e sua luta contra a descrença? Não será uma contradição entre o que eles pregavam e o que praticavam na realidade? O Alcorão Sagrado insiste nesse assunto, e deixa que as questões exijam respostas:

“Não aquilatam o Poder de Deus como devem, quando dizem: Deus nada revelou a homem algum! Dize: Quem, então, revelou o Livro, apresentado por Moisés – luz e orientação para os humanos – que copiais em pergaminhos, do qual mostrai algo e ocultais muito, e mediante o qual fostes instruídos de tudo quanto ignoráveis, vós e vossos antepassados? Dize-lhes, em seguida: Deus! E deixa-os, então, entregues às suas cismas”. (C.6 – V.91)

A abordagem expõe o complexo histórico dos judeus

O estilo desses versículos alcorânicos sugere que a intenção é desnudar os judeus e desacreditar sua posição revelando sua história passada e sua relação com a sua história contemporânea, isto é, no tempo do Profeta Mohammad (S.A.A.S.). Isto para que as pessoas conheçam a natureza do complexo que eles sofrem e que dita o tipo de posição que assumem. O objetivo disto é apresentar-se ao povo com a evidência conclusiva de que eles não possuem nada em sua doutrina a que possam recorrer quanto àquilo que rejeitam. Ao contrário, que estão impelidos por interesses egoístas, em que visam preservar seus privilégios, quer sejam materiais ou sociais.

Busca-se então tornar as pessoas cientes de seus meios desonestos para deliberadamente confundir a verdade com a mentira, falsificando e ocultando verdades, e pregando aquilo que não praticam. Isto certamente os põe à prova em todos os tempos e lugares. E também os faz perder a confiança que se empenham para adquirir com o intuito de realizar o que aspiram. O resultado final será que o povo ficará atento às suas ações e palavras, para que não sejam ludibriados por eles.

Os versículos alcorânicos então divulgam a unidade de posições dos judeus por toda a história, pois eles todos “soam a mesma nota”. A última geração perdoa o que a anterior fez, assim, a responsabilidade moral é coletiva, porque o presente sugere o passado. O Imam Ali (A.S.) disse: *“O que une as pessoas é o prazer ou o descontentamento, foi só uma pessoa que tocou a camela do Profeta Saleh com maldade, ainda assim toda aquela comunidade foi submetida ao castigo de Deus, pois não demonstraram descontentamento com seu ato criminoso”*. Isto significa que a sociedade é considerada responsável por aquilo que alguns de seus membros fazem quando o resto dela tolera as ações malignas de uns poucos.

Eles não querem aceitar que Deus revelou algo a alguém de sua criação. Pois para eles, isto não corresponde à magnitude da mensagem, ou talvez não possam compreendê-la.

Se este é o caso, como podem justificar a descida da Torah a Moisés (A.S.)? Não era ele um ser humano como Mohammad (S.A.A.S.)? Quem a fez descer? Não foi Deus? A resposta tem que ser afirmativa pois eles negoci-

am a Torah, em nome de Deus, como se ela fosse uma mercadoria. Assim, mostram o que dá lucro a seus negócios e escondem tudo o que possa revelar suas fraudes e práticas astutas.

Por conta dessa resposta a questão está em seu contesto natural, em que é possível que Deus faça descer revelações para um humano e que o humano em questão era Mohammad, o Profeta de Deus, a quem Ele revelou o Alcorão. Portanto, o Alcorão deixa a questão num estado sutil, sem tentar fornecer uma resposta, um silêncio que fala mais alto que as palavras, se eles perceberem isso, Deus disse:

“Dize-lhes: Ó judeus, se pretendeis ser os favorecidos de Deus, em detrimento dos demais humanos, desejai, então, a morte, se estais certos! Porém, jamais a desejardes, por causa do que cometeram as suas mãos; e Deus bem conhece os iníquos! Dize-lhes: Sabei que a morte, da qual fugis, sem dúvida vos surpreenderá; logo retornareis ao Conhecedor do cognoscível e do incognoscível, e Ele vos inteirará de tudo quanto tiverdes feito!” (C.62 – V.6 a 8)

“Dize-lhes: “Se a última morada, ao lado de Deus, é exclusivamente vossa em detrimento dos demais, desejai então a morte, se estiverdes certos.” Porém, jamais a desejariam, por causa do que cometeram as suas mãos; e Deus bem conhece os iníquos. Tu os acharás mais ávidos de viver do que ninguém, muito mais do que os idólatras, pois cada um deles desejaria viver mil anos; porém, ainda que vivessem tanto, isso não os livraria do castigo, porque Deus bem vê tudo quanto fazem”. (C.2 – V.94 a 96)

Eles alegam serem amigos de Deus, que são seu povo escolhido, os mais favorecidos por Deus dentre todos os povos, e que o paraíso pertence somente a eles e o inferno é o destino dos outros.

Se é assim, o Alcorão pede a eles que procurem sinceramente a morte porque os verdadeiros fiéis amam a vida deste mundo na medida em que esta os beneficie a estar mais próximos de Deus, isto é, por fazer mais boas ações e por pedir o perdão pelos pecados que tenham cometido. Assim, se uma pessoa está absolutamente certa do sucesso na vida do além, o que está ela esperando aqui? Por que não vai para o paraíso?

Todavia, eles permanecem calados. E já que este é o caso, o Alcorão assume a responsabilidade de responder em nome deles. Não desejam a morte, pois serão responsabilizados pelos crimes que cometeram - eles assassinaram injustamente os profetas, devoraram ganhos ilícitos, tacharam os profetas de mentirosos, distorceram as palavras de Deus, ocultaram seu Livro, etc. Estas ações vis transformarão sua estada final num pesadelo, porquanto eles odeiam a morte tanto quanto odeiam o fogo do inferno.

Exigindo as evidências

Contudo, o Alcorão não deixa este ponto ser esquecido. Por um lado, exige que eles forneçam evidências a sua afirmação, e por outro, reitera o critério que Deus estabeleceu para a proximidade ou não, em relação a Ele, e conseqüentemente, para a obtenção de seu apazimento ou de sua ira. O critério é agir de acordo com o que Ele ordenou e abandonar o que Ele tenha proibido, quer se seja judeu, cristão ou outro qualquer. Deus não tem relação especial com nada ou ninguém que tenha criado. Todos são servos diante Dele. A distinção entre um e outro é o temor e as boas ações, não importando sua posição ou linhagem. Isto é esclarecido de forma brilhante nos seguintes versículos:

“Disseram: Ninguém entrará no Paraíso, a não ser que seja judeu ou cristão. Tais são as suas idéias fictícias. Dize-lhes: Mostrai vossa prova se estiverdes certos”. (C.2 – V.111)

“Os judeus e os cristãos dizem: Somos os filhos de Deus e os Seus prediletos. Dize-lhes: Por que, então, Ele vos castiga por vossos pecados? Qual! Sois tão-somente seres humanos como os outros! Ele perdoa a quem Lhe apraz e castiga quem quer. Só a Deus pertence o reino dos céus e da terra e tudo quanto há entre ambos, e para Ele será o retorno”. (C.5 – V.18)

O Alcorão comenta suas afirmações, que são apenas ilusões, do mesmo jeito que as pessoas criam desejos neste mundo embora não seja necessário que tais desejos venham a se realizar. Isso porque transformar desejos e

sonhos em realidade requer provas, as quais eles não possuem. Isso resulta então no fato de que estão mentindo no que estão a dizer.

Quanto ao segundo versículo, rejeita a afirmação deles colocando a questão no que se refere a razão pela qual Deus os pune por seus pecados, sabendo que Deus não pune seus amigos e aqueles a quem ama. Então, Deus delinea o critério para julgar todas as pessoas, o que não deixa nenhuma dúvida que todos são iguais perante Ele na piedade ou impiedade, na punição ou recompensa. Deus é o Juiz absoluto de quem será punido ou recompensado, e ninguém terá qualquer concessão fora da sua vontade e sabedoria. A esse princípio geral, o Alcorão, em seu apelo aos muçulmanos, aludiu:

“(Isso) não é segundo os vossos desejos, nem segundo os desejos dos adeptos do Livro. Quem cometer algum mal receberá o que tiver merecido e, afora Deus, não achará protetor, nem defensor. Aqueles que praticarem o bem, sejam homens ou mulheres, e forem fiéis, entrarão no Paraíso e não serão defraudados, no mínimo que seja”. (C.4 – V.123 e 124)

Assim, o que será feito de nós na vida eterna está intimamente ligado ao que tenhamos feito neste mundo, se for o mal, manterá o praticante distante de Deus, ou se for o bem, premiará o praticante com um lugar próximo a Ele. Portanto, nem um socorredor ou um amigo serão úteis, a despeito de sua importância ou classe, sejam eles muçulmanos, judeus ou cristãos. Este é o fato, e qualquer coisa a mais é uma mera divagação que não possui qualquer base na realidade ou na verdade.

Critério para a fidelidade

“Dize: Ó adeptos do Livro, em nada vos fundamentareis, enquanto não observardes os ensinamentos da Tora, do Evangelho e do que foi revelado por vosso Senhor! Porém, o que te foi revelado por teu Senhor, exacerbará a transgressão e a incredulidade de muitos deles. Que não te penalizem os incredulos”. (C.5 – V.68)

“Ó adeptos do Livro, por que disfarçais a verdade com a falsidade, e ocultais a verdade com pleno conhecimento?” (C.3 – V.71)

Nesses dois versículos alcorânicos, uma referência é feita novamente a Torah e a Bíblia. Aos seguidores desses dois Livros pede-se simplesmente que se conformem às suas injunções em suas vidas, se são fiéis em sua crença nesses Livros. Se não for assim, por que não revelam sua verdadeira identidade e param de enganar as pessoas ingênuas encobrendo a verdade com a mentira ou escondendo a verdade que eles bem conhecem, de maneira que os Muçulmanos não tomem isso como uma evidência contra eles.

Este é um novo convite para que se apresente a Torah e a Bíblia para o povo, para que se enfrente o desafio da mesma maneira, se eles forem fiéis. Ainda que, o Alcorão apressa-se em acrescentar, a fim de esclarecer qual é a verdadeira posição deles. Em outras palavras, a posição impulsionada pela arrogância e a blasfêmia contra o que Deus revelou ao Profeta Mohammad (S.A.A.S.). O Alcorão então conclui que não há nenhum benefício em argumentar com eles sobre nenhum assunto, porque isso se provará fútil.

“Dize (ainda): Ó adeptos do Livro, por que desviáveis os crentes da senda de Deus, esforçando-vos por fazê-la tortuosa, quando sois testemunhas (do pacto de Deus)? Sabei que Deus não está desatento a tudo quando fazeis”. (C.3 – V.99)

O tom aqui é amargo e ameaçador. A esperança era que eles tivessem afirmado que a mensagem do Profeta se incluía entre as mensagens dos povos do Livro, pois que eram versados naquilo que tinha sido revelado nos livros. Aconteceu o oposto, ou seja, tinham se transformado em elementos de extravio, fazendo tudo que podiam para afastar as pessoas do caminho correto.

O Alcorão busca as razões desta posição, como se desejasse travar diálogo com eles com o intuito de chegar à realidade. Contudo, a narrativa cheia de reprovação é indicativa de um desejo de perturbá-los, expondo a impropriedade inerente à posição que adotaram. Deus então declara que não está desatento àquilo que eles fazem, que Ele é onisciente e que cobrará devidamente a todos aqueles que se rebelaram contra sua vontade e desafiaram suas mensagens, e conseqüentemente os punirá.

Reivindicações Falsas

“Ó adeptos do Livro, por que discutis acerca de Abraão, se a Tora e o Evangelho não foram revelados senão depois dele? Não raciocinais? Vá lá que discutais sobre o que conheceis. Por que discutis, então, sobre coisas das quais não tendes conhecimento algum? Deus sabe e vós ignorais. Abraão jamais foi judeu ou cristão; foi, outrossim, monoteísta, muçulmano, e nunca se contou entre os idólatras. Os mais chegados a Abraão foram aqueles que o seguiram, assim como (o são) este Profeta e os que creram; e Deus é Protetor dos fiéis”. (C.3 – V.65 a 68)

O que está claro nesses versículos é que os povos do Livro estavam tentando abusar do nome de Abraão (A.S.) e da alta estima com a qual as comunidades árabes de então costumavam considerá-lo, nem que fosse apenas por ser o construtor da Ca'aba (A Casa Sagrada em Mecca) e o profeta reconhecido por todas as tradições religiosas, inclusive pelos idólatras. Cada grupo estava tentando reivindicá-lo como seu próprio patriarca, os judeus e os cristãos. O versículo é inequívoco em rejeitar tais reivindicações falsas, principalmente pelo fato que ambos, a Torah e a Bíblia foram revelados muito tempo depois do tempo de Abraão (A.S.), então como pode alguém atribuir a ele um conceito que apareceu depois dele?

O Alcorão, então, frisa que Abraão era muçulmano, puro e nada tinha a ver com o associar outros a Deus, uma tendência que tinha maculado ambos (judeus e cristãos). O Alcorão em seguida conclui que aqueles que mais possuem o direito de ser seguidores de Abraão são aqueles que se submetem a Deus - como ele o fez, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e os que crêem. Isto é assim porque sua crença está baseada na verdadeira submissão a Deus e na preservação do Monoteísmo que Abraão (A.S.) veio propagar.

O objetivo por trás deste estilo claramente definido é pintar um quadro vivo do assunto, ou seja, a autenticidade e a natureza da fé de Abraão e do Islam. É a simples verdade que se entrelaça com a realidade.

Esta tática de alegar questões com base nos seguidores dos homens santos, pode encontrar eco nas posições de algumas tendências contemporâneas, especialmente as marxistas-socialistas. Tem sido sugerido que o famoso compa-

nheiro do Profeta (S.A.A.S.), Abu Thar al-Ghifari, contribuiu para um tipo de ideologia marxista. De um modo que tentaram interpretar sua oposição ao Califado de Othman e o governo de Muawiya como tendo uma tendência de ideologia marxista. Cabe notar que Abu Thar era crítico de Othman e Muawiya por uma questão de princípios, guiado pela ideologia do Alcorão e suas injunções. Ambos os governos, de Othman e Muawiya, estavam esbanjando os fundos públicos (de Deus) com parentes, amigos e camaradas. Seu slogan, em sua revolta contra o extraviado, se originava de versículos do Alcorão, tais como:

“Ó fiéis, em verdade, muitos rabinos e monges fraudam os bens dos demais e os desencaminham da senda de Deus. Quanto àqueles que entesouram o ouro e a prata, e não os empregam na causa de Deus, anuncia-lhes (ó Mohammad) um doloroso castigo. No dia em que tudo for fundido no fogo infernal e com isso forem estigmatizadas as suas frentes, os seus flancos e as suas espáduas, ser-lhes-á dito: eis o que entesourastes! Experimentai-o, pois!” (C.9 – V.34 e 35)

Entretanto, alguns encontraram nisso, e em outras posições, uma revolta contra o capitalismo e uma conclamação ao socialismo. Assim, começaram a promover esta noção em quaisquer fóruns onde pudessem influenciar as mentes dos ingênuos dentre o povo.

Porém, o que é um tanto surpreendente é que alguns clérigos hipócritas que estavam acostumados a bajular os governantes tinham dado legitimidade a esta noção quando emitiram um parecer, atacando Abu Thar em resposta ao uso de seu nome, com o intuito de proteger algumas famosas figuras públicas de peso, contra quem Abu Thar dirigiu sua revolta. (nota: o comitê para Fatwa (decreto religioso) em Al Azhar (Cairo) emitiu um fatwa em 1367 H. equivalente a 1948 D.C. contra um livro cujo autor afirmava que no Islam há lugar para o comunismo, se apoiando na revolta de Abu Thar (R.A.)).

Os autores do fatwa também procuravam lisonjear o governante de então, que era avesso a qualquer idéia revolucionária brilhando na vida dos povos. Ainda mais quando tal noção se aproxima da ideologia Islâmica e esteja profundamente enraizada na história de alguns personagens que fortaleceram a fé das pessoas lutando contra os governantes extraviados.

É verdade que idéia semelhante está rodeada por uma aura de santidade e pode dar confiança às massas para que se revoltam contra os regimes corruptos que desejam conceder a si mesmos injustificada inviolabilidade e desnecessária segurança.

Não tivesse sido por sua gratuita bajulação servil demonstrada ao governante, teriam advogado contra a exploração do nome de Abu Thar, de que estavam falando, ao menos para revelar as diferenças fundamentais entre socialismo e suas premissas ideológicas e o movimento de Abu Thar, que se aproximava da ideologia Islâmica, a qual pode concordar, em alguns aspectos, com o socialismo. Que se diga, as duas ideologias são dessemelhantes em mais do que um sentido, seja na forma, no conteúdo ou no espírito. Aqueles clérigos podiam ter ao menos feito uma tentativa de negar a chamada relação entre esta grande figura e o socialismo, nem que fosse por ressaltar o longo tempo que os separam. Assim, como poderia o socialismo ser atribuído ao pensamento de Abu Thar?

Há uma similaridade entre esta afirmação, e o debate entre o Profeta (S.A.A.S), os judeus e cristãos, acerca da reivindicação desses que a tradição de Abraão pertencia a eles. O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) começou por dar a devida atenção ao espaço de tempo entre as duas eras, a de Abraão (A.S.) e a dos judeus e cristãos, e apoiou sua causa ressaltando as verdadeiras qualidades pessoais de Abraão (A.S.) com o intuito de destacar as diferenças entre ele e aqueles que alegavam ter direito sobre sua herança por um lado, e os verdadeiros seguidores de Abraão, por outro.

A doutrina da sagrada trindade

O Alcorão levantou com os cristãos a questão de Jesus (A.S.) e sua posição frente à doutrina divina. Ele escolheu discutir a questão do ponto de vista do verdadeiro monoteísmo, o qual todas as mensagens divinas tinham proclamado, inclusive a de Jesus (A.S.). O Alcorão desejou discutir a noção de “Jesus, filho de Deus”, adotada por eles. Ele também discutiu com os judeus por afirmarem que Ezra seria o filho de Deus:

“Os judeus dizem: Ezra é filho de Deus; os cristãos dizem: O Messias é filho de Deus. Tais são as palavras de suas bocas; repetem, com isso, as de seus antepassados incrédulos. Que Deus os combata! Como se desviam!” (C.9 – V.30)

O Alcorão não se demorou muito na questão de Ezra, já que esta não era muito difundida. Ele tratou disso fazendo referência ao fato que a afirmação se assemelhava àquela feita pelos descrentes, e que não se coadunava com a verdadeira fé a qual aquelas pessoas alegavam estar ligadas, nem sequer podia ser confirmada no Livro de Deus e em sua Lei. Os idólatras do oriente e do ocidente estavam contribuindo para tal escola de pensamento. Voltando para a discussão com os cristãos, que dizem “Jesus, filho de Deus”, o Alcorão tomou a isso como base para demolir esta alegação, pois é diametralmente oposta à doutrina monoteísta, sem entrar em maiores detalhes.

Talvez a pesquisa nos anais da história não produzirá qualquer evidência segura e clara quanto à natureza da noção, a qual o Alcorão atribuiu aos judeus em sua afirmação que “Ezra era o filho de Deus”. Isto segue a mesma conotação cristã da frase, que dá a Jesus (A.S.) uma qualidade divina ou uma extensão do divino, ou que há algo da essência de Deus, nele? Ou se trata de um sentido metafórico, como na frase, “somos filhos de Deus e seus amados”, como um modo de se deleitar na glória de estar mais próximo de Deus do que outros?

O autor de *Al Mizan fii Tafsiiril Qu‘ran* (um comentário alcorânico), Assayed Mohammad Hussain At Tabatabai, levantou essa questão, e citando alguns exegetas diz: *“que a frase, Ezra é o filho de Deus, era afirmada por alguns judeus, não por todos eles, no tempo do Profeta (S.A.A.S.), e que se assemelha a outras declarações, tais como, “Em verdade, Deus é pobre e nós somos ricos” e “a mão de Deus está cerrada”. Muito embora alguns deles dissessem estas coisas, Deus atribuiu-as a todo o povo, já que os demais perdoavam o que alguns afirmavam, eles eram todos da mesma opinião e visão”*.

Contudo, é suficiente dizer que nesta sua abordagem para refutar tais noções indignas de confiança, o Alcorão parte da premissa do debate da ques-

tão, ainda que fosse uma idéia circulando entre o povo que a advogava, sem que isso formasse uma tendência em suas vidas. Esta abordagem tinha o objetivo de alertar as pessoas e não de se tornar um conforto demasiado, em sua campanha para guiá-las à senda reta.

É digno de nota que o Alcorão Sagrado não dá nenhuma liberdade de suposição quando se trata de matérias relacionadas à crença em Deus. Assim, ele não ignora qualquer aspecto disso, não importando se o assunto fosse difundido ou de limitada influência na sociedade, ou se era grande ou pequeno. Se isto prova alguma coisa, prova que uma grande importância é dedicada à verdadeira crença, ou seja, aquilo que não possui nenhum vestígio de desvio em si. Isto é assim porque qualquer impressão equivocada se refletirá na prática e por conseguinte fará com que o avanço da mensagem em direção suas metas se torne vacilante.

Esta tendência deve nos guiar através do confronto com as facções ideológicas contemporâneas que tentam menosprezar o significado de todas as questões religiosas que são propostas no contexto da fé. Essas facções buscam rejeitar tais questões, classificando-as como irrelevantes ou insignificantes, indignas de contemplação ou discussão. Tentam insinuar que não se deve colocá-las junto com outras importantes questões da vida.

A esse respeito, estamos resolutos em nossa posição de reconhecer a indivisibilidade dos aspectos práticos e doutrinários, com base no tratar a doutrina como o fundamento do que praticamos, e a prática como uma expressão de atividade da fé na vida diária.

O Alcorão discutiu a doutrina da trindade, que o cristianismo considera como fundamento de sua crença, ou seja, “Jesus é o filho de Deus”, além de “o Pai” e “o Espírito Santo”.

Sobre uma outra afirmação, a que considera Jesus e sua mãe (A.S.) como deuses dignos de adoração, o Alcorão diz:

“E recordar-te de quando Deus disse: Ó Jesus, filho de Maria! Foste tu quem disseste aos homens: Tomai a mim e a minha mãe por duas divindades, em vez de Deus? Respondeu: Glorificado sejas! É inconcebível que eu tenha dito o que por direito não me corresponde. Se tivesse dito, tê-lo-ias sabido, porque Tu conheces a natureza da minha mente, ao passo que ignoro o que encerra a Tua. Somente Tu és Conhecedor do incognoscível”. (C.5 – V.116)

Esses conceitos gerados de modo confuso, para a profecia, a partir deste ponto de vista, não contradizem a divindade. Ao contrário, combinam bem com a noção de trindade, que considera o filho como se fosse Deus. Mantém que Deus seja inseparável do filho numa base de Um Deus com (três) firmas diferentes, numa análise filosófica que deixa qualquer pessoa tateando em busca de uma idéia lógica.

Como é de costume, o Islam foi bem claro em estabelecer uma posição contrária a esta doutrina (trinitária). Ele fez isto numa maneira que é diferente daquela advogada pelos proponentes de outras doutrinas, especialmente quando eles escolhem envolvê-las em ambigüidades semânticas. Isto numa deliberada tentativa de confundir as questões, tanto assim que não se importam em teorizar suas doutrinas sobre uma base que esteja acima da compreensão humana. Fazem com que isso pareça como se questões de crença devam ser tratadas fora do domínio do intelecto, como alguns filósofos cristãos e intelectuais desejam discutir quando falam sobre a doutrina da trindade e como isso se relaciona a unidade de Deus. Eles dizem que acreditar nesta doutrina é o mais importante, isto é, acreditar vem primeiro. O indivíduo pode então, se esforçar para imaginar o que eles crêem. Habib Sa'eed, o autor de *Muqantaratul Adyyan*, diz a esse respeito, *“a pessoa não atingirá o estágio da crença pelo caminho do debate teórico, mas sim, pelo caminho da inspiração de Deus e por um decreto Dele”*. (*Muqantaratul Adyyan (comparação das religiões)* v. 2 p.118)

Todavia, o Alcorão não aprova este método de atingir a crença. Em sua linha de raciocínio ele se apoiou no meio racional do pensamento, que dá lugar para o exame dos detalhes da doutrina num julgamento crítico, tais como a condição ilimitada de Deus ou a clara impressão do Espírito de Deus. Porém, ele segue de mãos dadas com o homem nesses campos até que ele alcance algum tipo de convicção, seja de crença ou de falta dela. Então, ele determina uma parada onde a evidência tenha sido encontrada, nem mais nem menos. Por conseguinte, o Alcorão não requer do homem que creia antes que compreenda, pois a crença se torna sem sentido se uma pessoa não está capacitada para discernir seu significado - a crença é luz e a ignorância é escuridão.

Por tudo isso, o Alcorão desejou que a questão completa fosse deixada para o intelecto para que este examine a idéia de forma crítica, e então alcance o veredicto, a favor ou contra, de acordo com as circunstâncias e as razões.

Os argumentos alcorânicos se concentraram na comparação entre essas idéias e a natureza humana de Jesus (A.S.), em todas as suas facetas, e na realidade da doutrina divina e as qualidades fundamentais do divino que representa. Isto certamente deixa o homem com uma conclusão natural de que o conceito não combina com tais doutrinas. Este é o diálogo que se move em vários campos e possui mais do que uma imagem, para fornecer evidências da falácia dessas noções, apelando a outras (imagens) para que se invoque nelas o espírito de luta algumas vezes, e a serenidade em outras.

Algumas vezes ele utiliza o estilo narrativo, que nutre o pensamento independente e direto, isento de idéias preconcebidas e influências. Vez por outra, tentamos olhar para os versículos alcorânicos que discutiram a trindade em diferentes matizes:

“Ó adeptos do Livro, não exagereis em vossa religião e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão-somente um mensageiro de Deus e Seu Verbo, com o qual Ele agraciou Maria por intermédio do Seu Espírito. Crede, pois, em Deus e em Seus mensageiros e digais: Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Deus é Uno. Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho. A Ele pertence tudo quanto há nos céus e na terra, e Deus é mais do que suficiente Guardião”. (C.4 – V.171)

“São blasfemos aqueles que dizem: Deus é um da Trindade!, portanto não existe divindade alguma além do Deus Único. Se não desistirem de tudo quanto afirmam, um doloroso castigo açoitará os incrédulos entre eles. Por que não se voltam para Deus e imploram o Seu perdão, uma vez que Ele é Indulgente, Misericordiosíssimo?” (C.5 – V.73 e 74)

Este estilo parte do conceito que julga a doutrina de um ponto de vista onde se estabelece uma ligação com a verdade no coração e na língua. Assim, não deve haver lugar para o extravio ou para se advogar visões extremistas na religião.

Por conta disso, o Alcorão transmite a idéia, firmada no conhecimento de que Jesus, filho de Maria (A.S.) era o mensageiro de Deus. Sua missão em vida foi portar tal Mensagem, como outros mensageiros a que foram confiadas tão nobres tarefas, assim:

“Os judeus dizem: Ezra é filho de Deus; os cristãos dizem: O Messias é filho de Deus. Tais são as palavras de suas bocas; repetem, com isso, as de seus antepassados incrédulos. Que Deus os combata! Como se desviam! Tomaram por senhores seus rabinos e seus monges em vez de Deus, assim como fizeram com o Messias, filho de Maria, quando não lhes foi ordenado adorar senão a um só Deus. Não há mais divindade além d’Ele! Glorificado seja pelos parceiros que Lhe atribuem! Desejam em vão extinguir a Luz de Deus com as suas bocas; porém, Deus nada permitirá, e aperfeiçoará a Sua Luz, ainda que isso desgoste os incrédulos”. (C.9 – V.30 a 32)

Contudo, Jesus (A.S.) é único em um aspecto. Seu nascimento não ocorreu no padrão normal conhecido pelo homem. Como o versículo alcorânico diz, *“Seu servo, com o qual ele agraciou Maria, por meio de seu espírito”*. Sendo deste modo para manifestar a onipotência de Deus ao produzir um ser humano sem um pai, da mesma maneira que Ele soprou seu espírito em Adão e o fez homem sem pai ou mãe:

“O exemplo de Jesus, ante Deus, é idêntico ao de Adão, que Ele criou do pó, então lhe disse: Seja! e foi”. (C.3 – V.59)

Nem a “palavra” ou o “espírito” aos quais o versículo alcorânico se refere são expressões de algo da essência de Deus, porque Deus não é corpóreo de modo que possa ser dividido. Muito embora sua essência seja simples, ela não é móvel. As duas palavras têm o intuito de manifestar a onipotência de Deus e o caráter sublime de sua criação. A formação do corpo inanimado de Adão e o soprar da vida nele foi tão simples como a formação de Jesus no útero de sua mãe e o sopro de vida nele, ainda que por um meio não-convencional. Eis o modo como o Alcorão conta a história da criação de Adão (A.S.):

“Recorda-te de quando o teu Senhor disse aos anjos: De barro criarei um homem. Quando o tiver plasmado e alentado com o Meu Espírito, prostrai-vos ante ele”. (C.38 – V.71 e 72)

E eis o que lemos no Alcorão sobre a história de Maria e seu filho (A.S.):

“E (recorda-te) também daquela que conservou a sua castidade (Maria) e a quem alentamos com o Nosso Espírito, fazendo dela e de seu filho sinais para a humanidade”. (C.21 – V.91)

Quanto ao descrever Jesus (A.S.) como um “verbo”, isto é assim porque ele veio a existir como o resultado de uma ordem: Seja (Kun), que representa a vontade de Deus, sem a interferência dos meios convencionais no processo de reprodução através do qual os outros seres humanos nascem, muito embora tudo isso esteja sujeito a vontade divina e sua perspicácia criadora.

O Alcorão recorre à natureza humana

Talvez, o desacordo entre os comentadores do Alcorão concernente às duas palavras “verbo” e “espírito” se origina da própria dedução do Alcorão, ou seja, com base no significado literal das duas palavras. Isto se faz às custas do ambiente geral que governa o conceito, um ambiente que motivou a Vontade divina rumo à suprema soberania. Neste caso, elas devem depender da dedução do sentido metafórico, o que pode ser entendido como certificação do Espírito de Deus ou do sopro de seu Espírito, naturalmente, sem perder de vista a imensa lacuna entre a expressão retórica e a realidade. Pode-se ver isto desta maneira: um poeta ou um artista descreve seu poema ou obra como parte de seu ser, ou algo de sua imaginação. Este é um modo de dizer que alguém exauriu sua energia fazendo/realizando/escrevendo algo. É óbvio, entretanto, que isto não se aplica precisamente às obras de Deus, tomando o sentido literal da palavra, porque, em seu caso, não há nenhum significado para o esforço em criar alguma coisa. Ainda assim, isto está incorporado na grandeza do que é mani-

festou no ato de criar. Assim, a expressão de sopro do espírito de Deus no corpo é usada como um substituto para a Onipotência de Deus, com a qual ele cria tudo o que quer e molda tudo o que Ele queira moldar.

Esta é a descrição de Jesus (A.S.), que Deus quer que os fiéis imitem em sua crença, porque personifica a verdadeira fé que está muito longe do fanatismo e se encontra em harmonia com a natureza das coisas. Por meio disso, Deus os convoca a acreditar Nele e em Seus mensageiros, e a abandonar a doutrina da trindade para o bem deles pois Ele é único e deve ser exaltado acima da afirmação de que Ele tenha um filho. Em outras palavras, não importando como eles compreendam a relação que exista entre pai e filho, a qual acarreta a existência de uma esposa, ou o que os teólogos cristãos tentem interpretar nisso, ou seja: a hipótese de um Cristo no qual as naturezas divina e humana estejam unidas. Tudo isso não é nem correto nem razoável, como será discutido. Portanto, os versículos alcorânicos que discutem a trindade se correlacionam a outros versículos que falam sobre a afirmação que Deus tenha um filho, como no versículo anterior e este:

“Dizem (os cristãos): Deus adotou um filho! Glorificado seja! Pois a Deus pertence tudo quanto existe nos céus e na terra, e tudo está consagrado a Ele. Ele é o Originador dos céus e da terra e, quando decreta algo, basta-Lhe dizer: “Seja!” e ele é”. (C.2 – V.116 a 117)

Nesta abordagem, para refutar tal noção, o Alcorão optou por dar maior atenção a Onipotência de Deus e eliminar quaisquer elementos antropomórficos que se relacionem a Ele, isto se torna claro no uso da frase *“Glorificado seja Ele”*. O versículo chama nossa atenção para o fato de que Ele é possuidor de todas as coisas nos céus e na terra e que todas as coisas prestam adoração a Ele e se submetem a sua vontade. Ele não necessita de nenhuma ajuda ou apoio para criar alguma coisa, não importa quão grande seja, quando Ele quer. Esta vontade se expressa no verbo “seja”, que é responsável por trazer as coisas à existência. Assim, se este é o caso, haverá alguma necessidade para que se faça a figura do filho assumir alguma conotação? E há algum significado para a trindade?

Esta abordagem sensata é sintomática do estilo alcorânico de debate e protesto, no qual ele dá um fim no que esteja complicando a discussão. Contrariamente, ele advoga a simplicidade e a clareza, que apelam para a imaculada natureza do homem. Esta é a abordagem correta para se alcançar a verdadeira fé, é a abordagem que cria as condições apropriadas para a disposição humana natural para interagir com o apelo a fim de atingir a verdade pela rota mais curta possível.

Eis porque o Alcorão optou por não engajar tais pessoas num debate filosófico sobre a questão da trindade ou da unidade, o que teria exigido que se recorresse a hipóteses. Ele se ateu em reiterar a Unidade que eles reconhecem e é apoiada por provas evidentes. Ele também proibiu a crença na trindade, chamando aqueles que a professam de descrentes. Isto porque a trindade se opõe à natureza do monoteísmo, a qual rejeita a divisibilidade de um elemento básico das coisas tanto quanto rejeita que isto assuma múltiplas formas e estruturas. O monoteísmo divino não tem qualquer relação com estas conotações.

O Alcorão deixou o julgamento para a natureza do homem, sem provê-la do critério para tal julgamento. Isto é indicativo da abordagem alcorânica, ou seja, preparar o caminho para o intelecto, deixando que este decida se explorará esta via seguindo nela, com o intuito de atingir o que o homem deseja.

Deliberação Filosófica

Alguns comentadores do Alcorão tentaram submeter o versículo à argumentação filosófica. Um deles se ocupou em interpretar o versículo dispondo cada palavra nele e tratando-a como uma evidência independente de rejeição a noção do “filho” (filiação divina) e, por conseguinte, refutando a doutrina da trindade, que se baseia nesta noção.

O resumo desta interpretação é que existem duas tendências de crença na “filiação divina”. Uma é a tendência da opinião que se apóia no significado literal da palavra, que é o conhecimento comum sobre a geração de filhos. A outra tendência filosófica se apóia no significado metafórico da palavra, a separação de parte da entidade original, sem nenhuma desintegração física ou progressão do tempo. Isto é o que os cristãos almejam em sua afirmação que “Cristo é o filho de Deus”, após submeter a noção a algum refinamento.

Concordar com a primeira interpretação não é possível por várias razões:

Isso transformaria Deus num ser físico, o que Ele não é já que está acima da natureza material. Presumindo que outros possam ter absoluta divindade e eternidade, precisaria, a fim de sobreviver, que todas as coisas não fossem dependentes dele para um início e uma continuidade. Assim, como pode alguém imaginar uma entidade separada que seja idêntica a Ele, ainda assim independente e possuindo sua essência e atributos sem necessitar Dele? Não é esta a hipótese que reúne a absoluta divindade e a finitude em um só ser?

A atribuição da capacidade de gerar filhos exigiria uma atuação progressiva Dele, neste caso as leis da matéria e do movimento o governariam. Isto entra em conflito com a norma, já que tudo o que é causado por sua Vontade e Desejo acontece sem um tempo limitado para uma decisão, nem uma divisão em fases.

O Exegeta At Tabatabai, autor de *Al Mizán* (comentário alcorânico) diz o seguinte a respeito da interpretação do versículo supramencionado:

“Suas palavras, no versículo sagrado, “Glorificado Seja” se referem à primeira prova, suas palavras, “A Ele pertence tudo o que há nos céus e na terra” se referem à segunda prova, suas palavras, “Tudo está consagrado a ele” se referem à terceira prova. Seguindo-se a segunda interpretação não se está regrado pelo primeiro argumento, ou seja, considerando a questão da matéria, corporalidade e progressão. Ao contrário, isto contradiz a segunda declaração, o problema da similaridade, o qual requer delinear a divindade absoluta por aquilo que é suposto ser o filho de Deus, isto necessita de um esclarecimento adicional no contexto da segunda interpretação, isto é, provar o filho e o Pai numericamente, por si mesmo, o qual é uma prova em abundância, embora a unidade qualitativa entre Pai e Filho seja suposta, ainda que filho e pai sejam um em termos humanos, embora mais do que um ponto de vista numérico. Por conseguinte, se a Unidade de Deus for pressuposta, tudo o mais, inclusive o filho, não é Deus, mas dependente Dele. Assim, o suposto filho Dele não pode ser Deus como Ele. Por outro lado, se for alegado que Ele tenha um filho que seja idêntico a Ele, mas não dependente Dele, a Unidade de Deus se torna sem sentido”. (Al Mizan fi Tafsíril Quran v.3 p. 315-317)

Este foi um resumo do conceito.

Quanto à questão de Jesus, filho de Maria (A.S.), não pode ser imaginada sobre as mesmas premissas, muito embora, em si, a noção seja artificial. O conceito de filho de Deus estaria ligado ao conceito que ele é Deus, como já afirmamos. Portanto, como podemos atestar que ele possua todas as qualidades humanas, precisamente como qualquer outra criatura humana?

O Alcorão deu muita atenção ao fazer conhecidas as qualidades humanas de Jesus (A.S.), de seu nascimento até sua ascensão. Ele discorreu sobre sua concepção até seu nascimento e as dificuldades que enfrentou em sua vida. Principalmente como um ser físico, sendo afetado por tudo aquilo que afeta o corpo humano em seu tempo de existência, o que contraria qualquer natureza divina.

Seu nascimento, que aconteceu fora das leis naturais, e os milagres que ele operou não devem ser considerados uma prova de divindade em sua pessoa, porque antes dele a criação de Adão (A.S.), sem pai ou mãe, foi um fato extraordinário. Com respeito à prática dos milagres, eles tinham ocorrido para os profetas que o precederam, como a Torah e os textos canônicos nos relatam. Em suma, não se conclui que Adão era Deus ou que os profetas foram seres divinos.

Então, exploremos os versículos alcorânicos, que denunciam a noção de divindade na profecia, eles fornecem base para a conclusão que Jesus (A.S.) foi um ser humano enviado por Deus às criaturas, a quem foi dada distinção sobre muitos:

“O Messias, filho de Maria, não é mais do que um mensageiro, do nível dos mensageiros que o precederam; e sua mãe era sinceríssima. Ambos se sustentavam de alimentos terrenos, como todos. Observa como lhes elucidamos os versículos e observa como se desviam”. (C.5 – V.75)

O autor de Al Mizan faz este comentário sobre o versículo acima:

“O comer e o beber são citados aqui entre todas as demais ações humanas. A razão é que estas ações servem como a melhor evidência das necessidades dos seres corpóreos, o que contrasta com a divindade. É evidente que aquele que sente fome e sede naturalmente busca satisfazer as necessidades de comer e beber. Assim, ele é dependente de algo exterior para se satisfazer. Por conseguinte, faz sentido a divindade de tal

pessoa? Ela é deficiente em si, sendo dirigido por outros, e não uma divindade (independente). É um mortal que está submetido a seu Senhor”. (Al Mizan v.3 p.317)

“São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o Messias, filho de Maria. Dize-lhes: Quem possuiria o mínimo poder para impedir que Deus, assim querendo, aniquilasse o Messias, filho de Maria, sua mãe e todos os que estão na terra? Só a Deus pertence o reino dos céus e da terra, e tudo quanto há entre ambos. Ele cria o que Lhe apraz, porque é Onipotente”. (C.5 – V.17)

“Pergunta-lhes: Adorareis, em vez de Deus, ao que não pode prejudicar-vos nem beneficiar-vos, sabendo (vós) que Deus é o Oniouvinte, o Sapiientíssimo?” (C.5 – V.76)

“O Messias não desdenha ser um servo de Deus, assim como tampouco o fizeram os anjos próximos (de Deus). Mas (quanto) àqueles que desdenharam a Sua adoração e se ensoberbeceram, Ele os congregará a todos ante Si”. (C.4 – V.172)

“São blasfemos aqueles que dizem: Deus é o Messias, filho de Maria, ainda quando o mesmo Messias disse: Ó israelitas, adorai a Deus, Que é meu Senhor e vosso. A quem atribuir parceiros a Deus, ser-lhe-á vedada a entrada no Paraíso e sua morada será o fogo infernal! Os iníquos jamais terão socorredores”. (C.5 – V.72)

O Alcorão Sagrado conclui com um diálogo entre Deus e Jesus (A.S.) no dia do Julgamento, como um meio de proclamar que essas idéias são estranhas a Mensagem de Jesus (A.S.) e a sua vontade, e acima de tudo, são estranhas ao cristianismo e ao próprio Jesus (A.S.), portanto:

“E recordar-te de quando Deus disse: Ó Jesus, filho de Maria! Foste tu quem disseste aos homens: Tomai a mim e a minha mãe por duas divindades, em vez de Deus? Respondeu: Glorificado sejas! É inconcebível que eu tenha dito o que por direito não me corresponde. Se tivesse dito,

tê-lo-ias sabido, porque Tu conheces a natureza da minha mente, ao passo que ignoro o que encerra a Tua. Somente Tu és Conhecedor do incognoscível. Não lhes disse, senão o que me ordenaste: Adorai a Deus, meu Senhor e vosso! E enquanto permaneci entre eles, fui testemunha contra eles; e quando quiseste encerrar os meus dias na terra, foste Tu o seu Único observador, porque és Testemunha de tudo. Se Tu os castigas é porque são Teus servos; e se os perdoas, é porque Tu és o Poderoso, o Prudentíssimo”. (C.5 – V.116 a 118)

O Protesto por intermédio da prece

Após o debate com os cristãos ter chegado a um ponto sem resolução, o Profeta (S.A.A.S.) adotou uma nova maneira para chamá-los à razão. Conclamando-os para uma prece conjunta. Isto foi o assunto deste versículo alcorânico:

“Porém, àqueles que discutem contigo a respeito dele, depois de te haver chegado o conhecimento, dize-lhes: Vinde! Convoquemos os nossos filhos e os vossos, e as nossas mulheres e as vossas, e nós mesmos; então, deprecaremos para que a maldição de Deus caia sobre os mentirosos”. (C.3 – V.61)

A história deste versículo foi relatada por diferentes fontes, ligadas ao essencial do versículo, ainda que com ligeiras variações. Aqui mencionamos a versão de Ali bin Ibrahim al-Qummi, em seu comentário alcorânico, de Imam Jafar Assadeq (A.S.):

“Ele disse: Quando a delegação dos cristãos de Najran ao mensageiro de Deus (S.A.A.S.) chegou e foi recebida por ele, o momento da prece deles havia chegado, eles tocaram os sinos e começaram sua prece. Os companheiros do Profeta disseram a ele: Eles praticam-na em nossa Mesquita. Ele respondeu: Deixem que eles a terminem. Tendo concluído sua prece, se aproximaram do Profeta e perguntaram: Para

o que nos chama? Ele disse: para o testemunho de que não há nenhum Deus senão Deus e que eu sou seu Mensageiro, que Jesus é uma criatura humana com seus assuntos e necessidades, tais como o comer e o beber, como qualquer outro humano. Eles perguntaram: Quem é o seu pai? Neste momento o Arcanjo Gabriel desceu e disse ao Profeta para que perguntasse a eles: O que dizem de Adão. Foi ele um homem criado, que comia, bebia, urinava, defecava e se unia à mulher? O profeta fez esta pergunta e eles responderam: Sim. Ele disse: Quem foi o seu pai? Eles ficaram confusos. Então, Deus revelou esses versículos:

“O exemplo de Jesus, ante Deus, é idêntico ao de Adão, que Ele criou do pó, então lhe disse: Seja! e foi. Esta é a verdade emanada do teu Senhor. Não sejas, pois, dos que (dela) duvidam. Porém, àqueles que discutem contigo a respeito dele, depois de te haver chegado o conhecimento, dize-lhes: Vinde! Convoquemos os nossos filhos e os vossos, e as nossas mulheres e as vossas, e nós mesmos; então, deprecaremos para que a maldição de Deus caia sobre os mentirosos. (C.3 – V.59 a 61)

O Profeta em seguida disse: “Então vamos orar e invocar a maldição de Deus sobre aqueles que estão a mentir, se eu sou fiel, a maldição seja o vosso destino, e se eu for um mentiroso, a maldição seja o meu destino. Eles disseram: Tu estás sendo justo. Eles marcaram um encontro. Porém, quando retornaram para casa seus líderes disseram: Se ele trouxer com ele seu povo, ele não é um profeta. Se trouxer com ele sua própria família, não atenderemos seu pedido para uma prece conjunta porque ele não virá a nós com a gente de sua casa, a menos que seja verdadeiro. Chegada a manhã seguinte, o Profeta (S.A.A.S.) veio com Ali, Fátima, Al Hassan e Al Hussein (A.S.). Os cristãos perguntaram: Quem são essas pessoas? Foram informados que eram seu primo, Ali, sua filha, Fátima, e seus netos, Al Hassan e Al Hussein. Eles disseram ao Mensageiro de Deus (S.A.A.S.): Nós desistimos, perdoa-nos de tomarmos parte nesta alteração. Então, o Profeta assinou um tratado de paz com eles para que pagassem o tributo (jizya)” .

Sobre o assunto que temos discutido, a importância dessa história é que serve como um excelente exemplo da abordagem Islâmica para o diálogo. Enquanto não poupa esforços em vigorosamente propugnar sua causa, ela enfrenta o desafio da contra-argumentação. Os versículos demonstram claramente a extensão da tolerância do Islam, a qual ele deseja que seus seguidores exerçam com os outros, seguindo as pegadas do Profeta, a partir de uma posição de força, não de fraqueza.

Aqueles cristãos vieram ao Profeta para discutir a nova Mensagem, e descobriram quão tolerante ela era, tanto que tiveram a permissão de fazer sua prece abertamente na mesquita do Profeta. O Profeta (S.A.A.S.) ignorou as objeções de alguns de seus seguidores por ele ter deixado os cristãos se ocuparem de seu culto em sua mesquita e pediu a eles para que os deixassem em paz. Ele quis demonstrar a eles, na prática, como o Islam respeita os sentimentos e a liberdade alheia no contexto da ordem pública. Também quis garantir e atestar a eles que não acreditava na força como um meio para converter outros ao contra sua vontade.

Este foi o caminho do diálogo calmamente conduzido entre o Profeta e a delegação cristã. Suas questões foram respondidas e em seguida as réplicas foram apresentadas a eles, apenas para aperfeiçoar a prova e fazê-los ver a força de sua causa.

Os sagrados versículos sugerem que o debate não estava limitado a este aspecto apenas, mas sim, se estendia sobre todas as áreas de desacordo entre muçulmanos e cristãos em como cada parte considera Jesus (A.S.) e vê a crença nele. É dessa maneira porque os versículos discutem a polêmica sobre ele numa maneira abrangente. Os versículos e a atmosfera geral da história insinuam que tais pessoas não desejavam mudar de opinião, tendo se engajado numa discussão fútil que levaria a lugar nenhum. Isto tinha feito o Profeta usar de um outro modo com eles, desafiando-os a serem julgados por Deus, que finalmente enviaria sua maldição sobre o lado que fosse provado estar mentindo. Esta foi a estratégia do Profeta, de provar a eles que ele não tinha nada a temer e que estava confiante quanto a doutrina islâmica e os conceitos da nova mensagem. É evidente que o Profeta não estava preocupado quanto a colocar-se numa situação difícil, na qual colocaria os membros de sua família perante Deus naquela disputa, invocando a ira de Deus sobre o lado que mentia.

Todavia, ele queria elevar o ritmo da disputa e produzir a confiança nos outros. Por isso que não se colocou sozinho para o teste, mas sim, trouxe os membros de sua família para tomar parte na confrontação. Isto foi, como já mencionamos, com o intuito de infundir confiança na outra parte de que ele era fiel em sua afirmação. É natural que qualquer ser humano possa arriscar sua própria vida, mas não a dos membros de sua família.

A outra parte percebeu as implicações da questão. A situação encheu seus corações de perturbação quanto a seguir em frente com a alteração, o que poderia ter levado a resultados amargos para eles. Ou seja, teriam terminado caídos sob a maldição de Deus, o que teria, por sua vez, feito com que incorressem em sua Punição e Castigo, assim, optaram pela reconciliação.

A lição que extraímos da abordagem

Este incidente deve servir como uma boa lição, em que o aspecto espiritual da fé, além das forças persuasivas científicas e intelectuais, devem ser usados quando o Islam decide conduzir o diálogo com seus adversários. Isto se baseia na afirmação que os ativistas muçulmanos devem considerar qualquer fator de influência que contribua para que as pessoas aceitem a verdade. Não apenas isso, a eles deve ser dada a confiança para que vejam o lado forte desta verdade. Este é um modo de perseverar nas condições adversas, desafiar as situações, tornar-se confiante para enfrentar qualquer confrontação não importando o quão difícil possa ser.

O Alcorão nos fornece exemplos desta abordagem para o diálogo.

Um destes exemplos é o do debate do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) com os povos do Livro quando os chamou para chegar a um acordo comum naquilo que é partilhado entre todas as divinas mensagens, assim:

“Dize-lhes: Ó adeptos do Livro, vinde, para chegarmos a um termo comum, entre nós e vós: Comprometamo-nos, formalmente, a não adorar senão a Deus, a não Lhe atribuir parceiros e a não nos tomarmos uns aos outros por senhores, em vez de Deus. Porém, caso se recusem, dize-lhes: Testemunhais que somos muçulmanos”. (C.3 – V.64)

O último segmento deste versículo: “Porém, caso se recusem” tinha vindo para selecionar a posição, depois que eles rejeitaram o convite para se chegar a um acordo e cooperar em assuntos de interesse mútuo. Entre os quais o de acolher o pedido dos muçulmanos para que testemunhassem que não há divindade senão Deus, o que deve ser a linha comum que atravessa nossa vida e nossas relações com os outros. Demonstrar a prontidão com que respondem às injunções divinas nas palavras e na prática também se inclui nisso. Em suma, nenhuma submissão a ninguém, senão a Deus. Os outros devem provar a força de seus argumentos com a evidência.

A importância do fator psicológico é que ele cria as condições apropriadas para que os outros percebam a força subjacente que governa a ideologia e auxilia no contexto do diálogo.

Capítulo 4

O Diálogo se Inicia com Uma Questão

1. O Profeta apresenta as Questões

No Alcorão Sagrado encontramos muitos versículos que discutem as questões doutrinárias em detalhes. Muitos desses versículos adotam o estilo de diálogo no qual o Profeta (S.A.A.S.) desempenha um papel central. Ele pode ser encontrado lançando questões diante de falsas concepções mantidas por algumas pessoas acerca da fé e da vida. Pode ser visto enfrentando-as com certas matérias que não podem negar ou que não estão em condições de negar porque não estão cientes de sua relação com a senda reta da fé. Assim, uma vez recordados disso, seu reconhecimento seria um compromisso, isto é, deveriam retornar à senda reta. Isto seria um resultado da relação umbilical entre os dois. Portanto, a abordagem é a de apelar para o raciocínio deles, com a finalidade de estimular sua natureza inata para o chamado da verdade. Isto faria de qualquer argumentação obstinada ou arrogante uma tentativa fútil, especialmente com os que possuem auto-estima.

Os seguintes versículos alcorânicos discutem essa abordagem para o diálogo:

“E se lhes perguntas: Quem criou os céus e a terra e submeteu o sol e a lua? Eles respondem: Deus! Então, por que se retraem? Deus prodigaliza e restringe a subsistência a quem Lhe apraz, dentre os Seus servos, porque Deus é Onisciente”. (C.29 – V.61 a 62)

“E se lhes perguntardes: Quem criou os céus e a terra? Dirão: Criou-os o Poderoso, o Sapientíssimo! Que vos fez a terra como leito, e vos traçou nela sendas, para que vos encaminhásseis. E Ele é Que envia, proporcionalmente, água dos céus, e com ela faz reviver uma comarca árida; assim sereis ressuscitados. E Ele é Que criou todos os canais e vos submeteu os navios e os animais para vos transportardes, bem como para que vos acomodásseis sobre eles, para assim recordar-vos das mercês do vosso Senhor, quando isso acontecesse, Dizei: Glorificado seja Quem no-los submeteu, o que jamais teríamos logrado fazer”. (C.43 – V.9 a 13)

É óbvio que estes versículos se concentram na condução do diálogo com aqueles que afirmam que existem parceiros com Deus, muito embora reconheçam sua Onipotência e seu Controle sobre todas as coisas. E que ainda assim, não conseguem compreender a noção da Existência divina. Portanto, o estilo é o de apresentar a questão para tais pessoas nos termos do que elas conheçam sobre o assunto da crença em Deus. Suas respostas então serão a base para discorrer sobre a Onipotência de Deus e seu domínio sobre os assuntos do universo, e como todas as coisas que se relacionam à vida humana estão ligadas a um curso de retorno a Ele. O resultado que se procura será o que os politeístas questionarão a si mesmos, percebendo que estão errados, sem que sejam confrontados.

Pode se deduzir que embora os versículos sagrados possuam este estilo comum, eles variam quanto aos detalhes. Dentro da linha do questionamento, o argumento e o contra argumento são apresentados de modo que a tese e a antítese sejam imediatamente reconhecidas e as posições tomadas, sendo esperado que, do lado da verdade. Assim, o bom julgamento alcorânico faz uso da confrontação do homem com a verdade adiante, a fim de não deixar a ele nenhum espaço para manobra, recuo aos vestígios do passado ou o tatear na escuridão da mentira.

Esta disposição é brilhantemente apreendida nos seguintes versículos alcorânicos:

“Dize: Quem vos agracia com os seus bens do céu e da terra? Quem possui poder sobre a audição e a visão? E quem rege todos os assun-

tos? Dirão: Deus! Dize, então: Por que não O temeis? Tal é Deus, vosso verdadeiro Senhor; e que há, fora da verdade, senão o erro? Como, então, vos afastais? Assim se cumpriu a sentença de teu Senhor sobre os depravados, porque não creram. Pergunta-lhes: Existe algum ídolo, dentre os vossos, que possa originar a criação, e então reproduzi-la? Dize-lhes, a seguir: Deus é Quem origina a criação e então a reproduz. Como, pois, vos desviais? Pergunta-lhes: Existe algum ídolo, dentre os vossos, que possa guiar-vos à verdade? Dize: Só Deus guia à verdade. Acaso, Quem guia à verdade, não é mais digno e ser seguido do que quem não o faz, sendo ao contrário guiado? Que vos sucede pois? Como julgais assim? Sua maioria não faz mais do que conjecturar, e a conjectura jamais prevalecerá sobre a verdade; Deus bem sabe tudo quanto fazem!” (C.10 – V.31 a 36)

Nestes versículos os politeístas são confrontados com a questão sobre o universo e a perfeita arte e estilo que ele exhibe, o que indica o seu hábil Criador, que há de ser Onipotente. Se a resposta deles aponta na direção de Deus, como se espera, porque crêem nele, serão outra vez inquiridos sobre a habilidade dos que eles chamam de parceiros de Deus para criar o mesmo ou parte disso. O Alcorão assume a responsabilidade de responder em nome deles, pois definitivamente, não são capacitados a fornecer uma resposta diante de Deus Todo-Poderoso. Eles podem mover seus olhos em volta, ponderar e então não encontrar ninguém senão Deus que possa criar todo esse magnífico universo. Ficarão sem palavras, e em muitas ocasiões, o silêncio significa muito mais do que as palavras.

O Alcorão então resolve a discussão, que expõe a vacuidade de suas crenças. Ele adota um estilo mais áspero, que visa enviar ondas de vibração em suas espinhas e desafiar sua integridade. Isto num esforço para sustentar a causa da crença na verdade e no monoteísmo genuíno, e para tratá-lo como um indicador para a justa causa da fé. De outro modo, a questão do politeísmo serviria como um exemplo do que é falso e do extravio da senda reta. O que não é digno de ser advogado por qualquer pessoa sensata diante daquilo que é evidente em si. Portanto, tal pessoa não deixaria a verdade à mercê de conjecturas infundadas.

A abordagem numa fé ativa

Há a necessidade de adotar esta abordagem de diálogo nos dias atuais, onde o ativismo Islâmico se encontra frente a frente com certos elementos que não poupam esforços em criticar a aspiração do Islam em assumir um papel de liderança na vida humana. Assim, eles afastam-se do Islam em favor de outras ideologias sob o pretexto de que elas satisfazem as necessidades humanas nesta vida e fornecem soluções para os difíceis problemas que estão cercado a humanidade. Porém, parecem esquecer que o Islam é capaz de fornecer tais soluções e satisfazer estas necessidades. Os ativistas muçulmanos podem formular tais questões, utilizando a mesma abordagem alcorânica de diálogo, que discute o assunto em detalhes. Um outro caminho seria o de comparar o Islam com outras ideologias, ressaltando o que o separa de tais crenças, e aquilo em que é muito superior a elas. Este estilo pode preparar o caminho para incitar idéias e também para produzir o raciocínio calmo ou um profundo exercício mental.

Pode também haver uma necessidade de que esta abordagem conduza o diálogo com divisões sectárias, especialmente em questões que envolvem dar preferência a certas personalidades Islâmicas sobre outras, por causa das sublimes qualidades dessas pessoas. Devemos, contudo, dirigir o diálogo livre de pântanos históricos, com receio de que eles triunfem sobre nossos argumentos e nos deixem com a visão de um mero túnel e um olhar sectário, como é o caso no presente. Isto pode ser conseguido nos concentrando nos fatos históricos gerais para que sirvam de diretrizes para o diálogo, afastando-nos dos eventos que tratam de complexos casos individuais. Isto numa tentativa de fazer a questão em discussão subserviente ao objetivo principal da opinião, com todos os sentimentos que ela provoca e posições que impõe e que servem à causa. Portanto, desacordos sobre essas questões podem se desfazer através desta aberta e flexível abordagem, que conduz a uma mais alta e aberta visão exterior do pensamento doutrinário.

O uso desta abordagem não deve, todavia, ser confinado a conduzir o diálogo sobre personalidades Islâmicas do passado. Ao invés disso, é necessário se engajar em diálogo para resolver diferenças sobre nossas lideranças e figuras públicas. Ao fazer isso, devemos por de lado nossas preferências pes-

soais, que normalmente matizam nosso julgamento dessas figuras, devemos ser objetivos ao julgá-las. De outra maneira, perderemos o caminho da abordagem que estamos adotando para resolver o problema e ajustar as diferenças. Isto inevitavelmente nos levaria a um círculo vicioso.

Talvez o versículo alcorânico mais apropriado a servir esta linha de pensamento seja este:

“Pergunta-lhes: Existe algum ídolo, dentre os vossos, que possa guiar-vos à verdade? Dize: Só Deus guia à verdade. Acaso, Quem guia à verdade, não é mais digno e ser seguido do que quem não o faz, sendo ao contrário guiado? Que vos sucede pois? Como julgais assim?” (C.10 – V.35)

Assim, o versículo ressaltou a importância de se manter afastado de todos os tipos de relações, sejam elas pessoais, familiares ou regionais, da pessoa julgada ou avaliada. Competência e erudição, o que possui influência no modo como as pessoas serão julgadas, e a condução delas no campo público, devem ser os critérios para o julgamento.

2. Os Outros perguntam e o Profeta Responde

Em matéria de diálogo há um problema que desafia aqueles que trabalham na senda de Deus. É o de se introduzir no debate certos assuntos que não são nem benéficos nem relevantes para a fé e a vida prática. Discutir tais assuntos é uma forma de luxo intelectual, que está relacionado mais à tagarelice do que outra coisa. Isto certamente transforma o diálogo num bate-boca fútil. Exemplos desses tópicos são muitos, tais como discutir sobre os nomes dos pais dos profetas ou o número de alguns grupos de pessoas cujas histórias são mencionadas nos livros de tradição ou no Alcorão. As eras obscuras do Islamismo testemunharam altercações semelhantes sobre muitos assuntos que não tinham nenhuma influência, qualquer que fosse, na religião ou na vida. As altercações sem sentido causaram perdas na capacidade intelectual das pessoas daquelas épocas, tanto assim que elas não contribuíram nada útil para o conhecimento. Isto se refletiu gravemente sobre o bem estar intelectual dos muçulmanos, causando um atraso. Foi este o resultado de seu abandono do que era benéfico a eles, algo que poderia ter impulsionado seus espíritos adiante do que era trivial.

Há uma verdade na seguinte declaração do Sheikh Mahmoud Sheltout em seu comentário alcorânico:

“No que se refere ao se ocupar com meras teorias, o que não produz nenhum benefício para esta vida, nem traz uma recompensa na vida futura, os fiéis, que são ativos no serviço do Islam, não devem ter nada a tratar com isso. Eles não devem se envolver em discussões, tais como: O que acontece aos espíritos quando abandonam os corpos? Para onde vão? O que estarão fazendo? Eles não também devem perguntar sobre os tormentos do túmulo, se isso está confinado ao corpo ou envolve tanto o corpo como a alma, o que acontece quando se está em coma ou inconsciente, não deve haver debate em questões sobre as balanças da justiça, como o processo de avaliação do peso será conduzido, o que será pesado, com o que se parece a terra e o céu do paraíso, e assim por diante, o que faz os muçulmanos ficarem estagnados e que muitos de seus ulemás encham seus livros, portanto, eles distraem a atenção das massas do conhecimento do que é bom e da ação baseada nisso”. (Comentário alcorânico, Shaikh Mahmoud Sheltout, pag. 539)

Alguns versículos alcorânicos se referiram a posição do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) sobre algumas das coisas que seus companheiros costumavam perguntar, e que cujo conhecimento não produz qualquer benefício tangível. O que ele fazia em tais situações era, algumas vezes ignorar a questão, em outras ele dirigia a questão para algo diferente. Este era um modo deliberado de lembrar que eles deviam se sentir na obrigação de perguntar sobre aspectos que os beneficiariam, e não o que estavam a perguntar.

Contudo, se necessário for, o debate não deve entrar em detalhes, deixando o caminho aberto para que se conclua a discussão, pois não há nada que ajudará em acompanhar a outra parte naquilo que eles almejam. Quanto aos relatos do Alcorão, o Profeta (S.A.A.S.) foi perguntado sobre o espírito e o Dia do Julgamento. Deus Todo-poderoso não desejou detalhar respostas para essas questões, pois ambos os assuntos são de exclusivo domínio da Onisciência Divina. O espírito em particular não pode ser compreendido porque não segue regras empíricas. Ele vem a ser reconhecida pelos traços que deixa, ou talvez conhecer sobre o espírito não sirva a nenhum propósito.

Eis o versículo alcorânico, que trata da questão sobre o espírito:

“Perguntar-te-ão sobre o Espírito. Responde-lhes: O Espírito está sob o comando do meu Senhor, e só vos tem sido concedida uma ínfima parte do saber”. (C.17 – V.85)

As indagações sobre o Dia do Julgamento foram discutidas em vários versículos alcorânicos:

“Perguntar-te-ão acerca da Hora (do Desfecho): Quando acontecerá? Responde-lhes: Seu conhecimento está só em poder do meu Senhor e ninguém, a não ser Ele, pode revelá-lo; (isso) a seu devido tempo. Pesa-da será, nos céus e na terra, e virá inesperadamente. Perguntar-te-ão, como se tu tivesses pesquisado sobre ela (a Hora do Desfecho). Responde-lhes: Seu conhecimento só está em poder de Deus; porém, a maioria das pessoas o ignora”. (C.7 – V.187)

“As pessoas te interrogarão sobre a Hora (do Juízo). Dize-lhes: Seu conhecimento somente está com Deus! E quem te inteirará, se a Hora estiver próxima?” (C.33 – V.63)

“Interrogar-te-ão acerca da Hora: Quando aportará? Com quem está tu (envolvido), com tal declaração? Só ao teu Senhor incumbe tal conhecimento. Tu és somente um admoestador, para quem a teme. No dia em que a virem, parecer-lhes-á não terem permanecido no mundo mais do que um entardecer ou um amanhecer da mesma”. (C.79 – V.42 a 46)

O trabalho do Profeta não era o de informar aqueles que pediam para que precisasse o tempo de sua chegada. Mas sim, sua tarefa era alertá-los que isto inevitavelmente chegaria de modo que se preparassem pela prática das boas ações. Além disso, determinar o tempo de sua chegada não serve ao propósito que a religião aspira para a vida das pessoas, no que devem estar concentradas na autodisciplina para a qual se apressam por medo das conseqüências das más ações no Dia do Julgamento. Por isso é que Deus não deu o conhecimento do tempo a seu Profeta, nem a qualquer outro ser de sua criação.

Um vestígio de um estilo inesquecível pode ser detectado nos últimos versículos, em que não há meias palavras. A crítica é indubitável sobre a questão. A razão parece ser que a resposta é dirigida às pessoas teimosas, por sua insistência em repetir a questão cuja resposta elas já conhecem. A resposta delinea para os questionadores a tendência e o conhecimento disponível a esse respeito. O que tornou uma incumbência para eles ou calar ou perguntar novamente as razões para tal tendência. Eles estavam pouco dispostos a perguntar, a fazer a mesma pergunta de novo, o que significava que seu objetivo não era a aquisição do conhecimento. Ao contrário, eles estavam inclinados à altercação e a criar discórdia.

Dirigindo o diálogo rumo ao que enriquece a vida

Nós encontramos exemplos de questões que eles estavam levantando por certas razões, quando o Profeta (S.A.A.S.) optou por responder de maneira diferente, não segundo o que gostavam. O objetivo do Profeta foi dirigi-los ao tipo de perguntas que eles deviam fazer como já foi mencionado.

Ele foi perguntado sobre o nascimento da lua e as fases que ela atravessa do seu nascimento até tornar-se maior e voltar a ser crescente. Era evidente que eles não estavam interessados em adquirir conhecimentos no campo da astronomia. Entrar em detalhes sobre este tópico teria exigido pisar num campo minado, de conhecimento especializado, que certamente teria sido além da compreensão deles. Além disso, não faria qualquer diferença para suas vidas. Ao contrário, o objetivo principal de sua resposta era examinar os benefícios práticos a serem colhidos do fenômeno do nascimento e do renascimento lunar. Entre outras coisas, isto é o ponto para que determinassem o tempo da Peregrinação (Hajj). O calendário lunar é simples, pois não necessita de nada senão a visão da Lua para iniciar e terminar o mês, um processo que é conhecido por todos.

O Alcorão utilizou uma metáfora para incitar o homem a dirigir-se às questões diretamente ao invés de o fazer “pela porta dos fundos”, assim:

“Interrogar-te-ão sobre os novilúnios. Dize-lhes: Servem para auxiliar o homem no cômputo do tempo e no conhecimento da época da

peregrinação. A virtude não consiste em que entreis nas casas pela porta traseira; a verdadeira virtude é a de quem teme a Deus, para que prospereis”. (C.2 – V.189)

Eles perguntaram ao Profeta (S.A.A.S.) quanto ao que deveriam gastar em caridade. Em sua resposta, ele optou por se concentrar sobre com quem eles deveriam gastar, apenas para lembrá-los que isto é o que deveriam perguntar, porque não é tão importante o que se deve doar. Mas sim, a quem se deve doar:

“Perguntam-te que parte devem gastar (em caridade). Dize-lhes: Toda a caridade que fizerdes, deve ser para os pais, parentes, órfãos, necessitados e viajantes (desamparados). E sabei que todo o bem que fizerdes, Deus dele tomará consciência”. (C.2 – V.215)

Em outro versículo alcorânico, a resposta não contém uma referência ao tipo e a quantidade de coisas que devem ser doadas em caridade, ele usa uma palavra ‘*afu*, em árabe, “o que está além de nossas necessidades”:

“Perguntam-te o que devem gastar (em caridade). Dize-lhes: Gastai o que sobrar das vossas necessidades. Assim Deus vos elucida os Seus versículos, a fim de que mediteis” (C.2 – V.219)

O Alcorão nos informa que os muçulmanos e outros indivíduos costumavam discutir em detalhes sobre o número de pessoas da Caverna. A discussão irrompeu entre os muçulmanos quando, isso surge do significado do versículo, eles queriam que o Profeta fornecesse uma resposta decisiva para resolver a discussão:

“Alguns diziam: Eram três, e o cão deles perfazia um total de quatro. Outros diziam: Eram cinco, e o cão totalizava seis, tentando, sem dúvida, adivinhar o desconhecido. E outros, ainda, diziam: Eram sete, oito com o cão. Dize: Meu Senhor conhece melhor do que ninguém o seu número e só poucos o desconhece! Não discutais, pois, a respeito disto, a menos que seja de um modo claro e não inquiras, sobre eles, ninguém”. (C.18 – V.22)

Em seu discurso, o Alcorão visa por a questão em perspectiva. Em outras palavras, o conhecimento sobre o número daquele grupo de pessoas não é tão importante quanto as lições que podem ser tiradas dessa história. O sentido do episódio do povo da caverna está em sua conotação religiosa. Aqui temos um grupo de jovens que não cedeu às pressões para que renunciasse sua crença. Eis que eles encontraram um abrigo seguro na caverna. Deus Todo-Poderoso os tinha abrigado em Sua graça. Ele tornou o modo como viviam e o que foi feito deles um milagre e um exemplo moral para que as pessoas meditassem através dos tempos. Os fiéis devem se preocupar com este aspecto da história. O conhecimento deve ser um meio para uma vida espiritual melhor, não algo para satisfazer a curiosidade sobre o desconhecido. Por conseguinte, não haverá nenhum benefício ganho do conhecer o número ou as qualidades pessoais dos jovens da caverna. A história não apresenta um problema que peça uma solução. A moral da história sobre a qual Deus quer que meditemos é que não há nenhum mal na ignorância em assuntos que não servirão a qualquer propósito, porque isso não tem qualquer influência nas balanças do bem e do mal ou na conduta devida ou indevida. O Alcorão continuou a dirigir o Profeta para que esse se mantivesse fora do debate sobre este tópico e o ordenou a não inquirir nenhum deles sobre os que ali adormeceram (os jovens da caverna) e que apenas aconselhasse aos outros que não deveriam perguntar sobre essas coisas.

Assim, a razão essencial por trás do diálogo é clara. O homem não deve dedicar-se a discussão sobre todo assunto, temendo que o empenho todo se transforme num desperdício e num esforço sem sentido. Os ativistas muçulmanos devem se esforçar para tomar o pulso da situação, fechando a porta para qualquer tópico onde todos os sinais denotem que não se produzirá qualquer resultado conclusivo. Ao invés disso, o diálogo deve ser dirigido para as áreas que beneficiarão a fé e enriquecerão a vida.

A sabedoria necessária

Na atividade do diálogo que o Alcorão fala, há um aspecto importante no contexto das questões que os profetas costumavam enfrentar e as respostas que usualmente davam às mesmas.

Este ponto se relaciona ao assunto que seja levantado pelos adversários da fé dentro de um cenário de diálogo. Ele pode tocar em tópicos que são sensíveis para a sociedade. Portanto, trazê-los à baila pode criar reações de animosidade que contribuem para o insucesso do diálogo. Isto pode ser prejudicial à condução do diálogo sobre essas questões e as posições assumidas nisso, resultando num congelamento da ação da verdadeira fé, em virtude de atmosferas demagógicas criadas pela discussão de tais questões é desejável que os ativistas muçulmanos sejam suficientemente delicados para fechar a cortina do diálogo sobre tais assuntos, sem se afastar da linha ideológica que seguem ou incitar sentimentos adversos. Esta é a moral que pode ser aprendida do versículo alcorânico seguinte, que trata de algumas questões sensíveis que o Faraó deliberadamente quis trazer à baila para prejudicar a Moisés (A.S.). O objetivo era inflamar os sentimentos populares contra Moisés:

“Inquiriu (o Faraó): E que aconteceu às gerações passadas? Respondeu-lhes: Tal conhecimento está em poder do meu Senhor, registrado no Livro. Meu Senhor jamais Se equivoca, nem Se esquece de coisa alguma”. (C.20 – V.51-52)

Pode-se deduzir deste versículo que a questão do Faraó a Moisés (A.S.) sobre as gerações anteriores, os antepassados do povo daquele tempo, tencionava fazer Moisés chamá-los de descrentes, ou que o destino deles seria o fogo infernal, etc. Isto certamente inflamaria os sentimentos de seus descendentes, o que os teria feito revoltar-se contra ele, em vingança pelo que entendiam como sendo um insulto a seus ancestrais. O objetivo do Faraó podia ter sido diferente, ele poderia ter tentado distrair a atenção para outra coisa além do tópico principal do debate, a questão da crença ou da descrença. Contudo, Moisés (A.S.) arruinou seus planos encerrando a discussão, que, o Faraó pretendia manipular ou desviar de seu principal motivo. Moisés (A.S.) deixou o assunto para Deus que era conhecedor da situação deles, já que nem ele (Moisés) nem o Faraó possuíam qualquer conhecimento sobre tal situação.

Nos dias atuais, os ativistas muçulmanos podem enfrentar muitas situações similares. Algumas pessoas frequentemente se confrontam com eles em questões políticas, sociais ou pessoais, que têm o intuito de criar tensão

nas fileiras populares. Tais pessoas também tentam criar condições que sejam favoráveis para discutir questões emotivas. Esta é uma tentativa deliberada de afastar os ativistas de seus principais objetivos. Algumas vezes os oponentes tentam menosprezar a importância das questões a serem discutidas vulgarizando-as e reduzindo-as a um mero detalhe, na tentativa de complicar os assuntos para os ativistas.

É mais sábio evitar ser arrastado para dentro de tais discussões inúteis deixando esses assuntos para Deus, já que a Ele pertence o poder sobre o Dia do Julgamento, invocando os domínios de sua abrangente misericórdia onde o futuro definitivo do homem na vida futura diz respeito. Os princípios gerais da recompensa e da punição e, por conseguinte, o assegurar um lugar no Paraíso ou no Inferno, deve ser destacado. A punição deve ser explicada como um tipo de distribuição de justiça. De modo similar, o perdão deve ser visto como um gesto de bondade e misericórdia. Isto pode contribuir para trazer equilíbrio à situação e manter a relação com Deus. Deve, naturalmente, ser um empenho honesto, e não permitir que a crença em Deus se transforme numa justificativa para se abdicar da responsabilidade ou uma desculpa para as más ações.

O Profeta (S.A.A.S.) enfrentou alguns assuntos legais que os muçulmanos e outros costumeiramente indagavam, pois tinham influência em sua vida cotidiana. Alguns desses tópicos envolviam tradições arraigadas na psique das pessoas, tais como o costume de ingerir bebidas alcoólicas e o da jogatina. Alguns se referiam a práticas que tinham atingido o *status* de serem “sagradas”, que eles não podiam violar, tais como ir à guerra nos meses sagrados de Rajab, Zul Qidah, Zul Hijjah e Muharram.

A resposta do Profeta (S.A.A.S.) foi em consonância com a compreensão geral Islâmica, que reconhece que o ato de adquirir conhecimento em qualquer campo é um direito natural de todo homem e de toda mulher. Qualquer pessoa tem o direito de perguntar sobre algo concernente à fé e suas leis. A religião por sua vez tem que proporcionar janelas de conhecimento sobre alguma questão em particular que seja inquirida. A religião veio para libertar as pessoas da escuridão para a luz. Assim, deve retirar as pessoas da escuridão da ignorância para a luz do conhecimento.

Os muçulmanos indagam sobre a bebida alcoólica e o jogo

As pessoas do tempo do Profeta (S.A.A.S.) perguntaram sobre a bebida alcoólica e o jogo de azar, coisas que estavam profundamente enraizadas na sociedade. Proibi-los imediatamente teria criado um problema social maior. As pessoas estavam iludidas de que a proibição não estaria de mãos dadas com os seus próprios interesses. Em outras palavras, acreditavam que o consumo do álcool aliviava o peso da alma, transportando-a para longe de seus sofrimentos. Eles sentiam a necessidade de afogar suas mágoas e problemas num mundo que, penavam, era livre de dissabores. Percebiam isto do mesmo jeito que ao sono, que pode proporcionar o descanso, onde os nervos se acalmam e as baterias são recarregadas.

Em sua resposta, o Alcorão não tentou rejeitar estas percepções, nem foi severo ao apontar as injunções legais a esse respeito. Ao contrário, ele começou por delinear os aspectos negativos e também os positivos, deixando a eles um amplo espaço para julgar as coisas por si mesmas e em paz. Este é o modo correto para garantir a segurança do conhecimento, para que não seja corrompido sob o peso dos costumes, das tradições, dos interesses e caprichos:

“Satã só ambiciona infundir-vos a inimizade e o rancor, mediante as bebidas inebriantes e os jogos de azar, bem como afastar-vos da recordação de Deus e da oração. Não desistireis, diante disso?” (C.5 – V.91)

Portanto, ele os desafia com o impacto negativo das bebidas alcoólicas e do jogo de azar tanto no nível pessoal como no social, sem mencionar o efeito disso no nível espiritual, especialmente quando as pessoas estão diante de Deus em termos de culto. A razão é que o álcool afeta a capacidade de pensar corretamente, fazendo o homem se comportar sob o estímulo de seus instintos básicos. Em outras palavras, agindo sob a influência do álcool o homem forçosamente libera sua ira e inimizade inconsciente. O jogo de azar contribui para incitar, no íntimo da parte derrotada, a animosidade contra aquele que o tenha vencido. Ambos, o alcoolismo e o jogo compulsivo, são elementos ativos no rompimento do relacionamento entre o homem e Deus na medida que afastam da lembrança de Deus e da

prece. Por isso que o Alcorão apresenta a questão numa forma interrogativa, ordenado as pessoas a desistirem de se envolver com esses maus hábitos: “*Não desistireis, diante disso?*”. Nisto, há uma sugestão às pessoas sensatas, que não devem precisar de intervenção externa para fazê-las se livrar daquilo que arruína suas vidas.

O Alcorão então se empenha em comparar as perdas e os ganhos do álcool e do jogo de azar na mente das pessoas. Nem bem tenha feito isso ele se apressa a acrescentar que as perdas superam os ganhos. O que é concluído para que os sensatos alcancem a conclusão que esteja ao lado da proibição. Isto é assim porque o intelecto não aceita que o homem cometa algo que venha a prejudicar seu bem estar por um benefício que seja muito menor do que o mal que cause. Deve alguém perguntar: Como pode isto acontecer? A resposta é que embora as bebidas alcoólicas possam proporcionar alguns benefícios, estes são mínimos comparados aos incalculáveis problemas que criam. Ruína da saúde e os problemas sociais encabeçam a lista dos aspectos negativos. Eles acontecem como um resultado de pessoas envolvidas nessas práticas perderem seu controle. Os resultados se manifestam em crimes e más ações. A sociedade não tem nenhuma proteção contra pessoas embriagadas já que não pode trancafiá-las, impedindo que destruam a vida de seus semelhantes. Seja isso causando acidentes de trânsito ou cometendo homicídio. Estas são as conseqüências da embriaguez.

Quanto ao jogo de azar, podem existir outros problemas além daqueles citados no versículo alcorânico. Um perigoso mal estar social é sintomático de uma tendência que surge quando o jogador compulsivo depende do jogo para ganhar seu sustento. Isto se reflete gravemente na sociedade, já que esta perde parte de sua capacidade produtiva para a jogatina. No aspecto familiar, o jogador destrói a si mesmo e também o bem estar de sua família.

Assim, o processo de avaliação das perdas e dos lucros termina em sustentar-se altas perdas, para um mínimo ganho. O Alcorão apresenta às pessoas a verdade que elas têm negligenciado, e reitera que traçar os limites entre o que é lícito e o que é ilícito não se origina de um exercício absurdo de auferir satisfação do que as pessoas entendem como coação de sua liberdade e limitações de suas escolhas.

Ao contrário, o processo de legislar para o que seja permissível ou não emana do interesse do ser humano, seja pessoal ou público. Não há, portanto, nenhuma proibição, a menos que as desvantagens superem as vantagens, um ato em particular é apenas aprovado quando o contrário é verdadeiro. Ou seja, não importando se uma pessoa tenha ou não se acostumado a praticar algo, a liberdade na legislação divina não é excêntrica. É realista, e nela, o interesse vital, ou o prejuízo a vida ou ao homem é a força impulsora (que a determina).

Por conta disso, o Alcorão não ampliou o destaque desta realidade com respeito ao consumo de álcool e a prática do jogo de azar. Ele não disse o que se devia fazer, mas sim, deixou a questão para que a consciência sã do homem chegue a uma conclusão sobre a regra Islâmica de proibir o álcool e a jogatina de modo decisivo, portanto:

“Interrogam-te a respeito da bebida inebriante e do jogo de azar; dize-lhes: Em ambos há benefícios e malefícios para o homem; porém, os seus malefícios são maiores do que os seus benefícios. Perguntam-te o que devem gastar (em caridade). Dize-lhes: Gastai o que sobrar das vossas necessidades. Assim Deus vos elucida os Seus versículos, a fim de que mediteis.” (C.2 – V.219)

Os muçulmanos indagam sobre a luta durante os meses sagrados

Os muçulmanos perguntaram ao Profeta (S.A.A.S.) se podiam ir à guerra durante o mês sagrado. A questão foi precipitada por um incidente onde alguns muçulmanos e idólatras se envolveram num confronto. Os Muçulmanos mataram um idólatra e fizeram dois prisioneiros. Coraich explorou o incidente para criticar o profeta. Os muçulmanos que estiveram envolvidos naquele incidente estavam angustiados porque pensavam que tinham cometido um ato vil (violando a santidade de um mês sagrado), especialmente ao sabermos que o Profeta era avesso a isso, e os demais muçulmanos os criticaram por aquilo. Por conseguinte, uma controvérsia surgiu. Assim, eles não tiveram outra alternativa senão apresentar o caso ao Profeta para que este o julgasse. E o Alcorão respondeu o seguinte:

“Quando te perguntarem se é lícito combater no mês sagrado, dize-lhes: A luta durante este mês é um grave pecado; porém, desviar os fiéis da senda de Deus, negá-Lo, privar os demais da Mesquita Sagrada e expulsar dela (Mecca) os seus habitantes é mais grave ainda, aos olhos de Deus, porque a perseguição é pior do que o homicídio. Os incrédulos, enquanto puderem, não cessarão de vos combater, até vos fazerem renunciar à vossa religião; porém, aqueles dentre vós que renegarem a sua fé e morrerem incrédulos tornarão as suas obras sem efeito, neste mundo e no outro, e serão condenados ao inferno, onde permanecerão eternamente”. (C.2 – V.217)

Ao que parece o assunto confundiu os crentes, na esteira daquele incidente, pensando que o Islam não reconhecia o princípio de santidade dos meses sagrados, e que rejeitava a proibição da luta durante os mesmos. Portanto, estavam com a impressão de que o Islam permitiria a luta nestes meses, principalmente porque o Profeta não prendeu nem puniu os muçulmanos que tinham matado o ídôlatra e feito seus companheiros como prisioneiros. O problema para eles era conhecer a lei correta na questão, de modo que pudessem enfrentar a campanha difamatória contra o Islam, seguros no conhecimento e na sinceridade.

A resposta veio livre de equívocos, e mantinha a proibição da luta durante os meses sagrados, vendo isto como negar acesso à senda de Deus e a Sua adoração. Porém, se apressava a acrescentar que o que Coraich tinha feito era ainda pior, já que expulsavam as pessoas da Mesquita Sagrada, por razão alguma senão por testemunharem a palavra da crença, numa tentativa de fazê-las voltarem atrás em sua fé. Então, o Alcorão estabelecia a sólida fundação para o princípio que diz que os atos de afastar as pessoas da religião e por obstáculos ao progresso da religião são muito piores do que o assassinio. Isto é assim porque matar é um ato individual cujas conseqüências são limitadas, em essência, ao passo que seduzir os aderentes da religião para que a abandonem coletivamente se prova prejudicial para todo o grupo.

Atos sediciosos dizem respeito, direta ou indiretamente, com defender a senda tortuosa do ateísmo e da idolatria em oposição a senda da fé e do monoteísmo, e com prejudicar a verdade. Por esta razão, os muçulmanos que estavam envolvidos naquele incidente não foram considerados como tendo

agido fora do limite da fé, pois seu objetivo era remover os obstáculos que foram colocados no caminho do Islam para impedir seu avanço. Portanto, as conseqüências de seu ato eram muito melhores do que o homicídio em si, violando a santidade do mês sagrado.

Pode-se deduzir do versículo alcorânico que este não está tentando dizer que tais muçulmanos eram culpados. Contrário ao que alguns comentadores deduziram, nós acreditamos que o versículo está tentando apresentar o ato daqueles muçulmanos em seu âmbito legal, que é o de eliminar a descrença. Ele reitera firmando-se a este modo e dando legitimidade ao ato, como está evidente na última parte do versículo:

“...Os incrédulos, enquanto puderem, não cessarão de vos combater, até vos fizerem renunciar à vossa religião; porém, aqueles dentre vós que renegarem a sua fé e morrerem incrédulos tornarão as suas obras sem efeito, neste mundo e no outro, e serão condenados ao inferno, onde permanecerão eternamente. Aqueles que creram, migraram e combateram pela causa de Deus poderão esperar de Deus a misericórdia, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo”. (C.2 – V.217 e 218)

Está nítido que o versículo está comparando as práticas dos dois grupos, dos descrentes e dos crentes. O primeiro se opõe a palavra de Deus com a rebelião e a agressão, enquanto o segundo a recebe com humildade, se dirigindo a Ele e se empenhando no Jihad em sua causa. Assim, pode ser entendido que o versículo se ocupa da recompensa dos muçulmanos pelo que fizeram, especialmente por quebrarem a proibição de adentrar a Mesquita Sagrada. Por outro lado, está repreendendo os descrentes pelos crimes que tinham cometido e por suas práticas desonestas. Contudo, não deve ser entendido que a frase *“pior do que o homicídio”* indique que há algum tipo de igualdade em dividir a culpa entre os dois grupos e dar uma quantia maior dessa culpa aos descrentes. Ao invés disso, o Alcorão está ridicularizando a afirmação deles que punha a responsabilidade pela violação do mês sagrado sobre o Profeta (S.A.A.S.) e os demais muçulmanos. Não se deve ler na frase *“poderão esperar de Deus a misericórdia”* evidência de responsabilidade admitida porque esperança na misericórdia de Deus não está limitada a buscar o perdão quan-

do o devoto comete uma má ação. É o tipo de súplica que está engajada na procura de Seus favores, de Sua graça e recompensas. Nós aspiramos pela misericórdia de Deus para que nos perdoe de nossas transgressões, tanto quanto esperamos ansiosamente por sua recompensa depois de um ato recomendado de adoração. Desse modo Deus também pode elevar nossa posição. Descrever os fiéis como se apressando a Deus e se empenhando no Jihad em Sua causa indica a nossa interpretação do versículo. Ainda assim, Deus sabe mais. A importância dessa resposta é que ela se dirige aos questionamentos dos descrentes, incluindo aqueles que podem sugerir rejeição. Ela lidou com eles com a já esperada calma da Mensagem, seu realismo e sua fé no poder do conhecimento que permeia todos os aspectos da lei. Isto é digno de transformar os ativistas muçulmanos naqueles que podem compreender as narrativas, os princípios e os ensinamentos que tentam propagar. Eles não são papagaios que têm meias palavras e as gastam de modo leviano.

Resultados práticos da abordagem

Esta abordagem proporciona uma boa experiência que pode guiar os passos dos ativistas muçulmanos na vida:

1. O conhecimento das razões essenciais da lei divina fortalece a crença

As pessoas possuem um direito natural de expor qualquer espécie de questões aos ativistas muçulmanos. Os ativistas não devem se queixar de modo algum do número de questões, sua natureza ou complexidade. Não devem usar de evasivas para nenhuma questão. Devem ter em mente que sua responsabilidade na vida é carregar a Mensagem e comunicá-la. Portanto, devem se desencarregar disso da melhor maneira que possam, sem permitir que suas escolhas ou inclinações pessoais influenciem sua conduta ou julgamento.

Nas eras do obscurantismo, e este ainda é o caso, a atividade religiosa tem sido arruinada por alguns sábios sem entusiasmo que pensam que suas obrigações fundamentais são aquelas concernentes aos assuntos de caráter pessoal, tais como matrimônios, divórcios, oração, funerais e outros itens da fé. Respondem brevemente as questões apresentadas a eles, como se não esti-

vessem dispostos a se estender sobre as mesmas. Isto é assim quando as questões tocam no aspecto filosófico das leis e dos preceitos religiosos, suas razões essenciais, benefícios e segredos. Eles não têm nenhuma defesa contra as críticas senão dizer: *“as pessoas tem que aceitar as injunções de Deus sem nenhuma objeção, nem compreensão das razões que fundamentam os julgamentos”*. Eles citam os seguintes versículos em apoio ao seu argumento:

“Não é dado ao fiel, nem à fiel, agir conforme seu arbítrio, quando Deus e Seu Mensageiro é que decidem o assunto. Sabei que quem desobedecer a Deus e ao Seu Mensageiro desviar-se á evidentemente”. (C.33 – V.36)

“Qual! Por teu Senhor, não crerão até que te tomem por juiz de suas dissensões e não objetem ao que tu tenhas sentenciado. Então, submeter-se-ão a ti espontaneamente”. (C.4 – V.65)

Contudo, o que parecem esquecer é que o ambiente geral dos versículos é o de incitação aos fiéis a submeter-se a Deus a acatar suas decisões, mesmo se as mesmas se oponham a seus próprios desejos e interesses.

Os versículos não contêm qualquer referência ao ato de inquirir sobre as razões essenciais da decisão divina, o ponto de vista do qual se chegou a ela, ou seu benefício, muito menos censura o questionamento sobre esses aspectos. Ao contrário, pode-se dizer que, na variação do estilo alcorânico é possível detectar uma licença para se fazer exatamente isso. E este desejo ao questionamento é em si um esforço para convencer as pessoas que a legislação Islâmica se baseia em fundações sólidas, e que leva em consideração os interesses fundamentais do homem na vida. Também busca fazer as pessoas refletirem sobre isso, de maneira que possam alcançar a clareza de visão que os capacite a avaliar o Islam e as outras ideologias. Isso não será alcançado a menos que se capte a compreensão das razões essenciais da lei e dos benefícios derivados dela.

Nós percebemos esta tendência em muitos versículos alcorânicos que discutem os princípios legais, como por exemplo:

“Não desposareis as idólatras até que elas se convertam, porque uma escrava fiel é preferível a uma idólatra, ainda que esta vos apraza.

Tampouco consentais no matrimônio das vossas filhas com os idólatras, até que estes se tenham convertido, porque um escravo fiel é preferível a um livre idólatra, ainda que este vos apraza. Eles arrastam-vos para o fogo infernal; em troca, Deus, com Sua benevolência, convoca-vos ao Paraíso e ao perdão e elucida os Seus versículos aos humanos, para que Dele recordem”. (C.2 – V.221)

Podemos ver claramente que o versículo termina declarando a base legal para a lei emitida, a dissimilaridade entre os fiéis e os politeístas no ponto de vista, conduta e intenção de cada parte, o que influenciaria a vida matrimonial, que deve ser governada pela compaixão e a compreensão, seu denominador comum é a unidade de percepção, de sentimentos e intenções. Os fiéis respondem ao chamado de Deus para o Paraíso, o que requer um tipo específico de conduta e pensamento, e isto está em desarmonia com o chamado dos politeístas ao inferno. Assim, como é que a fidelidade matrimonial será alcançada com a disparidade nas obrigações da vida, espiritual e ideológica, exigidas pela crença? Pode parecer a nós que os versículos não mantiveram a base arbitrária de proibição ao casamento, como alguns discernem deles. A lei foi tornada permanente, mesmo que isso signifique opor-se aos desejos das pessoas. Ela tem tentado guiar seus passos na avaliação da inclinação sentimental contra o interesse realista da fé e da vida.

Os versículos concluem que as inclinações não são significantes se comparadas ao destino do homem neste mundo e no outro.

“Os homens são os protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras, e pelo o seu sustento do seu pecúlio...” (C.4 – V.34)

Está evidente a partir deste versículo que Deus não se ateu a pronunciar a decisão que o homem seja o provedor da família. Ele foi além, dando as razões para esta lei. A preferência de um ao outro é por causa de: a) o homem é mais forte do que a mulher, física e psicologicamente b) O homem é responsável pelo ganho do sustento da família.

“Evitai a fornicação, porque é uma obscenidade e um péssimo exemplo!”
(C.17 – V.32).

Neste versículo alcorânico a justificativa para a proibição do adultério e da fornicação é evidenciada: “É uma obscenidade e um péssimo exemplo”. Isto é, tanto social como espiritualmente.

“Dize aos fiéis que recatem os seus olhares e conservem seus pudores, porque isso é mais benéfico para eles; Deus está bem inteirado de tudo quanto fazem”. (C.24 – V.30)

Aqui, o abaixar os olhares e o preservar a modéstia foi vinculado a pureza espiritual como também a pureza física ritual, como fica evidente na frase: “É mais benéfico para eles”.

“Ó Profeta, dize a tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos fiéis que (quando saírem) se cubram com as suas mantas; isso é mais conveniente, para que distingam das demais e não sejam molestadas; sabeis que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo”. (C.33 – V.59)

Neste versículo alcorânico a referência é feita às razões essenciais por trás da ordem para que as esposas e filhas do Profeta e as esposas dos fiéis se vistam de um modo particular. A intenção é evitar que se vistam de um modo prejudicial. A regra está nesse ponto, e também as razões para ela. E isto é assim para assegurar as mulheres que a intenção é preservar sua integridade e seu conforto. Como já foi mencionado, com respeito às bebidas alcoólicas e o jogo de azar, a abordagem Islâmica ao convocar a fé dedica grande importância para a questão de tornar as matérias conhecidas pelas pessoas.

Nós apresentamos todos esses versículos alcorânicos, e outros, para aqueles que não querem fazer um esforço para compreendê-los, considerando que as injunções de Deus não deveriam estar sujeitas à compreensão das pessoas. Enquanto que a tradição dos Ahlul Bait (A.S.) diz: *“A religião de Deus faz presta um desserviço, não apenas às mentes fracas, mas também às falsas opiniões”*. Isto não deve nos dissuadir da busca de compreender as injunções

e de nos aproximarmos mais para ganhar percepção dos benefícios dessas injunções, se tornarem difícil sondar as suas razões. Este esforço deve servir à busca do conhecimento na Lei, o que dará aos fiéis a confiança nela, ao invés de permanecer como uma fonte de preocupação e confusão que venha a ameaçar o íntimo da alma com aquilo que possa desviá-la da senda correta.

Podemos atribuir as razões para a inércia intelectual que está sitiando os muçulmanos, no que tange a compreensão do Islam, a esta abordagem inflexível dos representantes oficiais da religião, quando eles fecham a larga porta do conhecimento religioso para os muçulmanos.

O que parece complicar os problemas é que alguns desses líderes religiosos presumem que a crença é algum tipo de poder intelectual inspirador que é capaz de dar aos fiéis a habilidade para eliminar todas as questões de suspeita ou ceticismo, resolver todos os problemas e fazê-los enfrentar todos os desafios que possam encontrar. Assim, eles não permitem aos fiéis falar sobre as dúvidas e as noções incertas que venham a permanecer em suas mentes. Eles os impedem de discutir idéias, a crença, e as injunções sob o pretexto de que os fiéis não devem inquirir sobre certas coisas. Consideram o interesse sobre estas matérias como uma forma de heresia, ateísmo ou blasfêmia. Isto para afugentar os fiéis do trato de certos tipos de questões que continuam assustando-os e, por conseguinte, os conduzem a mais perplexidade e incerteza, ou talvez mais dúvida, senão blasfêmia e ateísmo.

Nós não encontramos isto na abordagem alcorânica para o diálogo com os fiéis ou com os descrentes, quanto a esse assunto. Isto não pode nem mesmo ser encontrado no estilo do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) de discutir com os seus seguidores. Foi narrado na biografia profética que um homem veio ver o Profeta (S.A.A.S.) e disse para ele:

”Ó Mensageiro de Deus! Eu me extraviei! O Profeta pôde falar qual era o seu problema, respondendo: “Ele (Satã) o tentou, perguntando: Quem o criou? E você disse: Deus! Então ele perguntou: Quem criou Deus? O homem disse: Sim, ó Mensageiro de Deus!”

Aquele homem vivia com a incerteza devastadora incerteza pensamento, tanto assim que tinha a impressão que sua fé tinha sido abalada. A atitude profé-

tica foi de firmar-se ao impulso essencial da mensagem, que busca desfazer as dúvidas e incertezas e lidar com questões complexas. O Profeta (S.A.A.S.) disse ao homem no final: “Esta é a fé verdadeira”. Assim, ele transformou o sofrimento em prosperidade, a apreensão em paz de espírito e segurança.

2. O valor da reflexão está em seus resultados práticos

Dirigir a abordagem da educação ao lado prático, no contexto do que as pessoas perguntam e ganhar conhecimento com isso, é uma matéria essencial, devido ao fato que muitas questões teóricas não podem servir nem direta ou indiretamente, ao propósito da vida. Esta é a verdade de muitas outras questões que surgem sob a bandeira da curiosidade fútil. Esforços dedicados a elas são inúteis e um desperdício de tempo. O valor da reflexão está em quais benefícios práticos aspectos teóricos relativos possam produzir ao homem nesta e na vida futura.

A abordagem educacional que podemos colher dos versículos sagrados, os quais eliminam as questões que não possam produzir qualquer benefício em favor das pessoas, é uma prova clara da extensão da relação entre a busca do conhecimento e a vida. O conhecimento que esteja distante da vida é parente da morte. Esta abordagem para a educação é capaz de levar a sociedade Islâmica a se concentrar mais no lado prático das coisas, mesmo na ideologia, de modo que possa se libertar das algemas dos tempos da decadência, que fizeram da mentalidade e do estilo muçulmano escravos do aspecto teórico das coisas. A situação é tão crítica que os muçulmanos gastam tempo considerável discutindo sobre semântica por nenhum bom propósito, apenas para passar o tempo, tanto é assim que o campo das intrincadas interpretações lingüísticas se tornou uma arte.

Algumas pessoas podem desejar argumentar que expressões simples e diretas de reflexão diminuam a integridade e a estatura da ciência e do conhecimento. Assim, a pesquisa científica em questões jurídicas entrou nas regiões da ambigüidade, das teorias e opiniões artificiais. Procuram ser apologeticos sobre isso dizendo: *“pressupor o impossível não é impossível, e este processo é capaz de aguçar a inteligência e abrir novos horizontes para ela”*. Contudo, parecem estar esquecidas do fato que ao fazer isso desperdiçam a oportunidade, para elas próprias e para a maioria, de explorar os aspectos práticos, que são o teste real

para as pessoas. Não parecem prestar atenção a estes aspectos práticos da jurisprudência Islâmica, que exigem uma aproximação maior da realidade e das suposições que tendam a valer a pena, pois este é o caminho para resolver os problemas na vida das pessoas. Quanto ao dissecar a mente e expandir sua capacidade de discernimento isso pode ser deixado para as disciplinas como a matemática e a filosofia.

3. É essencial alcançar a compreensão das regras práticas

Encontramos nesta abordagem educacional a orientação para que as pessoas alcancem níveis avançados de educação legal da prática nos ramos da religião, tais como o do culto e das relações comerciais. Isto é assim, desde que o muçulmano esteja seguro no conhecimento, e que suas atividades sobre sua vida privada e a condução de seus assuntos se coadunem com a correta senda Islâmica. E isto garante que, neste contexto, o papel prático do Islam permaneça uma força na vida das pessoas. Que elas sintam sua presença em sua vida pessoal, ainda que tenha sido retirado da vida social como um todo.

Esta orientação pode adotar duas abordagens:

- a) instruções religiosas diretas ministradas em círculos, seminários, escolas (privadas ou públicas) e convidando as pessoas para participarem e adquirirem mais conhecimentos nos assuntos da religião.
- b) encorajar as pessoas a perguntarem sobre as regras legais, em todas as esferas da vida, ao ponto que tais regras se tornem a principal preocupação dos fiéis nas menores e maiores questões.

Pode-se encontrar tudo isso discutido em muitos versículos alcorânicos, por meio de perguntas e respostas, como já foi abordado, despertando principalmente o interesse das pessoas em conhecer sobre as injunções e satisfação do conhecimento de seus benefícios.

Enquanto fazemos referência a este ponto, tentamos eliminar o que se tornou um lugar comum para os que trabalham pela causa Islâmica, e outros mais. Eles parecem ter perdido o interesse em comunicar os regulamentos legais Islâmicos no modo convencional. Por outro lado, parecem dar maior

importância ao ensino dos princípios gerais do Islam, dos conceitos políticos e sociais, etc. Isto tem levado a maioria dos ativistas muçulmanos a serem iletrados ou semi-iletrados no conhecimento das regras práticas, e muito distantes das diretrizes principais.

Reconhecemos o perigo desta tendência porque se está sujeito a deixar uma lacuna na arena, como resultado da escassez dos fiéis entre os aderentes da linha prática do Islam em questões minuciosas. Isto será à custa de se encontrar a alternativa, devotos muçulmanos que possam combinar o desejo e a resolução de permanecerem fiéis à linha ideológica que o Islam traçou para a vida, e a aplicação prática dos princípios na vida privada e na vida social.

A necessidade de um pensamento Islâmico puro e livre de preconceitos não deve ser menos importante do que o trabalho religioso profundo e ativo na consciência e na vida. Porque a ideologia fornece o modo de viver o Islam na realidade, enquanto o trabalho religioso assegura o livre movimento do Islam dentro do cortejo da vida. Cada um deles tem seu próprio papel, alcance e benefício. Não importa o quão fraco um deles possa se tornar, o outro o revigora.

4. O Profeta pergunta e responde

A outra faceta da abordagem para o diálogo que encontramos no Alcorão é um novo modo de comunicação no qual a pessoa que formula a questão não espera receber a resposta do interlocutor, mas sim, assume o papel do que responde. Uma série de questões e respostas se segue, de maneira que a idéia seja claramente explicada para o público em geral. Todos os pontos de interrogação e conotações são tratados. Abaixo há um exemplo disso, este versículo gira em torno do debate entre o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e os idólatras de Coraich. O formato das questões é apresentado ao Profeta e as respostas são fornecidas, assim:

“Pergunta: Qual é o testemunho mais fidedigno? Assevera-lhes, então: Deus é a Testemunha entre vós e mim. Este Alcorão foi-me revelado, para com ele admoestar a vós e àqueles que ele alcançar. Ousareis admitir que existem outras divindades conjuntamente com Deus? Dize: Eu não as reconheço. Dize ainda: Ele é um só Deus e eu estou inocente quanto aos parceiros que Lhe atribuíis”. (C.6 – V.19)

Deus considerou necessário para seu Profeta (S.A.A.S.) expor a questão numa maneira exclamatória. Ele pergunta aos idólatras primeiro: “*Qual é o testemunho mais fidedigno?*” Deus em seguida ordena a ele que dê a resposta, concluindo que esta é tão evidente que não necessita de contemplação. Ou seja, os idólatras não negam a existência de Deus, o Criador de todas as coisas, mas sim, erigem parceiros junto a Ele, o que segundo pensam, pode facilitar a que se aproximem de Deus. Então, a questão é dirigida aos parceiros e deuses. Possuem eles alguma existência? Os idólatras testemunham que tais parceiros são conhecidos da natureza de Divindade e da Unicidade de Deus? Em resposta, Deus ordena ao Profeta a adotar uma posição no assunto sem esperar que anunciem a deles. Ou seja, o Profeta não testemunha que existam outros deuses além de Deus e, ao contrário, presta testemunho de Um Deus e nega quaisquer outros. Isto é feito de modo que possa confirmar a eles a verdade conclusiva que quer que reconheçam, deixando-os tentar se resolverem com o choque que causou em seus corações e mentes.

Um Julgamento justo

O valor desta abordagem é que coloca o ativista muçulmano na posição de um juiz cujo trabalho é avaliar a evidência e as opiniões dos grupos adversários dos que advogam a mensagem. Durante o processo ele pode chamar à posição de testemunha aquele que sirva o curso da justiça, depois disso, intima à Deus, a maior e mais confiável testemunha para prestar a evidência. Ele, que revelou o Alcorão para que sirva de advertência, dará o seu testemunho sobre a fidelidade da Mensagem Islâmica. Enquanto ele rejeita as afirmações dos adversários, os convida a render-se ao conceito que está sendo apresentado a eles, ou ao menos que ponderem ou discutam sobre isso. Contudo, não importa que reação esteja presente no ato, o resultado da reflexão ou da discussão, será em favor da mensagem, com toda a ideologia e a lei que simboliza, em virtude da força, da abrangência e permeabilidade que possui.

Capítulo 5

O Modo como o Diálogo deve ser Concluído

Em muitos versículos o Alcorão fala sobre o estado psicológico do fiel que está engajado no diálogo. Para o término do diálogo, o fiel deve sempre seguir o exemplo da personalidade e da conduta do Profeta Mohammad (S.A.A.S.) em situações similares. É óbvio que, não importa quão tensa seja a atmosfera da discussão, quão agressiva e intransigente a outra parte possa tornar-se, o Profeta permanecia calmo e concentrado.

Esta posição é uma demonstração do fato que, naquilo que o Profeta praticava, seja no diálogo ou em outras atividades, ele não agia impulsionado por seus sentimentos e inclinações pessoais. O fundamento de sua conduta era a Mensagem a qual ditava a atmosfera geral de qualquer situação em que ele estava. Assim, os interesses que servem a Mensagem costumavam determinar os toques finais que ele apresentava nos estágios de conclusão de qualquer debate. Vale a pena notar que cada um desses toques finais representavam um aspecto da posição geral, levando em conta a senda futura, a visão do trabalho e abertura de uma nova frente no debate que ele almejava.

A esse respeito, nós discutimos abaixo alguns exemplos alcorânicos.

Demonstrando confiança numa posição de força

Na situação em que o Profeta respondia as acusações de falsidade e de estar mentindo para Deus, que foram feitas contra ele pelos idólatras, Deus diz:

“Ou dizem: Ele forjou isso. Dize: Se forjei isso, que caia sobre mim o castigo de meu pecado; porém, estou isento dos vossos pecados!” (C.11 – V.35)

“Torna o dizer-lhes: Se me desviar, será unicamente em detrimento meu; em troca, se me encaminhar, será por causa do que meu Senhor me tem revelado, porque é Oniouvinte, Próximo”. (C.34 – V.50)

“Mas, se te desmentem, dize-lhes: Os meus atos só a mim incumbem, e a vós os vossos. Estais isentos do que eu faço, assim como estou isento de tudo quanto fazeis”. (C.10 – V.41)

Nesses versículos percebemos que as alegações contra o Profeta (S.A.A.S.) foram feitas imediatamente após um prolongado debate em que ele apresentou uma série de evidências sobre sua profecia, como se observa de muitos versículos alcorânicos. Eles não deram ouvidos aos protestos do Profeta, insistindo em fazer falsas acusações contra ele. Isto numa tentativa de atrai-lo para a troca de insultos, como também distrai-lo de sua alta posição que corporificava a espiritualidade e a força da fé. Estas táticas tornaram-no mais resolutos em sua posição. Ele se deteve no ponto onde a questão devia ser resolvida de um modo ou de outro, se o que ele afirmava da profecia era falso, ele é quem deveria ser responsabilizado. Entretanto, ele inverteu a situação para eles, já que cometiam uma ação vil ao erigirem parceiros a Deus e blasfemarem. Assim, distanciou-se do que praticavam. O extravio é uma responsabilidade pessoal. Contudo, a responsabilidade dos outros se limitava ao diálogo que estava sendo conduzido entre as duas partes, quanto a se concordavam ou não com ele.

O Profeta então disse àqueles que não queriam crer nele, nem queriam ouvir seus argumentos com atenção e objetividade: *“O que mais poderia ter feito depois de tudo o que disse, do que convoquei e esclareci? Eu me empenhei na esperança que pudessem ser guiados para a senda reta”*. Por conseguinte, cada parte deveria encarar as conseqüências de suas próprias ações. Similarmente, cada parte seria responsável por rejeitar o argumento da outra. Assim, não há alternativa senão recorrer a Deus que julgará entre nós e pronunciará quem está com a razão e que está errado.

A palavra decisiva

Deus diz:

“E quando ouvem futilidades, afastam-se delas, dizendo: Somos responsáveis pelas nossas ações e vós (incrédulos) pelas vossas; que a paz esteja convosco! Não aspiramos à amizade dos insipientes”. (C.28 – V.55)

“Ó povo meu, agi segundo o vosso critério, que eu agirei segundo o meu. Logo sabereis a quem açoitará um castigo que o aviltará e quem de nós é impostor. Esperai, pois, que eu espero convosco!” (C.11 – V.93)

Embora estes versículos contenham algumas características dos anteriores, acrescentam algo novo a eles. No primeiro versículo o Alcorão discute a questão da “*conversa vã*” a que os idólatras recorrem a fim de induzir os muçulmanos a contendas sem importância. Consideramos que este seja o caso. A resposta dos muçulmanos foi ditada por seus dogmas Islâmicos, em concordância com a ordem de Deus para que evitem a conversa vã e que se dirijam aos ignorantes com “*a paz esteja convosco*”. Isto porque brigar com os ignorantes não serve a nenhum propósito, pois eles não estão no debate para adquirir conhecimento. Estão nele para provocar a discórdia, por isso as palavras decisivas “*Não aspiramos à amizade dos insipientes*”, cada um de nós deve cuidar de sua vida, não há necessidade de tensão ou confronto violento.

O segundo versículo se inicia fazendo uma severa, embora calma, ameaça. O Profeta diz a eles:

“prossigam a vossa obra, eu não abandonarei a minha, nem cessarei minha discordância, vereis o resultado de tudo isso diante de Deus”.

Como devemos encarar o resultado do diálogo?

Estes exemplos valiosos devem servir como incentivo aos que trabalham na causa de Deus para não fecharem a porta àqueles que desejem unir-se as fileiras dos fiéis, e para que permitam uma abertura de oportunidade para que possam endireitar seus caminhos. Os trabalhadores muçulmanos não devem cair presas da tensão psicológica ou de ataques neuróticos. Devem permanecer acima de qualquer sentimento de retaliação ou culpa partilhada. Devem, ao invés disso, fazer o máximo para congelar o diálogo por um período de apaziguamento, para reiniciar sobre bases mais sólidas em alguma oportunidade futura.

A este respeito, gostaríamos de convidar aqueles que possuem conhecimentos específicos no campo da jurisprudência e da *Shariah*, e não, por exemplo, da histórica Islâmica e da filosofia, ou algumas matérias relativas a estes campos de doutrina, política e sociologia, para demonstrarem alguma humildade para com aqueles que possuem conhecimentos nestes campos. Eles não devem, porém, fazer “*um manto de santidade*” das posições que ocupam na vida Islâmica, a fim de perpetuar quaisquer erros políticos ou ideológicos que possam ter cometido. Devem se refrear de impedir que as pessoas busquem o debate ou que tentem provar que estejam errados. Parece que se qualquer tentativa é feita para questionar sua autoridade ou desafiar suas opiniões, recorrem a tachar de ignorantes as vozes discordantes, ou de blasfemas ou extraviadas da senda reta. Isto tende a fazer com que os que discordam retirem seu apoio em situações de contenda que possam surgir no futuro.

Entre as obrigações dos ativistas muçulmanos está aquela de trazer as pessoas para perto deles através de métodos sábios, que ainda que se originem da força, sejam métodos isentos de severidade. Devem demonstrar indulgência, mas sem exhibir fraqueza. Portanto, devem permanecer no abrigo de segurança pronto para receber o desviado e o arrogante que desejam converter-se à verdade, e lá irão encontrar refúgio. O sucesso há de ser o quinhão dos ativistas nas novas situações, tendo falhado no passado.

Os versículos alcorânicos supracitados podem nos mostrar a abordagem correta, que Deus deseja que os ativistas advoguem quando fizerem sua exposição num diálogo com seus adversários. De maneira que a Mensagem per-

maneira como um farol que guie os extraviados para a senda reta.

Não há nenhum modo de descrever esta abordagem como a abordagem dos fracos e dos derrotados, como algumas pessoas gostariam de denominá-la. Eles parecem interpretar a posição do Profeta frente à hipotética responsabilidade de inventar a reivindicação da profecia, de que os idólatras escolheram para acusá-lo, um reconhecimento que ele, e por extensão os ativistas muçulmanos, não possam ser verídicos no que afirmam. Isso é ultrajante. Ninguém tem o direito de descrever tais tipos de abordagem com tais adjetivos, porque a questão de fraqueza e derrotismo é relativa, ela é determinada pelas circunstâncias predominantes.

Se a fraqueza se manifesta numa situação de guerra, conflito ou de autodefesa, pode prejudicar a causa do lado que a demonstra, ou seja, este pode ser acusado de ter perdido a vontade de reagir. Contudo, se a questão for uma missão de portar a Mensagem Divina, com o intuito de guiar a outrem para a senda reta, a fraqueza pode traduzir-se como aquilo que afasta do ser humano o elemento da tomada de iniciativa na exploração de novos campos para difundir a Mensagem para uma audiência mais vasta. Força, por outro lado, pode traduzir-se como a tomada de iniciativa em tudo o que assegura a realização do objetivo.

A questão de força ou fraqueza é relativa. Varia de acordo com o tempo, as circunstâncias, as áreas de atuação, sejam elas na paz, na guerra, no conflito ideológico ou em qualquer outra atividade humana. Assim, uma pessoa deve ser cuidadosa para não confundir as linhas, o que pode levá-la a perder-se num labirinto de hipóteses, onde as decisões e as razões essenciais que estão por trás destas se interligam, o que se tornará difícil de se desembaraçar.

Capítulo 6

O Diálogo nas Narrativas Alcorânicas (1)

A fim de apelar aos corações e mentes dos seres humanos, o Alcorão utilizou várias abordagens. Num esforço de persuadi-los a aderir à verdade, que é um caminho de retorno a Deus, a senda fidedigna que conduz até Ele. Isso foi feito de tal modo que permitisse a fé tocar os sentimentos mais profundos do homem. A experiência espiritual deve vagar no vasto campo da ideologia, a fim de que a fé não seja embotada pela aridez do pensamento ou que este não se renda à crueza dos sentidos.

A narrativa histórica está entre os estilos de diálogo adotados pelo Alcorão. A abordagem foi aplicada para diferentes tipos de narrativas históricas. Alguns foram contos históricos, que falam dos profetas do passado e das gerações antigas, outros tencionavam servir um propósito moral, e um terceiro tipo de conto que é conciso e exato naquilo que busca comunicar, usualmente discute certa posição ou um aspecto particular de um determinado ser humano.

Em suas metas e objetivos a história não tenciona nos fazer um relato por si mesma. Não se espera que se estenda em retratar uma mera imagem do que aconteceu, de modo que isso não deve ser determinado pelo *modus operandi* da narrativa, especialmente o retrato detalhado do incidente ou da situação.

A história alcorânica está entrelaçada com as principais diretrizes e a mensagem do Alcorão, o chamado para o caminho de Deus, guiando as pessoas para a verdade e finalmente mostrando a elas a luz da crença em Deus e a submissão a Ele. Portanto, busca libertar o homem da escuridão da

desonestidade e da maldade para a luz que está emanando do âmago da Mensagem nos domínios de Deus.

Nos fatos históricos e nas situações relatadas pela história alcorânica, buscou alcançar todas as metas (discutidas acima). Às vezes, pode ser percebido que determinados contos históricos se repetiram em mais de uma Surata porque possuem uma influência, como um todo ou em parte, sobre o contexto e a noção que é discutida naquele capítulo específico.

Como resultado, o estilo alcorânico advoga diferentes abordagens para contar a história. Às vezes uma narrativa detalhada da história é dada, o que pode conter a maior parte das características do conto. Outras, ele fornece um resumo, costumeiramente contido em um ou dois versículos. O estilo pode abordar a história a partir do começo ou do fim, de acordo com a idéia ou o aspecto a ser discutido ou tratado, ou a situação ou posição a ser destacada ou focada.

A história alcorânica ressalta a unidade da Mensagem

Entre os objetivos da história alcorânica são ressaltados a unidade da Mensagem Divina, a unidade dos métodos que os mensageiros utilizam para convocar à senda de Deus, a unidade do ambiente espiritual que encontram quando se empenham para comunicar a mensagem, na perseverança às provas e tribulações na execução de suas missões, incluindo os desafios lançados a eles por seus opositores. Isto deve servir como prova da uniformidade dos problemas que os ativistas enfrentam em todas as épocas e lugares, não importando as diferenças de circunstâncias de uma missão ou mensageiro. De modo similar, a história alcorânica tenta destacar a uniformidade que caracteriza os motivos dos descrentes, dos arrogantes e dos desviados, e que tais motivos se originam de inclinações pessoais. Os descrentes não parecem estar apoiados em qualquer base ideológica na sua rejeição à mensagem de Deus.

A história dos profetas, em tudo aquilo que advogam, nos problemas que enfrentam e em suas realizações, foi um fator importante para alcançar o objetivo. Por isso, o Alcorão discutiu em detalhes suas experiências e suas posições pessoais e públicas. É assim que o Profeta Mohammad (S.A.A.S.), seus companheiros e aqueles que seguiram suas pegadas encontraram um vivo retrato da

reunião do passado e do presente na Mensagem Divina. Isto, sem perder de vista a diferença de tempo, lugar e circunstâncias que tinham caracterizado cada uma das mensagens. Refletir sobre a história deles nos dará a oportunidade de aprender dessas experiências na difusão da Mensagem. Sua história nos proporciona a experiência que precisamos para resistir às pressões e situações estranhas e, por conseguinte, nos dá a força e a resistência à adversidade.

Isso deixa evidente como Deus finalmente aperfeiçoou sua vitória nos profetas ao vincular firmemente suas mensagens no palco da vida, contra todos os desafios e ocasiões excepcionais.

Também, entre os objetivos do Alcorão estão as questões da vida presente por intermédio de exemplos dados, onde o conceito deve ser claramente definido. Assim, a história alcorânica demonstrou-se estar entre os mais bem-sucedidos métodos de atingir esta finalidade, por meio de manifestar a noção num vivo e dinâmico conjunto de fatos reais, ao invés de falar em termos abstratos.

Dois estilos distintos da narrativa histórica alcorânica

Pode-se falar de duas maneiras distintas de contar a história no Alcorão: narrando os incidentes do começo ao fim, ou pelo papel desempenhado, onde cada personagem na trama desempenha sua parte num estilo transparente. A interação entre os personagens então acontece.

A primeira abordagem trata os incidentes menores da história. O narrador desempenha o papel de orientar o ouvinte para os pontos fundamentais numa maneira que se aproxima da instrutiva no preenchimento das lacunas da história. A importância do estilo de diálogo narrativo se encontra em sua tentativa de simplificar e tornar compreensível o conceito geral, de modo que nenhum aspecto permaneça ambíguo. Isto porque cada parte do diálogo dá o melhor de si para apresentar seu ponto de vista.

Contudo, há um outro ponto que distingue o estilo de diálogo. Ele (o Alcorão) pinta uma viva e dinâmica imagem da cena. Assim, o leitor vive as situações, uma após a outra, tentando visualizar na mente o clima dos fatos históricos através da ação dos heróis da história como se eles estivessem vivos. O leitor não apenas experimenta a narrativa e suas conotações, mas tam-

bém o dinamismo e a atmosfera que predomina na história toda. É óbvio, portanto, que recontar os fatos da história por si não pode servir a este propósito, muito embora forneça um detalhado relato da situação.

Esta foi a razão pela qual o Alcorão concentrou-se mais no diálogo ao contar uma história, para retratar uma imagem viva da história da Mensagem, em sua vitalidade nas situações reais, as quais o Alcorão desejou relacionar ao presente, ressaltando o denominador comum entre todas as Mensagens Divinas. Pode se dizer também que o Alcorão desejou levantar as questões vitais que estão relacionadas a vida das pessoas a fim de dar a elas uma dimensão maior em suas mentes.

Neste ponto, tentaremos nos aprofundar em alguns exemplos das histórias alcorânicas que são contadas num estilo de diálogo, na história das missões proféticas na comunicação da Mensagem Divina às pessoas. Algumas histórias devem também tratar das questões fundamentais tal como elas se apresentam nas situações da vida real. Isto deve auxiliar a causa da propagação da senda de Deus e a jornada do Islam na vida.

Com os profetas no diálogo sobre suas Mensagens

Noé e Seu Povo

O Alcorão relatou a história do profeta Noé (A.S.) em seus seis últimos capítulos. Discutiremos esta história considerando o estilo alcorânico que não busca discorrer sobre todos os detalhes da história. Ele limitou a discussão aos aspectos que possuem influência sobre os principais objetivos da Mensagem. Já que não almejamos analisar o assunto da trama, mas perceber o diálogo que tem lugar nela a fim de chegar à moral que a história tenta comunicar, focalizaremos mais o diálogo em si.

Aqui, buscamos a empatia com o Profeta Noé (A.S.) através das palavras que profere no contexto de sua nobre tarefa, sua posição no campo de luta, sua abordagem para convencer os demais a abraçar sua Mensagem num clima de amor e compaixão o que é sintomático da ideologia que ele veio propagar.

Neste clima, podemos ver que as forças da descrença que tomam parte no diálogo com Noé são privadas de qualquer conceito racional de amor para que possam permutar com o dele. Eles formam um quadro de pessoas de mente estreita que parecem inclinadas a não dar às palavras de Noé (A.S.) qualquer chance para que se aprofundem neles. São inflexíveis em não seguir o clima da Mensagem, preferindo as preocupações pessoais e de classe. Assim, para eles, tomar uma posição sobre a Mensagem é se ater à personalidade e a posição pessoal do Mensageiro e o tipo de seguidores que a Mensagem atraiu e sua posição social e financeira. Este parece ser o caso, sem dar qualquer importância ao pensamento de onde Deus se adapta em tudo aquilo, ou ao significado da Mensagem em termos espirituais ou humanos, especialmente para o bem-estar futuro da nação.

Agora, seguiremos junto ao modo do diálogo alcorânico na primeira cena da história de Noé, como se não houvesse o tempo a nos separar.

As razões que os descrentes dão para rejeitar a crença

Esta posição pode ser examinada nestes versículos alcorânicos:

“Enviamos Noé ao seu povo, ao qual disse: Sou para vós um elucidativo admoestador. Não deveis adorar mais do que a deus, porque temo por vós o castigo de um dia doloroso. Porém, os chefes incrédulos, dentre seu povo, disseram: Não vemos em ti mais do que um homem como nós, e não vemos a te seguir mais do que a nossa plebe irreflexiva; tampouco consideramos que tendes (vós e vossos seguidores) algum mérito sobre nós; outrossim, cremos que sois uns mentirosos”. (C.11 – V.25 a 27)

Noé chama seu povo para a senda de Deus, advertindo-os do tormento infernal, com um expresso temor pela segurança deles, da maneira que o cora-

ção de alguém se dirige para seus entes queridos quando percebe o perigo vindo na direção deles.

Ele trava diálogo com eles com o intuito de guiá-los para a crença e a senda reta, ele os convoca a responder a seu chamado e a discuti-lo. Porém, eles parecem não ter qualquer relação com a Mensagem que Noé trazia consigo, ocupados apenas com a lealdade social e tribal. Parecem estar esquecidos de seu destino, o qual a Mensagem veio lhes informar. Ao invés disso, seu modo de pensar é absolutamente dominado pelas preocupações pessoais e de posição social.

Os versículos mencionam a linha de pensamento dos descrentes. Sua posição frente à Mensagem de Noé é que não há nada que possa destacá-lo para que assumisse aquela importante posição de profecia, porque eles sustentam que ele é um ser humano como eles. Além do que, para eles, não há nada que possa atrain-los a responder a seu chamado positivamente, e segui-lo, principalmente quando os que seguiam eram considerados os da mais baixa condição social entre seus conterrâneos. Segundo seu julgamento, não haveria nenhum propósito útil se eles, sendo os dignitários do povo, se unissem aos elementos “inferiores” da sociedade.

Assim, para que aceitassem o chamado de Noé para a crença, o profeta e seus seguidores deveriam vir de certa classe no círculo social. Eles têm ainda outra razão para rejeitar a Mensagem. É que Noé e seus seguidores não são superiores a eles, de maneira que possam carregar a tocha da Mensagem e conclamar o povo para que a sigam.

No final, estas justificativas levaram a um resultado inevitável onde os versículos concluem com as palavras “*outrossim, cremos que sois uns mentirosos*”, em que, de acordo com eles, a distinção entre o certo e o errado é o mérito social, não o julgamento crítico e racional da Mensagem e de seus proponentes.

Uma abertura para a verdade

Já que estas são as razões básicas para que rejeitassem seu chamado, o Profeta Noé (A.S.) decidiu argumentar com eles sobre as mesmas linhas de raciocínio, na esperança de que conseguisse quebrar a barreira psicológica, e que eles pudessem se dirigir às verdadeiras questões e conceitos da Mensagem:

“Respondeu-lhes: Ó povo meu, se possuo a evidência de meu Senhor que me agraciou com a Sua misericórdia – a qual vos foi vedada (por tal merecerdes) – posso, acaso, obrigar-vos a aceitá-la, uma vez que a aborreceis? Ó povo meu, não vos exijo, por isso, recompensa alguma, por que minha retribuição só procede de Deus e jamais rechaçarei os fiéis, porquanto eles comparecerão ante seu Senhor. Porém, vejo que sois um povo de insipientes. Ó povo meu, quem me defenderá de Deus, se os rechaçar (meus seguidores)? Não meditais? Não vos digo que possuo os tesouros de Deus, ou que estou de posse do incognoscível, nem vos digo que eu sou um anjo, nem digo, àqueles que vossos olhos despreza, que Deus jamais lhes concederá favor algum, pois Deus bem conhece o que encerram seus íntimos; se tal fizesse, seria um dos iníquos”. (C.11 – V.28 a 31)

O que Noé critica na argumentação deles é que as questões da profecia e da Mensagem não cabem no estreito conceito que estão tentando colocá-las. A Mensagem se mantém no contexto da evidência, o que se testifica por sua credibilidade. Eles não têm nada a perder em aproximar-se dela com uma mente aberta para saber se ela contém a verdade. Quanto à condição humana do mensageiro, Noé não concorda com eles, pois ele não tenta elevar a posição de mensageiro acima da posição humana. Admite que não possua os bens terrenos de modo que possa atrai-los financeiramente. Ele não pode predizer o futuro para que as pessoas o sigam por seu conhecimento dos segredos. Não está em seu poder elevar seu *status* humano ao dos anjos, para que as pessoas se submetam a ele com temor. Não é senão um Mensageiro de Deus, que confiou a ele a comunicação da Mensagem com provas claras. Tudo o que os leve a abrir suas mentes para ela sem nenhum compromisso, isto é, eles são livres para aceitá-la ou rejeitá-la. Ninguém os irá coagir a aceitar a Mensagem se escolherem se dirigir a um beco sem saída.

Em sua tentativa de compreender por que eles rejeitam seu chamado para aderirem às fileiras dos fiéis, Noé (A.S.) expõe sem rodeios para eles que não está nessa missão por ganhos materiais, porque os mensageiros de Deus não esperam pagamento por seu trabalho. Eles esperam que Deus os recompense nesta vida e na vida futura. Ele então volta sua atenção para falar sobre seus seguidores, a quem eles chamavam de so-

cialmente inferiores de acordo com a estrutura social com que julgavam as pessoas, em termos de seus bens, linhagem ou poder. Ele em seguida anuncia a eles que não pode rejeitar tais fiéis. Eles encontrarão a Deus e se submeterão ante Ele prestando conta de suas ações, em pleno conhecimento que Deus concederá a eles as altas posições. Ou seja, Deus não despreza as pessoas por sua cor, seus bens, ou falta deles, ou por sua posição social. Mas, Ele os julga por suas intenções e ações. Se Ele sabe que são bem-intencionadas, os recompensará na mesma medida.

O Profeta Noé (A.S.) então levanta as questões da força e da fraqueza perante eles, no caso de que ele fosse rejeitá-los, quem irá protegê-lo de Deus? Oferecerão abrigo a ele da punição de Deus, se seguir em frente e mandar embora os fiéis, que são os amigos e soldados de Deus? Ele está insistindo para que despertem de seu sono de ignorância, e chamando para que atentem para suas posições, com base no poder, e o tipo de extravio que os domina.

Ele faz tudo isso num modo receptivo e amoroso. Eles demonstrarão reciprocidade? Diz, por estar envolvido no diálogo. Não, a resposta é uma demonstração de completa arrogância e de menosprezo a ameaça de punição.

Eles não estão aptos ao diálogo, pois lhes falta a evidência com a qual possam contestar suas provas. Não possuem nada substancial para enfrentar Noé exceto intransigência, provocação e impaciência:

“Disseram-lhe: Ó Noé, tens discutido convosco e prolongado a nossa disputa! Faze com que nos sobrevenha isso com que nos ameças, se estiveres certo”. (C.11 – V.32)

Eles até o ameaçaram de morte por apedrejamento se não desistisse de convocá-los a crença:

“Disseram-lhe: Se não desistires, ó Noé, contar-te-ás entre os apedrejados”. (C.26 – V.116)

Qual foi sua resposta? Ele não deseja gabar-se de sua capacidade de fazer com que a punição desça sobre eles. Manteve sua integridade como

Mensageiro de Deus, que não tem controle sobre o que será feito dele próprio, quer seja o bem ou o mal. Ele não encerra seu chamado de melhor modo do que começou. No início, ele proclama que teme para eles o castigo de um dia angustiante, seu temor não diminui, principalmente depois que se rebelaram contra ele sem nenhuma evidência. Assim, sua reação é calma, já que isso se aproxima do espírito e da força da Mensagem:

“Respondeu-lhes: Deus só o infligirá se quiser, e jamais podereis impedir-Lo”. (C.11 – V.33)

No diálogo, sempre permanece a personalidade do Mensageiro, que não pode fazer coisa alguma sem a vontade de Deus, expressando amor e bondade por seu povo, embora demonstrando serenidade e controle sobre a situação:

“Se Deus quisesse, extraviar-vos-ia, e de nada vos valeriam meus conselhos, ainda que quisesse aconselhar-vos, porque Ele é o vosso Senhor, e a Ele retornareis”. (C.11 – V.34)

A cena um da história não deixa dúvidas quanto a diferença de estilo e o foco entre a abordagem dos profetas para convocar a senda de Deus e a dos adversários. A absoluta diferença entre a suas abordagens deve dar aos ativistas, em qualquer época ou lugar, provisão ao pensamento, no que devem imitar a abordagem dos profetas. A abordagem é uma combinação de calma irradiada com confiança, correspondendo ao desafio sem animosidade, e a força da evidência que esteja matizada com amor e bondade. Isto é desse modo a fim de deixar a porta aberta para os oponentes voltarem atrás por meio do amor, porque a amabilidade é digna de fazer com que o coração se aproxime da verdade, já que a mente pode furta-se de enfrentá-la.

Ao mesmo tempo, isso dá um exemplo brilhante e vivo da Mensagem em sua anunciação a partir de uma base de abertura sobre a verdade, em todas as suas amplas esferas, enquanto que os adversários buscam sempre caminhar em estreitos e tortuosos becos que quase não têm espaço para os que lá estão, quanto mais para outros.

A cena dois começa com a revelação de Deus a Noé, assim:

“E foi revelado a Noé: Ninguém, dentre seu povo, acreditará, salvo quem já tenha acreditado. Não te aflijas, pois, pelo que fazem”. (C.11 – V.36)

O estado em que Noé foi deixado depois que o diálogo chegou a um ponto sem solução

O capítulo alcorânico que é dedicado a relatar a história de Noé dá uma idéia sobre o estado psicológico em que ele foi deixado depois que o diálogo com seu povo chegou a um impasse. Ele estava à beira do desânimo. Como um profeta responsável, ele se colocou diante de Deus para dar um vivo relato de seu trabalho por todos aqueles anos. Ele estava relatando a Deus como não tinha poupado esforços para convencer algumas pessoas quanto a sua causa:

“(Noé) disse: Ó Senhor meu, tenho predicado ao meu povo noite e dia; Porém, a minha predicação não fez outro, coisa senão aumentar o afastamento deles (da verdade). E cada vez que os convocava ao arrependimento, para que Tu os perdoasses, tapavam os ouvidos com os dedos e se envolviam com as suas vestimentas, obstinando-se no erro e ensoberbecendo-se grotescamente. Então, convoquei-os altissonantemente; Depois os exortei palatina e privativamente, Dizendo-lhes: Implorai o perdão do vosso Senhor, porque é Indulgentíssimo; Enviar-vos-á do céu copiosas chuvas, Aumentar-vos-á os vossos bens e filhos, e vos concederá jardins e rios. Que vos sucede, que não depositais as vossas esperanças em Deus, Sendo que Ele vos criou gradativamente? Não reparastes em como Deus criou sete céus sobrepostos, E colocou neles a lua reluzente e o sol, como uma lâmpada? E Deus vos produziu da terra, paulatinamente. Então, vos fará retornar a ela, e vos fará surgir novamente. Deus vos fez a terra como um tapete, Para que a percorrêsseis por amplos caminhos. Noé disse: Ó Senhor meu, eles me desobedeceram e seguiram aqueles para os quais os bens o filhos não fizeram mais do que lhes agravar a desventura! E conspiraram enormemente (contra Noé). E disseram (uns com os outros): Não abandoneis os vossos deuses, nem tampouco abandoneis Wadda, nem Sua'a, nem Yaguça, nem

Ya'uca, nem Nassara, Apesar de estes haverem extraviado muitos, se bem que Tu, ó Senhor meu, não aumentarás em nada os iníquos, senão em extravio. Foram afogados pelos seus pecados, serão introduzidos no fogo infernal e não encontrarão, para si, socorredores, além de Deus. E Noé disse: Ó Senhor meu, não deixeis sobre a terra nenhum dos incrédulos. Porque, se deixares, eles extraviarão os Teus servos, e não gerarão senão os libertinos, ingratos. Ó Senhor meu, perdoa-me a mim, aos meus pais e a todo fiel que entrar em minha casa, assim como também aos fiéis e às fiéis, e não aumentes em nada os iníquos, senão em perdição". (C.71 – V.5 a 28)

Gostaríamos de nos demorar um pouco neste magnífico relato, que o Profeta Noé (A.S.) apresentou a seu Senhor, descrevendo em detalhes todos os esforços que fez em sua nobre tarefa, principalmente os diálogos que conduziu com seu povo para conclamá-los a abraçar a crença em Deus, e dando um retorno sobre a resposta que recebeu. Em seu relato, Noé orou ao Todo-Poderoso para que trocasse seu povo por outras pessoas, pois ele tinha exaurido todos os meios para convencê-los de sua Mensagem. Não havia lugar para mais esforço. Uma justificativa foi dada na prece para livrar-se deles: o perigo que poderiam representar às futuras gerações, porque o ambiente no qual viviam era favorável a tudo o que era vil, e que sua descendência seguiria sua linha de conduta. Ainda assim ele permaneceu otimista porque a desistência não figura no dicionário dos profetas, especialmente quando a situação está ligada à vontade de Deus. A este respeito, existem alguns pontos que merecem reflexão:

1. O Profeta não se omitiu em nenhuma questão

Noé, o Profeta, não deixou nenhuma oportunidade que teve sem que recordasse ao povo para que reconsiderasse sua posição e abraçasse a religião, quando a penitência proporcionaria um novo começo, onde a escuridão seria deixada para trás. Eles rejeitaram todas suas ofertas, preferindo seguir a elite que assumiu para si a oposição a qualquer chamado para o caminho iluminado de Deus, já que estavam acostumados a viver na escuridão, e com o intuito de perpetuá-la.

Portanto, a Mensagem tornou isso uma incumbência ao mensageiro, similarmente, é o chamado Islâmico sobre o ativista, para não deixar que passe nenhuma oportunidade sem deixar livre o caminho para o arrependimento. Por isso que o espírito da Mensagem se assemelha ao espírito militar, que é capaz de transformar o homem numa força cujo controle é exterior, porque esta força é controlada pela mensagem em todas suas capacidades e períodos. Ele marcha ou pára, apenas quando a Mensagem ordena. Não possui liberdade em cuidar de seus assuntos longe do centro de comando da Mensagem.

2. A revelação, não a desesperança, leva a missão a sua conclusão

A falta de esperança não encontrou o caminho para o coração de Noé (A.S.). Foi a revelação divina que concluiu sua missão profética, quando foi revelado a ele que ninguém de seu povo iria se converter a sua causa, senão os poucos que já tinham feito isso. A revelação desceu em consequência do relato de Noé (A.S.) a seu Senhor, que todos seus esforços em tentar persuadi-los tinham resultado em muito pouco, pedindo a Deus para conceder-lhe a vitória sobre eles.

3. A indignação não é por motivos pessoais

A prece de Noé para seu povo não foi motivada por uma vingança pessoal oriunda do desapontamento que ele sofreu em suas mãos. Mas sim, se originava de sua responsabilidade como profeta que não havia poupado esforços para provar sua reivindicação no diálogo com os descrentes. Quando ele percebeu não haver esperança que eles endireitassem suas veredas pensou que convinha encerrar um velho capítulo e virar uma nova página, de modo que o povo pudesse celebrar o triunfo da crença sobre a descrença.

Por essa razão pediu a seu Senhor para que concedesse a ele a vitória sobre os descrentes porque representavam a força que exercia influência sobre a sociedade, que era predominantemente ateuista. Havia também o temor que aquela sociedade corrupta levasse ao surgimento de outra similar.

4. As mensagens divinas não salvaguardam privilégios injustificados

As mensagens divinas não buscam proteger os privilégios das eli-

tes. Longe disso, elas vieram para fazer um grande esforço em restringir privilégios injustificados. As mensagens se empenham em elevar a posição dos oprimidos da sociedade. Foi por isso que os pobres e os necessitados, que foram chamados pelos descrentes como as mais inferiores classes da sociedade, foram os seguidores da Mensagem e seus leais combatentes, os que estiveram mais próximos de Deus e de seu mensageiro, sendo esta a razão por terem encontrado a salvação neste mundo antes de a encontrarem no outro.

Percebemos aqui que a história religiosa desempenha um papel na refutação da crítica injusta que diz que as religiões divinas surgiram para apaziguar espiritualmente o povo de modo que os grupos exploradores possam cuidar de seus interesses no fraudar os setores menos afortunados da sociedade. Estes críticos, portanto, afirmam que o fenômeno religioso é uma outra face dos interesses mútuos da religião estabelecida e das forças de opressão e exploração.

Zombaria versus zombaria

O desígnio do encontro do castigo pelo povo de Noé começou com a ordem de Deus a seu Mensageiro para por um fim em sua missão e iniciar a construção da Arca, sem dar a ele nenhuma oportunidade para que intercedesse em favor do povo, pois o destino deste estava selado.

O povo de Noé começou a zombar dele por construir a Arca numa área isolada. A ordem de Deus foi clara, que ele trocasse zombarias com eles, porque não sabiam qual seria seu destino. Eles não tinham nada a esperar senão o dilúvio, que afogaria a todos, salvo os fiéis:

“E começou a construir a arca. E cada vez que os chefes, dentre seu povo, passavam por perto, escarneciam dele. Disse-lhes: Se escarnecerdes de nós, escarneceremos de vós, tal como o fazeis. Porém, logo sabereis a quem açoitará um castigo que o aviltará e quem merecerá um tormento eterno”. (C.11 – V.38 a 39)

O sofrimento de Noé para com seu filho

Eis que chegou o dilúvio. Noé e os seus embarcaram na Arca. Ela estava navegando em mares revoltos. O nível da água continuou subindo, cobrindo tudo em seu caminho, cidades, aldeias, pessoas e animais.

Aqueles foram tempos árduos para Noé (A.S.), pois seu filho foi intransigente em não se juntar a seu pai e embarcar na Arca. Preferiu permanecer no campo da descrença ao lado de sua mãe que tinha a mesma convicção. O diálogo entre pai e filho é retratado de modo brilhante nos seguintes versículos alcorânicos:

“E nela navegava com eles por entre ondas que eram como montanhas; e Noé chamou seu filho, que permanecia afastado, e disse-lhe: Ó filho meu, embarca conosco e não fiques com os incrédulos! Porém, ele disse: Refugiar-me-ei em um monte, que me livrará da água. Retrucou-lhe Noé: Não há salvação para ninguém, hoje, do desígnio de Deus, salvo para aquele de quem Ele se apiede. E as ondas os separaram, e o filho foi dos afogados”. (C.11 – V.42 a 43)

“E foi dito: Ó terra, absorve as tuas águas! Ó céu, detém-te! E as águas foram absorvidas e o desígnio foi cumprido. E (a arca) se deteve sobre o monte Al-judi. E foi dito: distância com o povo iníquo!” (C.11 – V.44)

Crença versus laços de família

Noé (A.S.) permaneceu em conflito com a questão de perder seu filho, ele estava tentando se conformar com a privação. Deus tinha prometido salvar os membros de sua família quando havia lhe ordenado colocar um casal de cada uma das criaturas, sua família, exceto aqueles cujo assunto estava resolvido - e aqueles que já tinham se juntado ao campo da descrença. Porém, o que parece que Noé tinha esquecido era que a salvação dos membros de sua família não incluía aqueles cujo destino estava selado. Noé voltou-se para Deus em súplica:

“E Noé clamou ao seu Senhor, dizendo: Ó Senhor meu, meu filho é da minha família; e Tua promessa é verdadeira, pois Tu és o mais equânime dos juízes!” (C.11 – V.45)

A resposta veio de modo inequívoco. Deveria haver um completo rompimento de relações entre o Profeta e os descrentes, muito embora alguns deles fossem seus parentes consangüíneos, assim:

“Respondeu-lhe: Ó Noé, em verdade ele não é da tua família, porque sua conduta é injusta; não Me perguntes, pois, acerca daquilo que ignoras; exorto-te a que não sejas um do insipientes!” (C.11 – V.46)

A resposta foi um tanto ríspida, o que contém uma advertência. Ela delinea para Noé os limites dos laços com os membros de sua família. O padrão sendo o da crença, além do qual nenhum relacionamento deve ser contemplado. Noé (A.S.) gozava da glória e do clima da Mensagem, buscando refúgio em Deus e pedindo seu perdão, pois não tinha quaisquer dúvidas quanto a fidelidade do serviço a Deus. Ele apenas queria conhecer a essência da promessa de Deus na realidade:

“Disse: Ó Senhor meu, refugio-me em Ti por perguntar acerca do que ignoro e, se não me perdoares e Te compadeceres em mim, serei um dos desventurados”. (C.11 – V.47)

Esta parte da história de Noé, o profeta, conclui o chamado de Deus para Noé e seus companheiros, que tinham sido agraciados com a misericórdia e a generosidade:

“Foi-lhe dito: Ó Noé, desembarca, com a Nossa saudação e a Nossa bênção sobre ti e sobre os seres que (adivão do que) estão contigo. Porém, haverá povos, os quais (por um tempo) agraciaremos; logo, (depois) atingi-los-á o Nosso doloroso castigo”. (C.11 – V.48)

Esta foi a história do Profeta Noé (A.S.). Começou com os diálogos entre ele e seu povo, seu filho e seu Senhor. Terminou com seu diálogo com seu

Senhor, concluindo sua missão e pedindo esclarecimentos de certos aspectos, os quais ele entendia como ambíguos e urgiam por respostas. No final, Deus concedeu a ele e ao grupo de fiéis que o seguira, a paz e as bênçãos.

A moral desta história

Concluindo, devemos refletir sobre determinados pontos do último episódio da história para aprender algumas lições para o presente e o futuro.

1. Princípio de reciprocidade

Os ativistas muçulmanos podem recorrer à mesma estratégia dos adversários, neste caso a zombaria, não se deve deixar nenhuma arma no arsenal. Ou seja, não é realista que eles respondam com gentileza em situações onde a resposta à amabilidade seja a zombaria.

A estratégia, dos adversários das mensagens divinas, de vulgarizar estas mensagens é um tipo de guerra psicológica que tem o intuito de desequilibrar os fiéis, tratando-as como irrelevantes e, por conseguinte indignas de serem levadas a sério. O principal objetivo deste jogo é afastar as pessoas da Mensagem que os fiéis estão tentando propagar. Portanto, esta estratégia não surge por acaso. Ela é impulsionada por um planejamento bem pensado. Consequentemente, tem que ser enfrentada com o mesmo vigor e habilidade de ação, no que os ativistas devem usar tudo à sua disposição para aprimorar a arte de lançar sarcasmo sobre as ideologias contrárias e seus proponentes como um meio de defenderem-se e defenderem a fé. Isto pode esgotar os oponentes moral e emocionalmente, usando a mesma arma. Este foi o alvo do Alcorão, na história de Noé, quando ele foi orientado por Deus para utilizar a mesma arma da zombaria contra seu povo.

2. A bondade do pai versus a maldade do filho

Não é necessário que a descendência dos profetas seja boa como seus pais, ainda que desejável. Assim, a bondade de qualquer pessoa não deve ser um indicativo para a retidão de sua posteridade, porque a infidelidade deles não deve ser tomada como algo que signifique a infidelidade de seus pais. Não

devemos esquecer que os filhos e filhas estão sujeitos, no modo que se conduzem, a influências sociais, quer sejam elas boas ou más, no mesmo tanto que são o produto de seu próprio ambiente pessoal, a família. O pai deve se empenhar em criar seus filhos da melhor maneira e com o melhor de sua capacidade. Se ele conseguir, terá atingido seu objetivo, se não, terá cumprido sua obrigação.

O ponto crucial da questão está em definir a responsabilidade dentro da sua estrutura lícita. A tarefa do mensageiro e de qualquer outro ativista é a de convidar as pessoas, inclusive seus próprios parentes, para o caminho de Deus. Ao executar essa tarefa, eles estão livres para usar qualquer meio a sua disposição - por palavra ou ato - direta ou indiretamente. Se eles esgotarem todos os meios no empenho em se desincumbir de sua responsabilidade, seu trabalho será aceito, não importando se o seu convite foi ou não recebido pelas pessoas mais próximas deles ou por outros em geral. Tudo o que possa surgir como resultado não diminuirá a posição do mensageiro.

3. O mais importante deve ser comunicar a mensagem de modo imparcial

Os mensageiros não devem cair presas de preferências pessoais ou sentimentos em relação a seus familiares. Não devem seguir servilmente suas emoções se algum membro de sua família preferir ficar com o lado da mentira ao invés da orientação e da luz. A mensagem deve ser o árbitro final na determinação do relacionamento. Não há nenhum mal nos relacionamentos com os outros que sejam baseados em sentimentos, contanto que eles não abusem dos princípios da Mensagem. Porém, se o contrário acontecer, a precedência deve ser a Mensagem sobre o relacionamento. Deus diz:

“Não encontrarás povo algum que creia em Deus e no Dia do Juízo final, que tenha relações com aqueles que contrariam Deus e o Seu Mensageiro, ainda que sejam seus pais ou seus filhos, seus irmãos ou parentes. Para aqueles, Deus lhes firmou a fé nos corações e os confortou com o Seu Espírito, e os introduzirá em jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente. Deus se comprazerá com eles e eles se comprazerão n’Ele. Estes formam o partido de Deus. Acaso, não é certo que os que formam o partido de Deus serão os bem-aventurados?” (C.58 – V.22)

Esta foi a história do Profeta Noé (A.S.) em seu diálogo com seu povo, com todas as suas implicações e os resultados práticos, a tendência futura do chamado para a senda de Deus. Podemos ter saído do alcance do que colocamos em discussão em certos aspectos, isto porque concentrar-se no clima do diálogo exigiu isto em termos gerais.

Hud e seu Povo, Aad

Este é um outro relato alcorânico da história dos profetas e de seus povos. O de Hud e de seu povo, Aad. Esta história foi mencionada em umas oito suratas, tais como A'araf, Hud, Mu'uminun, Shu'ara, Ahqaaf, Thaaryyat, Qamar e Fajr. O estilo alcorânico variou ao relatar este conto, vagando entre o estilo de recontar os fatos históricos e o estilo do diálogo de narrativa.

Em nossa exposição nos concentramos em discutir a história dentro de um cenário de diálogo. Esforçar-nos-emos para trazer à luz as características da abordagem deste profeta para dialogar com seu povo, que difere em alguns aspectos do povo de Noé e de outros. Tendo por objetivo apresentar uma variedade de abordagens que podemos utilizar em nossa época.

Discutiremos o assunto desta história em torno da qual o diálogo foi conduzido entre o profeta e o povo. Deus diz:

“E ao povo de Ad enviamos seu irmão Hud, o qual disse: Ó povo meu, adorai a Deus, porque não tereis outra divindade além d’Ele. Não O temeis? Porém, os chefes incrédulos, dentre seu povo, disseram: Certamente, vemos-te em insensatez e achamos que és mentiroso. Responderam-lhes: Ó povo meu, não há insensatez em mim, e sou o mensageiro do Senhor do Universo. Comunico-vos as mensagens do meu Senhor e sou vosso fiel conselheiro. Estranhais, acaso, que vos chegue uma mensagem do vosso Senhor, por um homem da vossa raça, para admoestar-

vos? Reparai em como Ele vos designou sucessores do povo de Noé, e vos proporcionou alta estatura. Recordai-vos das mercês de Deus (para convosco), a fim de que prospereis". (C.7 – V.65 a 69)

Duas abordagens em disputa

Para começar, a abordagem dos descrentes era a de acusar o profeta de tolice e de mentira. Sua resposta foi mais restrita e amigável. Ele convidou-os a refletir sobre as questões e as leis criadas antes deles, lembrando-os que tinham a intenção de dar-lhes um bom conselho. Ele então interrogou calmamente por que não poderiam compreender o envio de um mensageiro dentre eles, que era um deles. Qual era a justificativa para sua recusa em aceitar aquilo? Ele continuou fazendo-os lembrar dos favores de Deus para com eles, do poder material, tanto assim que podiam escavar moradias na rocha. Como tinham sido preferidos sobre outros povos, a quem governavam. Qual foi a reação deles? Aceitaram o convite de Hud para refletir sobre a mensagem, de modo que pudessem dialogar com ele para esclarecer a situação? Nada disso estava para acontecer. Eles estavam inclinados a demonstrar intransigência e arrogância, antecipando-se a qualquer movimento de mudança, acusando-o de difamar a fé de seus pais e antepassados, reagindo furiosamente e desafiando-o a lançar a maldição da punição sobre eles, o que pensavam que ele era incapaz de fazer acontecer ou que não seria sério ao efetuarlo. Esta era sua posição multifacetada sobre o argumento de Hud. Isto tinha transformado uma discussão bem-intencionada e honesta num perigoso impasse:

“Disseram-lhe: Vens, acaso, para fazer com que adoremos só a Deus e abandonarmos os que adoravam nossos pais? Faze, pois, com que se cumpram as tuas predições, se estiveres certos". (C.7 – V.70)

Porém, a resposta veio de forma brusca e esclarecedora, carregando em seu curso a zombaria frente aquilo que eles adoravam, ídolos que estavam privados de qualquer poder para dominar qualquer coisa, quanto mais o Onipotente. O que eles adoravam eram apenas nomes, que não possuíam nenhum valor ou influência, assim:

“Respondeu-lhes: Já vos açoitaram a abominação e a indignação do vosso Senhor! Ousareis, acaso, discutir comigo, a respeito de nomes que inventais, vós e vossos pais, aos quais Deus não concedeu autoridade alguma? Aguardai, pois, que eu aguardarei convosco”. (C.7 – V.71)

Os matizes do quadro são ainda mais definidos:

“Ó povo meu, não vos exijo, por isso, recompensa alguma, porque minha recompensa só procede de Quem me criou. Não raciocinai? Ó povo meu, implorai o perdão de vosso Senhor e voltai-vos arrependidos para Ele, Que vos enviará do céu copiosa chuva e adicionará força à vossa força. Não vos afasteis, tornando-vos pecadores!” (C.11 – V.51 e 52)

Ele tocou num ponto nevrálgico, quando suscitou suas esperanças de água abundante, a qual eles buscavam ansiosamente em sua terra deserta, o que lhes daria mais poder, que era a fonte de sua vaidade e jactância, e convidou-os a pedir o perdão de Deus, o Senhor que possui o controle sobre tudo. Ele advertiu-os para não rejeitá-lo, muito embora estando dominados pelo crime, a rebelião e o pecado.

Qual foi a resposta deles?

“Responderam-lhe: Ó Hud, não tens apresentado nenhuma evidência, e jamais abandonaremos os nossos deuses pela tua palavra, nem em ti cremos; Somente dizemos que algum dos nossos deuses te transtornou. Disse: Ponho Deus por testemunha, e testemunhai vós mesmos que estou isento de tudo quanto adorais, Em vez d’Ele. Conspirai, pois, todos contra mim, e não me poupeis. Porque me encomendo a Deus, meu Senhor e vosso; sabeis que não existe criatura que Ele não possa agarrar pelo topete. Meu Senhor está na senda reta. Porém, se vos recusais, sabeis que vos comuniquei a Mensagem com a qual fui enviado a vós; e o meu Senhor fará com que vos suceda um outro povo, e em nada podereis prejudicá-Lo, porque meu Senhor é Guardião de todas as coisas. E quando se cumpriu o Nosso

designio, salvamos Hud e com ele os fiéis, por Nossa misericórdia, e os livramos de um severo castigo”. (C.11 – V.53 a 57)

Eles repeliram seu argumento sem qualquer contra-argumentação convincente, rejeitaram seu convite porque o julgaram fraco. Acusaram-no de insanidade por atacar seus deuses, ofendendo-o com uma grande quantidade de xingamentos. Todavia, ele declarou renegar o costume daquele povo de erigir parceiros a Deus, com seu próprio testemunho e o deles, a fim de que ele pudesse traçar uma linha divisória entre ambas as partes no final. Quanto à situação originada de considerá-lo fraco e insignificante ele enfrentou aquilo com o poder do Todo-Poderoso, o qual é capaz de suplantá-los por um outro povo depois que tivesse disposto deles sem que pudessem fazer nada para detê-lo. Então ele os desafiou, se houvesse algo no poder deles que pudessem fazer para prejudicar a Deus, deixando-os sem nenhuma ilusão que pudessem alcançá-lo.

Portanto, esta abordagem é digna de reflexão pelos trabalhadores na causa de Deus, com o intuito de seguir seu exemplo em seu trabalho em meio as comunidades em que vivem, as quais aspiram guiar para a senda de Deus.

Comparando os povos de Noé e de Aad

Por comparar ambas as histórias, dos profetas Noé e Hud (A.S.) e seus povos, podemos apresentar estas observações:

A linha de raciocínio do povo de Noé era similar à do povo de Aad, ou seja, eles tinham quase os mesmos pontos de vista com respeito: a) a personalidade do profeta; b) a rejeição da possibilidade de um ser humano tornar-se um profeta; c) a acusar o profeta de fraudes e charlatanismo; d) a tomá-lo como louco; e) a santificar a crença de seus ancestrais e seus costumes morais e; f) a rejeitar a noção da ressurreição. A razão para esta similaridade pode ser a proximidade de tempo entre os dois povos, como foi mencionado no Alcorão:

“Estranhais, acaso, que vos chegue uma mensagem do vosso Senhor, por um homem da vossa raça, para admoestar-vos? Reparai em como

Ele vos designou sucessores do povo de Noé, e vos proporcionou alta estatura. Recordai-vos das mercês de Deus (para convosco), a fim de que prospereis". (C.7 – V.69)

A Mensagem Divina estava em rota de colisão com a classe mais abastada da sociedade, que instintivamente costumava empreender guerra contra tais Mensagens pois se encontravam sob a ilusão de sentirem-se ameaçados e por medo de abdicarem de seus privilégios. Vale a pena notar que as Mensagens Divinas não asseguram quaisquer privilégios para indivíduos ou grupos fora do que se garante pelo trabalho e o mérito. Isto pode ser observado da descrição alcorânica deste grupo de pessoas como opulenta e o destacar desta descrição quando rememorando as situações da vida real.

Os adversários das Mensagens foram incapazes de provar racionalmente sua argumentação no rejeitar das mesmas. A rejeição foi induzida por sua inaptidão em abandonar o *status quo* e abraçar a mudança.

O profeta, no caso de Hud como também no caso de Noé, manteve-se firme, dando o bom conselho, praticando a paciência e o autocontrole, ao tentar abrir seus corações e mentes, já que talvez pudessem aceitar a verdade e serem guiados para a senda reta da crença em Deus. Ele fez tudo isso sem permitir que sua indignação o dominasse, porque, no desencargo de sua nobre missão, ele não tinha escolhas pessoais. O que dirigia seus movimentos e as posições que considerava e eventualmente assumia eram apenas os princípios e os interesses da mensagem. Estas eram as semelhanças entre as histórias dos profetas Hud e Noé e de seus povos.

O que distinguia um do outro era que o povo de Hud era mais poderoso do que o de Noé. O que significava que eles conseguiram formar uma oposição mais determinada e demonstrar uma intransigência muito maior na situação em que exerceram maior pressão sobre o Profeta Hud.

Contudo, Hud (A.S.) não se rendeu a sua pressão e desafiou seu poder material, o qual era uma dádiva de Deus, e que Ele (Deus), sendo o Todo-Poderoso, somente Ele, poderia tirá-lo deles. Sem sua vontade não poderiam nem auferir benefício nem causar prejuízo, tampouco morte ou vida. Hud foi mais longe ao desafiá-los com o poder provindo de Deus, dirigindo-se a eles dessa maneira:

“Em vez d’Ele. Conspirai, pois, todos contra mim, e não me poupeis”.
(C.11 – V.55)

É evidente que, de acordo com as circunstâncias prevalecentes, o estilo do diálogo se estendia do suave, o qual tinha a intenção de abrir corações e mentes à fé, ao severo, que visava fazer os oponentes perceberem a razão. Este foi o quadro, o qual a história de Hud, em seu diálogo com seu povo sobre a questão da crença de Deus, os versículos alcorânicos pintaram. Talvez, o quadro tenha revelado mais do que fomos capazes de perceber.

Saléh e Çamud

Esta é outra das histórias dos profetas, que não difere das demais. Estas histórias possuem uma linha comum que as percorre. Parecem partilhar circunstâncias similares experimentadas pelos profetas, as questões levantadas e o estilo do diálogo com os descrentes, principalmente a tentativa de desfazer o domínio sufocante dos ricos e poderosos sobre os privados de seus direitos e os setores mais fracos da sociedade.

Contudo, a diferença na história de Saléh é que ele foi enviado ao seu povo com um sinal de Deus, uma camela que os proveria de leite em tão abundante quantidade que nunca se esgotaria, não importando quantos eles fossem. A água potável foi igualmente dividida, entre o povo e a camela, no dia em que ela viesse beber, apenas ela beberia, e no dia em que quisessem beber apenas eles o fariam. O povo de Saléh não gostou da divisão da água, desde que viram no animal um desafio a sua dignidade e arrogância. Eles, portanto, a mataram, prenunciando a punição que rapidamente desceria sobre eles.

Sem entrar em detalhes, gostaríamos de nos concentrar em dois pontos fundamentais que caracterizaram o diálogo na história:

(O Primeiro ponto é) A tentativa das forças despóticas de levantar dúvidas nas mentes daqueles que eram considerados fracos, sobre a validade da Mensagem do Profeta Saléh. Eles conseguiram isto apresentando uma questão ingênua, que ostensivamente parecia inocente como se estivessem em busca da verdade, mas na realidade seu objetivo era desviá-los do campo da crença reconsiderando sua posição, sugerindo a eles que o caso em si era passivo de debate. Em outras palavras, não era infalível. Ainda assim, as forças da crença se mantiveram firmes na aderência à fé, tanto assim que os opositores não tiveram nenhuma alternativa senão revelar sua verdadeira face, uma face de descrença, arrogância e reação violenta.

Os líderes dos arrogantes dentre o povo disseram para aqueles que eram reconhecidos como desprovidos de força, os que acreditavam:

“Porém, os chefes dos que se ensoberbeceram, dentre seu povo, perguntaram aos fiéis, submetidos: Estais seguros de que Sáleh é um mensageiro do seu Senhor? Responderam: nós cremos em sua missão. Mas os que se ensoberbeceram lhes disseram: Nós negamos o que credes”. (C.7 – V.75-76)

Astúcia e Maldade

Gostaríamos de nos demorar um pouco neste ponto para refletir sobre este método, que podemos encontrar nas forças da descrença e do extravio. Podemos ser abordados por um modo aparentemente agradável quanto a se somos sérios no que acreditamos ou nas questões que levantamos. Eles podem ser auxiliados por afirmações de que somos sábios, educados, e de que possuímos compreensão suficiente para rejeitarmos tais receitas para a crença.

Eles são os mesmos velhos métodos de extravio usados para menosprezar a questão da crença e da doutrina, descrevendo-a como se ela diminuísse as potencialidades intelectuais do homem. Muitos, que enxergam através dos olhos dos outros ou são receptivos a tal lábria, podem inconscientemente cair vítimas desses estratagemas.

Não há nenhuma objeção a recorrer a esses métodos com os desonestos dentre nossos adversários doutrinários em razão do fundamento irracional em que ancoram suas crenças, politeísmo e desvio. O Alcorão fez muitas referên-

cias a esta circunstância em seu diálogo com os descrentes e os politeístas, pedindo a eles que deixassem o julgamento para seu intelecto, o qual dizia a eles que as crenças discutíveis que possuíam eram irracionais.

(O Segundo ponto é) a tentativa dos descrentes de levantar a questão da posição social de Saléh e como esta era minada por sua reivindicação da profecia, já que não mais confiavam nele. Esta foi uma tática para persuadi-lo a desistir deles e a abandonar sua missão.

“Responderam-lhe: Ó Sáleh, eras para nós a esperança antes disto. Pretendes impedir-nos de adorar o que nossos pais adoravam? Estamos em uma inquietante dívida acerca do que nos predicas”. (C.11 – V.62)

Entretanto, respondeu com a lógica da Mensagem. Isto porque a situação estava clara para ele, por um lado, e o confiar a ele a comunicação da Mensagem era uma graça divina, por outro. Saléh encarou isso assim: tudo o que presumivelmente está perdendo em status social, estava para ser compensado pela generosidade que esperava de Deus. Ele estava absolutamente certo que não havia nada que eles pudessem fazer para resgatá-lo da punição de Deus por desdenhar as ordens divinas e seguir a proposta de seu povo, ele tinha decidido agir assim:

“Disse: Ó povo meu, pensai: se eu possuo uma evidência de meu Senhor que me agraciou com a Sua misericórdia, quem me defenderá de Deus, se Lhe desobedecer? Não fareis mais do que agravar a minha desventura!” (C.11 – V.63)

Tirando vantagem da fraqueza

Como fizemos no ponto anterior, gostaríamos de fazer uma pequena pausa aqui, para explorar o método que o povo de Saléh usou com ele. Neste método esconde-se um grande perigo que pode ameaçar os ativistas muçulmanos, principalmente aqueles que são vulneráveis as questões de dignidade pessoal, que sejam determinadas pelos valores e normas sociais.

Os ativistas podem ser tentados a acreditar que permanecer fiel a tarefa de convocar as pessoas ao caminho de Deus pode fazê-los perder suas posições sociais. Os insufladores do temor tentam dar a impressão que os dois, a tarefa e o status social são incompatíveis. Em outras palavras, a sociedade planejou certos mecanismos e critérios para avaliar e julgar seus membros. Naturalmente, o que a sociedade reconhece como uma qualidade não deve necessariamente significar que está em harmonia como que seja ordenado pelos ditames religiosos. Todavia, o que parece ser o destino dos crentes hoje em dia são palavras como “reacionários”, “atrasados”, “traidores”, ao passo que descrições como “progressistas”, “os de visão ampla”, “patrióticos” e “fiéis” tem caracterizado aqueles que estão no campo oposto.

Algumas pessoas podem estar de acordo com esta tendência, especialmente quando estão fechadas, mantendo uma distância dos princípios da Mensagem, já que esta situação tem uma influência na relação entre o homem e a Mensagem. Ou seja, quando a posição pessoal e social tem precedência sobre as questões da crença. Tais pessoas podem facilmente caírem presas de belas palavras tão rapidamente como o sal dilui-se na água.

Como os versículos alcorânicos parecem sugerir, os ativistas devem manter-se a par de sua crença e mensagem na vida. Isto pode fornecer a eles a força requerida para julgar criticamente as questões, neste caso logo descobrirão o que está errado em submeter a “auto-segurança” aos padrões e normas da mentira, ao invés de fazê-lo aos critérios e ideais da verdade. Os ativistas muçulmanos devem estar cientes no conhecimento de que a confiança dos fiéis neles é o verdadeiro valor da confiança. E que aqueles que estão do outro lado fiquem certos que não possuem valor aos olhos dos verdadeiros fiéis, pelos métodos tortuosos que adotam para pressionar e influenciar os fiéis abalando sua confiança em si mesmos.

Abraão e seu povo

Há um outro profeta de destacada qualidade aos olhos de Deus, como está evidente em muitos superlativos usados para elogiá-lo. Esta é apenas uma dessas descrições onde Deus anuncia que ele tomou Abraão (A.S.) por amigo:

“E quem melhor professa a religião do que quem se submete a Deus, é praticante do bem e segue a crença de Abraão, o monoteísta? (O Próprio) Deus elegeu Abraão por fiel amigo”. (C.4 – V.125)

Há uma imensa quantidade de referências ao Profeta Abraão (A.S.) no Alcorão Sagrado, ao ponto que seu nome e história sejam mencionados em não menos do que vinte capítulos. Nestes capítulos muitos aspectos de sua personalidade e de sua vida são discutidos. Seus diálogos, sejam eles de busca interna, aqueles com seu Senhor, seu povo, com o ditador de sua época (Nimrod) ou com os anjos que trouxeram as notícias do que seria o destino do povo do Profeta Lot (A.S.) e que deram a ele as boas novas da concessão de uma descendência na idade avançada.

Examinar a história de Abraão oferece muitas e diferentes abordagens para o diálogo no decorrer do processo de desencargo da responsabilidade de chamar o povo para a senda de Deus, ou expressar-se em assuntos pertinentes a fé. Na personalidade de Abraão, o profeta humano, como ele viveu toda sua vida sentindo a presença de Deus ao seu redor descobriremos que para ele o dever vinha antes dos sentimentos pessoais, mesmo nas mais intensas situações onde as emoções podem se exaltar e tomar o controle sobre a pessoa.

A busca interior

Como já foi discutido, Abraão (A.S.) conduziu o diálogo em três diferentes situações. Elas foram: a) sua busca interior o diálogo para encontrar a senda de Deus; b) seu diálogo com Deus para trilhar a estrada da crença que se originava do coração e da mente e; c) o diálogo com seu povo, durante a

destruição dos ídolos, onde ele os enfrentou com a forte evidência da falácia de suas crenças e de seu modo de se conduzirem na vida.

Concluimos que a experiência de Abraão deve proporcionar aos ativistas muçulmanos um bom veículo na causa de Deus. O método de busca interior de Abraão deve servir como um exemplo a ser seguido pelos ativistas para criarem as condições adequadas para o diálogo em seminários culturais ou ideológicos, e outros canais onde os ativistas se colocam frente a frente com as massas e se familiarizam com suas preocupações. Os participantes podem começar seu intercâmbio intelectual onde os ativistas estejam para aguçar suas habilidades, já que se encontram numa curva do aprendizado, garantindo que outra parte se sintam seguras que não estejam prestes a entrar numa discussão.

Ao fazerem isso, a outra parte poderá descobrir seus próprios erros sem qualquer receio. Até certo ponto isto se assemelha a um leitor de um livro ou de uma novela que passa a simpatizar com os personagens da história, o que pode levar a que no fim da história ele descubra a si mesmo e onde tenha errado. Esta abordagem, a busca interior, pode ser advogada em escritos que tencionem expressar pontos de vista sobre as questões doutrinárias, sejam eles pró ou contra. Ao invés do estilo de pregação direta, a busca interior e o monólogo podem ser usados.

Colocar desta abordagem em uso deve formar a construção para a literatura islâmica, guiada pela experiência alcorânica, na forma e no conteúdo. Isto será um esforço para mesclar e causar a interação dos instrumentos artísticos e o trabalho literário com a base prática para o chamado para a senda de Deus.

Ideologia e crença

No diálogo de Abraão com seu Senhor podemos encontrar um exemplo excelente de como alguém pode se ocupar do chamado à senda de Deus. Ele pediu a seu Senhor para que demonstrasse materialmente como trazia o morto à vida, de maneira que ele pudesse tranquilizar seu coração. Esta abordagem deve nos ensinar como lidar com as reações alheias às idéias que apresentamos a eles. Em outras palavras, nós temos que estar plenamente satisfeitos que a força da evidência que oferecemos aos outros para que abracem nossa

ideologia se aprofunde em suas mentes. Contudo, devemos apelar na mesma medida e para o mesmo objetivo aos seus corações. Somente então devemos nos sentir convictos, cientes de que os outros experimentarão paz de espírito e segurança. Portanto, não devemos ser levados a hesitação se formos colocados diante de pedidos, tais como aquele que Abraão fez a seu Senhor. Deus não achou o pedido de Abraão nem um pouco afrontoso porque foi sincero em seu pedido para atingir a convicção em sua fé.

Como é de se esperar, não estamos em posição de atender aos pedidos das pessoas para demonstrar um milagre das mesmas proporções que Deus fez com seu profeta. Ainda assim, podemos fornecer a elas idéias claras que estejam muito próximas das situações do seu cotidiano. Isto os fará perceber que a questão da crença está com eles, de mãos dadas com tudo o que fazem nas relações que desenvolvem com seus semelhantes.

Isto explica a necessidade de que os ativistas estejam em constante interação com a realidade, de modo que possam compreendê-la e lidar com ela como se fosse uma matéria prima necessária para manufaturar um produto. O que nos levará a insuflar vida nos métodos de instrução religiosa e criar consciência nas áreas do conhecimento. Ao fazer isso, estaremos certos do sucesso em libertar nossas práticas de trabalho no caminho de Deus da inércia intelectual, a qual pode transformar tudo isso numa relíquia inanimada amontoadada nos museus do pensamento.

Por esta abordagem em prática torna desejável que não se atenha ao pensamento e regras que tenhamos herdado das gerações passadas, os quais adquiriram a eminência de “arquivos públicos”. Estes “arquivos” tornaram-se tão rígidos que qualquer um que tiver a experiência de lê-los sentirá como se estivesse examinando um documento que tenha sido memorizado.

O que nos dá a confiança para que cheguemos a tal conclusão é que a abordagem alcorânica abriu-se para a vida em todos os seus campos, pequenos e grandes, sejam eles os fenômenos cósmicos ou da vida pessoal e pública, para exibir as evidências da existência de Deus e dos grandes valores humanos. Esta abordagem, que surgiu como um resultado de vastas experiências leva-nos a perceber que podem existir outros meios que esperam para ser descobertos no caminho de nossa vida, que é constantemente mutável e está em permanente progresso em todos os sentidos. Ou seja, embora a verdade

seja uma realidade permanente, os caminhos que podem guiar a ela não são uma reserva exclusiva de um tempo, lugar ou indivíduo. A esse respeito devemos ser inspirados por estas sábias palavras: *“Os caminhos que levam a Deus são tantos quanto as almas humanas. E se os homens do passado chegaram a descobrir algumas verdades, eles deixaram muitas outras para que nós descobrissemos e comunicássemos à outros”*.

Agarrando as oportunidades para estabelecer o diálogo

O terceiro tipo de abordagem que o Profeta Abraão (A.S.) adotou foi aquele conduzido com seu povo depois que ele tinha destruído seus ídolos. Podemos pegar esta abordagem emprestada em certas situações onde sentimos a necessidade de nos lançarmos na oportunidade de engajar nossos oponentes no diálogo sobre matérias em que parecem não estar cientes. Tendo conduzido o diálogo, podemos apresentar evidências conclusivas de seus argumentos falhos ou que precisem de orientação. Assim, poderão ser movidos a tomar uma dessas duas posições: a) aceitar a verdade ou; b) demonstrar franca arrogância ou intransigência, o que é capaz de fazê-los perder sua autoestima e o respeito dos outros. Isto por sua vez diminuiria sua capacidade de influenciar a outros para que tomem a estrada do desvio e da transgressão.

Ao adotar esta abordagem não devemos perder de vista a abertura para as ideologias e práticas alheias, a fim de descobrir seus pontos fortes e suas fraquezas para que façamos uso disso nas batalhas do diálogo na causa da fé.

Estes são alguns aspectos práticos dos diálogos de Abraão que podemos utilizar. Haviam outros métodos de diálogo que Abraão (A.S.) usou com seu povo. Porém, o Alcorão não menciona em detalhes tudo o que o seu povo falou. Ele, entretanto, fez referência a suas atitudes. O ponto de vista deles estava contido na resposta, ou pode ser detectado da universalmente conhecida crença politeísta. O Alcorão fez menção sobre isso, quer seja na história de Abraão (A.S.) ou de outros profetas em geral, como já foi discutido na seção “Diálogo com os politeístas”.

Defendendo-se contra as campanhas de assédio e as táticas de intimidação

Vamos nos concentrar nesses versículos alcorânicos que demonstram alguns aspectos do diálogo:

“Seu povo o refutou, e ele disse (às pessoas): Pretendeis refutar-me acerca de Deus, se é Ele que me tem iluminado? Sabei que não temerei os parceiros que Lhe atribuíis, salvo se meu Senhor quiser que algo me suceda, porque a onisciência do meu Senhor abrange tudo. Não meditais? E como hei de temer o que idolatrais, uma vez que vós não temeis atribuir parceiros a Deus, sem que Ele vos tenha concedido autoridade para isso? Qual dos dois partidos é mais digno de confiança? Dizei-o, se o sabeis. Os fiéis que não obscurecerem a sua fé com injustiças obterão a segurança e serão iluminados”. (C.6 – V.80 a 82)

Como interpretamos nesses versículos, concluímos que os politeístas desejavam instilar no coração de Abraão o medo de que seus deuses pudessem prejudicá-lo. Eles tentaram fazer com que ele desistisse de desafiar suas divindades e crenças sob o pretexto de se preocuparem com sua segurança quanto a vingança que poderia ser desencadeada sobre ele. Ao que parece eles estavam iludidos que seus deuses podiam ferir os que ousassem resistir a eles. Como está evidente nas alegações do povo de Noé:

“Somente dizemos que algum dos nossos deuses te transtornou. Disse: Ponho Deus por testemunha, e testemunhai vós mesmos que estou isento de tudo quanto adorais”. (C.11 – V.54)

Abraão pegou esta noção desviada para combater. Ele deixou claro para eles que seu relacionamento com Deus não foi construído como um resultado de uma necessidade de expressar pressões psicológicas sobre a fé. Ao contrário, surgiu da orientação de Deus, que iluminou seu coração e sua mente com a crença. Assim correspondendo a luz vinda dos domínios de Deus. Ele iniciou o diálogo com eles a partir da questão do temor e da segurança, deixando-os sem qualquer dúvida que ele não tinha medo de seus deuses, a despeito do poder que alegavam que eles possuíam. Ou seja, Deus sozinho é o Criador de todas as coisas e o possuidor do poder delas, nada pode beneficiar ou causar mal, exceto com Sua Vontade.

Ele rebateu a argumentação deles de adverti-lo do mal que seus deuses poderiam causar, usando a mesma munição, erguendo o espectro do temor a Deus em seus corações por erigirem parceiros para Ele sem autorização para tal. Ele concluiu apresentando a eles a questão do senso de segurança, que alguém pode proteger-se dos parceiros com sua própria força, a qual está mais próxima da de Deus, ou por intermédio do poder de Deus, se não puder apresentar uma defesa. Esta é a fonte do sentir-se seguro. De modo diverso, como poderiam os politeístas ter segurança diante da ira e do poder de Deus, os quais ninguém pode deter.

Como resultado, a segurança cabia aos fiéis, que não falseavam sua crença com opressão, porque o senso de segurança tinha sido baseado num fundamento confiável e forte.

Já que aquele diálogo foi conduzido entre o politeísmo e o monoteísmo, terá certamente uma influência sobre o atual impasse entre as forças da fé e as da descrença e do extravio, isto é assim quando os desafios dos derrotistas estão sendo lançados aos fiéis para enfraquecer sua resolução em convocar para a senda de Deus e à crença, sob o pretexto de temer pela segurança deles em relação as forças da descrença e do extravio, as quais possuem todo o poderio material, ao passo que os fiéis não possuem nada disso. Isto, os apologistas sustentam, pode abalar a posição dos fiéis e golpear sua moral, deixando-os paralisados.

Este método também pode ser usado com os hesitantes dentre os fiéis que têm sofrido crises nervosas e cuja moral tem sucumbido sob o peso das forças esmagadoras da descrença. Portanto, eles têm se abrigado num falso sentimento de segurança, preferindo permanecer com aqueles que se desviaram do caminho do que aderir à verdade na adversidade.

Talvez seja necessária a abordagem do diálogo que Abraão (A.S.) adotou com seu povo sobre a questão da segurança e da insegurança, com o intuito de trazer de volta os hesitantes para o rebanho da crença. Abraão conseguiu reavivar neles a força da crença exclusiva no Onipotente. Em qualquer tempo, os fiéis são capazes de enfrentar as forças do derrotismo e se respeitarem. Como o Alcorão afirma:

“São aqueles aos quais foi dito: Os inimigos concentraram-se contra vós; temei-os! Isso aumentou-lhes a fé e disseram: Deus nos é suficiente. Que excelente Guardião! Pela mercê e pela graça de Deus, retornaram

ilesos. Seguiram o que apraz a Deus; sabeis que Deus é Agraciante por excelência. Eis que Satã induz os seus sequazes. Não os temais; temei a Mim, se sois fiéis”. (C.3 – V.173 a 175)

O diálogo de Abraão com seu pai

Passamos para o diálogo de Abraão (A.S.) com seu pai, que foi um descrente como seu povo. (nota - Comentadores do Alcorão discordam quanto à pessoa que Abraão chamou de pai: Foi este seu verdadeiro pai ou seu tio que o criou depois da morte de seu pai? Os comentadores que não aceitam a idéia que este tenha sido seu pai, sustentam que todos os pais dos profetas devem ser crentes, citando este versículo em apoio a seu argumento: “(...) *Assim como vê os teus movimentos entre os prostrados*”. (C.26 – V.219). Enquanto que reservamos o julgamento sobre esta opinião, não achamos necessário explorar isso porque não influi no assunto que estamos discutindo).

Em sua tarefa no caminho de Deus, Abraão (A.S.) sentiu ser uma prioridade iniciar conchamar seu pai a abraçar a fé, porque a permanência de seu pai no campo da descrença poderia enfraquecer sua posição, criando problemas que atrapalhariam seu trabalho, ou dando origem a problemas inesperados. Quando iniciado, o diálogo estava enfrentando problemas entre pai e filho, numa sociedade que dava um grande valor aos pais, tanto assim que sua posição era próxima do sagrado. Requeria-se dos descendentes demonstrar submissão incondicional à vontade de seus pais. Como resultado, Abraão foi um pouco cauteloso. Ele foi cuidadoso em não utilizar nenhuma linguagem provocativa, que pudesse ser interpretada como injuriosa à pessoa de seu pai. Ao invés disso, o diálogo foi altamente emocional, beirando a súplica. Alguém pode dizer que ele estava se dirigindo a uma pessoa muito querida, e que estava prestes a cair em um abismo. A atmosfera era amigável:

“E menciona, no Livro, (a história de) Abraão; ele foi um homem de verdade, e um profeta. Ele disse ao seu pai: Ó meu pai, por que adoras quem não ouve, nem vê, ou que em nada pode valer-te? Ó meu pai, tenho recebido algo da ciência, que tu não recebeste. Segue-me, pois, que eu te

conduzirei pela senda reta! Ó meu pai, não adores Satã, porque Satã foi rebelde para com o Clemente! Ó meu pai, em verdade, temo que te açoite um castigo do Clemente, tornando-te, assim, amigo de Satã. Disse-lhe: Ó Abraão, porventura detestas as minhas divindades? Se não desistires, apedrejar-te-ei. Afasta-te de mim! Disse-lhe: Que a paz esteja contigo! Implorarei, para ti, o perdão do meu Senhor, porque é Agraciante para comigo. Abandonar-vos-ei, então, com tudo quanto adorais, em vez de Deus. Só invocarei o meu Senhor; espero, com a invocação de meu Senhor, não ser desventurado". (C.19 – V.41 a 48)

Como podemos interpretar, Abraão tentou atribuir o convite a seu pai a abraçar a crença aos conhecimentos que ele possuía, os quais seu pai não possuía. Portanto, não havia nenhuma objeção social a um filho chamar seu pai para a fé sem abusar da posição paterna. Ele tinha razões adicionais para travar diálogo com seu pai, já que sua preocupação era por seu pai, se mantivesse sua posição inflexível e extraviada, receberia a punição de Deus.

A resposta de seu pai surgiu de um sentimento de opressão dada pela autoridade paterna, que permitia ao pai coagir seu filho a seguir suas pegadas, ameaçando-o de expulsão, se ele não aceitasse. Assim, o diálogo não existiu. Ao contrário, um estilo de relacionamento de ordenar e obedecer tornou-se dominante. Esta era a norma, um relacionamento que era quase inclinado para um entre senhor e escravo.

Ainda assim, Abraão (A.S.) não cedeu e continuou a manter laços amigáveis com seu pai. Ele conseguiu ter domínio sobre seus sentimentos e mesclá-los com sua obrigação de libertar seu pai da escuridão em que se encontrava. Porém, quando ele não viu nenhuma esperança de que seu pai emendasse seus modos, a despeito de sua prece para que ele fosse guiado corretamente, declarou então que nada mais tinha a ver com seu pai, com seu próprio povo, e os deuses que eles adoravam, tendo se desincumbido de seu dever para com eles da melhor maneira que lhe foi possível.

A prece de Abraão por seu pai, para que fosse perdoado por seus pecados se originou de seu sentimento, de que ele pudesse mudar de opinião e voltar para Deus. Nunca tinha passado por sua mente que seu relacionamento com seu pai garantisse a este algum direito de tratamento especial. Por isso que ele

renegou seu pai depois que tinha esgotado todos os esforços em persuadi-lo a juntar-se ao campo da fé, e o fato é que era um arquiinimigo de Deus.

Em nosso trabalho pela senda de Deus, podemos utilizar desta abordagem ao enfrentarmos a animosidade das pessoas que estão relacionadas a nós de um modo ou de outro. Podemos sempre deixar que a atmosfera de bondade e amor prevaleça no diálogo. Isto é capaz de fazer a outra parte responder ao clima amigável, sem que deixemos nossas emoções dirigir o encontro, neste caso, poderemos inconscientemente terminar servindo aos interesses da descrença e do extravio. Um estilo de amabilidade em tais circunstâncias não deve ser levado a que se entenda que seja o resultado de uma necessidade emocional espontânea. Ao contrário, ele é parte de um bem pensado planejamento, cujas características são a flexibilidade, a compreensão e a firmeza.

Por conta disso, é desejável que incentivemos esta abordagem em situações onde a firmeza é exigida. Isto porque algumas pessoas podem explorar o lado emocional para algo que não sirva os interesses do chamado para a senda de Deus, da mesma maneira que Abraão usou a outra abordagem. Não devemos jamais perder de vista o fato que a preocupação dominante deve ser pela manutenção do diálogo guiado pela sabedoria com a qual Deus quer impregnar o trabalho em sua causa. No final, podemos sentir a necessidade de criar as condições apropriadas para o aspecto espiritual, no qual as partes do diálogo devem ser lembradas da graça de Deus, e os ativistas devem se empenhar nas súplicas para conseguir persuadir o outro lado, pelo exemplo da humildade, da prece e da submissão.

O diálogo de Abraão com seu filho

Ismael (A.S.) foi uma graça de Deus concedida a Abraão (A.S.), por uma prece que dirigiu a seu Senhor, desse modo:

“Ó Senhor meu, agracia-me com um filho que figure entre os virtuosos!” (C.37 – V.100)

Ele viveu ao lado de seu pai, partilhando suas responsabilidades e obrigações, aceitando com ele o pacto com Deus para que erigissem Sua Casa:

“Lembra-vos que estabelecemos a Casa, para o congresso e local de segurança para a humanidade: Adotai a Estância de Abraão por oratório. E estipulamos a Abraão e a Ismael, dizendo-lhes: “Purificai Minha Casa, para os circundantes (da Caaba), os retraídos, os que genuflectem e se prostram”. (C.2 – V.125)

“E quando Abraão e Ismael levantaram os alicerces da Casa, exclamaram: Ó Senhor nosso, aceita-a de nós pois Tu és Oniouvinte, Sapientíssimo. Ó Senhor nosso, permite que nos submetamos a Ti e que surja, da nossa descendência, uma nação submissa à Tua vontade. Ensina-nos os nossos ritos e absolve-nos, pois Tu é o Remissório, o Misericordiosíssimo. Ó Senhor nosso, faze surgir, dentre eles, um Mensageiro, que lhes transmita as Tuas leis e lhes ensine o Livro, e a sabedoria, e os purifique, pois Tu és o Poderoso, o Prudentíssimo”. (C.2 – V.127 a 129)

Portanto, pode-se dizer que Ismael estava ombro a ombro com seu pai em sua divina missão e atividade espiritual, ao ponto em que o seguia de perto em sua vida pública, - um filho fiel e devotado.

Uma provação manifesta

Houve uma provação para testar pai e filho. Eles foram colocados numa situação que abalaria as mais profundas convicções e sentimentos de qualquer ser humano. Abraão (A.S.) teve um sonho no qual ele recebia a ordem de Deus para sacrificar seu filho, Ismael. Para os profetas os sonhos eram um tipo de revelação divina.

Qual foi a reação de Abraão, o profeta e pai ao mesmo tempo? Ele estava enfrentando uma tarefa gigantesca, que desafiava seus sentimentos, com o intuito de dar a seu papel profético uma dimensão ainda mais vasta.

Entraram em conflito os dois papéis, o de pai e de mensageiro? Houve uma luta interna entre as duas personalidades, depois que tivesse experimentado momentos tensos quanto a que lado de sua personalidade ele favoreceria, pai ou profeta? A personalidade de profeta venceu.

“E quando o seu Senhor lhe disse: Submete-te a Mim!, respondeu: Eis que me submeto ao Senhor do Universo!” (C.2 – V.131)

Não havia nada a fazer, senão a submissão total a Deus, em relação a própria pessoa, os filhos e os bens. Portanto, se era a vontade de Deus que ele sacrificasse seu filho, que assim fosse. Isto não era diferente de agir segundo qualquer outra ordem que não comporta nenhuma dimensão emocional.

O pai abordou o filho com a notícia da Ordem Divina e em conversação desejou que seu filho respondesse positivamente.

“E quando chegou à adolescência, seu pai lhe disse: Ó filho meu, sonhei que te oferecia em sacrifício; que opinas? Respondeu-lhe: Ó meu pai, faz o que te foi ordenado! Encontrar-me-ás, se Deus quiser, entre os perseverantes!” (C.37 – V.102)

Qual foi a reação de seu filho? Ele pediu para que se desse tempo para pensar sobre aquilo? Não, foi a mesma reação que o pai demonstrou diante da Ordem Divina. Era a vontade de Deus. *“Assim, vamos recebê-la com toda submissão, paciência e intensa fé”.*

“E quando ambos aceitaram o desígnio (de Deus) e (Abraão) preparava (seu filho) para o sacrifício”. (C.37 – V.103)

Neste ponto a missão terminava, pois já estava resolvido que o sonho/revelação não acarretaria na execução da ordem. O processo todo seria interrompido no momento em que o sacrifício se iniciasse. Portanto, a Ordem Divina chegou a Abraão (A.S.) para que não seguisse em frente:

“Então o chamamos: Ó Abraão, Já realizaste a visão! Em verdade, assim recompensamos os benfeitores. Certamente que esta foi a verdadeira prova. E o resgatamos com outro sacrifício importante. E o fizemos (Abraão) passar para a posteridade. Que a paz esteja com Abraão. Assim, recompensamos os benfeitores”. (C.37 – V.104 a 110)

Submissão incondicional

A importância do curto diálogo que ocorreu entre Abraão e seu filho Ismael está no fato que ele descreve a imagem do perfil emocional com o qual Abraão recebeu a ordem de Seu Senhor, e aquele com que Ismael recebeu a ordem por meio de seu Pai. Ou seja, o pai deveria sacrificar seu filho, o segundo deveria oferecer-se para auxiliar seu pai a cumprir a Ordem Divina.

A moral desta história é que ela retrata a calma da nobre tarefa profética, em que os profetas se submetem a vontade de Deus. É um exemplo impressionante da uniformidade de posição entre o humano-profeta e o humano-fiel em teoria e prática. Isto prova que os profetas não falavam em termos teóricos sobre o sacrifício na senda de Deus, ao contrário, buscavam traduzir a teoria para as situações reais da vida. Qualquer descrição é insuficiente para dar um quadro completo e verdadeiro a respeito deste caso, com exceção do Alcorão, que fez isso com exatidão no versículo seguinte.

Estilos diversos

“Abraão implorava perdão para seu pai, somente devido a uma promessa que lhe havia feito; mas, quando se certificou de que este era o inimigo de Deus, renegou-o. Sabei que Abraão era sentimental, tolerante”.
(C.9 – V.114)

Vale a pena notar que este versículo é indicativo de um estilo de diálogo bilateral, entre Abraão (A.S.) e seu pai. Todavia, o estilo tomava uma direção diferente quando travavam diálogo na presença de outras pessoas. O ritmo se intensificava ou diminuía de acordo com o plano colocado em ação. Aqui, nestes versículos, está um exemplo disso:

“Ao perguntar ao seu pai e ao seu povo: Que significam esses ídolos, aos quais vos devotais? Responderam: Encontramos nossos pais a adorá-los. Disse-lhes (Abraão): Sem dúvida que vós e os vossos pais estais em evidente erro. Inquiriram-no: Trouxeste-nos a verdade, ou tu és um dos

tantos trocistas? Respondeu-lhes: Não! Vosso Senhor é o Senhor dos céus e da terra, os quais criou, e eu sou um dos testemunhadores disso. Por Deus que tenho um plano para os vossos ídolos, logo que tiverdes partido...” (C.21 – V.52 a 57)

Ele se dirigiu ao povo em outro versículo, assim:

“Preferis as falsas divindades, em vez de Deus?” (C.37 – V.86)

O método aqui é resoluto e direto, a intenção principal parecia ser a da reciprocidade, força pela força. Contudo, em outro versículo, é perceptível que o tom foi brando, muito embora firme. Abraão (A.S.) surgiu para fazer uma mudança inteligente e rápida, tencionando mudar a atmosfera do diálogo sobre os ídolos para o ambiente de um cenário onde ele estava em audiência com Deus, em total submissão, apenas para enumerar seus favores para com ele, fazendo lembrar que o destino do homem está nas mãos de Deus. Depois disso, ele se retirou para fazer uma prece especial, invocando a Deus, com humildade absoluta, em resposta a isso. Esta é uma manifestação da crença da experiência espiritual incutida na vida do homem:

“E recita-lhes (ó Mensageiro) a história de Abraão, Quando perguntou ao seu pai e ao seu povo: O que adorais? Responderam-lhe: Adoramos os ídolos, aos quais estamos consagrados. Tornou a perguntar: Acaso vos ouvem quando os invocais? Ou, por outra, podem beneficiar-vos ou prejudicar-vos? Responderam-lhe: Não; porém, assim encontramos a fazer os nossos pais. Disse-lhes: Porém, reparais, acaso, no que adorais, Vós e vossos antepassados? São inimigos para mim, coisa que não acontece com o Senhor do Universo, Que me criou e me ilumina. Que me dá de comer e beber. Que, se eu adoecer, me curará. Que me dará a morte e então me ressuscitará. E que, espero perdoará as minhas faltas, no Dia do Juízo. Ó Senhor meu, concede-me prudência e junta-me aos virtuosos! Concede-me boa reputação na posteridade. Conta-me entre os herdeiros do Jardim do Prazer. Perdoa meu pai, porque foi um dos extraviados. E não me

aviltes, no dia em que (os homens) forem ressuscitados. Dia em que de nada valerão bens ou filhos, Salvo para quem comparecer ante Deus com um coração sincero”. (C.26 – V.69 a 89)

Nós podemos utilizar este estilo de diálogo ao chamar as pessoas com quem temos laços emocionais. Este conciso diálogo alcorânico ilustrou como alguém pode lidar em situações similares com clareza de visão e de propósito. Podemos experimentar a atmosfera deste diálogo e seguir este exemplo em situações reais da vida.

Enquanto vivemos a cena, onde a crença reina suprema, pondo um fim nos sentimentos de preocupação e incerteza, podemos também fazer a conexão entre esta cena, de Abraão (A.S.) e seu filho, com aquela de Noé (A.S.) e seu filho. Aqui, pode-se detectar algumas distinções e diferenças entre os dois profetas, muito embora cada um deles possua uma alta posição perante Seu Senhor:

“Tais são os versículos de Deus que realmente te ditamos, porque és um dos mensageiros”. (C.2 – V.252)

O ensinamento moral definitivo que devemos extrair do experimentar esta cena é aquele que simboliza o mais alto nível de ideais que a educação Islâmica deve formar, ao casar os princípios e os aspectos práticos da vida, em interação total. Isto deve ser feito dessa maneira a fim de que as gerações fiéis sigam os exemplos da história religiosa ativa e pioneira, como também as instruções religiosas, tanto quanto o conjunto de conceitos e ideais sejam considerados como influentes e significativos para a vida dos fiéis, e não meros ideais abstratos.

O diálogo de Abraão com Nimrod

O Profeta Abraão (A.S.) foi contemporâneo de um governante corrupto e despótico. Este era tão arrogante que se considerava um deus, o qual deveria ser adorado além do verdadeiro Deus. Embora o Alcorão não mencione o seu nome, as histórias religiosas dos profetas o chamam de Nimrod. Porém, o nome é de menos ou nenhuma importância, porque a significância

emana apenas das pessoas que deixaram bons exemplos nas posições decisivas e experiências originais que representaram.

Em seu diálogo, Abraão foi claro em sua posição com Nimrod. Ele levantou a questão da divindade e de como isto estava ligado a onipotência, a qual Nimrod, o ditador, não possuía. Discutindo a questão da vida e da morte, Abraão expôs sua visão de que Deus, Seu Senhor, era quem dava a vida e a morte. O tirano aproveitou a oportunidade de jogar com as palavras e retrucou que ele podia fazer as pessoas morrerem ou viverem, já que podia indultar uma pessoa que tinha sido sentenciada a morte, ou executá-la. Ele concluiu que, a este respeito, não era diferente do Deus de Abraão.

Abraão não o deixou aproveitar daquilo que tinha percebido como sendo um triunfo sobre ele, e Abraão lançou um desafio contra Nimrod. Os fenômenos naturais são de autoria de Deus. Assim, ele desafiou-o a mudar o curso do sol em seu nascer e se pôr. Poderia ele fazer o sol nascer do ocidente? Nimrod ficou sem palavras. Deste modo o Alcorão descreve o diálogo entre eles:

“Não reparaste naquele que disputava com Abraão acerca de seu Senhor, por lhe haver Deus concedido o poder? Quando Abraão lhe disse: Meu Senhor é Quem dá a vida e a morte! retrucou: Eu também dou a vida e a morte. Abraão disse: Deus faz sair o sol do Oriente, faze-o tu sair do Ocidente. Então o incrédulo ficou confundido, porque Deus não ilumina os iníquos”. (2:258)

Sabotando o plano do engano

A mensagem que podemos assimilar do diálogo do profeta Abraão com Nimrod é que devemos ser capazes de enfrentar aqueles que tentam falsificar as verdades, quer sejam elas relativas às questões doutrinárias ou as que influenciam os assuntos da vida. Sem duvida, esses grupos visam tapar os olhos das pessoas ingênuas. Assim, ao focarmos o debate em questões que são absolutamente claras podemos contribuir para desmascarar sua tática de extravio e engano.

Ao atingirmos este objetivo, devemos estar familiarizados com os métodos de extravio que visam as pessoas simples. Também devemos estar famili-

arizados com os meios diretos e sinceros que são capazes de enfrentar a astúcia dos enganadores. Esses meios devem ser confiáveis e fortes o suficiente para que não sejam solapados e para que não se possa resistir a eles. Isto, naturalmente, requer dos ativistas manterem-se atualizados com as mudanças de cenário da vida e das leis que a governam e guiam seus passos, em plena consciência, compreensão e abertura intelectual.

A preponderância profética

Discutir o diálogo na história do Profeta Abraão (A.S.) representa apenas um aspecto de sua vida, porque nosso propósito tem sido examinar os personagens que suportaram a responsabilidade de convocar para o caminho de Deus, não fazermos um estudo exaustivo de suas vidas. Porém, conseguimos colher bons resultados com respeito a abordagem de diálogo na senda de Deus e os aspectos dinâmicos do trabalho em sua causa.

Já que concluímos a narrativa sobre Abraão devemos reiterar que sua brilhante fibra moral assumiu um acordo com Deus, no qual ele recordou o sentimento da relação entre o Criador e a criatura, de tal modo que se pode ter esta sensação. Para ele, Deus existia em cada parte de sua vida, enquanto comia ou bebia, estando enfermo ou saudável, nesta existência ou na futura, na vida e na morte. Isto porque ele sentia a necessidade profunda da ajuda de Deus em todas as coisas, principalmente em seu trabalho de comunicar a mensagem Divina que lhe tinha sido confiada, o que necessitava de muito esforço e sacrifícios.

Talvez a força de seu caráter e de seu espírito o fez superar com energia e serenidade interior todas as situações que se colocaram diante dele em sua vida, sem deixar que o medo chegasse a seu coração.

Este é o resultado prático que recebemos da missão de Abraão em vida, o qual devemos empregar no cultivo e na formação dos devotos Islâmicos de modo que eles possam se desencarregar de suas responsabilidades do trabalho Islâmico para a Mensagem e para a vida a partir de um posicionamento de submissão a Deus em palavras e atos.

O Diálogo na História de Moisés

A história de Moisés (A.S.) ocupa mais espaço no Alcorão, tanto que é mencionada em trinta pontos. O significado que tem para o nosso mundo que está constantemente em mudança é que, com sua força de caráter, Moisés iniciou sua vida num período muito turbulento e difícil. Sua sociedade era oprimida e dominada. Desde sua mais tenra infância, ele viveu uma vida que estava muito longe da perfeição. Estas experiências ele viveu para contar. Elas temperaram sua férrea determinação para enfrentar as difíceis situações da vida, uma vida em que tão logo a luta tinha tirado (seu ânimo) ele voltava a procurar consolação em Deus Onipotente.

Uma situação crítica

Antes de receber a revelação, Moisés tinha vivido uma vida difícil, que tinha tido um impacto em seu caráter. Ele tinha experimentado a preocupação e incerteza sobre o poder do Faraó e sua presença opressora sobre os líderes de seu povo. Embora se sentisse um tanto apreensivo quando lhe foi confiada a missão de comunicar a Mensagem Divina ao Faraó, ainda que estivesse apto para a tarefa de propagar a verdadeira crença em Deus, ao desincumbir-se de sua responsabilidade, ele quis atrair para si a força de Deus como também a de seu irmão. Seu perfil mental é apreendido brilhantemente nos seguintes versículos alcorânicos que descrevem seu diálogo com Seu Senhor:

“Vai ao Faraó, porque ele se extraviou. Suplicou-lhes: Ó Senhor meu, dilata-me o peito; Facilita-me a tarefa; E desata o nó de minha língua, Para que compreendam a minha fala. E concede-me um vizir dentre os meus, Meu irmão Aarão, Que poderá me fortalecer. E associa-o à minha missão, Para que Te glorifiquemos intensamente. E para mencionar-Te constantemente. Porque só Tu és o nosso Velador”. (C.20 – V.24 a 35)

Como os versículos sugerem, embora Moisés não tivesse recusado a tarefa, ele não estava certo que seria capaz de cumpri-la à altura do padrão requerido. Ou seja, à comunicação da Mensagem devia ser dada sua devida consideração, já que isso necessitava de consciência das circunstâncias do ambiente, uma previdência no futuro, e acima de tudo, uma pessoa articulada que pudesse apresentar a Mensagem com prudência. Em outro versículo, pode-se ver Moisés alegando perante Deus que haviam coisas que podiam torná-lo inapto para a missão, como o fato de que já havia assassinado um homem:

“Pois me acusam de crime e temo que me matem”. (C.26 – V.14)

Portanto, seus pedidos a Deus foram ditados por suas próprias circunstâncias. Ele pediu a Seu Senhor para:

“Disse-lhe: Teu pedido foi atendido, ó Moisés!” (C.20 – V.36)

No segundo capítulo da história, encontramos Moisés e Aarão lado a lado, quando Aarão foi encarregado da tarefa de auxiliar seu irmão a comunicar a Mensagem. Ambos expressaram seu sentimento quanto a imensa tarefa que tinha sido colocada sobre seus ombros:

“Vai com teu irmão, portando os Meus sinais, e não descures do Meu nome. Ide ambos ao Faraó, porque ele se transgrediu. Porém, falai-lhe afavelmente, a fim de que fique ciente ou tema. Disseram: Ó Senhor nosso, tememos que ele nos imponha um castigo ou que transgrida (a lei)! Deus lhes disse: Não temais, porque estarei convosco; ouvirei e verei (tudo). Ide, pois, a ele, e dissei-lhe: Em verdade, somos os mensageiros do teu Senhor; deixa sair conosco os israelitas e não os atormentes, pois trouxemos-te um sinal do teu Senhor. Que a paz esteja com quem segue a orientação! Foi-nos revelado que o castigo recairá sobre quem nos desmentir e nos desdenhar”. (C.20 – V.42 a 48)

Confiando no poder absoluto

Definindo que a tarefa se fazia evidente, já que o Faraó excedeu seus limites e precipitou sua sorte. Tinha de ser enviado a ele um mensageiro para que lhe comunicasse as palavras de Deus de maneira que fosse trazido de volta a razão com aquilo que podia apelar para seu coração e assustá-lo com a ameaça do uso da força do Todo-Poderoso, que era capaz de destruir seu poder, se fosse necessário.

O desígnio divino foi, primeiro, apelar a seu coração com palavras amáveis e bondosas, na esperança que ele respondesse ao chamado da verdade. A esperança era que ele pudesse ser lembrado das graças e dádivas de Deus sobre ele, e de seu castigo.

Moisés e Aarão (A.S.) foram alertados de que o Faraó poderia transgredir contra eles, já que ele contava com todo o poder material, comparado ao deles, que era insignificante.

Deus disse a eles para que não tivessem medo porque receberiam o Poder do Onipotente, que concede poder aos poderosos, e que Ele tem controle absoluto sobre tal poder e sobre os poderosos. Deus, além disso, assegurou que estava com eles em tudo o que fizessem e falassem. Tudo acontece com seu conhecimento e sob seu olhar. Ele então os instruiu sobre o que diriam.

No início, eles teriam que informar o Faraó da capacidade que possuíam como profetas de Deus, de modo que ficasse ciente da identidade deles e a quem representavam quando discutissem os assuntos com ele. O alvo de sua missão e das ordens era libertar os filhos de Israel, que eram oprimidos, das garras da repressão e da punição. Depois de libertá-los, deveriam receber total liberdade de movimento e serem deixados com Moisés e Aarão para começarem uma nova vida, longe dos excessos e da repressão do Faraó. Então, os dois irmãos se apresentariam ao Faraó com o milagre que provaria a veracidade de sua profecia, advertindo-o da punição de Deus, caso ele preferisse chamá-los de mentirosos e furtar-se das palavras de Deus.

O diálogo entre os dois mensageiros e Deus terminou depois que Ele explicou-lhes as diretrizes de sua missão, para que esta se encaminhasse para sua execução. Em sua capacidade, como os mensageiros de Deus, com um mandato para falar em seu Nome, eles iniciaram o diálogo com o Faraó assim:

“Perguntou (o Faraó): E quem é o vosso Senhor, ó Moisés? Respondeu-lhe: Nosso Senhor foi Quem deu a cada coisa sua natureza; logo a seguir, encaminhou-a com retidão!” (C.20 – V.49 e 50)

Para começar, o Faraó escolheu ignorar qualquer conhecimento sobre o Senhor de Moisés e de Aarão, cuja mensagem comunicavam a ele. Portanto, perguntou-lhes sobre quem era seu Senhor, apenas para dar a impressão, diante de seu povo, que a questão estava relacionada a alguma pessoa desconhecida que poderia estar competindo com ele. A resposta de Moisés veio ao Faraó numa palavra abrangente, pondo o questionador numa situação embaraçosa: a de um ignorante. Como ousava ele perguntar tal coisa quando vivia num mundo magnificente onde todas as coisas, sejam pequenas ou grandes, testemunham a existência de Deus? Ele (Deus) deu a todo ser e entidade no universo todo o presente da existência. E então organizou todas as coisas de maneira que seja útil para a criação, de acordo as perfeitas leis naturais.

Como uma pessoa pode ignorar deliberadamente tudo isso, ou fingir não saber sobre isso, enquanto todas as coisas existentes estão diante dos seus olhos. A presença de Deus está na terra em que caminha, no céu, do qual a chuva cai, transformando a terra estéril numa terra repleta de vida e vegetação. A similitude de tal pessoa que está a fingir ignorância é a de uma que fecha os olhos para a realidade de sua própria existência.

O Faraó passou para outra questão, almejando desviar a atenção da resposta que ele não podia dar, indo para uma questão marginal, que era capaz de acender os sentimentos e criar um clima de animosidade contra a Mensagem e os mensageiros. A questão era a do destino das gerações passadas que não foram crentes. A resposta de Moisés foi que apenas Deus sabia o que eles tinham feito, que tudo estava registrado, e que eles seriam chamados para responder por seus atos no Dia do Juízo.

Moisés então voltou a falar sobre Deus, a criação da terra, a qual ele expandiu, adornando-a com os caminhos que a tornam habitável, e a Sua criação dos céus, os quais nutrem a terra com a água da chuva enviada para beneficiar o homem e os animais. Em seguida, ele fez um relato ao Faraó sobre a jornada da vida humana do berço ao túmulo, para se apresentar diante de Deus.

Este foi um hábil movimento de Moisés (A.S.) para cercar o Faraó, que estava se esquivando de continuar a discutir sobre Deus Todo-Poderoso, com receio de que Moisés influenciasse os que estavam a sua volta, que ouviam atentamente os argumentos e as réplicas dos dois. Nunca antes o Faraó fora desafiado com um chamado ao debate de tal natureza e intensidade.

Este diálogo tem relevância para o nosso trabalho em muitos pontos:

1. A tarefa dos ativistas e as considerações pessoais

Os ativistas não devem dar as costas à tarefa de comunicar a Mensagem Divina. Tem que ser assim, não importando o estado emocional em que estejam. Temor e incerteza não devem ser pretextos para abdicar da responsabilidade. Eles têm que refletir sobre o assunto da mesma maneira que Moisés (A.S.) fez, quando foi chamado pela primeira vez para a missão. O que ele fez foi buscar uma audiência com Deus, em súplica e prece, explicando sua posição de que não estava capacitado para suportar o fardo da Mensagem. Assim, suplicou à Deus para provê-lo com a força espiritual requerida para chegar a um padrão aceitável. Moisés não parou aí. Ele apelou por mais apoio, pedindo que a Mensagem fosse impulsionada ainda mais com uma outra pessoa, que ele tinha certeza que poderia ajudá-lo a levar a cabo sua missão da melhor maneira possível.

Estes versículos alcorânicos nos proporcionarão esta moral: o ativista não deve cair vítima de seu egoísmo, o que pode impedi-lo de buscar ajuda externa para o seu trabalho ou de aceitar a oferta de ajuda de outrem por medo de perder sua independência para cumprir sua obrigação. Ele também pode pensar que, aos olhos dos outros, não tenha competência suficiente para assumir responsabilidades práticas.

A razão disso é que a questão do trabalho ativo na arena do chamado para a senda de Deus não é uma questão pessoal. Mas sim, é uma questão de fé do ativista e de responsabilidade para com ela. Consequentemente, questões de sucesso ou fracasso são de uma natureza pública ao invés de pessoal. Assim, quando ele decide arregaçar as mangas e se lançar à batalha, deve estar preparado para estudar todos os fundamentos que contribuam para tornar a tarefa um sucesso. Esta atitude

de deve prevalecer em tudo, seja em relação às pessoas com as quais ele estiver a cooperar ou nos meios que utilize para atingir os objetivos. Ele deve seguir o exemplo de Moisés quando este suplicou para que Deus permitisse que seu irmão, Aarão, partilhasse da responsabilidade com ele. A posição de Moisés resume o mais alto padrão de sentido de responsabilidade. Ele não teve nenhum receio de pedir por aquilo que beneficiaria o trabalho na causa da propagação da Mensagem, principalmente nas áreas que Moisés se via em necessidade.

É uma grande lição alcorânica para aqueles que, quando trabalhando na senda de Deus, desejem ver este trabalho de uma perspectiva pessoal auto-centrada. Isto impedirá uma pessoa de deixar de unir forças com outras, na tentativa de não dar a impressão de ser dependente.

2. Sentindo a presença de Deus

Deus quer que os ativistas em sua senda sintam sua presença em todas as situações que venham a encontrar. Eles devem sentir sua companhia supervisionando seu trabalho e os de seus adversários. Sentir a presença de Deus é capaz de dar aos ativistas o incentivo requerido para combater qualquer sentimento de fragilidade em situações onde se encontrem face a face com os desafios e exageros de seus adversários. Com esta sensação de segurança com Deus os ativistas não se sentirão sozinhos nem cederão sob a pressão dos adversários.

3. Dois pilares importantes

No âmbito da atividade, os trabalhadores devem advogar a abordagem que fará os corações e mentes responderem ao som das palavras de Deus. Ela os encorajará para que sejam articulados, calmos e concentrados, e lhes dará confiança. Por outro lado, eles devem evitar o uso de uma linguagem complicada ou insensível, muito menos a adoção de uma postura aborrecedora que tende a dar a impressão de indecisão e insegurança, o que por sua vez, pede por uma resposta igualmente insegura. Isto pode ser evitado quando se sabe que a Mensagem Divina se apóia em duas verdades:

a) Os ativistas não devem por qualquer obstáculo entre eles e os outros, sejam eles mentais ou doutrinários, porque isto formará uma barreira contra a compreensão da Mensagem e a eventual conversão. Isto é muito importante, já que não se deve deixar o outro lado com nenhuma desculpa para que não tenham se aproximado da mensagem depois dela ter sido inteiramente explicada para eles. Se escolherem permanecer indiferentes, este será o seu destino:

“...a fim de que perecessem aqueles que, com razão, deveriam sucumbir; e sobrevivessem aqueles que, com razão, deveriam sobreviver; sabeí que Deus é Oniouvinte, Sapiientíssimo”. (C.8 – V.42)

b) Profunda convicção que não importa quão arrogante o homem possa ser e quão distante possa estar de Deus, há ainda a possibilidade que possa ser receptivo à verdade e ao que seja bom. Isto se deve ao intrínseco impulso ao bem dentro de sua psique. Tal natureza inata é capaz de responder a um chamado bondoso ao despertar que o envie a trilhar o mundo espiritual onde a tranqüilidade e a reflexão reinem supremas. Por esta razão, devemos nos dirigir a qualquer pessoa, independente de quanto tenha se desviado da senda reta, com as palavras mais cuidadosas e o mais bondoso dos métodos, na esperança que possa criar as apropriadas condições espirituais para a orientação.

Isto explica a instrução divina a Moisés e Aarão (A.S.) para que falassem com o Faraó num modo terno, na esperança de que as boas palavras chegassem a seu coração. Além disso, alertá-lo de uma eminente punição divina se ele escolhesse continuar no caminho do extravio.

4. Não perder de vista o alvo do diálogo

Os ativistas devem se manter a par de todos os métodos que os adversários possam usar para dirigir o diálogo para longe de seu principal propósito e objetivo. Neste ponto, os movimentos diplomáticos e inteligentes devem entrar em ação para manter o diálogo em seu curso, exatamente como Moisés (A.S.) fez em seu diálogo com o Faraó, como já foi discutido.

Os magos versus o Faraó

Permanecemos na história de Moisés. Agora, é a vez dos magos, que o Faraó mobilizou de todo o seu reino para enfrentar o milagre divino que Moisés tinha prometido demonstrar como uma prova da veracidade de sua profecia. De sua parte o Faraó prometeu recompensar os magos se triunfassem sobre Moisés. Os magos apresentaram sua arte mágica. Moisés lançou seu cajado, o qual se transformou numa serpente, devorando todo o trabalho de encanto que os magos tinham apresentado. Tendo percebido que aquilo que Moisés fez não era de seu poder, mas um milagre de Deus, eles passaram para o seu lado numa conversão sincera e verdadeira. O Faraó estava cheio de ira, já que suspeitava que aquilo que os magos fizeram era uma conspiração que tinham tramado em conivência com Moisés.

Por conseguinte, ele não queria admitir que a conversão dos magos para a causa da fé fosse genuína, isto, naturalmente, é sintomático de todos os tiranos que não podem provar seu argumento com evidências, e que escolhem não compreender a resposta e o apoio popular às forças que se originam do poder do sentimento pela mudança e aspiração em derrubar o jugo da servidão. Ao falharem nisso, os déspotas atribuem a rebelião contra eles a uma trama de seus inimigos.

Numa tentativa de intimidar os magos, o Faraó recorreu à guerra psicológica, ameaçando-os com a punição de amputar seus membros e executá-los, para coagi-los a mudar de idéia. Os magos já tinham resolvido a questão. Eles não iriam mudar de idéia o mínimo que fosse. Sua posição era digna, demonstrando claramente que permaneciam firmes na fé contra as forças da descrença e contra tudo que o tirano pudesse fazer.

Os versículos seguintes narram a história do debate dos magos com o Faraó, e como eles primeiro concordaram em contestar a reivindicação de Moisés em troca da recompensa material prometida do Faraó, e de como no final sua contestação passou a ser uma conversão à causa de Moisés:

“Quando os magos se apresentaram ante o Faraó, disseram: É de se supor que teremos uma recompensa se sairmos vencedores. E lhes respondeu: Sim, e vos contareis entre os mais chegados (a mim). Perguntaram: Ó Moisés, lançarás tu, ou então seremos nós os primeiros a

lançar? Respondeu-lhes: Lançai vós! E quando lançaram (seus cajados), fascinaram os olhos das pessoas, espantando-as, e deram provas de uma magia extraordinária. Então, inspiramos Moisés: Lança o teu cajado! Eis que este devorou tudo quanto haviam simulado. E a verdade prevaleceu, e se esvaneceu tudo o que haviam fingido. (O Faraó e os chefes) foram vencidos, e foram humilhados. E os magos caíram prostrados. Disseram: Cremos no Senhor do Universo, O Senhor de Moisés e de Aarão! O Faraó lhes disse: Credes nele sem que eu vos autorize? Em verdade isto é uma conspiração que planejastes na cidade, para expulsardes dela a população. Logo o sabereis. Juro que vos deceparei as mãos e os pés dos lados opostos e então vos crucificarei a todos. Disseram-lhe: É certo que retornaremos ao nosso Senhor. Vinhas-te de nós só porque cremos nos sinais de nosso Senhor quando nos chegam? Ó Senhor nosso, concede-nos paciência e faze com que morramos muçulmanos!” (C.7 – V.113 a 126)

Um conflito sangrento

O Alcorão coloca-nos numa atmosfera diferente com este diálogo, sobre a qual os primeiros versículos não tocaram:

“Assim os magos se prostraram, dizendo: Cremos no Senhor de Aarão e de Moisés! Disse (o Faraó): Credes n’Ele sem que eu vo-lo permita? Certamente ele é o vosso líder e vos ensinou a magia. Juro que vos amputarei a mão e o pé de lados opostos e vos crucificarei em troncos de tamareiras; assim, sabereis quem é mais severo e mais persistente no castigo. Disseram-lhe: Por Quem nos criou, jamais te preferiremos às evidências que nos chegaram! Faze o que te aprouver, tu somente podes condenar-nos nesta vida terrena. Nós cremos em nosso Senhor, Que talvez perdoe os nossos pecados, bem como a magia que nos obrigastes a fazer, porque Deus é preferível e mais persistente. E quem comparecer como pecador, ante seu Senhor, merecerá o inferno, onde não poderá morrer nem viver. E aqueles que comparecerem ante Ele, sendo fiéis e

tendo praticado o bem, obterão as mais elevadas dignidades; Jardins do Éden, abaixo dos quais correm rios, onde morarão eternamente. Tal será a retribuição de quem se purifica". (C.20 – V.70 a 76)

O Faraó não queria que eles abraçassem o que Moisés trazia sem sua permissão, como se o processo de aceitação da fé exigisse seu consentimento, como se tratasse do caso de qualquer outra atividade da vida.

Esta é a verdade de todos os tiranos em todos os tempos e lugares. Eles sempre querem dominar o povo até mesmo no modo como este pensa, porque não querem que o povo reflita sobre nada mais, apenas regurgite o que recebe deles. Não querem que as pessoas acreditem em coisa alguma exceto o que desejam que sigam. Pensar é proibido, e crer no Divino é vedado, exceto com o selo de aprovação das autoridades, que parece ter controle sobre os corpos e as mentes do povo.

Numa tentativa de suavizar o choque e o embaraço que sofreu, pois o que aconteceu constituiu uma nódoa em seu governo, principalmente o fato de que os rebeldes estavam entre seu círculo de seguidores próximos; o Faraó tentou diminuir o significado da conversão dos magos. Tentou descrever a situação como se a conversão deles não fosse um desafio real contra sua autoridade, ao contrário, era uma conspiração entre eles e Moisés (A.S.), de acordo com as palavras do Faraó, Moisés era o mestre que lhes havia ensinado a arte do encantamento. Assim, tomaram partido em apoio a seu mestre para aclamá-lo vencedor sobre o Faraó.

A ameaça do Faraó aos magos não teve resultado em fazê-los reconsiderar sua posição. Não se renderiam aos gritos irritados do Faraó, dizendo diretamente a ele: nós não lhe daremos preferência sobre a evidência da verdade que vimos, aconteça o que acontecer. Faça conosco o que quer que você queira. Se decidir nos matar, isso não nos aborrece nem um pouco, pois alcançaremos o martírio na senda de Deus, por apoiarmos Sua Palavra. E você, porém, não é senão um mortal, e não pode nem proteger a si mesmo, nem qualquer outra pessoa. Ao contrário, Deus é Maior e Ele é a única garantia, porque é o Possuidor de todas as coisas, incluindo você. Assim, dele é a melhor recompensa sobre todas as coisas neste mundo.

Esta foi uma grande posição de firmeza na crença frente à adversidade. É um exemplo de impasse entre as forças da descrença e da tirania por um lado e as forças da verdade e da fé no outro.

Nesta situação sentimos uma grande necessidade de refletir sobre uma posição contra os tiranos e suas ameaças. Eles estão tentando sufocar o pensamento Islâmico, que não querem que as pessoas considerem como uma fonte de inspiração, exceto até o ponto que determinem conveniente, isto é, onde sirva a seus interesses. O que querem é que seja uma agradável fachada por trás da qual as práticas malignas e depravadas possam ser ocultadas.

Estes grandes exemplos da história das missões proféticas apresentam este slogan alcorânico na prática:

“Tudo quanto vos foi concedido (até agora) é o efêmero gozo da vida terrena; no entanto, o que está junto a Deus é preferível e mais perdurável, para os fiéis que se encomendam a seu Senhor”. (C.42 – V.36)

O diálogo de Moisés com seu povo

O Alcorão relatou muitos exemplos em que Moisés (A.S.) conduziu o diálogo sobre uma variedade de questões com seu povo. Em essência, a maioria entre seu povo demonstrou falta de disciplina e compreensão da Mensagem. Em certas situações, seu papel foi similar ao de uma pessoa intrometida que levanta questões indefinidamente, e sem nenhum propósito aparente. Tivessem eles se submetido às injunções divinas não teriam terminado por ter de fazer mais do que originalmente era requerido deles. Referindo-se a história da vaca (Surata Al Baqara), o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) foi citado como tendo dito:

“Se os israelitas tivessem pego e sacrificado qualquer vaca segundo a ordem de Deus, Deus teria aceito sua oferenda. Mas, eles foram tão teimosos em suas exigências, que Deus foi severo com eles”.

Eis como o Alcorão descreveu a história da ordem de Deus a eles para que sacrificassem uma vaca:

“E de quando Moisés disse ao seu povo: Deus vos ordena sacrificar uma vaca. Disseram: Zombas, acaso, de nós? Respondeu: Guar-

da-me Deus de contar-me entre os insipientes! Disseram: Roga ao teu Senhor para que nos indique como ela deve ser. Explicou-lhes: Ele afirma que há de ser uma vaca que não seja nem velha, nem nova, de meia-idade. Fazei, pois, o que vos é ordenado. Disseram: Roga ao teu Senhor, para que nos indique a cor dela. Tornou a explicar: Ele diz que tem de ser uma vaca de cor jalne que agrade os observadores. Disseram: Roga ao teu Senhor para que nos indique como deve ser, uma vez que todo bovino nos parece igual e, se a Deus aprouver, seremos guiados. Disse-lhes: Ele diz que tem de ser uma vaca mansa, não treinada para labor da terra ou para rega dos campos; sem defeitos, sem manchas. Disseram: Agora falaste a verdade. E a sacrificaram, ainda que pouco faltasse para que não o fizessem”. (C.2 – V.67 a 71)

Eles receberam a ordem de sacrificar uma novilha. No começo, não levaram o assunto a sério. Pensaram, ou fingiram pensar, que era uma piada. Eles não pareciam dar muita importância ou reverência à posição do Profeta (A.S.). Aparentemente não faziam nenhuma conexão entre o que eles perguntavam, da discussão e a procura do assassino por um lado, e a ordem de sacrificar a vaca, do outro. Uma vez que perceberam que isso era sério, passaram a tratar o assunto como um jogo, como se pode deduzir do modo como eles faziam perguntas.

Moisés (A.S.) lidou com a situação calmamente e com energia. A cada pergunta que faziam, a resposta vinha com limitações, tanto assim que terminaram com um custo maior do que o esperado.

Nós temos que considerar esta abordagem como uma ferramenta educacional prática que tencionava bater a porta na face do povo de Moisés, que tomava as injunções divinas de modo desrespeitoso, tratando as questões em seus detalhes, tanto assim que sentia que isso era corriqueiro. Eles receberam uma lição de que indevida especulação, seja ela séria ou por zombaria, resulta em punição, principalmente quando isso se origina do ato de brincar ou abusar da autoridade, onde não há lugar para humor, quando todas as linhas de responsabilidade e diretrizes estejam claramente definidas, por isso, não é objeto de irrisão.

Pedindo esclarecimentos onde a ambigüidade surge

A moral que extraímos desta situação e diálogo é que os ativistas muçulmanos devem receber as instruções, tão simples e claras tal como tenham sido delineadas, sem que se vincule a elas estipulações ou limites extras. Se a ordem for emitida sem limitações, então que seja assim. Se houver falta de clareza ou indefinição das linhas de orientação, a pessoa no comando arcará com a responsabilidade de qualquer ação errada. Os ativistas não devem ser considerados responsáveis por algo que não tenha sido esclarecido de início, de acordo com o princípio racional que diz que “a punição é repugnante quando nenhuma clara exposição tenha sido dada”.

Não há nenhuma objeção às tentativas dos ativistas de buscar esclarecimento para aquilo que tenham entendido de modo confuso, ou o que possa ser interpretado de mais de uma maneira, a fim de se definir claramente os marcos de responsabilidade do começo ao fim. Isto deve ser visto como parte de um senso de lealdade e responsabilidade, para que os ativistas não se percam num labirinto de múltiplas interpretações e probabilidades. Isto, naturalmente está limitado às ambigüidades das questões, que possam deixar uma pessoa lutando com a incerteza e a dúvida, e que por sua vez constituem responsabilidade legal.

A história que segue, relatada do Profeta (S.A.A.S.), deve lançar alguma luz sobre o que acaba de ser mencionado. Ele dirigiu-se a seus companheiros assim:

“Deus ordenou a vós cumprir o Hajj. Ukasha Bin Muhsin (ou como dizem) Suraka Bin Malik levantou-se e perguntou: Todo ano, ó Mensageiro de Deus? O profeta preferiu ignorá-lo, até que ele repetiu a pergunta duas ou três vezes, então o Profeta gritou com ele: Ai de ti! Que garantia tu terias se eu dissesse: Sim. Por Deus, se eu dissesse isso, teria se tornado compulsório, e se fosse, tu não poderias suportá-lo. E se tu abandonasses tal obrigação, terias renegado. Omita aquilo que eu tenha omitido. Aqueles que vieram antes de ti foram amaldiçoados eternamente porque costumavam perguntar em demasia e atacar seus profetas. Assim, se eu ordenar a ti que faças algo, fazei tudo o que te seja possível, quando eu te proibir algo, afasta-te daquilo que eu tenha declarado proibido”.

Neste hadith pode haver uma referência a posição dos israelitas em relação a questão do sacrifício da vaca. Pode ser também uma ordem aos muçulmanos para que aceitem as ordens e as proibições sem questionamento indevido, para que não se tornem mais resistentes a elas. O povo de Moisés o desafiou em outras situações, as quais serviram como indicação de sua arrogância, ignorância e mentalidade infantil, estes versículos mencionam uma outra história e debate entre eles:

“Fizemos os israelitas atravessar o mar, e eis que encontrando (depois) um povo devotado a alguns de seus ídolos, disseram: Ó Moisés, faze-nos um deus como os seus deuses! Respondeu-lhes: Sois um povo de insipientes! Porque em verdade, tudo quanto eles adorarem aniquilá-los-á, e em vão será tudo quanto fizerem. Disse: Como poderia apresentar-nos outra divindade além de Deus, uma vez que vos preferiu aos vossos contemporâneos?” (C.7 – V.138 a 140)

Faz sentido este pedido, vindo de um povo que Moisés tinha acabado de tirar das mandíbulas da repressão do faraó? Seriam aqueles os blocos do edifício que Moisés tinha esperança de erigir para propagar a palavra de Deus e libertar a sociedade inteira? Como é sabido, o esforço de Moisés não era motivado por considerações pessoais ou nacionalistas. Surgiu como resultado da execução de sua missão profética, que tinha encontrado nas massas uma boa força para promover e provocar a mudança, e construir uma nova vida. Ele também encontrou nos filhos de Israel um grupo de pessoas que estavam muito próximas das questões da fé, já que formavam a força de oposição ao Faraó e a toda corrupção e má ação que ele apoiava.

Desta maneira que o dilema de Moisés com seu povo deve ser interpretado. Ele estava desapontado com eles. Eles o decepcionaram depois da luta feroz que empreendeu contra o Faraó e as difíceis situações que atravessou para nada menos do que escoltá-los em segurança, milagrosamente, para o outro lado do mar. Assim, que tipo de pedido era aquele? Onde isto deixava o monoteísmo e o Senhor de Moisés, cuja unicidade foi a causa de toda a sublevação que tinha acontecido? Não foram os milagres que tinham testemunhado suficientes para reforçar sua fé, como os magos fizeram quando desafiaram o

Faraó, abraçando a crença e hasteando bem alto sua bandeira?

Contudo, Moisés (A.S.) não perdeu sua paciência, porque a magnitude de sua missão não deixava lugar para que cedesse a qualquer um de seus sentimentos pessoais. Portanto, sua resposta foi constituída de aspectos distintos: enquanto ele rejeitou completamente os idólatras como um bando de desviados, que certamente enfrentariam a aniquilação e a condenação eterna, ele alertou seu povo de um castigo severo. E ainda lembrou a eles os favores de Deus, que não fez menos do que libertá-los das garras da repressão para a luz da liberdade e da segurança. Ele deixou claro para eles que a divindade não era uma questão que permitia que o homem exercesse desejos ou escolhas, como a de aderir a este deus ou aquele. A divindade é a verdade que permeia a mente e a alma humana, e ilumina o seu caminho.

Mentalidade imatura

Este tipo de mentalidade imatura pode ser encontrada em algumas comunidades Islâmicas, ainda que numa situação diferente. Algumas pessoas, entre os governantes ou outros, podem encontrar uma nova “mania” a ser colocada em destaque pelas forças da descrença e do extravio. Isso pode surgir na forma de uma tendência social ou de uma ideologia propagada pelo oriente ou pelo ocidente. Como são novidades, algumas pessoas podem ser seduzidas pelo brilho dessas tendências, e assim desejem imitá-las, não por uma razão sensata, mas sim por apenas vontade de “andar na carruagem”. Isto pode levá-las a cometer erros, senão a extravios da senda reta, em sua vida pessoal ou social. Para qualquer pessoa, seguir esta ou aquela tendência é uma receita para o desastre, já que se transforma em cobaia para uma miríade de idéias facciosas. Como conseqüência, perde seu caráter e se desencaminha.

Isto pode ser visto claramente no modo como algumas sociedades Islâmicas tentam controlar a vida das pessoas. Podem-se encontrar tais comunidades onde, enquanto pensam sobre as linhas ideológicas Islâmicas, suas práticas sociais contrariam as mesmas linhas ideológicas, isto é verdadeiro tanto na atividade econômica como na política. Estas práticas espelham até certo ponto a mentalidade dos israelitas que pediram a Moisés (A.S.) que

inventasse para eles deuses e normas de vida nos mesmos moldes dos que outros tinham, como já foi mencionado em versículos anteriores.

Todavia, o princípio essencial da verdadeira Mensagem Divina predomina no final. Ou seja, como Moisés provou o erro de seu povo, assim será desta vez, pois a raiz do problema é a mesma, embora exteriormente possa parecer diferente. Em outras palavras, a verdade é única e constante e, portanto, não deve estar sujeita a escolhas pessoais. Ao contrário, ela é governada por fatores determinantes realistas e objetivos, que decidem se perdurará ou se irá desaparecer.

Eis um outro debate decisivo entre Moisés e seu povo, o qual denota a mentalidade pueril do segundo, eles rejeitaram a fé porque não viam Deus:

“E de quando dissestes: Ó Moisés, não creemos em ti até que vejamos Deus claramente! E a centelha vos fulminou, enquanto olháveis. Então, vos ressuscitamos, após a vossa morte, para que assim, talvez, Nos agradecêsseis”. (C.2 – V.55 e 56)

O que é aparente nestes versículos e em outros é que esta questão foi matéria de debate entre Moisés e seu povo, o que não levou a lugar algum, já que ele não pôde fazê-los ceder e retornar da arrogância e do desvio para a senda reta. Não teve alternativa senão voltar-se a Deus em prece para que Ele concordasse com o pedido deles para que o vissem. Seu povo, ou alguns de seus representantes, que Moisés selecionou para acompanhá-lo em seu encontro com Deus, podem ter testemunhado Moisés implorando a Deus. Ali, diante de Deus, Moisés se levantou, pedindo a Ele, numa maneira direta, que satisfizesse o desejo deles. Seu plano era colocá-los no meio da experiência, o que seria um choque profundo para eles. Isto é, não era possível ver a Deus, pela simples razão de que ninguém pode suportar a luz que Ele emana, ou qualquer outra manifestação de seu poder. O Alcorão aludiu a isto como a “manifestação da glória”, o que não significa sua aparência física, porque isto é impossível já que Ele não é corpóreo:

“E quando Moisés chegou ao lugar que lhe foi designado, o seu Senhor lhe falou, orou assim: ó Senhor meu, permite-me que Te contemple! Respondeu-lhe: Nunca poderás ver-Me! Porém, olha o monte e, se ele per-

manecer em seu lugar, então Me verás! Porém, quando a majestade do seu Senhor resplandeceu sobre o Monte, este se reduziu a pé e Moisés caiu esvanecido. E quando voltou a si, disse: Glorificado sejas! Volto a Ti contrito, e sou o primeiro dos fiéis!” (C.7 – V.143)

O autor de Majma al-Bayan (um comentário alcorânico) advoga esta opinião, a qual relaciona à escola sunita, que diz que quando seu povo foi tomado pelo medo, Moisés (A.S.) voltou-se para Deus e disse: “*Tu nos punirá por algo que apenas os insolentes dentre nós fizeram?*”. Isto indica o fato que pedir para ver Deus em pessoa não era sua idéia, já que ele atribuía isso aos insolentes dentre seu povo. Isto foi uma maneira de continuar o diálogo com eles partindo de um ângulo diferente, depois que ele não tinha conseguido convencê-los a ver sentido de um modo direto.

Esta é a opinião que partilhamos com base no que inferimos do significado esotérico dos versículos alcorânicos e de algumas tradições. Isto, naturalmente, é contrário à interpretação de muitos exegetas que não discerniram de modo apropriado sobre o significado exterior dos versículos, resultando num descompasso entre sua interpretação e o que os versículos denotam.

Isto a parte, o que estamos tentando frisar aqui é a abordagem que Moisés usou em seu diálogo com o povo quando eles se comportaram como crianças e exigiram ver claramente a Deus. Já que o pedido deles não fazia sentido de um ponto de vista religioso e ideológico, principalmente quando se supunha que estavam familiarizados com o monoteísmo, ele não teve escolha senão usar uma abordagem prática, fazendo-os experimentar imediatamente a resposta de seu pedido, um tremor que os sacudiu até os ossos e deixou-os sem chance de dizer nada mais ou permanecerem em rebelião.

Por isso encontramos Moisés (A.S.) invocando a Deus para que o perdoasse por aquele pedido, já que era um pedido que exigia que os que o tinham cometido pedissem perdão, para que pudessem retornar ao âmbito da fé. Este foi o modo de Moisés sugerir a seu povo que adotasse a mesma atitude, sendo os verdadeiros culpados por trás daquele detestável exigência.

O Alcorão conta-nos um outro incidente envolvendo a conduta dos israelitas durante a ausência de Moisés, quando foi encontrar seu Senhor. Eles adotaram a adoração de um ídolo moldado à imagem de um bezerro, e se

rebelaram contra seu irmão, Aarão. Esta foi uma outra mancha em seu registro de transgressões, Moisés teve de se engajar em diálogo com eles sobre isso, e eles não puderam defender sua atitude racionalmente:

“O povo de Moisés, em sua ausência, fez, com suas próprias jóias, a imagem de um bezerro, que emitia mugidos. Não repararam em que não podia falar-lhes, nem encaminhá-los por senda alguma? Apesar disso o adoraram e se tornaram iníquos. Mas, quando se aperceberam de que estavam desviados, disseram: Se nosso Senhor não se apiedar de nós e não nos perdoar, contar-nos-emos entre os desventurados. Quando Moisés voltou ao seu povo, colérico e indignado, disse-lhes: Que abominável é isso que fizestes na minha ausência! Quisestes apressar a decisão do vosso Senhor? Arrojou as tábuas e, puxando pelo cabelo seu irmão, arrastou-o até si, e Aarão disse: Ó filho de minha mãe, o povo me julgou débil e por pouco não me matou. Não faças com que os inimigos de regozijem da minha desdita, e não me contes entre os iníquos!” (C.7 – V.148 a 150)

Como está evidente, eles haviam fracassado. Sua atitude se assemelhava a de uma criança que tendo suas mãos queimadas depois de brincar com fogo percebe seu erro tarde demais. Podemos entender na confrontação de Moisés com seu irmão que aquele povo não tratou Aarão da forma como tratava a seu irmão, a despeito do fato de serem iguais. Contudo, Aarão não pôde dissuadi-los das ações vis que estavam cometendo.

Em outra confrontação entre Moisés e seu povo ele pleiteou que enfrentassem as forças tirânicas de modo que pudessem entrar na Terra Sagrada sob seu domínio. Eles recusaram sua solicitação de modo aparentemente rude:

“E a trombeta soará. Eis aí o dia da advertência. E cada alma comparecerá, acompanhada de um anjo, como guia, e outro, como testemunha. (Ser-lhe-á dito): Estavas descuidado a respeito disto; porém, agora removemos o teu véu; tua vista será penetrante, nesse dia. E seu acompanhante dirá: Aí está (o registro dos teus atos) completo comigo. (Depois da sentença será dito aos anjos da guarda): Precipitai no inferno todo o incrédulo obstinado, Que obstruirá o bem, era profanador, dubitável”. (C.5 – V.20 a 25)

Moisés recorre a Deus

Os israelitas estavam se recusando a responder positivamente ao chamado de Moisés para que empreendessem Jihad, preferindo relaxar em segurança, deixando Moisés sozinho no campo de batalha, numa situação similar a de quando os soldados de um comandante desertam no meio da luta. Esta foi uma indicação de que eles não atingiram o nível de fé que Moisés tinha desejado que atingissem, especialmente depois de todos os esforços que fez para resgatá-los das garras do Faraó e de sua repressão. Contra este cenário, Moisés não tinha outra alternativa senão recorrer a Deus com uma súplica final, pois ele tinha exaurido todos os meios possíveis para colocar o seu povo no caminho certo.

Parece que Moisés não foi diferente de outros profetas que tiveram que lutar em duas frentes, a dos adversários e a dos seus próprios seguidores. Depois que tinham sentido que não havia nada mais a fazer, eles recorreram a Deus para que testemunhasse que tinham feito o melhor, pedindo a Ele que perpetuasse o cisma entre eles e o povo corrupto.

Esta é a lição prática que os ativistas na senda de Deus devem aprender. Quando enfrentarem a rebelião e o desapontamento. Devem sentir-se contentes com o que conseguiram, jamais se entristecerem, e ficarem satisfeitos com o esforço que empenharam para se desincumbirem de sua responsabilidade. Eles devem estar em paz porque cumpriram a vontade de Deus ao comunicarem a Mensagem. Sua submissão final deve ser diante de Deus para apresentarem seu último relatório, traçando o esforço que fizeram e os problemas que enfrentaram. Assim, sua missão deve chegar ao fim ou pode haver outra missão para ser cumprida em outro lugar.

O diálogo de Moisés com o bom homem

No último capítulo da história de Moisés, nos detemos em seu diálogo com um bom homem que ele encontrou. Este é um conto ímpar, no qual Deus desejou que Moisés fosse exposto a uma experiência completamente nova, que os profetas encarregados de missões devem lidar quando confrontados com circunstâncias imprevistas.

Em resumo, a história conclui que por trás daquilo que os olhos podem perceber e a mente deduzir, existem questões ocultas. Questões fora das coisas visíveis que podem mudar o quadro todo e conseqüentemente a conclusão, ou seja, elas podem mudar isso para algo diametralmente oposto a conclusão inicial que a pessoa tenha alcançado.

Deus desejou que Moisés passasse por este treinamento “em ação” com um dos seus servos menos famosos. Deus lhe concedeu sabedoria e lhe comunicou seus conhecimentos. O significado desta experiência foi que teve uma influência direta sobre a perspicácia legislativa de Moisés, em sua capacidade como profeta. Isto é, quando ao emitir suas decisões sobre certas questões, ele deveria ter em mente que nem todas as coisas podem ser julgadas por sua aparência exterior, pois uma vez que o lado desconhecido era revelado, o resultado seria diferente. Este princípio é comum àquele que é aplicável a julgamentos de natureza pública, e àqueles pertinentes em casos especiais:

“Moisés disse ao seu ajudante: Não descansarei até alcançar a confluência dos dois mares, ainda que para isso tenha de andar anos e anos. Mas quando ambos se aproximaram da confluência dos dois mares, haviam esquecido o seu peixe, o qual seguira, serpeando, seu rumo até ao mar. E quando a alcançaram, Moisés disse ao seu servo: Providencia nosso alimento, pois sofremos fadigas durante a nossa viagem. Respondeu-lhe: Lembras-te de quando nos refugiamos junto à rocha? Eu me esqueci do peixe – e ninguém, senão Satã, me fez esquecer de me recordar! – Creio que ele tomou milagrosamente o rumo do mar. Disse-lhe: Eis o que procurávamos! E voltaram pelo mesmo caminho. E encontraram-se com um dos Nossos servos, que havíamos agraciado com a Nossa misericórdia e iluminado com a Nossa ciência. E Moisés lhe disse: Posso seguir-te, para que me ensines a verdade que te foi revelada? Respondeu-lhe: Tu não serias capaz de ser paciente para estares comigo. Como poderias ser paciente em relação ao que não compreendes? Moisés disse: Se Deus quiser, achar-me-á paciente e não desobedecerei às tuas ordens. Respondeu-lhe: Então segue-me e não me perguntes nada, até que eu te faça menção disso. Então, ambos se puseram a andar, até embarcarem em um barco, que o desconhecido perfurou. Moisés lhe disse: perfuraste-o para afogar seus

ocupantes? Sem dúvida que cometeste um ato insólito! Retrucou-lhe: Não te disse que és demasiado impaciente para estares comigo? Disse-lhe: Desculpa-me por me ter esquecido, mas não me imponhas uma condição demasiado difícil. E ambos se puseram a andar, até que encontraram um jovem, o qual (o companheiro de Moisés) matou. Disse-lhe então Moisés: Acabas de matar um inocente, sem que tenha causado morte a ninguém! Eis que cometeste uma ação inusitada. Retrucou-lhe: Não te disse que não poderás ser paciente comigo? Moisés lhe disse: Se da próxima vez voltar a perguntar algo, então não permitas que te acompanhe, e me desculpa. E ambos se puseram a andar, até que chegaram a uma cidade, onde pediram pousada aos seus moradores, os quais se negaram a hospedá-los. Nela, acharam um muro que estava a ponto de desmoronar e o desconhecido o restaurou. Moisés lhe disse então: Se quisesse, poderia exigir, recompensa por isso. Disse-lhe: Aqui nós nos separamos; porém, antes, inteirar-te-ei da interpretação, porque tu és demasiado impaciente para isso: Quanto ao barco, pertencia aos pobres pescadores do mar e achamos por bem avariá-lo, porque atrás dele vinha um rei que se apossava, pela força, de todas as embarcações. Quanto ao jovem, seus pais eram fiéis e temíamos que os induzisse à transgressão e à incredulidade. Quisemos que o seu Senhor os agraciasse, em troca, com outro puro e mais afetuoso. E quanto ao muro, pertencia a dois jovens órfãos da cidade, debaixo do qual havia um tesouro seu. Seu pai era virtuoso e teu Senhor tencionou que alcançassem a puberdade, para que pudessem tirar o seu tesouro. Isso é do beneplácito de teu Senhor. Não o fiz por minha própria vontade. Eis a explicação daquilo em relação ao qual não foste paciente”.
(C.18 – V.60 a 82)

Nós não queremos expandir esta história no modo que os escritores das histórias proféticas faziam, já que suprimimos aqui a tentativa de saber o nome da pessoa a quem Moisés acompanhou em seu aprendizado. Foi Al-Khidr ou outra pessoa? Onde foi o lugar que o peixe voltou para a água, depois que tinha sido grelhado, como se afirma? Nada disso nos interessa já que estamos tratando do assunto do diálogo no Alcorão. O que consideramos interessante nesta história é o seguinte:

1. Sublimes valores éticos

Isto pode ser demonstrado pela humildade demonstrada ao conhecimento dos sábios, não importando as posições na hierarquia social ou religiosa que o professor e o estudante possam estar ocupando. A ética divina pode ser encontrada nas palavras gentis de Moisés dirigidas ao bom homem no humilde pedido que fez a ele:

“E Moisés lhe disse: Posso seguir-te, para que me ensines a verdade que te foi revelada?” (C.18 – V.66)

2. A abordagem direta

O que se destaca na história é a abordagem prática e direta que o professor utilizou com seu aprendiz. Está claro que a abordagem era livre de qualquer lisonjeio e malícia que pudesse ser ditada pelas estruturas sociais, como é o caso de hoje em dia. Modos desviados estão em voga, apenas para impressionar a outros e transformá-los em números na lista de seguidores, numa tentativa de vincular pompa e cobrir com uma aura a posição de professor, sem consideração se há ou não benefício a ser colhido de seu conhecimento, ou se os estudantes estão à altura de aprender algo substancial de seu professor.

Aquele bom homem era diferente dos outros na extensão de seu verdadeiro conhecimento da realidade. Muito embora partilhasse com os demais o conhecimento do lado visível dos assuntos, diferentemente deles, possuía uma percepção interna do lado invisível, quando em muitos casos a aparência externa contradiz a verdade. Portanto, os outros ou rejeitavam seu modo de fazer as coisas ou não podiam tolerá-lo. Como resultado, permanecer em sua companhia não compensava, ou ao menos assim parecia. Ficar com ele aparentemente gerava mais controvérsias, o que não servia ao interesse de ninguém, nem beneficiava a verdade.

Tendo isso em conta, e para começar, o bom homem deixou claro que Moisés acharia a maior parte do que ele estava fazendo inadmissível, por uma simples razão: o homem não pode entender aquilo que ele não conhece. Assim, Moisés prometeu a ele paciência e total obediência. A condição do bom homem era que Moisés não deveria perguntar sobre coisa alguma, a menos que ele dissesse para fazê-lo, não importando quão estranho isso pudesse parecer. Foi por isso que o relacionamento deles era baseado no companheirismo, na busca do conhecimento sob a égide de uma estrutura de disciplina e realismo.

3. Disciplina exemplar

As ações do bom homem estavam testando a paciência de Moisés, ao menos por acreditar que fossem ilícitas, principalmente os incidentes do assassinato do rapaz e do afundamento do barco. O primeiro incidente, assassinar o rapaz sem uma razão aparente, representava um crime contra a alma humana. O segundo incidente constituiu um crime contra a propriedade alheia, pondo outros em perigo, e negligenciando o princípio de usar a energia em proteger-se da fome, especialmente daqueles que não apoiavam ideais na vida pública.

Assim, as reclamações de Moisés foram constantes até o último incidente, o qual foi precedido por seu compromisso em mostrar paciência e a palavra dada ao homem de liberdade para separar-se dele se preferisse permanecer inquisitivo e impaciente. Esta foi a maneira que o caso ocorreu, a paciência de Moisés acabou. Depois que o bom homem ficou firme em sua palavra de se separar de Moisés, ele explicou todas as ações que tinha realizado para as quais Moisés demonstrou objeção, já que Deus decretou todas elas e ele era o instrumento na sua execução.

Porém, este estudo não está preocupado com uma avaliação crítica dessas ações, se foram em concordância com as diretrizes gerais da *Shariah*, ou casos especiais governados por suas próprias circunstâncias. Tudo o que estamos buscando é fazer uso do diálogo que experimentamos ao fazer referência aos dois pontos destacados que tem influência sobre o trabalho dos ativistas na senda de Deus.

Os ativistas devem viver e respirar disciplina, paciência e quietude enquanto estão tratando de cumprir seus deveres na vida pública, contanto que os grupos que representam ou colaboram estejam ao nível de confiança total, ideológica, religiosa e prática. Não devem se apressar a fazer objeção às ordens dadas a eles, demonstrando descontentamento com quaisquer ações que possam contrariar aquilo que eles conheçam. Este tipo de reação pode afetar de modo adverso o trabalho e resultar em indisciplina entre as fileiras dos ativistas.

Os ativistas podem falar com franqueza quando o tempo e as circunstâncias são apropriados.

Os fiéis devem aceitar com paciência e submissão às divinas instruções comunicadas a eles, ao que podem não estar acostumados. Isto porque Deus sabe melhor o que é bom e o que é mal. Se eles têm quaisquer pensamentos hesitantes, podem examiná-los criticamente, e então podem explorar as razões essenciais por trás das instruções, nos casos em que poderão alcançar suas próprias conclusões.

Lot e seu Povo

Ato sexual não-natural

Eis aqui outro profeta que foram enviados por Deus para uma comunidade em particular com uma missão específica. O principal objetivo da nobre tarefa de Lot estava dirigido à sodomia, que era predominante naquela comunidade. Ela ameaçava a conduta normal que Deus desejava para que a humanidade seguisse em seu comer, beber e todas as outras necessidades, inclusive o prazer sexual. O prazer não é uma questão subjetiva, na medida que se realize em conjunto com a necessidade de reprodução e preservação da raça humana. Se o impulso sexual leva à perversão, o que pode se originar de um complexo psicológico, desvirtuará este desejo de uma necessidade natural para algo que seja pertinente a apenas proporcionar prazer pessoal. Portanto, toda a preocupação humana estará confinada a conseguir prazer numa variedade de meios depravados. Isto se assemelha a transformar o homem num escravo de seus próprios desejos, o que pode ser motivado por uma imaginação perversa.

Esta é a razão pela qual quase todas as religiões fizeram do homossexualismo um ato proibido, porque (esta proibição) se coaduna com o caminho natural que querem que o homem trilhe, satisfazendo suas necessidades naturais de um modo normal.

O Alcorão deu a este assunto a importância merecida, onde a história de Lot foi mencionada em onze capítulos, reiterando que a sodomia é uma prática repugnante porque representa o afastamento da satisfação das necessidades sexuais no modo que Deus pré-ordenou. Isto foi descrito como uma ação vil, má, monstruosa e reprovável. Lot foi enviado ao povo que inventou essa “moda”. Isto está evidente nas palavras de Deus:

“E (enviamos) Lot, que disse ao seu povo: Cometeis abominação como ninguém no mundo jamais cometeu antes de vós”. (C.7 – V.80)

Deus não enviaria um emissário especial para se dirigir a um problema particular, a menos que isso fosse uma ameaça à vida ética e social. Como le-

mos na história alcorânica, com todo o amargo diálogo que ela demonstra, os esforços de Lot tornaram-se evidentes, já que ele tentou, por todos os meios, fazer seu povo desistir do comportamento lascivo que punham em prática, uma prática que tinha um forte domínio sobre a comunidade inteira. O povo de Lot não apenas demonstrou intransigência, eles se excederam ainda mais em sua transgressão atacando seus hóspedes dentro de sua casa. Se aproveitaram da perceptível fraca posição de Lot para cometer mais excessos contra ele. Já que lhe faltava os meios, inclusive força física e poder, para defender-se.

A abordagem profética

Sua abordagem não foi diferente da de outros profetas. Foi calma, ainda que enérgica. Ele foi tão amigável que ofereceu suas filhas em casamento para seu povo porque eram virgens. Eles, de modo rude, recusaram sua oferta porque não eram de uma correta disposição mental para adotarem o relacionamento sexual entre homens e mulheres. Como está evidente no diálogo de Lot com eles, pareciam ter abandonado suas esposas.

Todavia, quando falou a eles sobre sua imoralidade, ele não mediu suas palavras, e os censurou por isso. Deixou perfeitamente claro que era contrário à conduta depravada deles. Este posicionamento era característico dos profetas. Ou seja, quando chegavam a um impasse com seu povo, eles costumavam conduzir o diálogo ao fim, distanciando-se da rebelião e depravação de seu povo. Para que não se deixasse nenhuma dúvida sobre a posição dos profetas. E também, esta posição era exigida de modo a não deixar ninguém com alguma impressão que os profetas hesitassem em sua resolução. Desde o início, deixavam claro o que sua nobre tarefa envolvia. Eles terminavam sua missão tal como começavam, com clareza de visão e determinação.

Os seguintes versículos alcorânicos falam do diálogo de Lot (A.S.) com seu povo em várias situações:

“O povo de Lot rejeitou os mensageiros. Quando o seu irmão, Lot, lhes disse: Não temeis (a Deus)? Sabei que sou, para vós, um fidedigno mensageiro. Temei, pois, a Deus, e obededei-me! Não vos exijo, por isso,

recompensa alguma, porque a minha recompensa virá do Senhor do Universo. Dentre as criaturas, achais de vos acercar dos varões, deixando de lado o que vosso Senhor criou para vós, para serem vossas esposas? Em verdade, sois um povo depravado! Disseram-lhe: Se não desistires, Ó Lot, contar-te-ás entre os desterrados! Asseverou-lhes: Sabei que me indigna a vossa ação! Ó Senhor meu, livra-me, juntamente com a minha família, de tudo quanto praticam!” (C.26 – V.160 a 169)

“E de quando Lot disse ao seu povo: Verdadeiramente, cometeis obscenidades que ninguém no mundo cometeu, antes de vós. Vós vos aproximais dos homens, assaltais as estradas e, em vossos concílios, cometeis o ilícito! Porém, a única resposta do seu povo foi: Manda-nos o castigo de Deus, se estiveres certo. Disse: Ó Senhor meu, concede-me a vitória sobre o povo dos corruptores!” (C.29 – V.28 a 30)

Esta é a abordagem comum que unia todos os profetas, quer seja se eram enviados a comunicar uma mensagem universal ou uma mensagem particularizada. Ou seja, o profeta se apresentava como um mensageiro de Deus, inteiramente consciente da confiança depositada nele e do interesse do povo a quem tinha sido enviado. Ele não esperava ser pago por aquilo que se punha a fazer, já que sua recompensa vinha de Deus. Tudo o que precisava que eles fizessem era obedecê-lo em submissão a Deus, serem tementes, e seguirem o caminho onde seus interesses se encontravam, deste mundo e do outro. O profeta apelava para que seu povo abandonasse seus caminhos tortuosos e se colocassem na senda reta.

Isto foi exatamente o que Lot fez com seu povo. Ele não estava surpreso com a resposta que recebeu a seu convite para que emendassem seus modos. Eles tinham se tornado viciados na lascívia que cometiam. Isto tinha se enraizado em sua psique. Eles não queriam falar sobre abandonar seu vício. Não aceitavam nem conselho nem repreensão de ninguém. Para eles, o assunto não era questão de certo ou errado, bom ou mau, porque era uma prática profundamente enraizada, que eles não desejavam abandonar, não importando o que acontecesse. Foi esta atitude que ditou o tom de seu debate com Lot (A.S.). Assim eles não deram atenção as suas admoestações e avisos de iminentes

punições, se não se conscientizassem. Eles responderam com ameaças de expulsarem a ele e sua família da cidade. Desafiaram-no a que fizesse com que a ameaça de punição se cumprisse, se ele era veraz.

Essa era a antiga posição do povo que, embora pudessem se sentir culpados, tentavam desabafar sua ira sobre outros, falando abertamente: Isto é o que fazemos e não o abandonaremos. Vá embora e faça o que quiser. Não nos aborreça com sua conversa. Esta tem sido a reação dos adversários dos profetas, desde os tempos imemoriais, já que parecia não haver nenhum lugar para um debate honesto e bem-informado, longe de ameaças e pedidos de que a ira descesse em seguida.

O final feliz divino

Em alguns versículos pode-se perceber a disposição mental deprimida em que Lot (A.S.) parecia se encontrar, principalmente quando os visitantes bateram à sua porta. Ele sentia-se embaraçado em virtude do comportamento de seu povo na busca de satisfazerem seus desejos sexuais depravados. Isto era o que ele enfrentava quando os anjos o visitaram, assumindo uma forma humana. O povo de Lot estava esperando por esta oportunidade, acorrendo para sua casa e pedindo para que ele deixasse seus hóspedes saírem. No diálogo que aconteceu entre Lot e seu povo, ele tentou fazer o máximo que podia para que desistissem de seus hóspedes, embora sem conseguir. A confrontação terminou com um tipo de desistência da parte de Lot, já que ele não tinha nenhum poder para defender a si e a sua família, quanto mais a seus hóspedes. Ainda que tivesse grande confiança na vitória de Deus. Portanto, ele recorreu a Ele em prece, pedindo por aquela vitória quando ele e sua família escaparam do mal e da agressão de seu povo.

A resposta de Deus veio rápida. Os visitantes, a quem Lot não podia proteger, vieram com o poder que destruiria a arrogância de seu povo e seus modos malignos. A completa aniquilação de seu povo, incluindo sua esposa, que estava colaborando com eles e relevando suas práticas, estava por se realizar. Assim, a punição, que eles estavam pedindo, e de que zombavam, se aproximou rapidamente:

Eis como o Alcorão relata a história:

“Mas, quando Nossos mensageiros se apresentaram a Lot, este ficou aflito por eles, sentindo-se impotente para defendê-los, e disse: Este é um dia sinistro! E seu povo, que desde antanho havia cometido obscenidades, acudiu precipitadamente a ele; (Lot) disse: Ó povo meu; eis aqui minhas filhas; elas vos são mais puras. Temei, pois, a Deus e não me avilteis perante os meus hóspedes. Não haverá entre vós um homem sensato? Responderam: Tu bem sabes que não temos necessidade de tuas filhas também sabes o que queremos. Disse: Quem me dera ter forças para resistir a vós ou encontrar um forte auxílio (contra vós)! Disseram-lhe (os anjos): Ó Lot, somos os mensageiros do teu Senhor; eles jamais poderão atingir-te. Sai, pois, com a tua família, no decorrer da noite, e que nenhum de vós olhe para trás. À tua mulher, porém, acontecerá o mesmo que a eles. Tal sentença se executará ao amanhecer. Acaso, não está próximo o amanhecer? E quando se cumpriu o Nosso desígnio, reviramos a cidade nefasta e desencadeamos sobre ela uma ininterrupta chuva de pedras de argila endurecida, estigmatizadas por teu Senhor; e isso não está distante dos iníquos.”. (C.11 – V.77 a 83)

Lições a serem aprendidas

O que aprendemos desta história/diálogo? Isto é o que tentaremos resumir:

1. Destruindo o edifício da imoralidade

É um encargo sobre os ativistas muçulmanos discernir a importância do ponto de vista islâmico, colocando as relações sexuais humanas numa condição de equilíbrio. Isto se encontra muito claramente na narrativa alcorânica desta história, ao menos por reiterar este aspecto várias vezes. Foi também evidenciado pela punição que foi ao encontro do povo de Lot, que tinha inventado aquela devassidão. Por conseguinte, temos que planejar colocar este aspecto da legislação islâmica numa estrutura

correta e abrangente. O Islam quer que o homem se afaste de qualquer forma de conduta repugnante. Colocá-lo no caminho certo para atingir a grande meta da vida que está ancorada numa base sólida.

Diante disso, podemos ter que nos voltar à questão do sexo e de seu papel na vida, o qual precipita-se impetuosamente no pensamento humano. A liberdade sexual tem estado em pauta nos dias atuais. Os parâmetros impostos à prática sexual, lícita ou ilícita, são entendidos como uma afronta à liberdade humana. Estas exigências morais têm encontrado um coro de gritos de protesto, tanto assim que manifestações de gays e lésbicas já são corriqueiras nos países ocidentais. Eles exigem que a liberdade homossexual seja preservada pela legislação, de modo que as leis civis satisfaçam as necessidades humanas. Afirmam que este é o curso natural para resolver os problemas de muitos grupos de pessoas que ainda se sentem constrangidas quando satisfazem suas necessidades prementes. Por mais estranho que pareça estas campanhas conseguiram ganhar impulso em alguns países conservadores da Europa. O parlamento britânico aprovou uma lei reconhecendo o direito do homossexualismo. Isto foi feito sob a pressão da prática que se torna difundida, principalmente entre as camadas mais altas do poder e da sociedade. Práticas sexuais anormais tomam outra posição através da aceitação dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo, um homem com um homem, uma mulher com uma mulher. Existe ainda a prática de celebrar tais “laços matrimoniais” em igrejas, além das leis em muitos países legalizando-as.

Nós temos que enfrentar esta tendência perigosa com uma típica abordagem islâmica. Ou seja, não se deve criticar nenhum fenômeno negativamente. Mas sim, deve-se procurar as causas reais e as justificativas ideológicas como também as condições sociais, que deram origem a tal conduta imprópria. Examinando criticamente as realidades sociais onde estas tendências emergem e se desenvolvem, torna-se capaz de demolir as bases equivocadas e os argumentos sobre os quais se encontram. Isto pode ser feito com referência aos princípios e normas islâmicas para construir o indivíduo e a sociedade sobre fundações firmes, longe dos desvios e erros.

2. Redescobrimo conceitos

Isto pode se realizar através de reflexão sobre a terminologia que o Alco-

rão utilizou para descrever a sodomia na campanha de Lot contra ela. Se analisarmos palavras como lascívia, perversão, intemperança e monstrosidade em detalhes e num contexto moderno, devemos ser capazes de provar sua efetividade no movimento do Islam na vida prática. Isto também, porque palavras podem tornar-se arcaicas quando sua conotação se desgasta em virtude das mudanças do tempo e das perspectivas. Contudo, os significados podem assumir uma nova realidade, se formos capazes de dar a elas uma nova vida revestindo-as de uma nova roupagem. Seremos bem-sucedidos se conseguirmos ligar a esses significados os resultados produzidos pelas práticas sexuais anormais. Poderemos então demonstrar ao homem moderno um quadro vivo e intenso de todos os significados que tinham sido comunicados pelo Alcorão aos primeiros muçulmanos.

Se, por exemplo, tomarmos as palavras “monstruoso” e “perverso” seremos capazes de atrair qualquer rejeição às práticas sexuais errôneas porque a realidade da sórdida situação transformou tudo isso num “ato meritório” depois que tinha sido um “ato abominável”, e “bom” depois de ter sido “mal”. Isto por conta de ter se tornado uma expressão do exercício do homem de sua liberdade e escolha pessoal.

Neste caso, devemos examinar a fundo as palavras para reavivar o significado nelas, o que converteu a “monstrosidade” e a “perversão” em meros substantivos superficiais. Devemos visar o fortalecimento da relação umbilical entre o significado dessas palavras e a prática do erro, já que isso tem um efeito direto nos interesses do ser humano, tanto no nível social como no pessoal. Elas influenciam o futuro e o destino do homem. De certo modo, é como um fruto que inicialmente tem um sabor delicioso, mas que pode deixar um sabor amargo duradouro depois disso.

Uma vez que resolvamos esta questão, descobriremos que o exercício da liberdade do homem não deve estar sujeito a escolhas pessoais a qualquer custo, tais como de seu bem-estar pessoal e de seu futuro. Ao contrário, a questão é o lugar desta liberdade no movimento prático da vida e da sociedade. O indivíduo pode, em certas circunstâncias, sentir a necessidade de abdicar de suas preferências pessoais pelo bem de sua liberdade relativa ao destino. Assim, dar vazão a inclinações pessoais pode transformar-se numa coisa monstruosa porque pode entrar em conflito com a vida individual e futura.

3. Abandonando o nervosismo

Controlar a ansiedade é a lição que devemos aprender da maneira de Lot enfrentar a seu povo. Ele foi brusco ao explicar a eles quão desastroso o resultado de suas práticas de sodomia era e quão adversamente isso afetaria sua capacidade de fazer um julgamento racional das coisas. Depois que explicou tudo a eles e como via suas ações vis, distanciou-se do que estavam fazendo e recorreu a seu Senhor. Em todas as conversas que teve com eles Lot foi digno, calmo e concentrado. Não estava nem tenso nem fez uso de qualquer linguagem provocativa, que pudesse ter levado a que injuriasse seus sentimentos ou se desviasse da questão principal. Essa abordagem era parte da meta primordial de seu convite para que emendassem seus modos, convencendo-os da força de seu argumento e evidência. Seu objetivo nunca foi desabafar sua ira sobre eles, ou humilhá-los, ou menosprezá-los. Infelizmente, muitos ativistas muçulmanos, que deixam seus sentimentos pessoais controlarem suas ações, são inclinados a fazer exatamente isso. Eles devem saber muito bem que a tarefa é uma coisa e que seus sentimentos pessoais é outra. As duas não se mesclam.

4. O triunfo prometido

A esperança por vitória deve se manter viva no coração do ativista porque Deus dá a vitória àqueles que trabalham por sua causa em muitas maneiras, a despeito de quanto tempo a opressão possa durar. Isto está perfeitamente claro na história de Lot e de como Deus veio em seu socorro numa hora muito crítica, quando ele estava prestes a desistir.

Xuaib no diálogo com seu povo

Fraudadores

Esta é outra das histórias dos profetas que foram enviados para tratar de tipos específicos de má-conduta. Desta vez não é uma má-conduta sexual, mas sim econômica que influencia a vida das pessoas. Tais pessoas estavam enganando-se mutuamente no peso e na medida. Eis como o Alcorão fala sobre elas:

“Ai dos fraudadores, aqueles que, quando alguém lhes mede algo, exigem a medida plena. Porém, quando eles medem ou pesam para os demais, burlam-nos”. (C.83 – V.1 a 3)

O que distingue a história de Xuaib e seu diálogo com o povo da de Lot é que a posição de Xuaib em meio a seu povo era muito mais forte do que a de Lot. Ele se originou de uma tribo muito poderosa. Isto tornou seu apelo ao povo um tanto enérgico, ainda que tingido de amabilidade. Havia uma atmosfera divina sobre isso. Ele estava tentando convencê-los de um modo amigável.

A abordagem de Xuaib conquistou um grande número de seguidores entre os setores oprimidos e excluídos de seu clã. Com eles Xuaib enfrentou os arrogantes, os repressores e a rica elite de seu povo. Isto pode ser atribuído à natureza de sua mensagem e aos princípios que ele difundiu. A adulteração de pesos e medidas é um tipo de exploração econômica que é usualmente perpetrado pelos ricos e poderosos que são, geralmente, impelidos a tais práticas pelo egoísmo. Assim, recorrem a tirar proveito daquilo que vendem ou compram fraudulentamente, seja na medida ou no peso. Vamos experimentar o clima da história deste profeta reformista através do diálogo alcorânico que conduziu com os adversários de sua mensagem:

“E aos medianitas enviamos seu irmão Xuaib, que lhes disse: Ó povo meu, adorai a Deus, porque não tereis outra divindade além d’Ele! Já

vos chegou uma evidência do vosso Senhor! Sede leais, na medida e no peso! Não defraudeis o próximo e não causeis corrupção na terra, depois de ela haver sido pacificada! Isso será melhor para vós, se sois fiéis. Não vos posteis em caminho algum, obstruindo a senda de Deus e ameaçando quem n'Ele crê, esforçando-vos em fazê-la tortuosa. Recordai-vos de quando éreis uns poucos e Ele vos multiplicou, e reparai qual foi o destino dos depravados. E se entre vós há um grupo que crê na missão que me foi confiada e outro que a nega, aguarda, até que Deus julgue entre nós, porque Ele é o mais equânime dos juízes. Os chefes que se ensoberbeceram, dentre o seu povo, disseram-lhe: Juramos que te expulsaremos da nossa cidade, ó Xuaib, juntamente com aqueles que contigo crêm, a menos que retornéis ao nosso credo. (Xuaib) retrucou: Ainda que o deploremos? Forjaríamos mentiras a respeito de Deus, se retornássemos ao vosso credo, sendo que Deus já vos livrou dele. É impossível que o abracemos, sem que Deus, nosso Senhor, o queira, porque nosso Senhor tudo abrange sapientemente, e a Ele nos encomendamos. Ó Senhor nosso, decide com equidade entre nós e o nosso povo, porque Tu és o mais equânime dos juízes. Mas os chefes incrédulos, dentre o seu povo, disseram: Se seguides Xuaib, sereis desventurados! Então, fulminou-os um terremoto, e a manhã encontrou-os jacentes em seus lares. Aqueles que desmentiram Xuaib foram despojados das suas habitações, como se nunca nelas houvessem habitado. Aqueles que desmentiram Xuaib tornaram-se desventurados. Xuaib afastou-se deles, dizendo: Ó povo meu, já vos comuniquéi as mensagens do meu Senhor, e vos aconselhei. Como poderei atribular-me por um povo incrédulo?” (C.7 – V.85 a 93)

Movemos-nos agora deste cenário dinâmico e de impasse para outro, onde o estilo do diálogo entre o Profeta e os arrogantes é um tanto diferente. Principalmente a respeito do aspecto detalhado da Mensagem e os desafios que enfrentava:

“Disseram-lhe: Ó Xuaib, recomendas, porventura, em tuas preces, que renunciemos ao que os nossos pais adoravam, ou que não façamos de nossos bens o que quisermos, tu que és tolerante, sensato? Respondeu:

Ó povo meu, não vedes que possuo a evidência do meu Senhor e Ele me agraciou generosamente...? Não pretendo contrariar-vos, a não ser no que Ele vos vedou; só desejo a vossa melhoria, de acordo com a minha capacidade; e meu êxito só depende de Deus, a Quem me encomendo e a Quem retornarei, contrito.

Ó povo meu, que a hostilidade contra mim não vos induza ao pecado e vos não ocorra o que ocorreu ao povo de Noé, ou ao de Hud, ou ao de Sáleh! Recordai-vos de que o povo de Lot não está distante de vós (no tempo)! E implorai o perdão de vosso Senhor; voltai a Ele, arrependidos, porque meu Senhor é Misericordioso, Afetuosíssimo. Disseram: Ó Xuaib, não compreendemos muito do que dizes e, para nós, é incapaz; se não fosse por tua família, ter-te-íamos apedrejado, porque não ocupas grande posição entre nós. Retrucou-lhes: Ó povo meu, acaso minha família vos é mais estimada do que Deus, a Quem deixastes completamente no esquecimento? Sabei que meu Senhor está inteirado de tudo quanto fazeis. Ó povo meu, agi segundo o vosso critério, que eu agirei segundo o meu. Logo sabereis a quem açoitará um castigo que o aviltará e quem de nós é impostor. Esperai, pois, que eu espero convosco!” (C.11 – V.87 a 93)

Neste diálogo, os seguintes pontos se tornaram claros :

1. O caminho tortuoso

As questões que Xuaib (A.S.) discutiu devem lançar alguma luz sobre a conduta das pessoas, especialmente em seus negócios com os demais. Elas buscam enganar e semear erro na terra. Praticam todos os modos possíveis para se afastarem da senda reta de Deus e intimidar a outros para que não a sigam, desviando-os.

2. Empenho chauvinista versus empenho ideológico

Xuaib não queria partir para uma contenda com seu povo sobre assuntos tribais, já que ele mantinha sua tribo fora da questão. Isto arrastaria a disputa para questões egoístas e reviveria antigas inimizades. Ele procurava despertar neles o desejo de refletir sobre as coisas, de maneira que um honesto e bem-informado debate viesse a acontecer entre os crentes e os descrentes dentre seu povo, até que

Deus julgasse o assunto, pois Ele é o melhor dos juízes. O debate ideológico é capaz de produzir resultados para todas as partes, ao menos por se encontrar novos pontos em comum para que sejam partilhados com os antagonistas.

3. Diálogo desfeito

O povo de Xuaib não estava disposto a um debate sério com ele sobre as questões que levantou. Ao contrário, estavam zombando dele, de sua religião e prece, o que o incitou a defender-se de seu extravio, principalmente por não abandonarem os costumes que tinham herdado de seus antepassados e por fazerem com suas propriedades o que queriam. Continuavam com ares de protetores, já que diziam que ele não poderia estar falando sério porque era um homem sábio e sensato que não se comportava fora das normas sociais e não poderia fazer o que o colocaria em problemas. Eles passaram a ameaçar os seguidores de Xuaib para que abandonassem sua nova religião e voltassem para o seio da sociedade ou enfrentassem a expulsão.

Enquanto rejeitava todas as formas de intimidação e chantagem, Xuaib alertou-os contra a ira de Deus. Recordou-os do destino dos povos antigos que escolheram se opor às Mensagens de seus Profetas e de como no final enfrentaram uma sina calamitosa. Não poupando nenhum esforço para demover os arrogantes de seu povo de sua atitude antagônica, deixou claro para eles que ele e seus seguidores não iriam ceder sob a pressão porque sua causa não era pessoal. Tratava-se de uma questão de certo ou errado, que tinha influência nesta vida e na vida futura. Convictos no conhecimento de que tinham sido libertos da completa escuridão a qual os teria levado para a aniquilação, não estavam a fim de retornar a ela. Assim, jamais considerariam nenhum compromisso qualquer que fosse. Xuaib estava consciente. Por isso ele não acolhia nenhum pensamento de fraqueza ou hesitação. Contudo, nunca abandonou o apoio de Deus, pedindo a Ele para que decidisse entre os dois lados, pois é o melhor dos juízes.

4. O critério correto

A declaração dos descrentes de que teriam lhe apedrejado se não fosse pela tribo de Xuaib, indicava que sua base de poder era a força de ser reconhecido e de que sua tribo lhe fornecia uma apólice de seguro contra o mal, que, de outra

maneira, cairia sobre ele. Entretanto, Xuaib divergia deles na discussão porque lhes informou que estavam errados, não importava quão forte sua tribo era, isso não significava nada diante do poder de Deus. Ele, além disso, explicou que a força de sua tribo era limitada aos recursos que essa força possuía, a saber, recursos humanos, riquezas, ou armas, ao passo que Deus era Onipotente. Assim, era mais sábio que eles temessem o poder de Deus ao invés do da tribo de Xuaib. No final, ele ameaçou-os com a punição divina, que estava próxima.

Os descrentes continuaram sua campanha para demover os crentes, discutindo a questão numa base de lucros e perdas. Seguir Xuaib, de acordo com seus cálculos, levaria a uma perda material e moral. Porém, depois que a punição tivesse vindo ao encontro deles, o Alcorão deixa claro para os crentes que a perda seria o destino dos descrentes, que seriam os perdedores neste mundo e no outro. Quanto ao ganho material e moral, não há dúvida qual partido receberia.

5. Liberdade responsável e não liberdades irresponsáveis

A rejeição dos descrentes à disposição legal que torna a fraude ilícita pode ser atribuída a uma crença errônea, a absoluta liberdade do homem sobre sua propriedade. Ou seja, que nenhuma lei deve se impor sobre sua liberdade de modo algum. Este era o impulso essencial do veemente argumento deles, *“que não façamos de nossos bens o que quisermos”*?

Contudo, Xuaib era fiel ao código divino, que reconhece a liberdade no contexto do interesse público e que assegura à vida seu perfeito equilíbrio. Portanto, em sua força para constranger ou dar liberdade, ao decretar o que seja permissível e o que não seja, a lei divina busca fazer que este equilíbrio prevaleça. A prática fraudulenta, como aquela adotada por um grupo do povo de Xuaib, era um tipo de exploração e transgressão astuciosa contra os direitos das pessoas e um saque de suas propriedades. Isto perturbava o equilíbrio que as Mensagens Celestiais tinham vindo aplicar na vida do povo e da sociedade, já que a todas as partes devem ser dadas o que é de seu direito quando negociam mutuamente. Isto deve ser assim, pois está em consonância com a preponderância doutrinal que regula as responsabilidades e os direitos entre as pessoas. Em suma, as práticas fraudulentas foram declaradas ilícitas para impedir a corrupção na terra.

Tudo isso leva-nos a concluir decisivamente contra os chamados que propagam a doutrina do livre mercado, que advoga liberdade em toda atividade comercial, não considerando se afeta o bem estar do homem ou não. É evidente que tal doutrina coloca a estrutura legal para proteger os perpetradores dos erros, sejam eles políticos, econômicos ou sociais. Tais práticas são cometidas sob o pretexto de livre comércio, o que é motivado primariamente por lucro e perda, longe de quaisquer considerações humanas ou morais.

Isto está claramente exposto, na ideologia capitalista moderna, que encoraja e protege estas práticas sob a máscara da liberdade econômica, que, de acordo com seus proponentes, é um dos principais pilares da questão da liberdade no mundo. Esta ideologia preparou o nascimento do colonialismo, que escraviza povos e explora seus recursos naturais, transformando-os em entidades consumidoras dos produtos industriais. É desnecessário dizer que este abuso inevitavelmente leva à perpetuação do atraso, da ignorância e das superstições. Também faz com que as potências despóticas suprimam quaisquer inclinações para que se realize a liberação econômica e a independência política.

Um subproduto do colonialismo tem sido a difusão e a perpetuação das diferenças regionais, religiosas e sociais, e o transformar de tudo isso em conflitos armados de difícil resolução, que certamente minam a energia dos povos e drenam seus recursos. O que, naturalmente, é um esforço para produzir e vender mais armas, para alimentar o apetite das facções em guerra. Isto, por sua vez, é o fator que faz com que os políticos nos países em que os conflitos são abundantes, sejam os clientes naturais das nações produtoras de armas, apenas para manter vivos os conflitos e para incitá-los, sempre que haja esperança, no momento em que estes pareçam estar retrocedendo.

O diálogo rejeita absolutamente a liberdade econômica em seu modelo capitalista, que é isento de quaisquer considerações humanas ou morais. Ao invés disso, defende que os mais vastos interesses humanos devam governar a liberdade financeira, onde o equilíbrio reine supremo. Assim, seu princípio legislativo, o interesse humano mais vasto, é invariável. Ou seja, é único, a despeito do tempo e do lugar.

Nesta séria questão consideramos imperativo recordar muitos crentes e ativistas muçulmanos, trabalhando na causa de Deus, que estejam atentos a esta delicada linha que separa a liberdade econômica, como é apresentada pela ideologia capitalista, daquela que é advogada pelo Islam, em sua legis-

lação para a propriedade privada e sua proteção. O capitalismo adota o slogan do povo de Xuaib, quando protestavam contra seu chamado para que não fizessem com suas propriedades tudo o que desejavam por conta da liberdade pessoal. Ao passo que o Islam promove o mote de Xuaib *“Eu apenas desejo o vosso bem-estar, com tudo que me seja possível, e que não corrompais a terra depois que tenha sido reformada”*. Ou seja, ele acreditava na propriedade privada, contanto que os proprietários não buscassem com seus bens corromper o povo e a terra, desperdiçando os recursos dela. Assim, se a riqueza se transforma num instrumento de corrupção, o Islam se empenha em refreá-la, de modo que a vida continue, com liberdade responsável, não liberdade irresponsável.

6. A grande importância da economia

O que deve ser deduzido da importância que o Islam vincula a história de Xuaib é que a dimensão econômica tinha um grande significado no dinamismo das missões proféticas. Isto é tão importante que tem prioridade sobre os domínios da legislação, ao menos em razão de se relacionar com a questão da manutenção do equilíbrio social.

Por conta disso, consideramos necessário lembrar os ativistas muçulmanos para que destinem a este assunto uma parcela maior do foco de seu trabalho. Eles têm que colocar muita ênfase sobre os aspectos legislativos islâmicos a fim de dar a correta perspectiva das soluções do Islam aos problemas econômicos. Em acordo com isso, eles tem que combater a atividade econômica deliberadamente suspeita em todas as suas facetas, porque o Alcorão, na história de Xuaib, não denuncia a prática de fraude de seu povo no peso e na medida por si mesma. Mas sim, por seu impacto negativo na vida das pessoas. Em outras palavras, é uma prática corruptora que pode influenciar pesadamente sobre os fracos e os pobres, em sua dependência aos ricos e poderosos. Isto deve nos capacitar a combater a exploração, o monopólio e negociações ilícitas que sejam prejudiciais à ética, saúde, liberdade e integridade. Fraudes, subornos, furtos, sistemas baseados em interesse, e todas as práticas que são preparadas para corromper a realidade social e política devem ser combatidas na mesma intensidade e medida. Este impasse deve se transformar numa guerra aberta aos monopolistas e exploradores. Aqueles que lidam com a usura,

golpistas, ladrões, os mercadores de política e religião, e os incitadores de conflitos civis e guerras. Isto porque todas essas categorias de pessoas visam auferir ganhos às expensas da vida e da estabilidade do povo.

Este posicionamento é o que apresenta ao povo o abrangente sistema para regular a vida, em todas suas esferas, sobre uma base sólida. Tal posicionamento é também capaz de dominar qualquer movimento das forças anti-islâmicas que busquem neutralizar o Islam. Estas forças trabalham muito para manchar o nome do Islam e criar uma imagem sombria dele, representando-o como um utópico conjunto de leis e regulamentos que não têm qualquer relação com as preocupações e a vida real do homem. Elas também buscam se empenhar numa guerra de informação contra os ativistas da causa do Islam, já que os retratam como os inimigos naturais dos regimes monopolistas e exploradores. Além disso, alegam que estes ativistas consentem com as más práticas econômicas e seus perpetradores, e que apenas reagem contra a decadência moral e doutrinária que possa ter influência na má-conduta econômica.

Nós levantamos estas questões de modo a que as enfrentemos com um planejamento consciente que deve fazer parte de um plano abrangente para propagar o Islam em meio ao povo. Obviamente, este é o caminho islâmico realista, que o Alcorão afirmou em sua legislação, em suas concepções, e em seu progresso prático, já que é uma extensão de todas as missões proféticas divinas. Esta abordagem pode nos tirar da mentalidade estreita e reacionária que está sujeita em sua perspectiva a fazer eco ao que os outros ditam. Tal mentalidade é a dos reféns da sorte porque falta a ela originalidade de pensamento e raciocínio pró-ativo. É incapaz de prever os problemas e agir para impedir sua ocorrência. A grandeza de qualquer movimento está em suas realizações no teatro da vida prática, onde os pontos positivos superam os negativos, e o lucro adquirido seja normal. Então, e só então, reações, deverão acontecer, que sejam fora do círculo de erros, isto é, um modo de protesto que outros não sejam capazes de criticar.

Este é o significado da legislação alcorânica e de sua narração de histórias. Ele levanta uma série de questões, apenas para dar oportunidade ao homem de refletir sobre elas, objetiva e calmamente, o que resulta em caminhar da senda correta.

7. A palavra decisiva

O último capítulo da história de Xuaib termina com ele próximo aos restos de seu povo, que pereceu no castigo. Ali em pé, lembrou-os que tinha feito tudo o que podia para comunicar a eles a Mensagem Divina e para lhes dar o bom conselho. Porém, escolheram rebelar-se contra isto. Portanto, não tinha nenhum lamento por aquilo que tinha sobrevivendo a eles, que se devia por sua descrença e intransigência. Nenhum remorso, pois o destino deles era merecido, isso porque foram contra a vida que se deriva da Vontade de Deus.

A História de José

Situações críticas

Encontramos no Alcorão a história de José (A.S.), que é importante. Ele foi atingido pelas vicissitudes desde uma tenra idade. Foi vítima de uma conspiração tramada por seus irmãos para se livrarem dele por inveja. Tendo sobrevivido a ela, ele acabou se tornando cativo. Teve então que defender-se da tentação, e finalmente uma tentativa de sedução, da esposa de seu senhor, que atirou-o na prisão injustamente por um longo período. Depois de sua libertação, ele foi nomeado intendente para administrar os negócios do país. Assim, sua poderosa posição capacitou-o a sobrepujar o sentimento detestável de seus irmãos e transformá-lo num relacionamento fraternal e amoroso, e por fim ter sucesso em realizar a reunião da família.

Não tentaremos enfatizar aqui o desenvolvimento da história em seu cenário de mudança. Ao invés disso, pararemos nos curtos diálogos da história para ver, através deles, quão vivas, expressivas e evidentes as imagens da vida dos profetas tinham sido. Esses são os exemplos que o Alcorão quer que sigamos. Seguiremos estes diálogos passo a passo:

José e a esposa do Ministro-chefe

“A mulher, em cuja casa se alojara, tentou seduzi-lo; fechou as portas e lhe disse: Agora vem! Porém, ele disse: Amparo-me em Deus! Ele (o marido) é meu amo e acolheu-me condignamente. Em verdade, os iníquos jamais prosperarão. Ela o desejou, e ele a teria desejado, se não se apercebesse da evidência do seu Senhor. Assim procedemos, para afastá-lo da traição e da obscenidade, porque era um dos Nossos sinceros servos. Então correram ambos até à porta e ela lhes rasgou a túnica por trás, e deram ambos com o senhor dela (o marido) junto à porta. Ela lhe disse: Que pena merece quem pretende desonrar a tua família, senão o cárcere ou um doloroso castigo? Disse (José): Foi ela quem procurou instigar-me ao pecado. Um parente dela declarou, então, dizendo: Se a túnica dele estiver rasgada na frente, ela é quem diz a verdade e ele é dos mentirosos. E se a túnica estiver rasgada por detrás, ela é que mente e ele é dos verazes. E quando viu que a túnica estava rasgada por detrás, disse (o marido à mulher): Esta é uma de vossas conspirações, pois que elas são muitas! Ó José, esquece-te disto! E tu (ó mulher), pede perdão por teu pecado, porque és uma das muitas pecadoras. As mulheres da cidade comentavam: A esposa do governador prendeu-se apaixonadamente ao seu servo e tentou seduzi-lo. Certamente, vemo-la em evidente erro. Mas quando ela se inteirou de tais falatórios, convidou-as à sua casa e lhes preparou um banquete, ocasião em que deu uma faca a cada uma delas; então disse (a José): Apresenta-te ante elas! E quando o viram, extasiaram-se, à visão dele, chegando mesmo a ferir suas próprias mãos. Disseram: Vailha-nos Deus! Este não é um ser humano. Não é senão um anjo nobre. Então ela disse: Eis aquele por causa do qual me censuráveis e eis que tentei seduzi-lo e ele resistiu. Porém, se não fizer tudo quanto lhe ordenei, juro que será encarcerado e será um dos vilipendiados. Disse (José): Ó Senhor meu, é preferível o cárcere ao que me incitam; porém, se não afastares de mim as suas conspirações, cederei a elas e serei um dos néscios. E seu Senhor o atendeu e afastou dele as conspirações delas, porque Ele é o Oniouvinte, o Sapiientíssimo”. (C.12 – V.23 a 34)

Este é o quadro completo de sua história com a esposa do Ministro-chefe. O clima foi repleto de tentação e de tudo que tendia a levar alguém a desviar-se. José (A.S.) estava na flor de sua juventude quando seu impulso sexual estava em pleno vigor. Por outro lado, a esposa do Ministro-chefe era uma mulher que estava apaixonada por José, que era muito bonito. Em razão de viverem sobre o mesmo teto, o clima contribuía para a admiração chegar às raias do obsessivo por parte da mulher. A situação foi ainda mais agravada pela ausência do esposo na casa a maior parte do tempo, em virtude de sua alta posição e responsabilidades no governo a mulher não pôde refrear seu desejo sexual. De sua parte, José estava ocupado com algo diferente. Seu coração estava cheio da luz da fé e também da lealdade que sentia por seu senhor.

A história, portanto, não mencionou nenhum movimento de sua parte para seduzir a mulher. Ela fez seu primeiro movimento e tentativa de seduzi-lo fechando as portas e dizendo que estava pronta “*Agora vem(...)*”. Ao criar as condições apropriadas para um encontro sexual, ela pensava que José cairia vítima de seus avanços. Qual foi a resposta?

Com toda compostura, ele disse “*Amparo-me em Deus*” seguido das palavras de lealdade “*Ele (o marido) é meu amo e acolheu-me condignamente*”. José continuou resumindo a situação toda, assim, “*Em verdade, os iníquos jamais prosperarão*”. Ela estava fazendo uma injustiça a si mesma por cometer tal pecado. Ao mesmo tempo, cometia uma injustiça com seu marido por traí-lo. Quanto a José, nunca teria perdoado a si mesmo se tivesse correspondido, a culpa teria perseguido sua consciência para sempre, ao menos por prestar um disserviço a si próprio e provar-se ingrato para com seu amo que o acolheu. Ela não aceitou a franca rejeição de José ao seu claro convite ao sexo, na crença de que ele estava demonstrando timidez ou estava com medo das conseqüências daquele ato, caso fosse a frente com aquilo. Ela estava inflexível, entregando-se a um comportamento agressivo e sedutor para enfraquecer a resolução de José. Ele poderia ter se tornado mais receptivo a incessante exigência da mulher como pode ser apreendido da frase “*E ele a teria desejado*”. Todavia, foi uma momentânea distração que foi instigada pelo eco da tentação. Entretanto, nem bem tinha retomado sua compostura pelo chamado da fé dentro dele, retornou a defesa de si mesmo contra o deter-

minado ataque sexual, assim “*se não se apercebesse da evidência do seu Senhor. Assim procedemos, para afastá-lo da traição e da obscenidade*”. Este foi um grande testemunho da alta posição da crença atingida por José naquela fase de sua vida. Isto nos leva a concluir que o que descrevemos como distração momentânea não passou disso. Permaneceu dentro do limite dos sentimentos e emoções, já que não se traduziu em ações. O que aconteceu por intermédio de uma forte autodisciplina.

José não tinha opção senão fugir, com sua religião, fé e moralidade. Embora, ela não tenha deixado ele escapar, perseguindo-o até a porta e rasgando sua túnica. Entretanto, ambos foram surpreendidos, quando seu esposo chegou à porta. Ela fingiu ter sido a vítima, acusando José de tentativa de estupro e sugerindo o tipo de punição que ele deveria receber por seu “ato vil”. Ainda assim, a vergonha de José foi manifesta em sua voz, a pureza de sua alma e o estado geral em que se encontrava, tanto assim que o esposo teve certeza que ele era inocente. Contudo, ele não tomou nenhuma atitude contra sua esposa, preferindo censurar sua tentativa e considerando isso uma astúcia feminina. Portanto, pediu a ela que orasse pedindo perdão por seu grande pecado e transgressão.

A cidade foi tomada por comentários e rumores sobre o que tinha acontecido. Para contrariar aquilo, ela convidou algumas mulheres a sua casa e pediu a José que se juntasse a elas. Elas ficaram extasiadas pela beleza angelical de José, concluindo que ela não tinha culpa pelo que tinha feito, e então se desculparam, ao ponto que poderiam cogitar em seduzi-lo. Então, ela disse que não se arrependia pelo que tinha feito e que continuaria tentando até que ele cedesse a seus avanços. Talvez tenha havido outras tentativas depois daquela reunião de mulheres. José (A.S.) começou a sentir-se pressionado e recorreu ao poder da oração buscando o socorro de seu Criador “*Ó Senhor meu, é preferível o cárcere ao que me incitam*”. Assim, ainda vivia vibrante dentro dele, induzindo-o a resistir as tentações. Ele estava inclinado a preferir ir para a prisão do que cair presa daqueles avanços sexuais, e recorreu a Deus humildemente em súplica “*se não afastares de mim as suas conspirações, cederei a elas e serei um dos néscios*”.

Isto era um sinal de que ele tinha chegado aos limites da paciência e da resistência. Deus atendeu sua prece resgatando-o da armadilha das mulheres.

Ele terminou na prisão depois que a esposa do Ministro-chefe tinha usado de todas as suas armas para prendê-lo. A fé tinha marcado uma vitória sobre o extravio e a moralidade sobre a imoralidade. O Profeta emergiu incólume da experiência, marcando vitória sobre os outros e sobre si mesmo. Ele teve o melhor dos dois mundos, um indivíduo endurecido na batalha com uma sublime posição de integridade. Ele então enfrentaria as pessoas com sua experiência prática e sua perspicácia ideológica, para provar a elas que resistir à tentação não era estranho a seu caráter forte. Ao contrário, era uma expressão da verdadeira situação que o Profeta enfrentava, a qual ele inverteu em seu proveito. De modo similar, as pessoas podem enfrentar a mesma situação e emergir triunfantes, se apoiando na força da fé em Deus.

A mais destacada cena neste diálogo é a do crente sendo submetido ao constante esforço interior e tentando resistir ao extravio sob a atração do desejo sexual. Em resposta eloqüente, ele prefere manter-se firme na fé a despeito dos sacrifícios e sofrimentos.

O diálogo entre José e a esposa do Ministro-chefe foi breve. E ainda assim apreendeu a situação completa de um ataque sexual flagrante da parte dela e de uma inequívoca rejeição de José. Contudo, dadas as reviravoltas da história, pode-se perceber que existem longos e subjacentes diálogos entre os dois principais personagens da história, ao menos por suas tentativas sem sucesso de seduzir José, incluindo a festa de mulheres que ela deu em seu palácio. Talvez isto indique que pode ter sido uma longa conversa para que aquelas mulheres tentassem persuadi-lo a render-se aos seus avanços. Isto é corroborado pelo fato de que ele recorreu a seu Senhor em prece para que o salvasse da astúcia de todas as mulheres.

No discurso relatado pelo versículo alcorânico, pode-se encontrar um exemplo vivo de resoluta posição de fé versus tentação. Isto é assim como explicar que a ordem para a observância da castidade nas relações sexuais não é uma idéia extravagante, é uma realidade como foi manifestada no caso de José. Sua posição permaneceu constante por toda a desagradável experiência.

A história conta-nos também que um homem deve permanecer fiel a sua palavra e posição, se isso se origina de um profundo senso de convicção. Portanto, permanecerá mais forte do que todas as palavras e situações.

José na prisão

“Mas apesar das provas, houveram por bem encarcerá-lo temporariamente. Dois jovens ingressaram com ele na prisão. Um deles disse: Sonhei que estava espremendo uvas. E eu – disse o outro – sonhei que em cima da cabeça levava pão, o qual era picado por pássaros. Explica-nos a interpretação disso, porque te consideramos entre os benfeitores. Respondeu-lhes: Antes da chegada de qualquer alimento destinado a vós, informar-vos-ei sobre a interpretação. Isto é algo que me ensinou o meu Senhor, porque renunciei ao credo daqueles que não crêem em Deus e negam a vida futura. E sigo o credo dos meus antepassados: Abraão, Isaac e Jacó, porque não admitimos parceiros junto a Deus. Tal é a graça de Deus para conosco, assim como para os humanos; porém, a maioria dos humanos não Lhe agradece. Ó meus parceiros de prisão, que é preferível: deidades discrepantes ou o Deus Único, o Irresistível? Não adorais a Ele, mas a nomes que inventastes, vós e vossos pais, para o que Deus não vos investiu de autoridade alguma. O juízo somente pertence a Deus, que vos ordenou não adorásseis senão a Ele. Tal é a verdadeira religião; porém, a maioria dos humanos o ignora. Ó meus companheiros de prisão, um de vós servirá vinho ao seu rei e ao outro será crucificado, e os pássaros picar-lhe-ão a cabeça. Já está resolvida a questão sobre a qual me consultastes. E disse àquele que ele (José) sabia estar a salvo daquilo: Recorda-te de mim ante teu rei! Mas Satã o fez esquecer-se de mencioná-lo a seu rei permanecendo (José), então, por vários anos no cárcere”. (C.12 – V.35 a 42)

Este diálogo discute um assunto crucial no âmbito do chamado para a senda de Deus. Aquele que diz que os ativistas muçulmanos não devem fazer da prisão, se alguma vez a experimentarem, um prelúdio para render-se a grave situação pessoal. Não devem se entregar ao sentimento de não ver a hora da liberdade às custas de sua nobre tarefa, a de servir a Mensagem, ao ponto que possam se arriscar a se distanciarem dela. Ao contrário, devem tornar a prisão um abrigo de atividade na causa de Deus. Prisões podem ser solos férteis para lançar as sementes do bom pensa-

mento por causa da natureza do ambiente. Tais lugares são apropriados para aproximar os detentos da tranqüilidade espiritual, e afastá-los de todas as influências materialistas e sociais, o que por sua vez os fazem sentir a proximidade de Deus e de sua Onipotência. Por outro lado, um ambiente prisional pode fazer os detentos mais receptivos ao diálogo e a dar ouvidos ao que seja dito, porque sentem a necessidade de escapar mentalmente da situação em que se encontram e gastar mais tempo em novas coisas que sejam capazes de preencher seu tempo ocioso.

Isto é evidente da história do capítulo de José na prisão. Ele ouviu seus companheiros de prisão falando sobre os sonhos que tiveram e pediam por interpretações. Ele acolheu o pedido deles, agarrando a oportunidade para recomeçar seu trabalho de dentro dos muros da prisão no chamado à senda de Deus. Para começar, ele tranqüilizou-os, assegurando-lhes que era muito bem versado na interpretação de sonhos a fim de persuadi-los da crença no Deus Único. Ele começou a conversa falando sobre si e sua fé, que resultava de uma profunda convicção baseada em uma forte evidência. Em seguida, atacou as idéias extraviadas que eram baseadas na adoração de outras divindades além de Deus, ou em atribuir parceiros a Ele.

José deixou claro a eles que este tipo de adoração não fazia sentido e não possuía uma base lógica. Contudo, não ocultou seu desejo de sair da prisão, pedindo ao detento, que ele pensava estava para ser libertado e recolocado em seu trabalho, para mencionar seu nome durante sua audiência com o Faraó. Entretanto, seu companheiro esqueceu de fazer isso, deixando José padecendo na prisão vários anos mais. Esta é a história de um profeta guiado divinamente, que viveu cada momento de sua vida pensando em sua nobre tarefa, com pouquíssima consideração para com seus assuntos pessoais.

Nos dias atuais, temos testemunhado a importância dos ambientes prisionais, já que eles oferecem a oportunidade de propagar a Mensagem e travar o diálogo. Esta realidade tem levado muitas organizações e partidos políticos a enviar alguns de seus elementos às prisões para propagar suas doutrinas entre os detentos.

José, um homem livre

Foram-nos dadas algumas lições e ensinamentos morais no final dos capítulos da história de José. Porém, não examinaremos estes capítulos aqui. Concluiremos nossa discussão por ressaltar o diálogo entre José e o Rei, quando José foi intimado por este para ser informado de sua nomeação como secretário do tesouro, a fim de resolver a iminente crise econômica que o país atravessaria, de acordo com a interpretação de José do sonho do Rei. José aceitou o posto sob a condição de que seu nome fosse limpo da acusação de tentativa de estupro da esposa do Ministro-chefe, insistindo em chamar as mulheres, as quais sua esposa tinha convidado e que tinha confessado na presença delas que ela estava a perseguir José (A.S.), para que testemunhassem isso e o exonerassem de qualquer culpa:

“Disse o rei: Sonhei com sete vacas gordas sendo devoradas por sete magras, e com sete espigas verdes e outras sete secas. Ó chefes, interpretai o meu sonho, se sois intérpretes de sonhos. Responderam-lhe: É uma confusão de sonhos e nós não somos intérpretes de sonhos. E disse aquele dos dois prisioneiros, o que foi liberto, recordando-se (de José), depois de algum tempo: Eu vos darei a verdadeira interpretação disso: Enviai-me, portanto, até José. (Foi enviado e, quando lá chegou, disse): Ó José, ó veracíssimo, explicai-me o que significam sete vacas gordas sendo devoradas por sete magras, e sete espigas verdes e outras sete secas, para que eu possa regressar àquela gente, a fim de que se conscientizem. Respondeu-lhe: Semearéis durante sete anos, segundo o costume e, do que colherdes, deixai ficar tudo em suas espigas, exceto o pouco que haveis de consumir. Então virão, depois disso, sete (anos) estéreis, que consumirão o que tiverdes colhido para isso, menos o pouco que tiverdes poupado (à parte). Depois disso virá um ano, no qual as pessoas serão favorecidas com chuvas, em que espremerão (os frutos). Então, disse o rei: Trazei-me esse homem! Mas quando o mensageiro se apresentou a José, ele lhe disse: Volta ao teu amo e dize-lhe que se intei-re quanto à intenção das mulheres que haviam ferido as mãos. Meu Senhor é conhecedor das suas conspirações. O rei perguntou (às mulhe-

res): Que foi que se passou quando tentastes seduzir José? Disseram: Valha-nos Deus! Não cometeu delito algum que saibamos. A mulher do governador disse: Agora a verdade se evidenciou. Eu tentei seduzi-lo e ele é, certamente, um dos verazes. Isto para que (ele) saiba que não fui falsa durante a sua ausência, porque Deus não dirige as conspirações dos falsos. Porém, eu não me escuso, porquanto o ser é propenso ao mal, exceto aqueles de quem o meu Senhor se apieda, porque o meu Senhor é Indulgente, Misericordiosíssimo”. (C.12 – V.43 a 53)

Deste diálogo podemos aprender o seguinte:

1. Assumir a responsabilidade requer uma reputação limpa

A fim de aceitar a nomeação, José não tinha escolha senão exigir a limpeza de seu nome das acusações sem prova que o levaram a prisão. De acordo com ele, isto era um pré-requisito, pois seu trabalho significava que ele tinha que reconquistar a confiança pública. Ele via aquela questão de uma perspectiva pública, não pessoal. Para ele, o serviço público que estava para ocupar exigiria que tivesse seu nome limpo. A faltando disso constituiria um impedimento para que sua mensagem alcançasse uma vasta audiência.

Firmando-se em suas atribuições e na força de sua posição, José conseguiu forçar os culpados a confessar publicamente que tinham mentido. Então, e só então, aceitou a nomeação com confiança e paz de espírito. Eis aqui uma lição para os ativistas muçulmanos extraírem da atitude incondicional de José. Eles devem ser fiéis à força de sua convicção e de sua causa. É muito importante que discutam as acusações lançadas contra eles e que se defendam onde for possível, não deixando que isso seja esclarecido numa outra oportunidade. Isto tem influência nos interesses da nobre tarefa para a qual foram encarregados. Os ativistas não devem se colocar numa posição de dizer: “Não precisamos protestar sobre nossa inocência conquanto que saibamos que somos inocentes e Deus esteja ciente de que somos fiéis na submissão a Ele e no desejo de seu aprazimento”. Não há como possam fazer isso porque a satisfação pessoal de alguém que esteja sendo acusado injustamente não pode ser uma licença para permanecer ciente e não contestar as acusações, enquanto se possa fazê-lo. Devem tratar disso se conscientizando que não é uma questão pes-

soal. Mas sim, um direito público. Está dentro do direito de qualquer um se colocar na posição de discutir todas as questões, com o intuito de alcançar conclusões claras e satisfatórias. Tais conclusões então terão se transformado em força adicional para estimular o trabalho de seus ativistas.

2. Ativistas: entre adquirir conhecimento e tomar parte no poder

Devemos ser capazes de compreender da história de José, principalmente no seu diálogo enquanto estava na prisão e depois na sua libertação, uma das realidades fundamentais da vida. Ou seja, é um dever aos ativistas na senda de Deus buscar a aquisição de conhecimento, para melhorar as chances de seu próprio avanço, o que por sua vez produzirá bons resultados para a sociedade. Ao fazer isso, estarão melhor posicionados para influenciar as massas.

Isto, contudo, pode levar a que se tome parte na administração dos assuntos da nação, que no final servirá para que se alcance o objetivo.

Desnecessário dizer que se isso acontecer, eles devem estar absolutamente certos que preservarão sua integridade e sua religião de caírem presas da sedução e das armadilhas do poder. Em última análise, o que deve importar é a nobre tarefa na vida, que há de ser desincumbida com abnegação. Assim, se não estiverem certos sobre resistir às tentações do poder e manter-se na senda reta, devem parar e fazer o melhor possível sem mais delongas.

Esta é a realidade da história de José. Sua perícia em interpretar sonhos abriu a porta para ele convencer seus dois companheiros de prisão de sua causa e finalmente assegurar sua própria libertação da prisão. Seu conhecimento lhe conseguiu a confiança do rei e preparou o caminho para que ocupasse um dos mais altos postos na hierarquia do poder, o planejador da economia. Isto o tinha colocado em boa situação para conclamar ao caminho de Deus e dirigir a economia em direção à justiça social que Deus e seu Mensageiro ficavam satisfeitos de ver realizada.

3. Milagres: o ápice do conhecimento

Na natureza dos milagres realizados pelos profetas, há uma manifestação que atingiu o ápice no campo do conhecimento ou da experiência preva- lecente no tempo deles. Isto fazia a confiança do povo crescer e com que se identificassem com o profeta por percebê-lo muito mais sábio do que eles. No

tempo do Profeta Moisés (A.S.) a magia era muito difundida. Seu cajado, o qual transformou-se numa serpente devorando todos os truques que os magos tinham demonstrado, atingiu o ápice daquela arte. O ato foi tão sublime que estava fora do alcance da feitiçaria, ao ponto que os magos não tiveram outra escolha senão se prostrar a Deus e tornarem-se crentes em sua Mensagem sem esperar pela permissão do Faraó. No caso do Profeta Jesus (A.S.), a medicina era a disciplina número um de seu tempo. Deus enviou-o com o milagre da ressurreição, da devolução da visão ao cego e da cura dos leprosos. Aqueles foram prodígios, que o fizeram persuadir os corações e as mentes, tanto assim que um grupo de seus seguidores se desviou por acreditar que ele era um ser divino. A excelência literária e a elocução lingüística eram as principais virtudes da sociedade árabe no tempo do Profeta Mohammad (S.A.A.S.). O Alcorão foi seu milagre, já que desafiou todos os homens de letras e os oradores eloqüentes a imitarem seu estilo, e ainda não puderam fazê-lo.

Tudo isso nos dá uma clara idéia sobre a posição do conhecimento e o papel que os ativistas bem-informados podem desempenhar no serviço de sua missão na senda de Deus. Ele é capaz de conseguir para eles o respeito das pessoas e de vencer os desafios dos descrentes e dos hipócritas.

4. O Evangelismo explora o conhecimento para servir os seus objetivos

O movimento missionário e as forças coloniais planejaram muito bem e se prepararam para propagar sua doutrina evangélica. Muitos de seus ativistas se graduaram em muitas disciplinas e campos do conhecimento, o que eventualmente abre as portas das universidades, hospitais, conferências internacionais, etc., para eles. Isto fez com que sua entrada na sociedade pelas portas mais largas fosse uma conseqüência natural. Por conseguinte, eles têm tido grande influência, se não um decisivo peso sobre a cultura, o bem-estar e o sistema da sociedade. Por outro lado, o movimento orientalista europeu se tornou subserviente aos objetivos do movimento missionário, que estava determinado a manchar a imagem do Islam, de seu Profeta e de tudo aquilo que defende culturalmente, e finalmente, expulsou-o da vida das pessoas. Nós experimentamos de primeira mão os desígnios das organizações imperialistas, que buscam ter um impacto sobre a sociedade enviando pessoas muito requisitadas com a requerida capacidade. Isto faz com que eles exerçam influência na vida das pessoas.

5. A sublime posição de José para com seus irmãos

No final desta história notável, nos deparamos ainda com a nobre posição tomada por José. Desta vez, é a sua magnânima atitude com seus irmãos, que confessaram seu crime de tramar sua morte ou de livrar-se dele por inveja. Sua fé em Deus e sua perseverança na adversidade, que o guiou finalmente à supremacia do governo, o fez perdoar e ser bondoso com eles sem que soubessem. Uma vez que souberam disso, desta bela atitude, pediram perdão por suas más ações. De sua parte, ele os perdoou sem arrogância, dessa forma:

“Disseram-lhe: Por Deus! Ele te preferiu a nós, e confessamos que fomos culpados. Asseverou-lhes: Hoje não sereis recriminados! Eis que Deus vos perdoará, porque é o mais clemente dos misericordiosos”. (C.12 – V.91 e 92)

Aqui vemos José outra vez numa situação em que ele expressa sua submissão perante Deus, quando estava reunido com seus pais e elevou-os ao trono. Ele não falou de sua história em detalhes, com exceção do fato de que ele concluiu que ela era, em todas as suas fases, uma graça de Deus. José se auto-oblitou diante de seus pais e irmãos, a quem não reprovou por sua transgressão contra ele porque, como via, o problema deles tinha sido uma instigação de Satã. Da parte deles, uma vez que descobriram que tinham estado no erro, retornaram à senda reta de Deus.

No fim, José (A.S.) voltou-se a Deus em prece para testemunhar seus verdadeiros sentimentos sobre todas as provas, tribulações e momentos que passou, pedindo seu apoio e proteção:

“José honrou seus pais, sentando-os em seu sôlio, e todos se prostraram perante eles; e José disse: Ó meu pai, esta é a interpretação de um sonho passado que meu Senhor realizou. Ele me beneficiou ao tirar-me do cárcere e ao trazer-vos do deserto, depois de Satã ter semeado a discórdia entre meus irmãos e mim. Meu Senhor é Amabilíssimo com quem Lhe apraz, porque Ele é o Sapiente, o Prudentíssimo. Ó Senhor meu, já me agraciastes com a soberania e me ensinastes a interpretação das histórias! Ó Criador dos céus e da terra, Tu és o meu Protetor neste mundo e no outro. Faze com que eu morra muçulmano, e junta-me aos virtuosos!” (C.12 – V.100 e 101)

A lição definitiva

Na história de José existem muitas lições para os ativistas na senda de Deus tomar como exemplos. Eles devem seguir suas pegadas quando evoluem partindo de pequenas posições e fazem grandes voltas, depois de experimentarem condições variadas e utilizarem toda a energia na arena da luta. Não devem, quando chega o tempo de atingir o topo, ser como pavões, com a tendência a ostentação. Não devem ser como aqueles que não podem resistir às armadilhas do poder e que caem em suas tentações, esquecendo seu dever para com seu Senhor, e sendo injustos para consigo mesmos. Podem também transformar todo o triunfo divino naquilo que tenha sido alcançado por seu esforço pessoal.

E ainda, existem outros, que se contam entre uma minoria, que se posicionam alto para afirmar que o processo das mensagens divinas deve ter precedência sobre as aspirações da vida, e que os sucessos divinos não são reserva exclusiva do indivíduo. São graças sagradas que Deus concede aos que trabalham em sua causa, dotando-os de talento e competência para se acostumarem a propagar a Mensagem. Portanto, não deve haver lugar para arrogância ou desdém em relação às pessoas. Mas sim, lugar apenas para humildade baseada na fé do homem em seu Senhor e em seu sentimento de dependência em relação a Ele em tudo, e de que não há poder nem refúgio exceto em Deus, o Altíssimo, o Onipotente.

Esta história é uma lição prática que os trabalhadores na causa de Deus devem aprender, de modo que sugam as pegadas dos profetas que tinham um senso de humildade diante das vitórias e oravam a Deus por qualquer vislumbre de sucesso ou progresso. Vocês também devem invocar o poder da prece na adversidade porque Deus tem a última palavra. Assim, no sucesso ou no fracasso, deve-se recorrer a Ele.

Uma grande parte da história de José discute o lado emocional da alma humana. Gostaríamos de nos concentrar nesse assunto levantando duas noções que suscitam reflexão, que podem ser deduzidas do modo como o qual o Alcorão contou a história:

1. A religião não desaprova as paixões

A religião não declarou como proibido o assunto de discutir as questões emocionais. As pessoas devem sentir-se livres para falar sobre esse assunto,

incluindo as histórias de amor, contanto que sirvam aos intentos e propósitos da Mensagem. Estas histórias devem descrever uma situação onde a vontade humana triunfe sobre os sentimentos e o impulso sexual. Portanto, a pessoa que se eleva ganhando o controle de seus desejos representará verdadeiramente aquele que está ligado à Mensagem de Deus. Tal pessoa servirá como paradigma ao realismo do Islam em suas leis e doutrinas. As histórias podem descrever alguns episódios trágicos para homens e mulheres que tenham seguido o caminho do extravio na satisfação das suas necessidades sexuais. Tais histórias devem servir como elemento dissuasivo para outros para que tomem o mesmo caminho. Isto ajudará a dar início a um planejamento para a literatura islâmica responsável, na qual possa haver uma história de amor junto às questões sociais, políticas, etc.

Ao se fazer isso, a abordagem islâmica para o chamado à senda de Deus fará uma abertura de oportunidade por meio da qual a lei do Islam e sua ideologia iluminem a vida das pessoas. Isto com o objetivo de tornar absolutamente claro que o Islam não está limitado a certos aspectos da vida. Se faz presente para permear aqueles domínios da vida humana que estão relacionados aos sentimentos e emoções também. O que prova ser falsa a noção que o Islam nada tenha a ver com as questões sentimentais. Não há como isso possa ser verdadeiro depois que o Alcorão tratou dessas questões em muitas passagens.

Todavia, diretrizes artísticas devem ser determinadas, com o intuito de colocar esta atividade literária numa posição de equilíbrio, dentro do âmbito essencial do Islam para a ideologia e o chamado à senda de Deus, como é o caso de outras tendências literárias.

2. A religião e a educação sexual

A religião fala das relações sexuais, as normais e as anormais, numa maneira natural. Precisamente como é o caso de outras relações humanas. Isto indica o fato que o conhecimento sobre este aspecto dos relacionamentos humanos não é um conhecimento desprezível, como os costumes sociais parecem sugerir. Ao contrário, o Islam não se põe no caminho da difusão da educação sexual dentro de um plano sadio, longe do clima da instigação sensual, como em qualquer outra área da educação. É dessa forma principalmente quando se está evidente que muitos versículos alcorânicos e tradições proféticas abordam o assunto.

Podemos chegar ao ponto de dizer que o Islam encoraja tal educação, ao menos em razão de muitas injunções legais relacionadas às relações sexuais entre homens e mulheres. Exemplos disso são os banhos rituais depois do ato sexual ou que restauram a pureza física ao corpo após o período menstrual ou de pós-parto, etc. A confirmação dessas ordens e o cumprimento satisfatório de tais obrigações não seriam conseguidos a menos que se soubesse em detalhes as funções dos órgãos e sistemas reprodutores do homem e da mulher. O adágio é: *“Não há lugar para timidez em questões religiosas”*.

Por conta disso, podemos dizer que o Islam favorece o chamado para a educação sexual, não a partir da perspectiva que sustenta que a ignorância engendre complexos psicológicos, mas sim, de um ponto de vista que rejeita a mentalidade que considera o imiscuir-se em assuntos sexuais como sendo um comportamento obsceno ou algo proibido. Além disso, a educação sexual influencia a prática de certos atos de adoração ou a abstenção de outros. Isto torna a educação sexual uma obrigação religiosa sagrada. Em suma, aspiramos difundir a educação sexual através das histórias alcorânicas e da legislação islâmica, além da sólida edificação do caráter islâmico, longe de todos os complexos de inferioridade e influências negativas.

É absolutamente natural, pois, que empenhemos considerável esforço no estudo do Livro e das tradições proféticas, de modo que possamos alcançar uma visão abrangente do Islam sobre as questões sexuais. Já que esta é considerada uma das questões centrais que ocupam boa parte do pensamento social e educacional na atualidade. Isto será em resposta a uma posição fundamental que torna uma obrigação para nós o esforço em deduzir o posicionamento do Islam sobre qualquer questão que seja ressaltada e sobre toda tendência que se impõe na vida, a fim de que os muçulmanos não permaneçam em desvantagem no meio de opiniões conflitantes.

Capítulo 7

O Diálogo nas Narrativas Alcorânicas (2)

Humanos em diálogo sobre a Mensagem Divina

Nos capítulos anteriores deste livro a discussão se focalizou sobre os profetas e seus diálogos sobre a Mensagem que foram enviados para comunicar. Certamente, foram lições para se aprender como conduzir o ativismo islâmico da melhor maneira, hoje e no futuro.

A discussão neste capítulo será centrada sobre diferentes tipos de pessoas que foram matéria de discussão de muitas e variadas instâncias onde os humanos estavam envolvidos em diálogo de uma ou de outra natureza como é relatado pelo Alcorão. A partir desses incidentes históricos, que são bons exemplos a serem seguidos ou maus exemplos a serem evitados.

O Alcorão descreveu exemplos do campo da fé e do campo da descrença. Houve pessoas que permaneceram fiéis à sua convicção ideológica, na senda reta, enquanto outras se extraviaram no pensamento e na ação. Quanto aos bons exemplos, o Alcorão tentou deixar claro o que os destacou, alguns tanto que transcenderam todas as barreiras do tempo, de lugar e de povos, para iluminar nossas vidas.

Aqui, nos empenharemos em estudar as histórias alcorânicas dessas pessoas, sejam elas boas, de modo que possamos seguir seu exemplo, ou más, de modo que possamos nos afastar de seu procedimento.

Abel e Caim

Uma das mais impressionantes técnicas de diálogo do Alcorão foi o uso de dois caracteres contraditórios, um digno de imitação e outro inapropriado para ser seguido. Sobre um incidente particular as duas pessoas tomam posições diametralmente opostas, onde o diálogo vocal se inicia palavra por palavra e o diálogo ciente com ação e contra-ação. Isto prepara o caminho para ambas as partes ao diálogo franco. Os intercâmbios verbais e de ações então fornecem ao homem um quadro completo a fim de cuidar de sua própria vida adotando o caminho reto.

Um exemplo deste tipo de diálogo está na história de Abel e Caim, que o Alcorão relatou numa maneira concisa:

“E conta-lhes (ó Mensageiro) a história dos dois filhos de Adão, quando apresentaram duas oferendas; foi aceita a de um e recusada a do outro. Disse aqueles cuja oferenda foi recusada: Juro que te matarei. Disse-lhe (o outro): Deus só aceita (a oferenda) dos justos. Ainda que levantasses a mão para assassinar-me, jamais levantaria a minha para matar-te, porque temo a Deus, Senhor do Universo”. (C.5 – V.27 e 28)

Comparando os dois homens

Supondo que estejamos assistindo os eventos dessa história se desenrolando diante de nossos olhos, a cena é representada onde os dois filhos de Adão são vistos oferecendo sacrifícios a Deus, exclusivamente na busca de seu apazimento ou pedindo que seus favores sejam concedidos a eles. O resultado foi que Ele aceitou o sacrifício oferecido por um deles e rejeitou o do outro. O preterido não reconheceu a derrota com obediência, ao contrário, protestou e rebelou-se, contemplando a transgressão.

A cena dois leva-nos à discussão entre os dois irmãos, onde o preterido começou a ameaçar o outro com a fé religiosa firme cuja oferenda Deus tinha recebido. O primeiro ardia de ira, animosidade e inveja, tanto assim que ameaçava seu irmão de morte. Não havia nenhuma necessidade de proferir amea-

ças de morte ou vingança, já que a parte ameaçada não tinha nenhuma responsabilidade no resultado das oferendas. Tudo era ação de Deus. Portanto, a Ele deveria ser endereçada qualquer queixa. Todavia, isto acontecia como resultado da cegueira da inveja.

Qual foi a reação do crente? Tudo o que se pode aprender da atitude do irmão que tinha sido ameaçado é a calma e a tranqüilidade da crença e da pureza espiritual, que pode ser detectada dos sinceros sentimentos pelo irmão desviado. Suas palavras resumiram tão sinceros sentimentos, principalmente em sua resposta a seu irmão:

“Ainda que levantasses a mão para assassinar-me, jamais levantaria a minha para matar-te, porque temo a Deus, Senhor do Universo”. (C.5 – V.28)

Esta é a posição de não-violência e de propensão ao pacifismo. Ele elevou-se acima da linguagem ameaçadora usada por seu irmão, já que não aprovava a atitude de homicídio num momento de fúria ou capricho. Acreditava na calma e na argumentação racional, que é capaz de suavizar situações tensas que tenham se precipitado em mal-estar. O mais sábio dos dois irmãos em seguida defendeu sua posição de não-agressão de sua crença em Deus, que deseja que o homem viva em paz na terra. Assim, ele estava resignado com o fato de que temia a Deus, o Senhor dos Mundos, que está ciente de todas as palavras e atos e que convocará o homem para dar conta do que tenha feito.

Firme no conhecimento o qual até onde lhe importava, aquela era uma questão de princípio, o mais sensato deles avisou o outro que seria responsabilizado pelas culpas de ambos, o assassino e a vítima, se decidisse ir em frente e assassiná-lo. Além disso, ele alertou-o que sua morada final seria o fogo do inferno, que é a punição dos transgressores. Esta iniciativa de recordar o pretensão assassino de uma iminente punição coincide com esta tradição, “o assassino causará a purificação de todos os pecados de sua vítima”, se o assassinato não tenha sido provocado. Isto tenciona servir como um fator de restrição para que não se cometa o homicídio, e uma recordação das conseqüências, se for cometido.

Algumas pessoas podem argumentar que a vítima não estava tentando se defender, o que era o seu direito. Contudo, a questão não é como foi entendida. Parece que o diálogo em ação era sobre o uso da violência para

combater o desapontamento e sentimentos de derrota, visto que não se justificava em tal caso. Os versículos alcorânicos não entram em detalhes sobre o incidente. A vítima se rendeu ao assassino? Ou reagiu e tentou defender-se? Ou o crime não aconteceu como um assassinato? O versículo escolheu ignorar todos esses detalhes, preferindo concentrar-se na vibração do tópico do diálogo. Não quis divagar para longe do ponto essencial do debate, a natureza do incidente, que representou a primeira ação maligna sobre a terra. Por outro lado, quis demonstrar a ingenuidade do criminoso e sua ignorância em como ocultar seu crime ou enterrar a vítima, tanto assim, que Deus enviou um corvo para mostrar a ele como sepultar o cadáver de seu irmão. Este tempo gasto, depois de cometer o crime, deu-lhe oportunidade de refletir sobre o que tinha feito, culminando em seu remorso.

Outros podem também argumentar sobre a comparação entre as duas posições dos antagonistas, concluindo que, ao manter-se ciente, a vítima tinha dado a iniciativa para seu irmão assassiná-lo sem preparar uma séria tentativa de defender-se. Porém, nossa interpretação dos versículos nos leva a concluir que a vítima tentou argumentar com seu irmão rejeitando primeiramente a idéia de sua iniciativa de agressão com base nas justificativas apresentadas pelo agressor. Assim, ele começou por rejeitar, por temor a Deus, a noção de ser ele a parte que desferiu o primeiro golpe, o que insinuaria que não estava na posição de autodefesa, que dá a qualquer pessoa em semelhante situação o direito de agir assim. Tivesse ele desejado o oposto, demonstrado fraqueza ou rendição, teria tomado um caminho diferente.

Valores educacionais

A moral desta curta história e diálogo, que descreve dois caracteres díspares, representando o bem e o mal, é que temos que acolher a noção do bem e dar à idéia do mal a rejeição. O avaliar de duas posições contraditórias entre si deve dizer-nos de qual lado devemos ficar, já que o crime não teve motivo racional, foi perpetrado devido a um complexo psicológico gerado pela inveja. A vítima não fez coisa alguma que pudesse justificar o crime contra ela. A vítima nem mesmo tentou demonstrar seu triunfo sobre

seu irmão, quando Deus aceitou seu sacrifício oferecido, de modo que isso pudesse ser entendido como um sinal de provocação. Sua fibra moral não lhe permitiu fazer isso.

A última lição a ser aprendida desta história é a repugnância que se engendra nos corações e mentes das pessoas contra o crime e os criminosos. Por outro lado, gera simpatia para com a vítima. Isto deixará um impacto sobre a conduta humana no contexto geral das ações que o homem venha a defender e no julgamento que possa desejar aprovar sobre as ações alheias.

Quanto a nós, podemos utilizar a história em duas áreas:

1. No campo educacional, a história pode servir como um exercício de aprendizado e experiência, especialmente quando posto em prática. Pode ser desejável transformá-la numa história educacional religiosa que tenha por alvo as crianças e os jovens, num modo que seja apropriado para sua mentalidade, seja isso num estilo de conto, vídeo ou desempenho teatral.
2. Escrever outras histórias usando o mesmo tema, com o intuito de apresentar o crime, em todas suas modalidades, assassinio, furto, adultério ou transgressão do direito das pessoas. Isto porque o modo alcorânico de educação inicia com a fase de planejamento, utilizando os exemplos fornecidos, ou por imitá-los, usando os temas gerais ou escrevendo histórias originais. Há de ser frisado, contudo, que a abordagem alcorânica jamais objetivou fornecer os textos simplesmente para que fossem memorizados numa maneira estéril, similar a do “papagaio”, que não é de nenhum modo capaz de progredir em proporcionar variedade.

Feito isso, podemos garantir que o trabalho educacional islâmico visa o clima do Alcorão e se apóia em sua ideologia e em seus métodos de trabalho.

Saul e Golias

Esta é outra das histórias dos profetas. Gira em torno de um profeta que foi enviado aos israelitas, saber seu nome não é tão importante, já que nos propomos a nos concentrarmos no assunto do diálogo que aconteceu entre ele e o povo a quem foi enviado.

A história em resumo

As pessoas dirigiram-se a seu profeta para que lhes enviasse um rei (Comandante) para a luta na causa de Deus, de modo que pudessem combater sob seu comando, dando a impressão que eles eram o Exército de Deus e que procuravam um comandante competente.

O Profeta estava um tanto cético quanto a seriedade de seu pedido. Assim, ele lhes disse que estava temeroso de que não pudessem responder ao chamado às armas, se Deus tornasse lutar obrigatório para eles. Em resposta, deixaram claro que tinham resolvido o assunto e que estavam decididos a empreender guerra, nem que fosse apenas pela injustiça que estava sendo feita a eles por serem privados de seus conhecidos e parentes pela expulsão. Isto, acrescentaram, tornava a guerra justa, em defesa de seus interesses e para preservar a fé.

O Profeta nomeou o comandante, deixando perfeitamente claro a eles que a nomeação tinha sido divinamente sancionada. Todavia, eles não ocultaram seu verdadeiro sentimento sobre o comandante nomeado, já que, para eles, não era o homem certo para o trabalho, por sua fraca posição financeira. Em outras palavras, consideravam uma sólida posição econômica um pré-requisito para comandar e governar. Eles ainda argumentaram que alguns deles eram mais dignos do que o nomeado em razão de preencherem esta condição.

De sua parte, o Profeta discordou deles, discordou que a riqueza devesse contar tanto nas qualidades do comandante em virtude de que a natureza de seu trabalho requeria a disponibilidade de uma força de luta e a perícia para planejar e preparar ataques. Ele confirmou que ambas esta-

vam presentes no nomeado, que tinha sido dotado com extraordinária força física e conhecimento militar. E, em última análise, tinha sido a vontade divina que havia decretado sua nomeação.

O novo comandante partiu com seus soldados. Períodos de teste entre o comandante e sua tropa se iniciaram. Ele anunciou-lhes que Deus tinha decidido verificar suas atitudes para ver quão obedientes eles eram no cumprimento das ordens dadas. O teste foi que, ao chegarem a um rio, não deveriam beber mais do que um punhado de água cada um, não importando o quão sedentos pudessem estar. A maioria não passou no teste e demonstrou uma moral fraca. Os verdadeiros crentes mantiveram-se firmes, e por fim, venceram a batalha.

Esta foi a história. Que lições devemos extrair dela?

Lições para os ativistas

Existem vários pontos nesta história/diálogo a serem considerados:

1. O nível requerido de preparo

Os trabalhadores na senda de Deus devem estar cautelosos com muitas pessoas que acenam os slogans do Jihad e porém, uma vez que uma liderança boa e sábia torna-se disponível, ocultam os slogans pois pensam ou esperam que tal liderança nunca surgirá. Temos que fazer uso da abordagem demonstrada nesta história para tratar com elas, com o intuito de testá-las. Ao fazermos isso, seremos capazes de descobrir se são sérias. Portanto, devemos neutralizar os elementos enganadores dentre eles fazendo-os encarar a situação, se não em situações reais, então ao menos travando com eles um diálogo que seja capaz de revelar tais aspectos pessoais e doutrinários pertinentes.

2. Vitória e derrota

A questão de vitória ou derrota não está relacionada a um número maior ou menor de combatentes. Mas sim, é uma questão de convicção, planejamento, organização e armamento. Isto certamente fará as forças

organizadas da fé, muito embora minoritária numericamente, ganhar vantagem sobre o adversário, a despeito de seu número. Isto tem sido sustentado por este lema sincero:

“(...) Quantas vezes um pequeno grupo venceu outro mais numeroso, pela vontade de Deus, porquanto Deus está com os perseverantes!”?
(C.2 – V.249)

Decerto que isso fará os ativistas crescerem em confiança, não importando o poder que seus adversários possam reunir.

3. Vivendo a experiência

O significado do diálogo nesta história é que temos estado aptos a examinar as emoções de ambos os grupos e as posições para as quais se movem, sejam eles os hesitantes ou os fiéis. Isto raramente se encontra, tivesse o estilo de contar a história, mesmo sendo um relato, não um diálogo. O impacto da história é muito maior quando é contada num estilo de diálogo que podemos facilmente nos identificar com ele.

4. Contando com o apoio de Deus

Incondicionalmente, os mujahideen dentre os crentes jamais devem esquecer que necessitam do apoio e da orientação de Deus. Se é a vitória que aspiram ou a paciência na adversidade, devem sempre confiar Nele. Jamais devem perder de vista o fato de que Ele é quem concede a vitória. Assim, experimentar os sentimentos de que se seja invencível não deve levar à vaidade e ao dar às costas a Deus. Similarmente, sentimentos de fraqueza não devem levar a resignação diante do poder do mais forte. Em última análise, seja na paz ou na guerra, as pessoas devem sentir-se tão frágeis como uma pena diante do Criador, já que são meros mortais.

Esta é a diferença entre os crentes que se sentem na alta pluma, apoiados na força do Todo-Poderoso, e que portanto vencerão, e os descrentes que se apóiam na força mundana, que está definhando. Assim, os segundos se fazem reféns da própria sorte.

Depois deste resumo, é tempo de experimentar a história uma vez mais através do vívido diálogo alcorânico:

“Não reparastes (ó Mohammad) nos líderes dos israelitas que, depois da morte de Moisés, disseram ao seu profeta: Designa-nos um rei, para combatermos pela causa de Deus. E ele perguntou: Seria possível que não combatêsseis quando vos fosse imposta a luta? Disseram: E que escusa teríamos para não combater pela causa de Deus, já que fomos expulsos dos nossos lares e afastados dos nossos filhos? Porém, quando lhes foi ordenado o combate, quase todos o recusaram, menos uns poucos deles. Deus bem conhece os iníquos. Então, seu profeta lhes disse: Deus vos designou Talut por rei. Disseram: Como poderá ele impor a sua autoridade sobre nós, uma vez que temos mais direito do que ele à autoridade, e já que ele nem sequer foi agraciado com bastantes riquezas? Disse-lhes: É certo que Deus o elegeru sobre vós, concedendo-lhe superioridade física e moral. Deus concede a Sua autoridade a que Lhe apraz, e é Magnífico, Sapientíssimo. E o seu profeta voltou a dizer: O sinal da sua autoridade consistirá em que vos chegará a Arca da Aliança, conduzida por anjos, contendo a paz do vosso Senhor e algumas relíquias, legadas pela família de Moisés e de Aarão. Nisso terei um sinal, se sois fiéis. Quando Saul partiu com o seu exército, disse: É certo que Deus vos provará, por meio de um rio. Sabei que quem nele se saciar não será dos meus; sê-lo-á quem não tomar de suas águas mais do que couber na concavidade da sua mão. Quase todos se saciaram, menos uns tantos. Quando ele e os fiéis atravessaram o rio, (alguns) disseram: Hoje não podemos com Golias e com seu exército. Porém, aqueles que creram que deveriam encontrar Deus disseram: Quantas vezes um pequeno grupo venceu outro mais numeroso, pela vontade de Deus, porquanto Deus está com os perseverantes! E quanto se defrontaram com Golias e com o seu exército, disseram: Ó Senhor nosso, infunde-nos constância, firma os nossos passos e concede-nos a vitória sobre o povo incrédulo! E com a vontade de Deus os derrotaram; Davi matou Golias e Deus lhe outorgou o poder e a sabedoria e lhe ensinou tudo quanto Lhe aprouve. Se Deus não contivesse aos seres humanos, uns, em relação aos outros, a terra se corromperia; porém, Ele é Agraciante para com os mundos”. (C.2 – V.246 a 251)

A História de Carun

Este é um outro exemplo das histórias alcorânicas contadas à maneira do diálogo. É a história de Carun, do povo de Moisés (A.S.), que se engajou em diálogo com seu povo. Da parte deles, conduziram um diálogo entre eles mesmos, sobre ele. Carun foi o epítome da arrogância induzido pela riqueza, tanto assim que sua influência levou-o a acreditar que era invencível, e nesse ínterim, ele esqueceu seu Senhor e foi injusto para consigo mesmo. Para Carun, enriquecer era o mais importante, ao ponto que isso o dominou, não deixando nenhuma chance para que pensasse corretamente ou fizesse o bem. Sua visão era tão estreita que ele não podia pensar em nada mais senão em ficar mais rico.

O seu exemplo é o da mentalidade humana materialista no nível do indivíduo e da sociedade, uma sociedade que estava caída de paixão pela riqueza, considerando-a uma grande virtude humana.

Por meio do diálogo entre Carun e seu povo, o Alcorão descreveu o verdadeiro caráter do homem e de toda filosofia de vida que ele defendia. No outro lado da balança está uma outra imagem, aquela de um pequeno grupo dentre seu povo que não via nada com os mesmos olhos que ele. Um grupo de pessoas que não demonstrava o mesmo entusiasmo pela riqueza que Carun demonstrava. Eles não se sentiam fracos diante da influente fortuna de Carun. Foram mais longe o alertando contra a intemperança em seus modos, e que ele estaria melhor ao dispor seus bens para um melhor uso, já que o papel da riqueza na vida era um meio a ser utilizado para o bem, assim como para viver uma vida decente. Portanto, ele deveria ter sido um instrumento, com toda sua imensa riqueza, para guiar sua vida para a senda correta, exatamente como Deus tinha ordenado, não no serviço de objetivos malignos. Não deveria considerar a riqueza como um ídolo a ser adorado.

Paralelo a este impasse entre Carun e os crentes dentre seu povo, o Alcorão retrata uma outra situação, a de Carun e dos grupos moralmente fracassados e auto-derrotados de seu povo. Aquelas pessoas tinham se tornado escravas da aparência de riqueza, tanto assim que sucumbiram às excentricidades dos ricos e poderosos. Os segundos costumavam espezinhar os pobres e fazê-los almejar seu alto padrão de vida e demonstrar fraqueza diante da atração da riqueza. Os crentes dentre o povo de Carun tinham tido um outro embate

honroso com os moralmente decaídos para fazê-los ver a realidade e para que não caíssem na tentação da riqueza.

O diálogo prosseguiu até o término e a cortina foi cerrada no final da cena em que Carun foi tragado pela terra junto com seus bens, no que a lição permanece para ser aprendida por todos os Caruns e os iludidos deste mundo, em todas as épocas. Finalmente, eis como o Alcorão conta-nos a história de Carun:

“Em verdade, Carun era do povo de Moisés e o envergonhou. Havíamos-lhe concedido tantos tesouros, que as suas chaves constituíam uma carga para um grupo de homens robustos. Recorda quando o seu povo lhe disse: Não exultes, porque Deus não aprecia os exultados. Mas procura, com aquilo com que Deus te tem agraciado, a morada do outro mundo; não te esqueças da tua porção neste mundo, e sê amável, como Deus tem sido para contigo, e não semeies a corrupção na terra, porque Deus não aprecia os corruptores”. (C.28 – V.76 e 77)

Presunção assassina

Assim, Carun estava vivendo num mundo que não ia além de seu narcisismo. Tinha perdido todo contato com a realidade e o senso comum, dando rédeas soltas a seus instintos maus para que governassem com agressão e corrupção. Com suas excessivas riquezas e bens, as chaves das quais eram muitos pesadas para serem carregadas por um séqüito de homens fortes, ele tinha a impressão de que poderia manipular as pessoas para seus próprios interesses sem ninguém que levantasse objeção a suas práticas abusivas.

Neste ponto, a elite de crentes dentre seu povo levantou-se para preveni-lo de seus excessos. Deram a ele bons conselhos, ao menos por recordá-lo de que era Deus quem dera a ele toda a riqueza e a fizera crescer. Ele não devia se deixar ser arrebatado, caindo vítima de suas próprias ilusões de presunção. Eles também o aconselharam a ser sensato e retornar à senda reta, aderindo aos nobres objetivos da propriedade privada. Sempre relacionando todas suas ações à noção da vida eterna, que deveria estimulá-lo a caridade, assim, ele teria sido capaz de afastar-se do glamour desta vida que sempre incita o homem a ser

egocêntrico em sua perspectiva. Isto não significa, porém, que se deva ignorar os desejos e as necessidades. As pessoas têm todo o direito de satisfazê-las em alguma medida e não partir para a negligência total. Devem buscar fazer o que seja bom, já que Deus faz o bem a elas, e é contra se fazer a corrupção na terra. Deus não ama os negligentes, nem aqueles que se corromperam pela riqueza.

Entrementes, Carun não parecia ter tempo para continuar o debate porque, para ele, sua grandeza se devia a ele próprio, assim:

“Respondeu: Isto me foi concedido, devido a certo conhecimento que possuo! Porém, ignorava que Deus já havia exterminado tantas gerações, mais vigorosas e mais opulentas do que ele. Em verdade, os pecadores não serão interrogados (imediatamente) sobre os seus pecados”. (C.28 – V.78)

Portanto, ele parecia rejeitar a noção de que pudesse ter existido um outro grupo de pessoas que tivesse contribuído para sua imensa riqueza. Suas palavras acusavam seus verdadeiros sentimentos, já que não queria acatar a idéia de que Deus pudesse ter tido participação na facilitação de seu enriquecimento. De modo arrogante, concluiu que ele próprio tinha amealhado sua fortuna por seu próprio esforço e habilidade. Sustentava que nenhuma autoridade tinha o direito de restringir sua atividade por nenhuma de suas leis e regras. Era de opinião que estava dentro de sua prerrogativa fazer tudo o que quisesse.

O Alcorão não deixa este tipo de atitude sem resposta. Deus tinha, no passado, aniquilado muitos que foram mais poderosos e mais ricos do que Carun. Assim, seu poder não representava nada diante de Deus. Seu poder e suas riquezas seriam capazes de protegê-lo, enquanto os que o precederam tinham se arruinado?

Esta foi a cena um. Quanto a cena dois, eis como o Alcorão a revela:

“Então apresentou-se seu povo, com toda a sua pompa. Os que ambicionavam a vida terrena disseram: Oxalá tivéssemos o mesmo que foi concedido a Carun! Quão afortunado é! Porém, os sábios lhes disseram: Ai de vós! A recompensa de Deus é preferível para o fiel que pratica o bem. Porém, ninguém a obterá, a não ser os perseverantes”. (C.28 – V.79 e 80)

Manifestações passageiras

Ele queria impressionar as pessoas com seu resplendor mundano, de modo que elas cedessem ao sentimento de inferioridade. Ostentando diariamente sua aparência pomposa, Carun tinha buscado fazê-los se submeterem ao fascínio da riqueza, e, no entanto, esquecendo que nem tudo que brilha é ouro.

Esta é a visão daqueles que são iludidos pelo aspecto exterior das coisas, como opostos dos que vêem além da aparência. O primeiro grupo experimenta momentos de gozo na glória, portanto, caem presas fáceis da atração efêmera da vida, ao passo que o segundo grupo examina o fundo das questões, cientes do mais longo prazo, e vendo isso em sua verdadeira forma como se revela aos seus olhos, afastados de qualquer engrandecimento. Eles sabem muito bem que o fim de qualquer poder dependerá de Deus. Por conseguinte, sua recompensa é constante, ao menos em razão de todas as aparências se dissiparem mais cedo ou mais tarde.

O Final

Não é suficiente ao Alcorão apresentar esta cena num cenário de diálogo. Ao contrário, ele coloca os toques finais para selar o destino de tal homem arrogante, assim:

“E fizemo-lo ser tragado, juntamente com sua casa, pela terra, e não teve partido algum que o defendesse de Deus, e não se contou entre os defendidos. E aqueles que, na véspera, cobiçavam a sua sorte, disseram: Ai de nós! Deus prodigaliza ou restringe as Suas mercês a quem Lhe apraz, dentre os Seus servos! Se Deus não nos tivesse agraciado, far-nos-ia sermos tragados pela terra. Em verdade, os incrédulos jamais prosperarão”. (C.28 – V.81 e 82)

Portanto, as cortinas de fumaça foram removidas dos olhos das pessoas que caíram vítimas da atração dos ganhos mundanos, ao testemunharem o terrível fim do homem que era o epítome da opressão e da tirania.

No destino de Carun há uma lição a ser aprendida por aqueles cuja riqueza ofusca a visão tanto que não mais enxergam com sensatez depois que cedem a vaidade, opressão, transgressão e descrença.

Esta foi a narrativa sobre Carun. O que isto tem a ver conosco nos dias de hoje?

Nossa posição sobre os Caruns contemporâneos

Existem várias questões para se refletir a respeito:

1. Revelando os Caruns

Os ativistas na senda de Deus não devem poupar esforços em identificar os Caruns contemporâneos e revelá-los, apenas para impedi-los de se tornarem instrumento de subjugação e extravio na sociedade. Isto pode ser feito julgando-os segundo o padrão de Carun, cuja história foi contada pelo Alcorão. Isso sendo como emprestar a santidade do Alcorão para a ação de exibí-los, num esforço genuíno para manter todo o processo livre de todas as influências e considerações pessoais ou políticas. Ao fazer isso, deve-se garantir que o esforço permaneça puramente objetivo, na causa do Islam, dissipando quaisquer dúvidas quanto a seus motivos.

Isto ajudará a apresentar a verdadeira imagem do Islam, a religião que rejeita e combate todos os transgressores e tiranos com o mesmo entusiasmo com que rejeita e combate as forças do ateísmo e da descrença. O que se atribui ao fato de que, de acordo com o Islam, a descrença é de dois tipos: (a) ideológica, (b) prática, ou seja, de transgressão, agressão e opressão. Um homem pode ser um ateu em pensamento e um crente na prática, ou seja, intelectualmente sustentar a doutrina dos descrentes e praticar o credo dos crentes. O oposto é verdadeiro. Isto é, alguém pode encontrar pessoas que acreditam em Deus, em seus mensageiros, e ainda assim se afastam da senda reta e se extraviam, seguindo as pegadas de Satã.

Tais pessoas perdidas podem deixar um legado desagradável para que o Islam lute contra, sem contar o efeito adverso que têm sobre a sociedade. Isto em virtude da confusão que semeiam na vida social e

econômica do povo, pois procuram seguir uma política de matar de fome o povo e torná-lo pobre pela exploração e a opressão. Esta situação dá oportunidade aos defensores da descrença para que iludam as pessoas e as transformem em descrentes em nome da justiça, e as façam desonestas em nome da liberdade e da dignidade.

2. O além é o objetivo principal desta vida

No curto diálogo entre Carun e os crentes de seu povo, podemos ilustrar o ponto de vista islâmico sobre esta vida e o além. Devemos ainda buscar compreender a posição do homem sobre a riqueza, isto é, como ele deve cuidar de utilizá-la ou investi-la. Isto com o objetivo de alcançar o plano equilibrado do Islam para o homem na vida. Para mostrar ao homem o que é permissível e o que não é sem nenhum desvio ou exagero.

O além não é um mundo estranho que está muito distante deste mundo. Similarmente, esta vida não é estranha comparada à vida do além. De acordo com o Islam, a vida futura representa a meta deste mundo em todas suas atividades. É, portanto, compulsório para os crentes considerar todas essas realidades em tudo que fazem.

Contudo, qual é o caminho certo para se alcançar a vida futura? É o de se afastar dessa vida e de toda sua atração, desejos, e momentos felizes, tanto assim que o homem morra antes do tempo e se vá antes do tempo de ir?

A vida futura não é deste modo. Ao contrário, ela conclama o homem a fazer a sua parte nesta vida, sem negligenciá-la. Isto porque é um pré-requisito para ele continuar vivendo e cumprir sua parte nisso tanto quanto viva num corpo material que necessita ser alimentado. O homem deve também reconhecer que ele é um ser espiritual que necessita da vida para que possa aspirar seu ar puro através dela. Se negligenciarmos as necessidades e os desejos humanos e reprimi-los, cerrando as aberturas da vida para eles, de tal maneira que não haja nenhum meio para que o espírito respire, estaremos paralisados. Assim, o espírito não mais vagará no vasto universo, muito embora possa ainda estar respirando.

O corpo deve sentir-se livre para satisfazer suas necessidades e desejos. De maneira similar, o espírito tem todo o direito de vagar com suas aspirações e sonhos, contanto que isso não venha a desviá-lo para longe da vida futura.

O sucesso na vida futura está na aderência aos valores da vida, que Deus desejou que o homem reconhecesse de boa vontade em sua consciência, conduta e nas relações com os demais, de modo que esta vida venha a proporcionar uma boa oportunidade para a paz, para a prática do bem, para o amor, a justiça e a crença.

Este é o caminho no qual o crente deve conduzir-se na vida, enquanto permaneça fiel a grande meta que mantenha seu espírito aspirando ao encontro com Deus em sua misericórdia, compaixão, sabedoria e comando. De acordo com isso, o relacionamento do homem com seus bens materiais deve ser determinado. Ele tem todo o direito de fazer uso de sua riqueza para satisfazer suas necessidades, mas de um modo sensato. Porque este é o seu quinhão neste mundo. Ele não tem o direito de gastá-lo de modo imprudente, nem é permitido a ele gastá-lo de modos maléficos ou perpetrando o crime. Todas as coisas devem ser gastas moderadamente, sem perder de vista o que Deus ordenou. Se isso acontecer, este não é o caminho certo para a morada final.

A marca distintiva do cuidado em utilizar os bens materiais é a de que seu uso deve ser realista, buscando o caminho do equilíbrio. Uma pessoa deve fazer o bem aos outros com sua riqueza, como Deus tem sido bom para com ela. Isto há de ser visto a partir da perspectiva da responsabilidade, que implica que essas duas instâncias são permutáveis. Porém, isso não deve ser visto como o fazer um favor a alguém. Deve-se também ter a cautela de não usar a riqueza para corromper as funções da vida, tais como a religiosa, a social, a política e econômica, como os capitalistas, os senhores feudais e os desonestos, cujos corações são cheios de ambição, desejam fazer. Eis porque Deus não gosta dos corruptos.

3. Como os crentes devem tratar os ingênuos que tenham sido encantados pela riqueza?

A recordação da recompensa de Deus deve ser infundida com boa vontade nos corações e mentes dos ingênuos e das pessoas fracas que estejam encantadas com o tipo de riqueza, poder e arrogância de Carun. Manter viva a esperança de colher esta iminente recompensa na mente é muito melhor do que todas as coisas na vida para os crentes que praticam o bem. Isto porque este é o tipo de trabalho que permanecerá nesta vida e na vida futura. De uma outra perspectiva, devemos sempre lembrar o destino dos semelhantes de Carun, que ganharam a punição divina. Esta abordagem pode se provar conveniente para reacender a

profunda crença, que possa ter adormecido devido ao descuido, a estupefação, e caído presa das manifestações enganosas. Esta abordagem deve administrar um choque necessário que pode deixar o homem refletindo sobre a verdade, do mesmo modo que aqueles que foram desviados pela riqueza de Carun. Ele se indispôs com a lei de Deus e, portanto, mereceu sua punição. Assim, foi deixado indefeso e privado de qualquer apoio. E o mais importante, sua riqueza, a qual ele ostentou por tanto tempo, foi de nenhuma valia. A última lição que aprenderam do destino de Carun foi que retornaram para a senda reta, aquela que Deus, que concede sustento a quem quer que Ele queira com base na justiça e sabedoria. Sua idéia caprichosa de tornarem-se como ele, quando era rico e poderoso, voltou a assombrá-los. Ou seja, tivessem se tornado como ele, teriam enfrentado o mesmo destino. E eis como expressaram isso:

“(...) Se Deus não nos tivesse agraciado, far-nos-ia sermos tragados pela terra. Em verdade, os incrédulos jamais prosperarão”. (C.28 – V.82)

O Proprietário dos Dois Pomares

O Alcorão nunca acolheu a noção de que a riqueza é uma sublime qualidade de vida, principalmente se esta seja desprovida de crença e responsabilidade. Ele reitera este tema na história dos dois homens, um dos quais era rico, famoso, e tinha muitos filhos, e outro que era pobre em quase tudo na vida. Porém, o segundo tinha uma crença inabalável em Deus, em sua Onipotência e nas graças que Ele tinha concedido ao homem em todas as coisas. Ele era tão ciente da presença de Deus em sua vida que sentia suas graças em todos os recantos de sua existência. Ele percebeu a importância e o valor da vida, tanto que não se deixava influenciar em tempos de bonança e nem desistia quando se tornavam épocas de dificuldade. Isto porque se contentava com o fato que quer fosse a bondade ou a maldade, tudo estava nas mãos de Deus, perpetuando a primeira e obliterando a segunda. Tudo o que deve permanecer são as ações do homem nesta vida, sejam elas boas ou más.

Portanto, a diferença entre os pontos de vista dos dois homens sobre a vida está evidente no diálogo alcorânico entre eles. Comparando as duas posições contrastantes, devemos ser capazes de deduzir os princípios e ideais sublimes que o Islam defende. Deus Altíssimo diz:

“Expõe-lhes o exemplo de dois homens: a um deles concedemos dois parreirais, que rodeamos de tamareiras e, entre ambos, dispusemos plantações. Ambos os parreirais frutificaram, sem em nada falharem, e no meio deles fizemos brotar um rio. E abundante era a sua produção. Ele disse ao seu vizinho: Sou mais rico do que tu e tenho mais poderio. Entrou em seu parreiral num estado (mental) injusto para com a sua alma. Disse: Não creio que (este parreiral) jamais pereça, como tampouco creio que a Hora chegue! Porém, se retornar ao meu Senhor, serei recompensado com outra dádiva melhor do que esta. Seu vizinho lhe disse, argumentando: Porventura negas Quem te criou, primeiro do pó, e depois de esperma e logo te moldou como homem? Quanto a mim, Deus é meu Senhor e jamais associarei ninguém ao meu Senhor. Por que quando entrastes em teu parreiral não dissestes: Seja o que Deus quiser; não existe poder senão de Deus! Mesmo que eu seja inferior a ti em bens e filhos, é possível que meu Senhor me conceda algo melhor do que o teu parreiral e que, do céu, desencadeie sobre o teu uma centelha, que o converta em um terreno de areia movediça. Ou que a água seja totalmente absorvida e nunca mais possa recuperá-la. E foram arrasadas as suas propriedades; e (o incrédulo, arrependido) retorcia, então, as mãos, pelo que nelas havia investido, e, vendo-as revolidas, dizia: Oxalá não tivesse associado ninguém ao meu Senhor! E não houve ajuda que o defendesse de Deus, nem pôde salvar-se. Assim, a proteção só incumbe ao Verdadeiro Deus, porque Ele é o melhor Recompensador e o melhor Destino”. (C.18 – V.32 a 44)

Como está claro no diálogo entre os dois homens, o dono dos dois pomares começou a discussão de um ponto de vista de força, ou assim pareceu a ele. Queria que o outro se submetesse a ele, ao menos mentalmente, porque era mais rico e mais poderoso que seu amigo.

O mais rico dos dois pensava que estava seguro nos recursos que possuía e que sua riqueza e domínio durariam para sempre. Estava também dominado pela ilusão de que estava absolutamente confiante de seu futuro brilhante nesta vida e na vida futura, já que tinha a si mesmo em alta conta e também em alta conta sua posição na escala social devido a seu poderio financeiro e a força com que podia lidar em razão disso.

Quanto a seu amigo, que era um crente verdadeiro, mas pobre, sua posição se encontrava forte, com um quê de sarcasmo sobre a alegação do primeiro. Isto porque ele não classificava a riqueza como um mérito sublime digno de fazer seu possuidor mais pesado nas balanças dos valores, nem achava isso uma garantia absoluta para o futuro. É assim, pela mera razão que tudo nesta vida está sujeito a tornar-se pó a qualquer momento. De modo contrário, a confiança em Deus e a busca de apoio em sua força é o principal poder nesta vida e a base para a confiança no futuro, como tinha sido no passado.

Sobre este sólido apoio, o crente pobre começou o debate com seu amigo, escarnecendo dele por se render ao fascínio de sua riqueza, tanto que isso o fazia esquecer de seu Senhor e tornar-se cético sobre o Último Dia. Assim, ele achou ser sua obrigação recordá-lo dos favores que Deus o tinha agraciado e de sua necessidade de Deus em todas as coisas. Ele continuou dando bons conselhos ao outro, dizendo que devia sempre sentir a necessidade de estar com Deus, incondicionalmente, já que Ele é a fonte do poder, Ele dará isso a quem quer que escolha e o retirará de quem quer que deseje.

Quanto à posição financeira mais forte de seu amigo e o maior número de descendentes que ele tinha, comparada a sua posição, não era nada para se guiar, já que tudo era dado por Deus e o fato de que o crente pobre tinha um forte senso de pertence a Ele. Assim, ele não considerava absurdo que Deus pudesse conceder a ele um pomar melhor do que o de seu amigo. O falso senso de segurança do homem rico em seus bens não era garantia de que Deus não pudesse destruí-los deixando-o apenas com a memória do que tinha.

O cenário inteiro torna-se mais nítido no final da cena, com o homem diante das ruínas do que era seu pomar, apertando suas mãos e dizendo:

“Oxalá não tivesse associado ninguém ao meu Senhor!”. (C.18 – V.42)

E nesse ponto, enfim, a moral se torna evidente. O homem arrogante, que pensava que sua riqueza o tinha feito inexpugnável, estava em pé estupefato e arruinado. Não havia nada e ninguém para recorrer, apenas Deus que concede as graças e as retira como Ele quer. Dele é a verdadeira propriedade sobre todas as coisas. Por conseguinte, acreditar nele, buscar refúgio nele, se firmar em suas ordens e abandonar o que tenha decretado como proibido é o caminho para a senda reta, que leva ao melhor destino e recompensa.

A dimensão educacional da história

Esta história proveitosa pode ser transformada numa narração moralista para as crianças e os adultos também. Pode ser transformado numa peça artística, um retrato e um axioma para guiar as pessoas para a verdade imortal e universal, que denota a eternidade de Deus.

Este instrumento educacional pode ser entendido como uma iniciativa para se escrever sobre novas situações de riqueza e pobreza, comparando-as com a crença e a descrença, embora usando o mesmo tema mas se dirigindo para diferentes aspectos. Os trabalhos criativos devem servir como exemplos para casar a crença à vida, no progresso em direção a um sempre-altíssimo pináculo nos domínios de Deus.

Os Pobres e os Arrogantes

Entre os objetivos do Islam está a emancipação da vontade humana do jugo dos ricos e poderosos, com o intuito de salvar o homem de cair vítima de seus desejos, idéias e planos. Os poderosos raramente são dirigidos para servir as boas finalidades, na maioria, estão a serviço do mal. O Islam tem buscado fazer isso, de maneira que o homem possa permanecer exercendo

livremente sua vontade e sendo o mestre de seu próprio destino. Isto certamente faz o homem cuidar de desempenhar sua parte na sociedade com suas próprias convicções. O que o dirigirá para longe de render-se à noção que outros devam determinar o modo que tenha que pensar e cuidar de sua vida, em outras palavras, que outros devam influenciar a condução e o controle de seu comportamento.

Cada um é o mestre de seu próprio destino

O Alcorão ressaltou este fato em muitos versículos, expressando as diretrizes gerais para esta questão e confrontando o homem com a verdade universal já que, em tudo o que acontece, o homem, no final, será responsável por suas próprias ações. Ou seja, ninguém virá em seu socorro, porque cada um estará ocupado em responder por suas próprias obras.

Quanto aos versículos que falam em termos gerais sobre a responsabilidade do homem por suas próprias ações, eles deixam claro que os resultados, ele colherá daquilo do que tenha feito. Eles também não o consideram responsável pela culpa que tenha sido recebida por outros.

“Qual, não foi inteirado de tudo quanto contêm os livros de Moisés, e os de Abraão, que cumpriu (as suas obrigações), de que nenhum pecador arcará com culpa alheia? De que o homem não obtém senão o fruto do seu proceder? De que o seu proceder será examinado? Depois, ser-lhe-á retribuído, com a mais eqüitativa recompensa?” (C.53 – V.36 a 41)

“Dize ainda: Como poderia eu adorar outro senhor que não fosse Deus, uma vez que Ele é o Senhor de todas as coisas? Nenhuma alma receberá outra recompensa que não for a merecida, e nenhum pecador arcará com culpas alheias, Então, retornareis ao vosso Senhor, o Qual vos inteirará de vossas divergências”. (C.6 – V.164)

“Quem tiver feito o bem, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á. Quem tiver feito o mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á”. (C.99 – V.7 e 8)

“E os incrédulos dizem aos fiéis: Segui a nossa senda, e nos responsabilizaremos por vossas faltas! Qual! Não podem nem se responsabilizar pelas suas faltas, porque são impostores!” (C.29 – V.12)

Um outro aspecto é eternizado no diálogo sobre o Dia do Julgamento entre os arrogantes e os fracos, quando cada um será chamado a responder por suas ações. O diálogo se move de acordo com os graus de relacionamento entre os dois grupos de pessoas, assim:

“Todos comparecerão ante Deus! E os fracos dirão aos que se ensoberbeceram: Já que fomos vossos seguidores, podereis, porventura, livrar-nos do castigo de Deus? Responder-lhes-ão: Se Deus nos houvesse encaminhado, o mesmo teríamos feito convosco; quer nos desesperemos, quer sejamos pacientes, não teremos escapatória”. (C.14 – V.21)

O versículo declara novamente como todos serão responsabilizados perante a punição de Deus, embora a extensão dessa punição será na medida do crime cometido. O versículo também fala sobre a posição daqueles que tornaram sua vontade subserviente a outros quando tinham o poder de livrar-se da servidão. Porém, eles se desviaram pelo fascínio do poder e da riqueza dos poderosos, e seguiram-nos sem refletir.

Nesta circunstância, eles são retratados como se tivessem sido despertados por uma situação desagradável, tentando se livrar de algo de sua escuridão. Portanto, recorrem a seus mestres, pedindo a eles uma atenção recíproca, isto é, para que carreguem seus fardos no Dia do Julgamento como tinham feito para eles nesta vida. Ou seja, o mestre deve oferecer proteção a seus seguidores por sua obediência e submissão. Eles imploram à seus mestres, mas, inutilmente:

“(...) podereis, porventura, livrar-nos do castigo de Deus?” (C.14 – V.21)

Ainda assim, a resposta dos arrogantes virá alta e clara, enquanto que a situação será sem esperança para ambos os grupos. Os arrogantes admitem que não podem defender a si mesmos. Como poderão então defender os fra-

cos que os seguiam? Nesta altura, parece não haver nenhuma saída senão uma completa capitulação:

“(...) quer nos desesperemos, quer sejamos pacientes, não teremos escapatória”. (C.14 – V.21)

Sua resposta sugere que estarão fugindo de uma confrontação com as conseqüências, já que não se consideram responsáveis pelo extravio dos fracos. Para eles, a orientação para a senda reta é um domínio exclusivo de Deus, e já que Ele não os guiou, eles mesmos não estariam em posição de guiar a outros:

“Se Deus nos houvesse encaminhado, o mesmo teríamos feito convosco (...)”. (C.14 – V.21)

Esta é a posição derradeira e desmoralizada.

Por conseguinte, Deus projeta para os fracos neste mundo, o que a situação parecerá ser no Dia do Julgamento, de modo que eles estejam preparados para assumir a responsabilidade por eles próprios pelo que tenham feito nesta vida.

Satã: impotente

A ironia é que Satã implorará para tomar parte na disputa para renegar ambos os grupos, já que ele não foi responsável por terem se desviado. Ele corroborará a verdade religiosa de que o homem possui o livre arbítrio e que não há poder sobre a terra que possa tirar isso dele sem sua permissão. Isto foi brilhantemente eternizado no seguinte versículo alcorânico:

“E quando a questão for decidida, Satã lhes dirá: Deus vos fez uma verdadeira promessa; assim, eu também vos prometi; porém, faltei à minha, pois

não tive autoridade alguma sobre vós, a não ser convocar-vos, e vós me atendestes. Não me reproveis, mas reprovai a vós mesmos. Não sou o vosso salvador, nem vós sois os meus. Renego (o fato de) que me tenhais associado a Deus, e os iníquos sofrerão um doloroso castigo!” (C.14 – V.22)

Portanto, não há nenhum poder, mesmo para Satã, para desviar as pessoas. Tudo o que ele pode fazer é sugerir ao homem, e seduzi-lo, para se afastar da senda reta. Nenhuma coerção está envolvida nisso. O homem tem todo o tempo para refletir sobre os chamados de Deus e de Satã. Qualquer que seja a direção que decida seguir será sua própria escolha. Por que deveria então culpar Satã por supostamente tentá-lo para longe da senda reta rumo ao extravio? Os homens têm que culpar apenas a si mesmos, isso porque são livres.

A palavra final será a de Satã, que reiterará que apenas o homem é responsável por suas próprias ações porque ele exerceu seu livre-arbítrio. Similarmente, Satã admite sua responsabilidade por atrair o homem ao abandono do caminho certo. Assim, nenhum ajudará o outro. Por fim, não apenas Satã terá a palavra final, mas também terá um truque a mais em sua manga. Alegará que não tolera o ato de algumas pessoas de eleger parceiros a Deus. Ou seja, o povo rebelado será abandonado sem socorro ou ajuda.

Decepção

Outros versículos alcorânicos contam-nos um diálogo diferente que terá lugar no Dia do Julgamento entre os opressores e aqueles que eram considerados fracos. A cena mostra os opressores, que já se isentaram de qualquer responsabilidade pelo desvio dos fracos, argumentando que estes os tinham seguido por sua inclinação instintiva. Eles alegam que seguir o caminho do erro, e cometer ações vis, é algo que se deve a sua herança genética. Em outras palavras, segundo eles, têm a propensão para as ações vis dentro deles, e o tempo e as circunstâncias permitiram que se inclinassem a entregar-se a tais ações malévolas:

“E os que se ensoberbeceram dirão aos seus seguidores: Acaso, nós vos desencaminhamos da orientação, depois de vo-la ter che-

gado? Qual! Fostes vós os pecadores! E os seguidores responderão aos que se ensoberbeceram: Ao contrário, foram as vossas artimanhas, à noite e de dia, quando nos ordenáveis que negássemos Deus e Lhe atribuíssemos parceiros! E dissimularão o remorso quando virem o castigo. E carregaremos de pesadas argolas os pescoços dos incrédulos. Porventura serão retribuídos, senão pelo que houverem feito?” (C.34 – V.32 e 33)

“E começarão a reprovar-se reciprocamente. Dirão: Fostes vós, os da mão direita, que usáveis vir a nós. Responder-lhes-ão (seus sedutores): Qual! Não fostes fiéis! E não exercemos autoridade alguma sobre vós. Ademais, éreis transgressores. E a palavra de nosso Senhor provou ser verdadeira sobre nós, e provaremos (o castigo). Seduzimos-vos, então, porque fôramos seduzidos. Em verdade, nesse dia, todos compartilharão do tormento”. (C.37 – V.27 a 33)

Eles parecem ter lavado as mãos de qualquer responsabilidade por desviar os demais, porque sustentam que eles possuem tendências intrínsecas para cometer o mal. Eles ainda argumentam que os demais recusaram o convite para juntarem-se ao campo da crença e da orientação porque eram inerentemente adversos a isso, não porque estavam sob a influência dos opressores. Quanto aos que foram considerados fracos, não parecem ter a força da convicção para responder a eles. Têm apenas a decepção e o remorso por si próprios.

Contudo, têm parcela de cumplicidade: é o seu plano oculto e sua abordagem, já que alguém explorou nossos desejos básicos para adquirir riqueza e posição na vida para impor sua hegemonia sobre nós, ao que aparentemente concordamos inconscientemente.

Os versículos alcorânicos concluem o diálogo com o desapontamento expresso pelos derrotados antes de encontrarem a punição e serem presos nos grilhões. Isto para reforçar o princípio do castigo ou da recompensa das ações humanas, que está baseado no livre-arbítrio e na responsabilidade:

“Seduzimos-vos, então, porque fôramos seduzidos”. (C.37 – V.32)

Lições contemporâneas

Há lições a serem aprendidas desses exemplos humanos:

1. Liberdade de crença versus liberdade de força de vontade

Os versículos citados acima ressaltam o fato que o homem tem liberdade absoluta naquilo que ele queira acreditar e naquilo que queira adotar ou abandonar. Deus o criou e o dotou de liberdade e vontade para pensar de modo independente. O homem deve traduzir esta liberdade em crença sólida, fé, determinação e boas ações. Ele não é, contudo, livre para submeter sua liberdade a outros sob o pretexto que poderia sucumbir sob a influência deles, seja ela moral ou material. É digno de menção que por mais poderosos que os outros possam ser, seus meios de exercer pressão para demover o homem daquilo que ele acredita ser certo não excederá a tentação, o assédio e as ameaças. Estas táticas podem “subornar” o enfraquecimento da resolução de uma pessoa, o que pode levá-la a se render. Porém, o homem é capaz de estabelecer uma defesa determinada para resistir às táticas de sedução ou ameaça com o poder do intelecto, a convicção e a força de vontade que Deus o dotou. Com respeito a isso, uma pessoa pode se apoiar na força das mensagens proféticas.

O homem terá que responder por suas ações diante de Deus, principalmente se abandonar a sensatez e negligenciar Sua Mensagem na vida terrena. Da mesma maneira, não haverá desculpa se ele cair vítima de seus próprios desejos, inclinações e fragilidades, ou se submeter-se aos tiranos, opressores, e àqueles que se perderam.

Quanto à pressão externa e a coerção, com as quais a alma permanece indisposta e com as quais o coração não se sinta à vontade, elas não têm qualquer influência sobre a questão da responsabilidade. Nestas circunstâncias o homem não estará livre para fazer o que quer, muito embora esteja livre para rejeitar o que ele não gosta em seus princípios. Em si, o princípio fundamental da liberdade no Islam é que o homem tem um direito natural à liberdade de escolha. Todavia, se na prática ele poderá exercê-la sem constrangimentos ou pressões é uma questão diferente.

2. O espetáculo dos arrogantes

A imagem que o Alcorão mostra dos arrogantes não apenas descreve sua situação no Dia do Julgamento, trata principalmente do destino que os aguarda e do trauma que terão que experimentar. É também uma espécie de estudo analítico de sua condição mental. Ou seja, o modo como eles se conduzem com as demais pessoas, e como possuem um senso de superioridade e autoridade. Suas relações com os outros são usualmente baseadas numa analogia de senhor/escravo. Eles não se sentem responsáveis, quer seja moralmente ou legalmente, pelas ações das pessoas que os seguem e servem seus caprichos. Negam qualquer relação ou responsabilidade com as ações de seus subordinados, isso é uma tática que tenciona salvar sua própria pele.

O Alcorão traça o mesmo quadro para essas pessoas nesta vida, pois a vida no além é um reflexo desta vida. A ressurreição não ocorrerá numa forma ou idéia diferente. Mas sim, o homem, em sua cópia original, será intimado a apresentar-se diante de Deus no Dia do Juízo para responder por suas ações nesta vida:

“Porém, quem estiver cego neste mundo estará cego no outro, e mais desencaminhado ainda!” (C.17 – V.72)

Se esta é a sua situação nesta vida, como pode o homem confiar neles aqui ou no além, desde que tenham tal mentalidade, que os faz abdicar da responsabilidade ao primeiro aviso de perigo.

3. Abordagem prática

Em meio à contenda social e ideológica, onde enfrentamos práticas exploradoras multifacetadas da elite arrogante, especialmente a subjugação dos setores mais fracos da sociedade, devemos sempre nos lembrar dos primeiros dois pontos. Devemos sempre ter em mente que as forças da superioridade buscam usar os pobres e os ingênuos para seus próprios fins malignos, descrença, extravio, agressão e combate da verdade em nome da justiça. Porém, em nenhum momento tendem a absolver a si mesmos de qualquer responsabilidade:

“São como Satã, quando diz ao humano: Renega! Porém, quando este renega a Deus, diz-lhe: Sabe que não sou responsável pelo que te acontecer, porque temo a Deus, Senhor do Universo!” (C.59 – V.16)

A abordagem para o processo de recordar e expor as práticas das forças da arrogância deve ser para despertar um senso de liberdade e responsabilidade individual. Expor as práticas dos arrogantes para com aqueles que consideraram fracos pode ser tal abordagem. Despertar consciência entre as fileiras do grupo lesado, com o intuito de fazê-los reconsiderar sua subserviência aos privilegiados, pode ser outra. É desse modo particular ao se levar em conta o castigo iminente que está reservado a eles se não mudarem sua conduta.

Talvez esta fosse a razão essencial por trás da descrição das cenas do Dia do Julgamento antes de seu tempo prescrito. Talvez isso tenha tido a intenção de preparar as pessoas para o Dia em longo tempo de antecipação, porque ambas as vidas são reflexos uma da outra. O outro ponto que necessita de ponderação é a natureza do relacionamento entre os dois grupos, e como cada um deverá enfrentar sua própria responsabilidade quando forem chamados para prestar contas.

Nós consideramos que tomar o grupo dos menos favorecidos sob a guarda do ativismo islâmico, proporcionando a seus membros consciência política, social e espiritual por meio das realidades da vida, e fortalecer seu espírito de fé, é capaz de estender e solidificar a base do ativismo islâmico na vida do povo. Isto com o objetivo de desenvolver e melhorar a vida do homem pela construção de um sistema melhor.

Uma Altercação dos Habitantes do Fogo do Inferno

O primeiro versus o último

No mesmo contexto, todo humano é responsável por suas ações, o Alcorão apresenta um outro grupo de pessoas cujos membros imitam um ao outro sem elementos de fraqueza ou força. Ou seja, os fatores de fraqueza ou força, como era o caso com os grupos dos fracos e dos arrogantes, não estão em jogo aqui. Parece que estes grupos possuem várias considerações em comum. Podem ser uma ou mais das seguintes: geografia, língua, laços econômicos e uma nova geração seguindo os passos de uma antiga, principalmente porque as gerações recentes se sentem muito impressionadas pelo que entendem como sagrado sobre seus ancestrais.

Eis como o Alcorão descreve a cena e o diálogo:

“Haverá alguém mais iníquo do que quem forja mentiras acerca de Deus ou desmente os Seus versículos? Eles participarão do que está estipulado no Livro, até que se lhes apresentem os Nossos mensageiros para separá-los de suas almas e lhes digam: Onde estão aqueles que invocáveis, em vez de Deus? Dirão: Desvaneceram-se! Com isso, confessarão que haviam sido incrédulos. Deus lhes dirá: Entrai no inferno, onde estão as gerações de gênios e humanos que vos precederam! Cada vez que aí ingressar uma geração, abominará a geração congênere, até que todas estejam ali recolhidas; então, a última dirá, acerca da primeira: Ó Senhor nosso, eis aqui aqueles que nos desviaram; duplica-lhes o castigo infernal! Ele lhes dirá: o dobro será para todos; porém, vós o ignorais. Então, a primeira dirá à última: Não vos devemos favor algum. Sofrei, pois, o castigo, pelo que cometestes”. (C.7 – V.37-39)

Estes versículos apresentam a situação em duas cenas:

1. Os descrentes e os Mensageiros da Morte

Antes de arrancar suas almas, os anjos da morte os censuram: Onde estão aqueles que vocês costumavam invocar fora Deus? Que venham em vosso socorro nesta situação crítica, se possuem qualquer poder ou autoridade.

A resposta vem marcada com o desapontamento que revela um sentimento de total fracasso: Eles não estão em lugar nenhum. Estamos abandonados no limbo. Assim, não há nenhuma esperança de escapatória, tampouco há qualquer negação do fato que admitiram sua descrença. Neste ponto estão sozinhos diante de Deus para responder por seus crimes. As cortinas são puxadas nesta cena, deixando-nos julgar pelo clima geral, com a conclusão que a missão estava acabada e que os responsáveis estavam em seu caminho para a morada final.

2. Os transgressores no Fogo Infernal

Um grito vem de Deus, ordenando aos descrentes para marchar para o fogo do inferno, para enfrentar o mesmo destino que os grupos anteriores da raça humana e dos gênios já tinham enfrentado. Em meio ao clamor, ouvimos os criminosos recém-condenados trocando insultos e recriminações com os primeiros condenados. A aspereza, ira e amargura mútua entre as fraternidades da descrença é evidente. Parecem não ter outra coisa a fazer senão partilhar a culpa e desesperadamente se distanciarem um do outro.

Aqui, estamos diante do espetáculo dos gritos e da fúria de uma pessoa que se sente desapontada, numa tentativa de suavizar o choque que sente, com razão ou não, tenta atirar a culpa sobre outros.

Um tipo de discussão indireta se inicia de modo sério. O grupo recém-chegado recorre a Deus, pedindo a Ele para que aumente o sofrimento dos primeiros que ali chegaram porque sustentam que foram responsáveis por extraviar a outros.

Um outro grito de Deus é ouvido: *“Cada um de vós receberá uma dupla porção de tormento. Isto porque aqueles que deixaram o mundo antes de vós se desviaram e vos ajudaram a segui-los no erro. Quanto a vós, também vos desviastes e apoiastes a eles cumprindo seu plano de vos desviar, por responderes ao chamado dos líderes dentre eles”*. (Al Mizán fii Tafsilil Quran v. 8 / p. 115 - At Tabatabai)

E, contudo, ninguém conhece a natureza do tormento, de modo que ninguém pode compreender como isso será duplicado. Desdenhosamente, o primeiro grupo diz para o último: não nos fizeste nenhum favor. Somos todos responsáveis pelas más ações que tenhamos feito. Assim a cortina é puxada no final da cena na história

para outro capítulo começar, onde o homem já aprendeu uma lição para por em prática em sua vida, de maneira que possa evitar o mesmo destino (no *Dia do Julgamento*) das pessoas cujo destino será a degradação, a vergonha e a tortura.

Lições práticas

Nós devemos discernir a moral desta situação, que Deus representou para nós antes do tempo de sua ocorrência real, de modo que estejamos atentos para não cair na mesma armadilha que aquelas pessoas caíram, avaliando a situação, especialmente o seguinte:

1. Rejeitando a submissão

A este respeito, devemos reiterar o que há para mencionarmos, deve-se rejeitar a subserviência em matéria de doutrina, prática e tomada de posição. Em outras palavras, é fundamental que uma pessoa seja independente ao chegar às suas próprias convicções porque qualquer justificativa para não fazer dessa forma em virtude de sucumbir diante da força de outrem não é razão suficiente para se furtar da responsabilidade, e finalmente, suportar as conseqüências nesta vida e no além.

2. A má doutrina é incapaz de manter harmonia espiritual

Manter laços entre indivíduos e grupos com base em doutrinas maléficas ou má conduta não é garantia para a unidade espiritual e moral que possa fazer esses indivíduos e grupos se darem bem entre si, e, de boa vontade, arcar com as conseqüências de sua responsabilidade. Simplesmente porque o desvio não é dirigido pela ideologia, mas sim, é baseado, em geral, em interesses egoístas e relações emocionais. Isto certamente fará as pessoas abandonarem umas às outras na adversidade. O resultado será, então, repleto de recriminações, acusações mútuas e tentativas de colocar a responsabilidade no outro grupo.

3. Estudando a tomada de posição das pessoas

Os trabalhadores na senda de Deus são encorajados a estudar profundamente as tendências ateístas e desviadas, que parecem ser ouvidas dentro

de nossas sociedades islâmicas. Devem também estudar qual tendência política ou poder econômico/militar estas facções podem manejar que possam exercer fascínio sobre as pessoas e finalmente fazer com que se submetam ao seu domínio. Um terceiro elemento é a tentação material que os defensores dessas tendências podem exercer, que encontra um modo de chegar aos corações e mentes das pessoas que são recrutadas para sua causa. Isto eventualmente faz com que as pessoas não dêem a devida consideração às ideologias evasivas, quer sejam boas ou más. Todavia, a fim de justificar sua posição, as pessoas que abraçaram tais tendências deveriam iniciar o processo de pesquisa aprofundada.

Estudar tais tendências em detalhe demonstra-se de vital importância, especialmente se podemos identificar as razões por trás das tentativas dos defensores dessas tendências para impelir as pessoas a aceitá-las. Isto deve, porém, ser feito longe de considerar questões de certo ou errado. Ato contínuo, podemos traçar um plano prático com o objetivo de expor os motivos ocultos e confrontar as pessoas que sucumbiram a eles com nosso parecer. A posição será então vinculada à questão da liberdade, da dignidade e do julgamento independente. O que pode também ser utilizado como um estímulo para reacender as cinzas da crença na consciência dos iludidos. Devemos também suplantiar estas tendências não dando a elas a oportunidade de utilizarem circunstâncias incomuns para semear mais extravio. Criar consciência entre as massas pode protegê-las de ceder a estas circunstâncias adversas.

Isto também pode provar-se valioso para tornar as pessoas conscientes dos dúbios padrões morais e ideológicos entre o que acreditam e o que praticam, destacando os aspectos negativos de sua conduta. Há de provê-los com o alimento para o intelecto para que reflitam sobre os dúbios padrões do que parecem estar praticando. Concentrar-se nos versículos alcorânicos poderá fornecer algumas lições excelentes que provarão a posição que tenha sido tomada na matéria sobre o destino nesta vida e no além. Isto por sua vez, fará o homem evitar a tomada de más decisões e professar devoção ou ser governado por emoções em questões do destino. Submeter-se a tão efêmeros desejos pode ser tolerado em casos sem importância. Não é aceitável em questões decisivas que têm influência nesta vida e na vida futura.

Diálogo com Deus

Neste diálogo, que terá lugar no Dia do Julgamento, somos apresentados aos habitantes do Inferno sendo interrogados sobre a questão da crença e da descrença. Com sua indelével evidência, Deus os faz lembrar do tempo que deu a eles para que mudassem seu comportamento. Porém, escolheram deixar que o tempo passasse, se rebelando contra Ele, zombando de seus amigos e empreendendo guerra contra eles. Depois de tudo isso, a idéia de seu pedido de uma outra chance para retornarem a esta vida para fazer o bem soa ridícula. Porque certamente voltariam para seu antigo modo de viver, ao menos porque sua escolha de agir mal não foi em razão de que a evidência não era forte, mas sim, porque preferiram tomar o caminho da transgressão do lado oposto daquele da crença, e a transitoriedade desta vida ao invés da eternidade da vida futura. Além disso, não pareceram se aperceber do tempo, que estava passando por eles, tanto que foram indiferentes à sua passagem. Portanto, o debate chega a uma conclusão e a quietude prevalece, pois eles não têm mais nada a falar:

“Acaso, não vos forem recitados os Meus versículos e vós os desmentistes? Exclamarão: Ó Senhor nosso, nossos desejos nos dominam, e fomos um povo extraviado! Ó Senhor nosso, tira-nos daqui! E se reincidirmos, então seremos iníquos! Ele lhes dirá: Entrai aí e não Me dirijas a palavra. Houve uma parte de Meus servos que dizia: Ó Senhor nosso, cremos! Perdoa-nos, pois, e tem piedade de nós, porque Tu és o melhor dos misericordiosos! E vós escarnecesteis, a ponto de (tal escárnio) vos fazer esquecer da Minha Mensagem, poso que vos ocupáveis em motejar deles. Sabei que hoje os recompenso por sua perseverança, e eles serão os ganhadores. Dirá: Quantos anos haveis permanecido na terra? Responderão: Permanecemos um dia ou uma parte de um dia. Interrogai, pois, os encarregados dos cálculos. Dirá: Não permanecestes senão muito pouco; se vós soubésseis! Pensais, porventura, que vos criamos por diversão e que jamais retornareis a Nós?” (C.23 – V.105 a 115)

Estavam jogando um jogo frívolo. Como se Deus tivesse criado a vida para eles como um passatempo. Como resultado, não parecem ter tempo para um debate razoável e equilibrado. Tudo que podem fazer é zombar dos ideais, daquilo que é sagrado, e dos fiéis pacíficos e pacientes que demonstram forte espírito de fé na adversidade. Lá, no *Dia do Julgamento*, os fiéis terão sua vez para rir dos malfeitores, enquanto celebram seu triunfo.

Ao que parece os descrentes não estão dissuadidos pelo triste destino que sobreveio a eles, pedindo ainda por um outro indulto para começar uma nova vida. Contudo, seu tempo acabou:

“Ah, se os vires quando se confrontarem com o fogo infernal! Dirão: Oxalá fôssemos devolvidos (à terra)! Então, não desmentiríamos os versículos de nosso Senhor e nos contaríamos entre os fiéis! Porém, aparecer-lhes-á tudo quanto anteriormente tinham ocultado; no entanto, ainda que fossem devolvidos (à vida terrena), certamente reincidiriam em lançar mão de tudo quanto lhes foi vedado, porque são mentirosos”. (C.6 – V.27 e 28)

Esta é a razão por trás do debate que Deus irá conduzir com este tipo de pessoas. Elas não parecem compreender a vida como Ele ordenou para que fosse vivida, uma oportunidade para as boas obras e para assegurar a materialização da vontade de Deus na terra, no estabelecimento de um sistema equilibrado e justo. Depois disso, todos retornarão a Deus para verem o resultado de seu trabalho. Ato contínuo, toda alma será considerada responsável pelo bem ou pelo mal que tenha feito, e em seguida acontecerá ou a colheita da recompensa ou o recebimento da punição. Portanto, tratar a vida como um passatempo e a agradecer não faz nenhum sentido. Deus quer que nós escapemos desse caminho e ao invés disso aspiremos pelo cumprimento da meta sublime da vida. Devemos fazer uso de nosso tempo de vida para mudar a direção e entrar num abrigo seguro, com o objetivo de estabelecer o sistema desejado para a vida, um sistema que seja baseado em sua Mensagem; em cuja causa seus Mensageiros se esforçaram. Por conseguinte, não deve haver lugar para qualquer obra que não seja capaz de cumprir este objetivo ou contribuir para o seu cumprimento. Não deve haver também

nenhuma liberdade para qualquer movimento que não sirva o dito objetivo. Mesmo os tempos de lazer, direcionados a prover tempo para a alma, relaxar e recarregar as baterias deve ser dirigido num modo sensato, servindo a continuidade das boas obras com vigor renovado.

Pode haver uma moral por trás do foco, durante o julgamento divino dos descrentes, tanto assim que se entregar nesta prática tinha feito os descrentes esquecer de Deus. Em clima semelhante, os descrentes tinham se tornado insensíveis ao pensamento correto, principalmente sobre as conseqüências de suas ações. Nem mesmo tinham considerado seriamente a fé dos crentes que podiam ter predito bem diante à vida. Parece que tudo que os preocupava era transformar os crentes num objeto de zombaria e riso. Para eles, a baixa posição dos crentes na escala social induziu-os a esta prática, isso também pode ter sido causado pela fé, as práticas e a sublime fibra moral dos crentes, que era estranha para eles.

Os versículos se dirigem aos crentes que suportaram o assédio incessante, demonstrando paciência e força de caráter diante da ofensa. Eles são retratados reprimindo qualquer reação que pudesse ser interpretada como pessoal. Os crentes foram inclinados a se erguer acima das reações furiosas quando tratavam com eles, porque sabiam muito bem que isso não levaria a nenhum resultado significativo que pudesse servir ao resultado final, ou seja, a difusão da Mensagem no contexto do esforço para estabelecer a crença sobre a terra. Portanto, os crentes demonstraram a máxima paciência onde quer que percebessem que isso seria benéfico para a meta mais importante. Porém, se o interesse do processo de divulgação da Mensagem ditasse que uma mudança de abordagem seria desejável, um movimento para um plano ou abordagem diferente então seria concebido.

A cena final mostra os descrentes, que antes costumavam ser sarcásticos com os crentes, sendo convidados a refletir sobre seu destino, no fogo do inferno, oposto àquele dos crentes, cuja morada final está no paraíso, tanto assegurado o aprazimento de Deus. Contudo, os versículos permanecerão sendo uma recordação constante para que o homem reflita sobre a vida. Isto, sem dúvida colherá os melhores resultados e evitará o ceticismo com que o homem trata os portadores da Mensagem e seus seguidores. O homem deve, como uma alternativa, recorrer à busca da discussão racional, com o intuito de chegar à verdade e finalmente, à senda reta.

Os transgressores e os hipócritas versus os crentes

No *Dia do Julgamento*, os modos do diálogo mudarão. O que se segue é um outro diálogo onde o debate não é conduzido face a face, mas sim, por meio de vozes emanando de pontos diferentes, argumento e contra-argumento sobre um assunto em particular.

Eis aqui um exemplo deste tipo de diálogo. Ele acontece, embora indiretamente, entre os transgressores e os crentes:

“E aquele que Deus desviar não achará protetor, além d’Ele. E então observarás que os iníquos, quando virem o castigo, dirão: Haverá algum meio de retornarmos (ao mundo terreno)? E quando forem colocados perante o fogo, haverás de vê-los humildes, devido à ignomínia, olhando furtivamente. Mas os fiéis dirão: Em verdade, os desventurados serão aqueles que se perderem, juntamente com os seus, no Dia da Ressurreição. Não é, acaso, certo, que os iníquos sofrerão um castigo eterno?” (C.42 – V.44 e 45)

Os sons do início provêm da direção dos malfeitores, aparentemente falando para si próprios em reação ao tormento que estão enfrentando. Hipoteticamente, eles apresentam a questão como a possibilidade de retrocesso, um retorno a vida, de maneira que pudessem tomar uma atitude corretiva. A situação está rapidamente alcançando um clímax, pois eles estão desfilando diante do fogo do Inferno, não tendo nenhuma proteção para a agonia.

A resposta para sua pergunta vem do outro lado, concluindo-se que a perda não é limitada aos aspectos material e moral deste mundo, já que pode haver uma possibilidade de se conseguir uma compensação na vida futura. A verdadeira perda é, decerto, a do homem que perde a si mesmo e sua família na vida futura, uma perda que é provocada pela transgressão do homem contra sua própria alma, e por sua rebelião e extravio. Assim, não há como retornar.

Não há outra cena que seja mais rica em detalhes do que a que já vimos. Nela, os descrentes estão de um lado e os crentes no outro, se comunicando verbalmente:

“(Será também) o dia em que os hipócritas e as hipócritas dirão aos fiéis: Esperai-nos: para que nos iluminemos com a vossa luz! Ser-lhes-á retrucado: Voltai atrás, e buscai a luz! Entre eles se elevará uma muralha provida de uma porta, por detrás da qual estará a misericórdia, e em frente à qual estará o suplício infernal. (Os hipócritas) clamarão: Acaso não estávamos convosco? Ser-lhes-á replicado: Sim! Porém, caístes em tentação e vos enganastes mutuamente e duvidastes (da religião), e os vossos desejos vos iludiram, até que se cumpriram os desígnios de Deus. E o sedutor vos enganou a respeito de Deus. Assim, pois, hoje não se aceitará resgate algum por vós, nem pelos incrédulos. A vossa morada será o fogo, que é o que merecestes. E que funesto destino!” (C.57 – V.13 a 15)

Para começar, os hipócritas pedem aos crentes um breve vislumbre de sua luz, de modo que possam iluminar as trevas onde estão. A resposta foi negativa. Isto porque eles não têm nenhum direito sobre a luz que flui das fontes da crença pura. Ao invés disso, é sugerido que procurem a luz atrás deles, se houver tal luz, pois aquele é o lugar onde sua morada final será. Onde serão punidos por aquilo que tiverem cometido antes de sua chegada. Então, o diálogo esclarecedor, que é caracterizado pela súplica, chega abruptamente ao fim. Logo depois disso, uma muralha é erguida entre os dois grupos. Esta muralha tem dois lados, um contempla o paraíso, onde a misericórdia e o bem estão, e o outro contempla o fogo infernal, onde o tormento e a ira se encontram. Um clamor então se segue quanto ao porque dos dois grupos terem sido separados, já que estavam juntos, e visitavam um ao outro neste mundo? A resposta vem alta e clara: O critério para selecionar as pessoas e reuni-las neste mundo não é consenso. É o encontro de mentes, trabalhando juntas e a perspectiva universal de vida, ou seja, o código geral de prática. Se algum desses divergem, a exemplo de ateísmo vs. crença, senda reta vs. senda tortuosa, estreiteza de visão vs. amplitude de visão (transcendendo esta vida para a vida futura), e as primeiras linhas paralelas conduzem a dois destinos diametralmente opostos, o de Deus e o de Satã, os terminais certamente serão diferentes, a saber, o paraíso e o inferno, respectivamente.

Por conta disso, a resposta é determinada: Na vida terrena, estávamos juntos. Mas, vocês empurraram a si próprios para a causa dos problemas e o ceticismo. Vocês não demonstraram boa disposição para a verdade e seguiram um

modo de pensar caprichoso. Satã ludibriou-os para afastá-los de Deus, ao ponto de abandonarem a lembrança de seu Senhor. Suas ações os conduziram para este fim. Nenhum resgate será aceito de vocês na mesma medida que não será aceito dos descrentes, porque vocês e eles são da mesma cepa. Vocês não têm nada a esperar, exceto o fogo do inferno que é o seu destino e morada final.

O diálogo então se encerra, deixando-nos a refletir sobre as cenas, no *Dia do Julgamento*, e atentando para o destino que caberá às pessoas nelas descritas. Para este fim, estes versículos chamam a atenção dos trabalhadores na senda de Deus para apresentar as cenas que descrevem e os significados que visam comunicar às pessoas, com o intuito de fazê-las refletir e tirar lições deles. Esta será a resposta que o Alcorão aspira. Ou seja, ao transportar o homem para as situações futuras no Dia do Julgamento, ele almejou fazê-lo refletir sobre essas realidades e as pessoas envolvidas nelas, e se tornar preparado para não seguir seu exemplo, evitando a senda que tomaram por certa.

Neste clima, encontraremos alguns versículos alcorânicos tratando com o diálogo entre os crentes e descrentes sobre as razões que levaram os descrentes para o fogo do inferno. Nestes versículos tentaremos nos familiarizar com as características distintivas do grupo que se desviou da senda reta. Estudar sua conduta deve lançar alguma luz sobre seu estado emocional e psíquico. Logo descobriremos que eles entendiam o tempo de vida neste mundo como uma oportunidade para reforçar suas inclinações egocêntricas, especialmente por entregarem-se às práticas do ócio e diversão ao invés de se comportarem de modo responsável nesta vida, no âmbito privado e social. O Alcorão então nos conduz de volta ao cenário da vida terrena para vermos como conduziam suas vidas, principalmente sua posição sobre os chamados para a adoção da verdade, a qual almejava fazê-los recordar de Deus e suas Mensagens:

“Toda a alma é depositária das suas ações, salvo as que estiverem à mão direita, que estarão nos jardins das delícias. Perguntarão, aos pecadores: O que foi que vos introduziu no tártaro? Responder-lhes-ão: Não nos contávamos entre os que oravam, nem alimentávamos o necessitado; ao contrário, dialogávamos sobre futilidades, com palradores, e negávamos o Dia do Juízo, até que nos chegou a (Hora) infalível! De nada, então, valerá, a intercessão dos mediadores. Porque, pois, desdenham a admoesta-

ção, como se fossem asnos espantados, fugindo de um leão? Porém, cada um deles quereria receber (agora) páginas abertas (com a revelação). Qual! Em verdade não temem a outra vida”. (C.74 – V.38 a 53)

Como está evidente, a responsabilidade de cada alma foi bem definida. Portanto, cada alma é considerada responsável por aquilo que tenha feito, seja de bom ou de mal. O veredicto é anunciado em conformidade aos débitos e créditos nos pratos da balança. Os praticantes das boas ações terminarão gozando a liberdade. Os malfeitores desfalecerão no tormento até que a misericórdia de Deus lhes dê algum indulto, se houver lugar para misericórdia. Os companheiros da direita receberão tratamento especial porque conseguiram refrear seus desejos diante das tentações desta vida, conduziram uma existência de submissão completa a Deus. Assim, receberam permissão para inquirir sobre o destino de outros numa maneira de repreensão, pondo-os frente a frente com o seu íntimo criminoso.

Razões para o desvio

Os transgressores responderão, nomeando as causas para os seus desvios ideológicos e práticos:

1. *“Não nos contávamos entre os que oravam”*. Sustentam que as razões para estar longe de Deus, pela doutrina e pela consciência, foram devido sua negligência no cumprimento da prece. Sem dúvida, a prece é o meio do crente ter uma audiência com Deus. O colocar-se de pé diante de Deus sempre trará à mente do crente a importância dessa união, servindo como uma recordação para que ele se conduza dentro dos limites da Lei e dos preceitos de Deus.

2. *“Nem alimentávamos o necessitado”*. Este é o segundo fator quanto ao porque dos descrentes terem se extraviado. Ou seja, quando viveram suas vidas distantes da senda da crença, não tiveram o senso de responsabilidade para com aqueles que não tinham os meios de levar uma vida

digna em razão da necessidade. Os descrentes viveram as suas vidas como numa redoma que os isolava do pensamento de que outras pessoas poderiam estar necessitando de sua ajuda.

Sua disposição mental nitidamente define o abismo entre uma pessoa que considera que a força financeira, ou física, ou intelectual que seja dotado seja algo para o interesse comum, e portanto, toma para si a responsabilidade por seus semelhantes que estejam necessitados de sua ajuda, e aqueles que pensam que estas forças são algum tipo de concessão pessoal, que deve colocá-los numa categoria social diferente onde estarão acima dos demais.

3. “*Ao contrário, dialogávamos sobre futilidades, com palradores*”. Viviam a entregar-se com outros à mentira. Não parecem dar qualquer importância, ou ter responsabilidade por, palavras, já que não se preocupam se o que proferem tem um efeito devastador sobre as pessoas. Isto porque se comportam de modo irresponsável, livres de quaisquer controles religiosos. Vivem a vida para se fartarem de conversa vã e se satisfazerem com suas inatas inclinações sem freio.

4. “*E negávamos o Dia do Juízo*”. Negação é a marca distintiva de seu extravio em todos os aspectos da vida, quer seja privada ou social. Porque aqueles que escolhem não acreditar no *Dia do Julgamento* e pensar que esta vida é a última oportunidade para o homem viver, não enxergam qualquer motivo que possa estimulá-los a se comportarem de modo responsável, levando uma vida honesta e disciplinada, e celebrando seus valores sublimes. Assim, desde que não acreditam que serão considerados responsáveis, não parecem ter qualquer sentido de responsabilidade.

Se furtar de Deus e de suas Mensagens é um meio de abdicar da responsabilidade nesta vida. Mesmo assim, uma vez que tenham se deparado com a morte, o que tenderam a rejeitar antes, serve como um chamado a despertar para eles de seu longo sono. Contudo, este chamado chega um tanto tarde. São pegos de surpresa. Não há nem proveito que possam tirar, tampouco esperança por qualquer socorro vindo de algum grupo para salvar suas peles.

O Alcorão conclui o diálogo por retornar a discussão da razão para o extravio. Em suma, o extravio é em virtude de se fugir à lembrança e de ser relembrado dos riscos. Também, é em virtude de demonstrar-se em uma intransigência inflexível para com os sinais de Deus e suas Mensagens. De algum modo, sua fuga dos Mensageiros de Deus se assemelha à dos asnos diante de um leão a atacar. Eles estiveram a pedir aos profetas para fornecer-lhes, como evidência, pergaminhos de revelações. Todavia, o Alcorão apressa-se a acrescentar que a questão não é como desejam descrever, já que foi a rejeição ao além que os impediu de seguir as pegadas da verdade.

O Alcorão faz mais um movimento, para devolver-nos, mais uma vez, à atmosfera da vida futura, de modo que possamos ter a oportunidade de reconsiderar nossas posições desde já. Esta é a razão essencial por trás da história/diálogo no Alcorão:

“Qual! Sabei que (o Alcorão) é uma admoestação. Quem quiser, pois, que o recorde!” (C.74 – V.54 e 55)

O crente entre os Faraós

Entre os estágios do progresso das missões proféticas e da doutrina divina, o Alcorão discute a história das comunidades da descrença para as quais os Mensageiros eram enviados. Porém, em meio à dinâmica histórica, o Alcorão apresenta-nos exemplos impressionantes de personalidades cuja emergência em certos estágios da missão profética manifesta fenômenos extraordinários, principalmente quando isso resulta da tomada de posição em momentos críticos da história.

Não é estranho encontrar um crente vivendo numa comunidade de descrentes. Porém, poderia ser muito improvável encontrar tal pessoa nos mais altos escalões do poder, um regime que seja patrono de um movimento de descrença, o defende contra qualquer força que se oponha ao mesmo A instintiva e veemente

proteção pelo centro do poder é compreensível, pois o movimento da descrença é visto como a fonte de todos os privilégios que o governante e sua camarilha estejam gozando, e da vida luxuosa que estejam levando. Portanto, a elite governante sentir-se-ia insegura em sua posição se a crença reinasse soberana. Porque pensam que ela diminuiria seu caráter e minaria sua posição. Um exemplo deste estado de coisas é o do Faraó e sua sociedade. Ele governava o povo, acreditando que as pessoas pensavam que sua posição era sacrossanta em virtude de sua suposta divindade personificada ou como tendo parte disso. A seu ver, isto justificava sua ordem para que os demais se submetessem e o santificassem.

Um fenômeno brilhante

Podemos, portanto, concluir que o crente que estava no meio dos Faraós representa um exemplo brilhante, que é digno de ser analisado. É um raio de esperança que dissipa a escuridão do desânimo. É particularmente assim, quando os ativistas muçulmanos se encontram com suas costas na parede. Relembrar a figura daquele bom homem proporcionará o incentivo para os ativistas seguirem em frente. Seu exemplo proporcionará este estímulo muito necessário, a despeito de todas as manifestações do esplendor do poder e dos privilégios.

O Alcorão pintou o quadro do crente no meio dos Faraós como um epítome do portador legitimado pela confiança da Mensagem que sente-se triste por seu povo em razão de seu tatear na escuridão da ignorância. Assim, suas palavras dão conta de seus verdadeiros sentimentos por eles. Ele não poupa esforços para franquear uma oportunidade de abertura para que a luz da verdade possa iluminá-los e guiá-los corretamente.

Depois do chamado calmo e tranqüilo que fez a eles, prossegue proclamando sua mensagem com firmeza mesclada com tristeza por eles. Ainda assim, suas palavras honestas não dão lugar para rodeios, já que ele escancara a porta para a verdade com determinação e vigor, desde que uma abordagem condescendente não surte efeito com eles.

A grande importância deste crente é a força de seus sentimentos sobre a questão da crença. Não apenas sua sincera propensão à fé torna-o uma pessoa idealista ocupada com sua fé pessoal, que garantiria a ele um lugar no paraíso,

mas também, ele se sente responsável por guiar seus semelhantes para a senda reta. Na figura dele, somos apresentados a um crente exemplar que deve ser imitado em cada atitude. Muitos dos crentes dos tempos atuais deveriam se pautar por esse exemplo. Ou seja, o tipo de crente que pensa que sua responsabilidade para no cumprimento dos atos do culto religioso, com restrição à responsabilidade pública, na crença que este é o caminho para salvar a própria pele no *Dia do Julgamento*. Estes parecem estar convencidos que os desafios ideológicos, sociais e militares, os quais sujeitam o homem à riscos, não sejam de sua alçada porque existem outras pessoas que podem enfrentá-los.

No caso do crente que é objeto de nossa discussão, as responsabilidades individual e coletiva são inseparáveis. Assim, enquanto cumpre a responsabilidade no nível pessoal, a fim de salvar-se no *Dia do Julgamento*, ele costumava fazer sua parte em relação aos demais. Isto porque o objetivo essencial da crença é que todos os crentes se relacionem entre si. Em outras palavras, eles todos devem sentir um tipo de responsabilidade coletiva e que são pequenos mensageiros cada um por seu próprio direito e de acordo com a sua capacidade. Todos eles experimentam a vitalidade da Mensagem, traduzindo palavras e ações em correntes vivas movendo-se em muitas direções, de modo que convergem para servir o objetivo último: a prosperidade do homem sob a autoridade da lei de Deus e da Mensagem.

O crente entre os faraós não estava ocultando sua fé por medo de represálias, porque ao que parece ele estava numa posição muito influente na hierarquia do poder. Ele recorreu a isto para dispor da muito necessária liberdade de movimento, para ajudar a difusão da Mensagem numa maneira prática e adaptável, assumindo neutralidade e tolerância. Esta abordagem intencionava contrariar as visões extremistas e a atitude exaltada do Faraó, que poderia ter como consequência o desastre para a Mensagem e para o Mensageiro. Ele iniciou calma e discretamente a demolir os planos do Faraó contra Moisés (A.S.) difundindo a palavra, o objetivo essencial daquilo que requeria reflexão e cuidado. Suas palavras, que tinham o poder da crença, produziram resultados por terem o devido impacto sobre a débil posição do Faraó. Isto estava evidente nos pedidos do Faraó a seu povo, para que tomassem uma decisão firme contra Moisés, embora em vão. A partir do diálogo que ele conduziu com seu povo, o crente parecia ter estado trabalhando incan-

savelmente para minar por dentro a posição do Faraó. Esta estratégia tinha por objetivo diminuir a pressão que estava sendo exercida sobre a Mensagem, fazendo com que o Mensageiro tivesse um apoio firme. Ele fazia isto através de uma posição de força que conseguiu reunir. Isto está evidente na narrativa alcorânica, a qual segue, sobre como ele falava francamente sobre todas as questões, sem qualquer oposição verossímil.

Alcançando a meta com tranqüilidade

O Alcorão fala sobre o crente e sua resistência no contexto da história de Moisés e do Faraó. Aqui é outro destaque da história onde o Faraó é descrito em audiência com seu povo, solicitando a eles que o deixassem matar Moisés (A.S.), sob o pretexto de manter a paz e a ordem na terra. Não há dúvida que essas são as mesmas desculpas que os tiranos, desde o princípio da história, têm dado para liquidar seus oponentes entre os portadores dos princípios e defensores de novas ideologias reformistas.

Nesta situação crítica, o papel que este crente está para desempenhar, se provará vital. Usando sua posição de poder dentro do círculo interno do Faraó, e evitando qualquer conflito direto com seu amo, ele se volta para o povo, impedindo-o de concordar com o pedido do Faraó. Este é um novo tipo de diálogo onde os interlocutores estão conduzindo o diálogo por intermédio de uma terceira parte. Basicamente, a troca de argumentos é feita desta maneira porque a primeira parte não aprecia chegar à verdade através do diálogo direto, pois, de acordo com ele, é uma questão de que o poder que deve prevalecer, não da verdade que deve ser afirmada. Por isso, que criticar ou discutir com ele se demonstrará sem efeito, a menos que se sufoque a verdade e se coloque barreiras entre ela e as massas. O modo mais efetivo era apelar diretamente aos corações e mentes das pessoas, com uma contra-argumentação racional, para que rejeitassem a solicitação do Faraó para executar Moisés. Isto se fez longe das pressões do governante. Tal abordagem certamente produziria resultados importantes.

Neste diálogo tenso nem a voz do Faraó, tampouco a do crente, se ouve. Por outra, a voz de Moisés é algumas vezes ouvida fluindo harmoniosamente

para dar a descrição completa do progresso da nobre missão profética, principalmente, na parte do Mensageiro e o tirano. Além disso, o crente está sempre ali para fazer sua parte.

Os grupos opostos estavam se rivalizando para guiar a sociedade para aquilo que propagavam. Ao mesmo tempo, a sociedade não parecia estar desempenhando uma parte importante no que se movia de todos os lados da disputa, exceto pelo fato que os seus membros tinham estado receptivos para todas as pressões mentais e psicológicas, numa maneira passiva. A sociedade não parecia estar tendo sua palavra em tudo o que estava acontecendo, já que não lhe era dada oportunidade para exercer seu livre-arbítrio, porque era dominada por um governante e sua máquina de propaganda os vigiava de perto. A sociedade estava abandonada aos seus próprios expedientes para tentar encontrar algum tipo de acomodação entre os remanescentes do passado e seus interesses por um lado, e seus verdadeiros sentimentos, por outro.

Agora, vamos nos concentrar na história toda do crente entre os faraós como ela é relatada pelo Alcorão:

“E o Faraó disse: Deixai-me matar Moisés, e que invoque o seu Senhor. Temo que mude a vossa religião ou que semeie a corrupção na terra! Moisés disse: Em verdade, eu me amparo em meu Senhor e vosso, acerca de todo arrogante, que não crê no Dia da Rendição de Contas. E um homem fiel, da família do Faraó, que ocultava a sua fé, disse: Mataríeis um homem tão-somente porque diz: Meu Senhor é Deus, não obstante Ter-vos apresentado as evidências do vosso Senhor? Além do mais se for um impostor, a sua mentira recairá sobre ele; por outra, se for veraz, açoitar-vos-á algo daquilo com que ele vos ameaça. Em verdade, Deus não encaminha ninguém é transgressor, mentiroso. Ó povo meu, hoje o poder é vosso; sois dominadores, na terra. Porém, quem nos defenderá do castigo de Deus, quando ele nos açoitar? O Faraó disse : Eu não vos aconselho senão o que conheço, e não vos indico senão a senda da retidão! E o fiel disse: Ó povo meu, em verdade temo que vos suceda e desdita do dia (do desastre) dos irmanados (no pecado). A angústia do povo de Noé , de Ad e de Samud, e daqueles que os sucederam. Sabei que Deus deseja a justiça para os Seus servos. Ó povo meu, em verdade,

temo, por vós, o dia do clamor mútuo. No dia em que tentardes fugir, ninguém poderá defender-vos de Deus. E aquele que Deus extraviar não terá orientador algum. Em verdade, José vos apresentou as evidências ; porém não cessastes de duvidar do que vos apresentou, até que quando morreu , dissestes: Deus jamais extravia os transgressores, extravagantes, que refutam os versículos de Deus, sem a autoridade concedida. Tal é grave e odioso, ante Deus e ante os fiéis. Assim sendo, Deus sigila o coração de todo o arrogante, déspota. O Faraó disse: Ó Haman, constrói-me uma torre, para eu poder alcançar as sendas, as sendas do céu, de maneira que possa ver o Deus de Moisés, conquanto eu creia que é mentiroso! Assim, foi abrilhantada ao Faraó a sua má ação, e ele foi desencaminhado da senda reta; e as conspirações do Faraó foram reduzidas a nada. E o fiel Ihes disse: Ó povo meu, segui-me! Conduzir-vos-ei pela senda da retidão. Ó povo meu, sabeis que a vida terrena é um gozo efêmero, e que a outra vida é a morada eterna! Quem cometer uma iniqüidade, será pago na mesma moeda; por outra, aqueles que praticarem o bem, sendo fiéis, homens ou mulheres, entrarão no Paraíso, onde serão agraciados imensuravelmente. Ó povo meu, por que eu vos convoco à salvação e vós me convocais ao fogo infernal? Incitais-me, acaso, a renegar Deus e associar-Lhe o que ignoro, enquanto eu vos convoco até o Poderoso, o Indulgentíssimo. É indubitável que aquilo a que me incitais não pode ser exorável neste mundo, nem no outro, e que o nosso retorno será a Deus, e que os transgressores serão os condenados ao inferno. Logo vos recordareis do que vos digo! Quanto a mim, encomendo-me a Deus, porque é Observador dos Seus servos. E eis que Deus o preservou das conspirações que lhe haviam urdido, e o povo do Faraó sofreu o mais severo dos castigos!” (C.40 – V.26 a 45)

Para começar, podemos ver o crente demonstrando uma aparência de neutralidade, ele não está preocupado com o assunto da disputa. Está apresentando a questão como um membro da família, como a questão é a solicitação do Faraó a seu povo para que este lhe dê a permissão para executar Moisés, por conta de preservar a fé e manter a paz e a ordem, já que Moisés apresentase com uma missão de subverter tudo aquilo.

Neste ponto, a voz distinta e calma voz de Moisés é ouvida de novo. Ele se coloca desafiador à ameaça de morte do Faraó, proclamando em alta voz que busca refúgio no poder de Deus, seu Senhor e o deles, da morte. Ele os recorda que não há nenhum poder que possa desafiar o poder absoluto do Magnífico, em cuja presença toda a humanidade deverá ser chamada para prestar contas, onde um severo acerto de contas espera os tiranos.

Classificar o Faraó de tirano é significativo, já que a posição que tomou em relação ao chamado de Moisés foi ditada pela arrogância e o despotismo, não se originou de uma convicção bem fundamentada, pois ele estava tentando compensar sua situação precária para provar sua causa contra uma fortíssima evidência.

Neste ponto, o crente entra, com seu argumento verossímil, depreciando o plano deles de executar Moisés por simplesmente discutir, com convicção, sua causa em conclamá-los a crença de Deus.

Ele conseguiu rechaçar o perigo que pendia sobre a cabeça de Moisés, persuadindo-os que ele não representava nenhum risco para eles, já que não possuía nenhuma força militar. Tudo o que possuía era a ideologia. Portanto, se fosse um mentiroso, enfrentaria as conseqüências de sua fraude sem trazer nenhum mal para eles. Porém, se fosse verdadeiro, certamente algum mal sobreviria a eles. Ele então iniciou uma campanha de guerra psicológica, com o intuito de abater-lhes a moral. Por simplesmente comparar o poder material do Faraó e o que Moisés tinha descrito do Poder Absoluto de Deus, ele queria insuflar o medo em seus corações, porque os dois poderes eram desproporcionais, e não teriam nenhuma chance perante o Todo-Poderoso.

O Faraó não parecia dar ouvidos a este tipo de ameaça, preferindo ao invés disso recorrer a tática de um governante que dá a impressão que está no controle dando ordens, para o efeito que queria que vissem com seus próprios olhos, e que desejava guiá-los corretamente. Por conseguinte, não deviam ouvir a narrativa do crente.

Ao recorrer a esta abordagem, o Faraó estava certo de que nenhuma resposta negativa viria de seu povo, para ele, o papel dos seguidores era o de ouvir e cumprir as ordens sem discussão. Todavia, o crente tinha outras idéias. Ele começou alertando-os contra o fim sombrio que os aguardava como resultado de sua posição negativa quanto ao que Moisés os tinha conclamado. O

que ele fez foi recordá-los das pessoas do passado que tomaram a mesma posição oprimindo e combatendo os profetas que eram enviados a elas. Sem lhes dar a chance de discutir sua causa num debate livre e bem-informado.

Então, o crente levantou diante de seu povo a noção divina que condenava a alteração deles sobre os sinais de Deus sem evidência, meramente por ser este o modo que o Faraó queria que fosse. Suas palavras caíram no vazio. Isto por fim sujeitou-os à ira de Deus.

Agitando o sabre do despotismo

O Faraó devolveu o golpe, embora indiretamente, no crente, numa tentativa de rejeitar a idéia de perigo iminente que pudesse sobrevir ao povo, a qual o crente os estava advertindo, quando explicava a questão de Deus como uma realidade.

A resposta de Moisés concentrou-se em demonstrar o verdadeiro interesse em elevar-se para ver seu Senhor e discordar Dele, como se Ele fosse uma pessoa como outra qualquer a quem se combatesse. Isto era uma tentativa do Faraó de dar a impressão que queria descobrir se Ele (Deus) era real ou algo imaginário. Era uma “acrobacia” do Faraó numa tentativa de explorar a consciência de seu povo. Queria sujeita-los à ilusão de que ele era capaz de encontrar com o Senhor de Moisés, ordenando a Haman que construísse uma escada para o céu.

Porém, o crente dentre seu povo estava pronto para desferir um outro golpe. Isto, com o intuito de minimizar o efeito de sua tática sobre o povo, ele ergueu sua voz outra vez sem tentar ocultar seu sentimento de amargura e pena por eles. Começou lhes dando um bom conselho, ressaltando o fato que este mundo chegará ao fim é que o mundo eterno é o da vida futura. Ele os recordou da natureza da responsabilidade e das conseqüências que se seguem. Ou seja, cada pessoa será responsabilizada pelas ações que tenha cometido, sejam elas boas ou más. Ninguém mais será sobrecarregado pela responsabilidade de outrem. Além disso, o Faraó nunca estará em posição de protegê-los de nenhuma punição que possa vir a eles.

Nesta altura do diálogo, podemos sentir algum tipo de contenda a se vislumbrar no horizonte entre o crente e seu povo. Parece que eles estavam tentando atrai-lo para longe daquela tendência, o bem que desejava para eles,

e de modo contrário, forçá-lo ao caminho em que levavam suas vidas, a marca distintiva do qual, era a auto-indulgência. Entretanto, ele se manteve firme, explicando a diferença entre seu chamado e o deles. Enquanto ele os convidava ao paraíso, prosperidade eterna e sucesso neste mundo e no outro, eles não pareciam oferecer nada em troca. Ele concluiu que não havia nenhum fundamento na oferta deles. Ao contrário, pareciam estar desejosos de ficarem com a pessoa (o Faraó) que não poderia proporcionar-lhes nenhuma garantia para esta vida. De modo diverso, ficar com Deus certamente significaria todas as coisas boas, especialmente quando o homem vive com dignidade, o que se apóia naquilo que é do Poderoso, com a paz de espírito que Deus dá a ele.

O diálogo prossegue até o final depois que o crente reconhece que tinha exaurido todos os meios de persuasão. Ainda assim, avisa a eles que recordariam tudo o que tinha explicado quando as realidades da vida desafiassem todas as suas práticas. Assim, ele se resignou com o fato que seu chamado por enquanto passara despercebido, como foi o caso com os chamados sinceros similares de outrora. Mas este seria lembrado em seu devido tempo.

No final, ele tinha que deixar claro a eles que estava lavando suas mãos e deixando a questão para seu Senhor, pois Ele era capaz de cuidar dele neste mundo e no além. O Alcorão põe um ponto final na história, já que Deus respondeu a seu apelo por salvá-lo das más ações de seu povo. Quanto a eles, se defrontarão com as conseqüências de seus atos, terminando no fogo infernal.

Benefícios práticos

O leitor deve estar ciente que muitas lições podem ser aprendidas em nossa vida contemporânea:

1. Dissimulação, um princípio alcorânico

Há uma necessidade de pessoas dentre os crentes, que já tenham estabelecido uma presença em algumas comunidades, sem perder sua identidade e permanecendo na senda reta, para cumprir seu trabalho na senda de Deus, com a intenção de persuadir as pessoas para a sua causa. Devem também se familiarizar com os planos que possam ser tramados

contra o campo da crença e seus seguidores. Qualquer conhecimento adquirido neste campo pode ser utilizado para derrotar e descobrir com antecedência essas conspirações.

Esta prática, que é conhecida como dissimulação (*Taqyyah*), é parte da ideologia estabelecida dos muçulmanos xiitas que é proveniente do Alcorão, como nesta história, a história do famoso companheiro do Profeta (S.A.A.S.), Amar Bin Yasir e de outros.

A dissimulação é uma prática humana universal. Grupos e indivíduos, a despeito de seus princípios e filosofias, recorrem a ela com a intenção de superar certas pressões que de outro modo poriam em risco suas vidas.

O Islam permitiu esta prática em situações onde uma pessoa encontra-se em necessidade, tanto que firmar-se exteriormente a linha de sua crença não seja mais possível. Porém, o Islam não tolera que se adote a dissimulação como um meio para passar por cima dos princípios estabelecidos. Isto porque tal diluição da prática da dissimulação levaria, em muitos casos, a perda do princípio e do objetivo como resultado da banalização da prática.

Não há dúvida para que se diga que a idéia de dissimulação reitera a praticidade e a flexibilidade do Islam na ação humana diante dos desafios. Porém, aquele que adota a dissimulação tem que fazer isso sem perder de vista os interesses dominantes da sociedade e da religião, já que estes têm de ser os fatores decisivos na adoção ou no abandono da dissimulação para se avançar em direção ao desafio.

2. O diálogo indireto

É aconselhável que os trabalhadores na senda de Deus estejam a par das idéias mais recentes que os governantes estejam a disseminar, que tencionam desviar as massas e justificar sua agressão e afastamento do caminho da retidão. Contudo, os ativistas devem procurar cuidar disso sem recorrer a meios violentos. O diálogo entre eles e os membros da sociedade deve ser conduzido por representação, como se fosse com o governante, com o objetivo de guiá-lo corretamente e trazê-lo de volta a sensatez. Não há nenhum mal em infundir temor no coração do governante, especialmente quando as vozes da dissensão se tornam mais agressivas ao criticar suas práticas, deixando-o sem condições de réplica ou de silenciar as mesmas.

3. O espírito de fé

Os ativistas muçulmanos têm que seguir o exemplo do verdadeiro crente, principalmente a força de seus sentimentos e sua serenidade interior, que parecia ditar cada um de seus movimentos, sobretudo sua habilidade para travar um diálogo significativo, no decorrer do chamado à senda de Deus, e sair vitorioso. A mais característica impressionante do comportamento daquele homem foi sua determinação para evitar a notoriedade, já que jamais afirmou publicamente que era um simpatizante de Moisés. Manteve sábios encontros restritos até o fim. Ele tinha que tomar esta atitude na convicção de que isso era para o melhor interesse da causa de Moisés, não tomando partido abertamente.

4. Um desafio necessário

É importante advogar a abordagem moralista, recordando as pessoas de Deus e do resultado no Dia do Julgamento. Esta deve ser a causa a ser generalizada, mesmo com os tiranos e os insolentes, como um modo de se opor a sua percepção quanto a sua própria força. Deve-se ser deixado claro para eles que não importa quão poderosos possam se achar, seu poder não conta com nenhuma chance diante do poder de Deus Altíssimo. Os esforços devem visar a criação de um abismo entre os tiranos e o povo, por conta de vincular a questão do certo e do errado com o destino do homem. Isto certamente criará um sentimento de se manter longe do caminho do mal.

5. Fixando os limites

É necessário empenhar esforços para definir os limites entre o chamado à senda de Deus e o chamado para qualquer outro caminho. Delineando curiosamente as características de cada um desses dois caminhos e apresentando a causa pela senda de Deus plenamente, que é o único caminho seguro para se alcançar a felicidade neste mundo e no outro, e que o seguir os caminhos tortuosos conduzirá a perdição - isto é capaz de produzir bons resultados. Esta verdade encontra-se perfeitamente clara no último apelo do crente, quando ele, de modo enfático, reiterou que seu chamado conduziria a segurança e que os detestáveis caminhos de seu povo conduziriam certamente ao fogo do inferno.

É compulsório aos ativistas muçulmanos enfrentar as tendências ideológicas, sociais, políticas e econômicas que visam influenciar negativamente as massas. Expondo a verdadeira face dessas tendências, eles devem ser capazes de fortalecer a consciência em meio às massas para que estejam de sobreaviso para não cair sob a influência dessas tendências. Tais tendências podem afastar as massas do caminho da retidão confundindo a verdade com a mentira ou tentando mercadejar a segunda sob a aparência da primeira. Esta é a verdade das tentativas de certos movimentos políticos e econômicos que exploram os problemas sociais e os tratam de um modo exagerado, com o intuito de neutralizar outros fatores fundamentais simplesmente para que se dê a entender que eles não tenham nada a ver com assuntos do destino humano. Ou seja, tentam enganar as pessoas dizendo que a idéia de destino é puramente mundana e que não tem nenhuma influência sobre a questão da vida eterna e a crença em Deus.

6. O ambiente e a liberdade do homem

A história do crente do povo do Faraó sem dúvida proporciona um suporte importante à noção islâmica que rejeita a afirmação de que o ambiente tem a palavra decisiva no restringir o livre-arbítrio humano. Ao argumentar assim, os proponentes buscam justificar a tendência ao extravio e a uma espécie de “profecia auto-realizada” que provém de uma ideologia filosófica que nega a liberdade do homem. Culpam o ambiente, que alegam, pode contribuir para formar o modo de pensar do homem e influenciar suas escolhas, quer sejam corretas ou desviadas.

A existência de tal pessoa (o crente do povo do Faraó), que nasceu numa sociedade perversa, ou como a esposa do Faraó que viveu sob o domínio daquela sociedade, proporciona suporte a noção de que o clima de perversão pode fornecer a motivação para a prática do mal. Porém, embora isso possa enfraquecer a resistência para que se caia vítima de suas tentações, não poderá por meio algum suprimi-la. Portanto, neste ponto permanece para o homem, a despeito de toda a diferença de forças, esta margem para que exerça seu livre-arbítrio que pode aumentar suas chances de vencer.

Todavia, é igualmente verdadeiro que uma pessoa que tenha nascido ou crescido num bom ambiente possa não vir a ser bom. Exemplos de

tais pessoas podem ser encontrados na esposa de Noé, em seu filho e na esposa de Lot, que estiveram em boa companhia, porém, isso não os impediu de se desviarem como resultado de caírem presas das tentações da sociedade em que viviam.

De fato, o ambiente não pode confrontar o homem com uma impossível tarefa de livrar-se da conduta geral e das práticas de sua sociedade. O ambiente pode tornar isso difícil, mas não impossível, para o homem que se liberta de seu jugo por absoluta perseverança, determinação e vontade inabalável.

Isto é o que mantém o espírito dos trabalhadores na senda de Deus forte e elevado, face a todas as pressões extremas exercidas pelo ambiente, a fim de promover o processo de mudança, muito embora o ambiente possa atuar em parte na sedução do homem para que se afaste de seus princípios morais e convicções.

“Então um homem veio correndo da parte mais afastada da cidade”

Esta é a história de outro crente que escolheu não se juntar a seu povo no caminho da descrença, do extravio e da animosidade para com os profetas e mensageiros. Ao invés disso, decidiu trilhar a senda da retidão que o conduziu a crença e a orientação, onde não poupou esforços no apoio a Mensagem de Deus, com palavras e atos, ao menos por tentar por todos os meios possíveis persuadir seu povo a adotar a sensatez e seguir aquilo para o qual os Mensageiros de Deus convocavam.

O Alcorão conta sua história no contexto de três mensageiros que foram enviados para os “Companheiros da Cidade” para conclamá-los a Deus e a confirmação de suas mensagens. Os Mensageiros encontraram a hostilidade, as ameaças, a rejeição, tanto que nem mesmo uma única pessoa foi convertida. Neste ponto, chegando como um raio, um homem veio correndo da parte

mais afastada da cidade, para erguer uma voz num último esforço para persuadir seu povo a seguir os três Mensageiros:

“E lembra-lhes a parábola dos moradores da cidade, quando se lhes apresentaram os mensageiros. Enviamos-lhes dois (mensageiros), e os desmentiram; e, então, foram reforçados com o envio de um terceiro; (os mensageiros) disseram-lhes: Ficai sabendo que fomos enviados a vós. Disseram: Não sois senão seres como nós, sendo que o Clemente nada revela que seja dessa espécie; não fazeis mais do que mentir. Disseram-lhes: Nosso Senhor bem sabe que somos enviados a vós. E nada nos compete, senão a proclamação da lúcida Mensagem. Disseram: Auguramos a vossa desgraça e, se não desistirdes, apedrejar-vos-emos e vos infligiremos um doloroso castigo. Responderam-lhes: Que vosso augúrio vos acompanhe! Maltratar-nos-eis, acaso, porque fostes admoestados? Sois, certamente, um povo transgressor! E um homem, que acudiu da parte mais afastada da cidade, disse: Ó povo meu, segui os mensageiros! Segui aqueles que não vos exigem recompensa alguma e são encaminhados! E por que não teria eu de adorar Quem me criou e a Quem vós retornareis? Deverei, acaso, adorar outros deuses em vez d’Ele? Se o Clemente quisesse prejudicar-me, de nada valeriam as suas intercessões, nem poderiam salvar-me. (Se eu os adorasse), estaria em evidente erro. Em verdade, creio em vosso Senhor, escutai-me pois! Ser-lhe-á dito: Entra no Paraíso! Dirá então: Oxalá meu povo soubesse, que meu Senhor me perdoou e me contou entre os honrados! E depois dele não enviamos a seu povo hoste celeste alguma, nem nunca enviaremos. Foi só um estrondo, e ei-los inertes!, feito cinzas, prostrados e silentes”.
(C.36 – V.13 a 29)

A história consiste de três capítulos com um diálogo tridimensional, entre os Mensageiros e o povo da cidade, o crente e seu povo e o crente e os anjos. Os três diálogos são partes de uma trilogia.

A missão dos mensageiros

Os mensageiros vieram em dois grupos, dois num primeiro e então o terceiro se juntou a eles para prestar apoio. Na chegada, eles anunciaram que Deus os tinha enviado ao povo. Contudo, parece que não eram profetas, mas emissários de Jesus (A.S.), como está evidenciado nas tradições. A reação do povo ao qual foram enviados foi típica dos povos do passado de descrença, em sua rejeição às mensagens e aos Mensageiros, em razão de que ser ao mesmo tempo membro da raça humana e profeta era incompreensível para eles. Os apóstolos deixaram claro ao povo que não queriam dialogar com eles sobre sua missão, simplesmente porque não tinham tempo a perder. Os apóstolos, porém, esclareceram ainda mais a posição dizendo que estavam perfeitamente seguros sobre sua missão, tinham confiança em si mesmos, e sabiam que Deus os tinha enviado para o povo da cidade. Isto é, sua missão era comunicar a mensagem ao povo, qualquer um que quisesse alcançar a convicção, eles estavam ali para ajudá-los a fazer isso. Do contrário, aqueles que não quisessem seguir este caminho, não estavam dispostos a travar um diálogo inútil com eles. Bastava-lhes que haviam demonstrado ao povo a evidência que Deus os tinha enviado, de maneira que não deviam ter nenhum pretexto de que eles (os Mensageiros) não tinham demonstrado provas claras. Porém, o povo não apreciou aquela resposta calma e racional que era sintomática da posição da Mensagem, que confiava em si mesma, e que se movia guiada pela crença. O plano do povo almejava criar complicações para os emissários, levando-os a situações tensas em que os sentimentos podem se exaltar e a paciência se esgotar. Isto teria feito os apóstolos se comportarem de modo errado. Sem dúvida, isto os conduziria a um caminho que não serviria à Mensagem de modo algum, e a pusesse em risco a longo prazo. A situação tinha se tornado pior, já que o povo passou a ameaçá-los de apedrejamento, se não desistissem de seguir com sua missão. Eles também amaldiçoaram os profetas (com o augúrio da desgraça). Ainda assim, a resposta foi calma e serena, já que não eram eles que tinham proposto o mal. Ao contrário, descrença e extravio, que eram as marcas distintivas dos descrentes e dos desencaminhados, são a fonte de toda maldade. Ou seja, a intransigência estava impelindo-os a tapar seus ouvidos, para que não ouvissem a advertência. Isto também fazia se entregarem a rebelião e ao desvio da senda correta.

A ascensão da verdade

Esta cena prossegue até uma conclusão para dar caminho a outro capítulo na história, retratando o homem de fé solitário encontrando-se com seu povo e o conclamando a apoiar e seguir os apóstolos. Ele convocou seu povo a analisar a questão levando em conta a verdade nua, já que os apóstolos não tinham nenhum motivo pessoal. Para eles, era indiferente se o povo permanecesse firme na descrença ou se passasse para o lado da fé. Isto era apoiado pelo fato que não pediam nenhuma remuneração por seu trabalho, o que era, em si, uma evidência a mais que a questão como um todo se tratava do desejo de orientar as pessoas corretamente, e que não tinham nenhum ganho pessoal em vista.

O crente então começou a travar um diálogo consigo mesmo, garantindo que seu povo estivesse vendo perfeitamente o que ele fazia. Sua intenção era fazê-los refletir sobre o que estava dizendo e para o que os estava convidando a acreditar. Ele, além disso, desejou que eles saíssem da discussão sobre a fidelidade da reivindicação dos apóstolos, para a reflexão sobre a idéia em si, e finalmente a rejeitassem ou a aceitassem. É digno de menção que esta abordagem alcorânica visa debater a questão do ateísmo e do politeísmo. O modo de discutir a questão é por intermédio da comparação entre os atributos divinos e os supostos méritos dos parceiros que os politeístas alegam que Deus possui. O procedimento todo tenciona levar à conclusão, pelo crente, que sua conformação ao campo do politeísmo o conduzirá ao caminho da desorientação. Assim, ele não desejando ser contado entre os politeístas, proclamará sua crença em Deus e rejeitará o politeísmo. Por fim, não esquecerá de apelar à consciência dos outros para que notem o seu clamor.

A pureza do crente

A cortina é puxada na cena final, junto com o encerramento do capítulo final do mundo inteiro. Este final coletivo traduzirá o fim para todos os argumentos e mensagens. A parte de carregar a responsabilidade terá chegado ao fim, para que se abra a porta para o acerto de contas e a subsequente confrontação com as conseqüências. A humanidade inteira, os profetas, os tiranos e

seus seguidores, estarão em pé diante de Deus para serem julgados pelo bem ou mal que tenham feito e, serão recompensados ou castigados conforme o caso. Deus perdoará a quem ele quiser e castigará a quem ele quiser porque todas as questões pertencerão a Ele.

Em tal lugar e momento, o crente, que tinha seguido a verdade, estará sozinho, frente à comunidade da descrença. Será pedido a ele que entre no paraíso em recompensa por sua fé e suas obras. Todavia, ele se demorará um pouco mais para recordá-los de que ao que parece tinham esquecido de que enfrentariam aquela situação, a despeito do fato de que os Mensageiros os tenham advertido e anunciado boas novas sobre o resultado final de se aderir ao campo da fé. O crente sentirá completa solidude, pois desejaria que seu povo tivesse percebido aquilo de antemão. De modo que terminassem por ganhar a bem-aventurança e o favor de Deus. Porém, este não será o caso.

Pode-se deduzir destes versículos que os crentes vivem continuamente com o bom sentimento e desejo que outros venham partilhar com eles a recompensa que tiverem alcançado e o bem que tenha chegado a eles. Uma vez que Deus tenha lhes dado sua recompensa de direito, sentirão tristeza pelos seus povos por não alcançarem uma parcela daquela grande recompensa.

Assim, o capítulo final da história é concluído com o resultado sombrio que sobreveio ao povo, pois eles tiveram a punição que mereceram por suas ações, provando que eram tão insignificantes que não puderam apresentar nenhuma resistência:

“Foi só um estrondo, e ei-los inertes! Feito cinzas, prostrados e silentes”.
(C.36 – V.29)

Esta história tem algo em comum com a anterior, a do crente do povo dos Faraós, já que ambos os heróis parecem ser calmos e serenos face aos desafios lançados contra as mensagens e os Mensageiros. Os Mensageiros e ativistas cuidavam de suas missões demonstrando autocontrole na adversidade. O espírito elevado e o entusiasmo demonstrado pelos novos crentes revelam um senso de responsabilidade em seu trabalho na senda de Deus, usando todos os meios à sua disposição: prestando apoio à liderança, investidos de confiança para a comunicação da Mensagem, e unindo forças com ela para quando as

questões chegam a uma situação de disputa. Em tudo isso, eles demonstraram flexibilidade ou firmeza, quando a posição exija. Por último, mas não menos importante, demonstraram sentimentos sinceros de compaixão e amor pelos outros. Seu senso de responsabilidade é marcado com um toque humano a fim de assegurar o bem, a clemência e as bênçãos, iluminando a vida das pessoas. Este sentimento de bondade para com todos segue os crentes até a morada final, já que eles não parecem estar apreciando realmente a recompensa, porque os demais não estão gozando do mesmo final feliz, por não terem seguido a senda da retidão neste mundo.

Esta é a abordagem que os ativistas necessitam em todas as épocas e lugares, de modo que a propagação da mensagem não se transforme numa rotina sem sentido. Isto deve ser uma experiência esclarecedora para o ativista a fim de que seus sentimentos pessoais não se misturem com os da Mensagem, conduzindo a uma propensão a não ser acomodado. Em outras palavras, ele deve demonstrar tolerância com os outros, sem acatar a idéia de que eles são um incômodo e que tencionam estragar o seu conforto, já que isso certamente se reflete negativamente em sua posição em relação a Mensagem, tanto que ele pode cogitar abandoná-la e abdicar de sua responsabilidade. Isto possivelmente é o catalisador para delegá-la a outros, apenas para satisfazer seu próprio ego e seus desejos.

A abordagem do crente se apóia na do Profeta Abraão (A.S.) quando estava discutindo com seu povo e questionando suas crenças, como a vã adoração do Sol, da Lua e das Estrelas. Ele costumava se dedicar ao solilóquio para verificar a viabilidade de seu próprio tipo de adoração. Ele se assegurava que seu povo o observasse no que estava fazendo e ouvisse o que estava dizendo, com o intuito de fazê-lo compreender a questão do certo e do errado. Fazia aquilo sem permitir que seus sentimentos pessoais dominassem o assunto, já que estava falando sobre tais idéias como um deles, e não como um inimigo inclinado a atacar suas crenças. Isto proporcionou a eles a oportunidade de refletir sobre eles mesmos e a iniciarem um exercício de exame de consciência, depois que tinham escutado seu solilóquio.

Esta abordagem foi reiterada em muitos versículos, muito provavelmente por sua importância no campo da propagação da senda de Deus como um método a ser seguido pelos ativistas muçulmanos em seu trabalho e em seus

debates. Nós já discutimos esta abordagem no decorrer desse livro.

Antes de concluir este capítulo, temos que chamar a atenção para a tática dos descrentes ao se oporem aos apóstolos e amaldiçoá-los. Eles pareciam ter tomado essa atitude como um pretexto para rejeitar a Mensagem que os apóstolos tinham vindo lhes comunicar. Nisto, há uma clara evidência que eles não tinham a mínima idéia ou prova para discutir com os Mensageiros. Eis porque recorreram para a conversa vã e as leviandades, nas quais nem eles mesmos pareciam acreditar, para justificar sua intransigência e permanecerem firmes em sua posição de descrença. Utilizando o mesmo plano, aparentemente foi como se tivessem provocado problemas para os Mensageiros, incitando às pessoas dizendo que eles eram a fonte de todas as aflições que tinham sobrevindo a elas.

Contudo, os Mensageiros sempre retrucavam decisivamente, especialmente, atribuindo todos os males e problemas aos descrentes, devido a suas práticas que eram induzidas pela descrença e rejeição. Portanto, eram eles, e não os Mensageiros, que deveriam ser responsabilizados por todos os problemas e percalços. A nobre missão dos Mensageiros era para resgatá-los da angústia e do tormento que estavam passando.

Para que isso nos serve?

Devemos advogar esta abordagem frente aos métodos dos grupos da descrença e do extravio que estão incansavelmente empreendendo uma guerra contra os grupos da Fé Islâmica. Ou seja, os adversários do Islam se esforçam ao máximo para imputar aos seus verdadeiros seguidores toda a culpa dos males sociais. Esta atitude certamente se reflete nas questões de disputa e tomada de posição. Eles nunca se cansam de criar climas desfavoráveis, sobretudo empreendendo campanhas de desinformação que visam desacreditar os muçulmanos, já que estes são responsabilizados por todos os problemas e calamidades sociais.

Quanto à natureza da disputa, deve-se identificar as razões por trás desses males e problemas e traçar por eles a ligação com os erros do campo do extravio. Em outras palavras, é o produto natural das idéias tortuosas e das pegadas desviadas, que não se importam com o interesse público porque são dirigidas por motivações individualistas e inclinações pessoais. Um segundo ponto pode ser o

esclarecimento dos princípios islâmicos e as iniciativas dos ativistas, explicando o bem que tenham reservado para toda a sociedade, e reiterando o fato de que evitam qualquer coisa que possa ser corruptora ou prejudicial para a sociedade em virtude de sua grande preocupação com o interesse dos seres humanos. Assim, não podem tencionar coisa alguma que venha a por o homem em risco.

Porém, parece haver um problema de mídia preconceituosa, que explora a ignorância das massas quanto às verdadeiras razões por trás dos acontecimentos, para que interpretem como queiram e empreendam uma campanha difamatória contra o campo da religião sem qualquer base e por nenhum crime que tenha sido cometido. Espera-se, contudo, que os crentes dêem a resposta a seus adversários a fim de que a verdade seja conhecida, sem perder de vista o estado emocional e intelectual das massas, porque isso tem influência sobre o êxito em se atingir o objetivo.

Otimistas versus pessimismo

“Recorda-te de quando um grupo deles disse: Por que exortais um povo que Deus exterminará ou atormentará severamente? Outro grupo disse: Fazemo-lo para que tenhamos uma desculpa ante o vosso Senhor; quem sabe O temerão (depois disso!).” (C.7 – V.164)

Os Reformistas não devem ceder ao desespero

Neste conciso versículo sagrado, um diálogo está ocorrendo entre dois tipos de pessoas sobre a questão de como se tratar com algumas pessoas, que se entregam, na palavra e na ação, ao extravio. Eles têm se distanciado para tão longe do marco que alguns ativistas acreditam que seja inútil tentar trazê-las de volta a senda da retidão, a senda de Deus.

Entretanto, outros trabalhadores na senda de Deus tomam uma posição diferente sobre este tipo de fenômeno, já que não desistem facilmente das pessoas, possuindo um senso de obrigação e responsabilidade divina para deixar que os ingredientes do bem façam sua parte em meio a abundância de mal que tem se acumulado através dos anos, formando barreiras para o trabalho reformista. Assim, estes ativistas fazem o melhor que podem para persuadir estas pessoas e trazê-las de volta para o campo da fé e da orientação, usando de vários meios, na esperança de que suas inibições interiores cedam e, se tornem, ao contrário, receptivas ao chamado para o bem, depois que as condições adequadas tenham sido criadas no ambiente externo.

De acordo com estes ativistas, deve sempre haver esperança na vida, de modo que ela permaneça vibrante e não defina no caminho da morte. Na escuridão, a esperança por um raio de luz deve permanecer viva pela presença de estrelas cintilantes e da Lua. Em alguns outros caminhos, também permanece a esperança de luz no fim do túnel pela iminente aurora de um novo dia. Na escuridão da dúvida, que pode encontrar lugar na mente de algumas pessoas que se agarram a ela, há sempre a esperança que os passos firmes da certeza e da luz estejam próximos para dispersarem a escuridão, e introduzam a paz de espírito e a tranquilidade.

Na falta de extravio, a orientação está sempre disponível para proporcionar o mais necessário conforto e luz, do mesmo modo que a água jorra da fonte para formar as quedas d'água. Tudo aquilo que torna a esperança na boa orientação e na luz uma realidade entre as demais realidades da existência, manifesta-se em vários aspectos.

Guiados pelos passos da esperança e da percepção da realidade os ativistas e reformistas se movem para cumprir as maiores tarefas, erguendo suas cabeças com sua visão focada nos pontos mais altos, a despeito das barreiras e dificuldades que os que sobem os picos das montanhas possam encontrar.

Contudo, se a causa pelos perdidos seja a do abismo espiritual e psicológico que criaram ou das pontes que derrubaram, parece não haver nenhum vínculo deixado para que se possa cruzar, da margem deste mundo, onde vagam cegamente, para a outra, a da vida futura, onde Deus cobrirá seus servos com favores, perdão e prazer.

Porém, se a questão é a de seu relacionamento com Deus, o assunto é absolutamente direto, porque Ele construiu pontes para aqueles entre seus servos que tenham se extraviado, mas que desejam juntar-se a senda da retidão em penitência sincera a qualquer momento. Deus deixou isso muito claro em diversos versículos alcorânicos, especialmente quando conclama os pecadores para retornarem a Ele, não importando a distância que possam ter trilhado no caminho errado. Ele está muito próximo deles, ouvindo suas preces e súplicas todo o tempo:

“Quando Meus servos te perguntarem de Mim, dize-lhes que estou próximo e ouvirei o rogo do suplicante quando a Mim se dirigir. Que atendam o Meu apelo e que creiam em Mim, a fim de que se encaminhem”. (C.2 – V.186)

“Nem és guia dos cegos, em seu erro, só podes fazer-te escutar por aqueles que crêem nos Nossos versículos e são muçulmanos”. (C.30 – V.53)

Para os que trabalham na causa de Deus, este é o ponto de partida da esperança na marcha da vida. Eles se mantêm trabalhando arduamente para persuadir os pecadores e aqueles que tenham se extraviado, para reuni-los à senda de Deus. A filosofia da esperança reflete a natureza das coisas na vida. E por outro lado, ela se conecta com a generosa misericórdia de Deus. É um dever dos ativistas compreenderem que os objetivos de seu trabalho não devem estar limitados apenas a enxergar resultados tangíveis. Mas sim, é caracterizado por uma abordagem abrangente, cujos ingredientes muito importantes incluem o desempenho de sua obrigação com seu Senhor e o advertir os transgressores para que estejam atentos quanto a punição de Deus, se porventura o temam.

A diferença entre duas perspectivas

Neste diálogo rápido e denso, o versículo alcorânico visou sugerir a nós que devemos nos manter trabalhando porque este é o caminho de

Deus para que vivamos uma vida com significado. Não há nenhum lugar para o desanimado, o sem esperança e o capitulador. Esta espécie de pessoa costuma buscar uma mancha de escuridão na luz da verdade para servir de apoio a seu chamado de rendição. Eles deviam, ao contrário, procurar o brilho prateado nas nuvens escuras, de modo que pudessem infundir otimismo nos corações dos pessimistas e lhes dar esperança, e infundir a paz na vida dos que estão dominados pelo medo e pelo desespero.

Assim, a diferença entre eles, o otimista e o pessimista, é por si, evidente. O primeiro traça seus passos na vida reunindo todas suas capacidades e recorrendo a todas suas reservas de energia para por tudo a serviço da sementeira em novas áreas com verdadeira esperança. E uma vez que as sementes se enraízam e a plantação vem a frutificar, a prova estará manifesta na colheita. No decorrer do trabalho, todo esforço deve ser feito para evitar qualquer experimento superficial, que, por natureza, não custa ao homem mais do que palavras vazias ao *status quo*, que podem ocultar mais do que esteja na superfície.

O segundo parece estar apressado, preferindo tratar as questões rapidamente, cedendo a considerar as manifestações externas que não possam dar terreno a esperança. Isto, certamente faz tal pessoa desistir facilmente e entregar-se à desesperança como uma racionalização para fugir das situações reais.

Esta é a diferença entre aqueles que se tornam cativos das aparências exteriores, vivendo nas periferias da existência, e aqueles que conseguem ver por trás da fachada, ganhando confiança e força quando agem, preenchendo a vida com vibração e produtividade.

Neste versículo, como é o caso de outros, experimentamos o clima alcorânico que está pulsando de vida. É o retrato da vida, onde, embora a tela da moldura não pareça ter mais espaço para mais nuances de cor, a corrente subjacente a enriquece com conotações vívidas e puras que inundam de amor, vida, intensidade e paz.

“Há aquele, que falando da vida terrena, te encanta...”

Os tipos de hipócritas

Este é um outro exemplo do homem representando a hipocrisia política que é encontrada em todas as épocas e lugares. Esses tipos de políticos nunca se cansam de explorar os sentimentos do povo, seus temores e suas fragilidades, a fim de conseguir seu apoio. Eles parecem estar apelando para as pessoas anunciando seus programas para reformas ostensivamente, isso para melhorar suas vidas, fazendo intermináveis promessas e proferindo discursos emotivos e inflamados. Também, não parecem se furtar a tentar infundir confiança nos corações fazendo promessas e invocando a Deus como testemunha, o que se constitui, de fato, em cortinas de fumaça. Eles fazem tudo isso a fim de trazer as massas para o seu lado contra seus oponentes na ação de tomar o poder. Apela às massas no sentido de dar a elas a chance de por seu programa reformista em teste. De sua parte, as massas os favorecem na esperança de que os fazedores de promessa possam libertá-las do jugo da opressão, do sofrimento da vida, da escuridão da ignorância e da amargura da pobreza.

Os planos extraviados deste tipo de pessoas podem alcançar o sucesso, tanto assim que ascendem ao poder onde se tornam os guardiões da fortuna da nação. Porém, nem bem se vêem catapultados ao poder, revelam sua verdadeira identidade e seus planos. Portanto, não parecem perder tempo ao semear a corrupção na terra e destruir a civilização humana, contrariamente às ordens de Deus. Deus ama o bem e quem faz o bem e abomina o mal e a difusão do mesmo.

Alguns daqueles que apoiaram o recém-chegado ao poder, vêem como sendo sua obrigação recordá-lo de suas promessas e alertá-lo contra a ira e a punição de Deus, aconselhando-o a temer a Deus pelo que esteja a praticar contra seus servos na Terra, e apela a ele para que seja sensato. Eles buscam debater com ele, com o intuito de persuadi-lo a desistir de seus erros. Mas, ele rejeita seus apelos e bons conselhos, criticando as pessoas bem-intencionadas por ousarem dar conselhos a ele porque não reconhece que possa estar em risco, acreditando que é infalível, que seu governo é justo, e que sua conduta está no caminho certo. Assim, continua com sua presunção,

permanecendo subserviente a suas inclinações intrínsecas, desobedecendo as injunções de seu Senhor e satisfeito com os pecados que está cometendo através de ações e palavras.

Este é o retrato verdadeiro deste tipo de pessoa, que nunca se cansa de adotar diferentes disfarces para servir seus próprios interesses. Numa ocasião pode-se vê-lo vestindo o manto da religião. Em outra, assumindo a aparência dos políticos. Em outras vezes, pode-se vê-lo vestido com os apetrechos dos sociólogos ou economistas. Isto tudo não é nada senão aparências externas do engano, da fraude e da traição. Em suma: hipócritas. E eis como o Alcorão retrata este grupo:

“Entre os homens há aquele que, falando da vida terrena, te encanta, invocando Deus por Testemunha de tudo quanto encerra o seu coração embora seja o mais encarniçado dos inimigos (d’Ele). E quando se retira, eis que a sua intenção é percorrer a terra para causar a corrupção, devastar as sementeiras e o gado, mesmo sabendo que a Deus desgosta a corrupção”. (C.2 – V.204 e 205)

A moral por trás do retrato deste tipo de pessoas está na revelação de suas verdadeiras faces, e no colocar as massas em precaução contra o cair presas de suas promessas. Ao invés disso, elas devem depositar confiança considerando a história e as práticas da pessoa, do partido ou do grupo, como os critérios para julgar sua fidelidade ou não. Isto pode tornar a sociedade indiferente às táticas que possam manipular as emoções do povo. O que fará a sociedade conduzir sua nau de modo estável e finalmente ancorar em locais seguros.

Aparências versus intenções íntimas

No Alcorão, é muito comum encontrar exemplos humanos cujas aparências desmentem sua realidade interior. Isto tenciona proporcionar a nós a percepção necessária das posições decisivas quando estas pessoas são colocadas em teste nas situações da vida real. Em outras palavras, os muçulmanos devem procurar harmonizar suas convicções com suas posições práticas, longe

de qualquer tratamento simplista das questões complexas, já que o julgamento real nos assuntos pode ser alcançado depois de um exame profundo das questões complexas, onde as mais fundamentadas e bem definidas características possam ser encontradas.

Eis como o Alcorão descreve este tipo de pessoas:

“Entre os humanos há, também, quem adora Deus com restrições: se lhe ocorre um bem, satisfaz-se com isso; porém, se o açoitada uma adversidade, renega e perde este mundo e o outro. Esta é a evidencia desventura”. (22:11)

Este é o retrato de um ser humano que se apóia num senso de segurança espiritual enquanto isso não lhe custa nada em termos de conforto, riqueza ou privilégios, e por quanto tempo esteja numa posição de neutralidade, vivendo uma vida espiritual sem quaisquer desafios. Todavia, uma vez que seja afligido por qualquer tipo de contrariedade, seja em sua prosperidade, em sua prole ou em seus desejos, ele perde o equilíbrio, tanto que desaba e se torna confuso e desorientado. Logo se vê arruinado e não sendo capaz de separar o joio do trigo. Ele não parece ter uma base sólida de crença e de boas obras para recorrer, de modo que possa ser capaz de alcançar o aprazimento de Deus e sua recompensa na vida futura. Assim, perde ambos os mundos, e que manifesta perda!

Algumas diferenças entre as duas descrições podem também ser detectadas em outros aspectos. Na primeira, o engano pode ser lido no slogan que esteja sendo erguido, o qual visa ludibriar as pessoas, já que embora tenha a semelhança do bem, a amarga realidade logo surge na prática. Na segunda, o engano aparece no decorrer da execução do trabalho, que é destituído de qualquer experiência. Então, o quadro se torna mais claro depois de se confrontar com a experiência amarga, quando o homem se coloca frente a frente com os desafios reais. Contudo, ambas as descrições são similares em natureza, já que conduzem o homem a se render às aparências. De modo diferente, ele deve examiná-las com uma mente crítica e olhar para elas com uma visão observadora, buscar examinar o fundo da imagem a fim de discernir suas reais feições e aquilo que se encontra por trás da fachada.

Capítulo 8

O Diálogo nas Narrativas Alcorânicas (3)

Satã no Alcorão

O Alcorão falou sobre Iblis (Satã) como sendo um ser criado do fogo. Ele é retratado como uma criatura rebelada, se vangloriando da matéria de que foi feito e demonstrando arrogância em relação ao homem, que foi feito do barro. Para Satã, o fogo seria muito superior ao barro porque este pode destruí-lo. A causa de sua rebelião contra Deus foi a alta consideração com que Deus tratou Adão quando o criou e por seu futuro papel na Terra, especialmente quando Deus ordenou aos anjos que se prostrassem diante de Adão. Como o Alcorão deixa entender, Satã fazia parte do grupo dos anjos.

O Alcorão continua demonstrando imagens que descrevem o diálogo com Satã para deixar evidente a inveja que esta criatura nutre pelo ser humano. Ele pediu a Deus para que lhe concedesse um status imortal nesta vida, de maneira que pudesse se concentrar em sua vingança contra o homem. Ao fazer isso, ele deseja derrubar o homem da alta posição em que Deus o colocou, e despertar nele o conflito entre o bem e o mal. Satã não poupa esforços para tentar o homem para que este se incline à prática daquilo que no final terá como conseqüências o seu desastre, diminuindo o espírito do homem e sua posição diante de Deus.

Através do diálogo, o Alcorão nos informa que Deus tinha concedido a Satã o que desejara por razões que Ele (Deus) conhecia melhor. Entretanto, Deus deixou claro a ele que seu poder não iria além de nos seduzir para o cometimento do mal e a demonstração de desobediência. Não há, de modo algum, qualquer autoridade direta que possa impor à força, coerção ou repressão que Satã possa exercer sobre o homem. De fato, é o homem que escolhe adotar a descrença, a desobediência, pisando em sua fé e não tendo um senso de inimizade para com Satã, é ele quem dá a Satã o controle sobre si mesmo. Por outro lado, a pessoa que escolhe a senda da crença usualmente não dá a Satã nenhuma chance de manipular sua vida por causa da força de sua fé. Assim, os planos de Satã para desviar tal pessoa estão fadados ao fracasso. O diálogo alcorânico registra permanentemente tudo isso, destacando as características gerais de Satã.

O papel de Satã na história da criação de Adão

Deus criou Satã, o honrou e o favoreceu acima de muitas de suas criaturas. Esta consideração para com Satã começou quando Ele (Deus) ordenou aos anjos, e Satã incluído entre eles, que se prostrassem diante de Adão numa grande celebração que se estabelecia como um sinal da glorificação da nova criatura em conta de suas características intrínsecas, o grande papel que se esperava dela na vice-gerência de Deus sobre a Terra, que poria todas as criaturas a seu serviço a fim de desempenhar sua função da maneira mais eficiente.

O Alcorão menciona em muitos de seus versículos as características de Satã. De modo geral, ele é retratado como uma criatura insignificante que está em desacordo com Deus, especialmente nas grandes questões. Ele é descrito como um ser arrogante e egocêntrico, ao menos por seu alto conceito de sua própria composição física, entendida por ele como superior às demais criaturas. Satã não parece dar séria consideração às outras características que, se encontradas nos outros, podem fazê-las muito superiores, no sentido espiritu-

al, comportamental e intelectual. Estas são as qualidades que fazem o homem se esforçar para atingir as mais altas posições quando compete por um futuro melhor, por meio de uma ideologia correta e de um trabalho melhor.

Os versículos alcorânicos adotam abordagens diferentes para apresentar a imagem completa em cenas que parecem pulsar de vida, movimento e vivacidade, com o propósito de aumentar o abismo entre o homem e Satã. Por outro lado, importância é dada para o senso de quão terrível é a arrogância, a rendição ao auto-conceito, e a extensão em que tudo isso pode influenciar as vidas das criaturas, como aconteceu com Satã.

Aqui estão alguns dos versículos alcorânicos que tornam os contornos da figura mais definidos:

“E quando dissemos aos anjos: Prostrai-vos ante Adão! Todos se prostraram, exceto Satã que, ensobrecido, se negou, e incluiu-se entre os incrédulos”. (C.2 – V.34)

“Quanto aos perseverantes, que praticam o bem, obterão indulgência e uma grande recompensa. É possível que omitas algo do que te foi revelado e que te oprima, por isso, o peito, temendo que digam: Por que não lhe foi enviado um tesouro ou não o acompanha um anjo? Tu és tão-somente um admoestador e Deus é o Guardião de tudo. Ou dizem: Ele o forjou! Dize: Pois bem, apresentais dez suratas forjadas, semelhantes às dele, e pedi (auxílio), para tanto, a quem possais, em vez de Deus, se estiverdes certos”. (C.7 – V.11 a 13)

“E quando dissemos aos anjos: Prostrai-vos ante Adão! Prostraram-se todos, menos Satã, que disse: Terei de prostrar-me ante quem criaste do barro? E continuou: Atenta para este, que preferiste a mim! Juro que se me tolerares até o Dia da Ressurreição, salvo uns poucos, apossar-me-ei da sua descendência!” (C.17 – V.61 e 62)

Examinar estes versículos será suficiente para traçar uma imagem nítida do caráter de Satã. É a de uma criatura arrogante que leva em alta conta sua constituição física, tanto que se rebela contra a vontade de Deus, quando per-

cebe que ela se choca com a tendência intrínseca de seu caráter orgulhoso. Não apenas isso, mas parece estar disposto a enfrentar as conseqüências de sua revolta e não se preocupa com seu destino, conservando seu orgulho.

A tragédia de Satã: a decepção

Alguns filósofos tentaram descrever a atitude de Satã em relação a sua crença como trágica. Ao que parece, eles o retratam como um autêntico monoteísta e crente, que se recusou a se prostrar diante de Adão, no desejo de adorar somente a Deus, visto que ninguém deve se prostrar a ninguém mais senão a Deus. Ele tem sido descrito como alguém disposto a se rebelar contra a ordem de Deus e suportar sua punição, por absoluto amor e fidelidade de crença Nele. Contudo, esse argumento não possui nenhuma base, nem na religião, tampouco na lógica, por duas razões:

1. A idéia de Satã como uma criatura viva não pode estar sujeita a abordagem empírica, de modo que possamos ter acesso aos detalhes através de nossas experiências pessoais. Trata-se de uma questão do invisível, a qual viemos a conhecer a partir do que Deus revelou aos seus profetas, neste contexto, temos que aceitar suas características no contexto das tradições religiosas, especialmente das revelações divinas de Deus. Como está evidente nos versículos mencionados acima, a recusa de Satã a prostrar-se diante de Adão não foi resultante do monoteísmo ou amor a Deus, ao contrário, se deveu a arrogância. Veremos na discussão que se segue como ele possui um caráter rancoroso, cujo ressentimento não conhece limites, tanto que, não poupa esforços para infligir prejuízos à nova criatura e a sua descendência, como um meio para dar vazão a seu ódio. E a fim de alcançar esta finalidade maligna, ele solicita a Deus que o deixe viver até o *Dia do Julgamento*. Se esta é a imagem de Satã descrita no Alcorão, de onde tais filósofos nos trouxeram o retrato de verdadeiro crente e amante de Deus que Satã teria sido? Ao ponto de estar preparado para ser consumido pelo fogo, apenas para manter puro seu amor e sua crença por Deus. Não podemos nós considerar isto uma criação fantasiosa da imaginação de um poeta? Um poeta que esteja sonhando acordado e tentando conferir a aparência trágica a

criminosos, em razão de identificar-se com seus sentimentos, sem dar idéia da correta medida aos verdadeiros motivos do crime e de suas conseqüências sobre a terra e as pessoas. Um caso similar é daquele que condena à pena de morte um assassino, como punição no código penal islâmico, com base em razões emocionais simplistas, perdendo de vista o lúcido plano de legislação para a vida humana. Podemos encontrar alguns outros detalhes pertinentes a estes assuntos nas tradições dos Ahlul Bait (A.S.).

No Biharul Anwar e no contexto das histórias dos profetas, Imam Já'far Assadeq (A.S.) foi citado como tendo dito *“Satã recebeu a ordem de se prostrar diante de Adão. Ele respondeu: Ó Senhor, se tu me perdoar por não me prostrar diante dele, eu o adorarei com o tipo de adoração que ninguém mais poderá se equiparar. Deus Poderoso disse: Eu desejo ser obedecido naquilo que eu tenha decretado”*. (v.1 - p.136)

Algumas tradições dos Ahlul Bait (A.S.) falam disso de modo similar.

“Abu Basira perguntou ao Imam Assadeq: Os anjos cumpriram o ato de prostração pondo suas testas sobre a Terra? Ele disse: Sim, como um sinal da glória de Deus Poderoso”. (Al Mizan fii Tafsiril Quran v.1 - pag. 135 e 36, At Tabatabai).

No hadith Ihtijaj, no contexto de um diálogo com um judeu, Imam Ali (A.S.) é citado como tendo dito: *“A prostração deles (dos anjos) não foi de submissão. Reverenciaram Adão, com exceção de Deus, o Altíssimo. Porém, isso foi em reconhecimento da posição superior de Adão e como um meio de pedir a misericórdia para ele”*. (Al Mizan fii tafsiril Quran, ibid)

O Papel de Satã em relação ao Homem

Qual é o papel de Satã em relação ao homem? Satã possui um poder dominador sobre o homem, a ponto de que este não possa trilhar o caminho da submissão e da harmonia com a vontade de Deus?

Se este é o caso, como se pode entender este poder dominador *“dado por Deus”*? E como se pode conciliar isto com a justiça de Deus? O Deus que

ameaça o homem com o castigo, se ele se rebelar contra suas ordens, enquanto torna possível para Satã seduzi-lo para que se afaste da senda reta?

Esta pode ser a impressão que predomine em meio ao geral das pessoas, como um meio de culpar a Satã por muitos dos males que os afligem e por não ser algo comprometedor. Portanto, elas encontram em Satã um bode expiatório, isto é, para elas, seu extravio é resultado natural da queda diante dos estratagemas de Satã.

Contudo, Satã não tem nenhum poder a exercer sobre o homem, exceto o de tentar desencaminhá-lo por meio de insinuações diabólicas e o de criar condições para tentar o homem a cometer o que seja vil.

O homem, por outro lado, foi dotado com o intelecto que pode definir entre o bem e o mal e ser esclarecido sobre as Mensagens Divinas, as quais abrem todos os caminhos para que adquira o conhecimento necessário para se guiar ao caminho de Deus. O homem também foi agraciado com uma vontade forte que o auxilia no processo de tomar uma decisão sensata e trilhar com passos firmes a senda da retidão.

Isto é o que torna o conflito entre o homem e Satã equilibrado. Em sua luta, o homem tem o livre-arbítrio para fazer as escolhas em meio às más inclinações, os ambientes tentadores e as sugestões malignas. E ainda, conta com os meios, da força de vontade, do intelecto e da convicção para se sair vitorioso deste impasse, sem se render aos fatores de fraqueza e perdição.

Ao retratar o caráter de Satã e de sua participação no desvirtuamento do homem, o Alcorão tem suscitado na mente dos crentes a força da convicção que é capaz de derrotar todas as forças do mal, especialmente com as armas do poder mental e da fé, se o homem utilizá-las na luta. Quanto aos que caem vítimas das tentações, sua perdição não se deve a uma fraqueza intrínseca, mas sim, por que eles contribuíram para paralisar e finalmente, neutralizar, os poderes à sua disposição.

Por conta disso, devemos então saber que o prolongamento da vida de Satã até o *Dia do Julgamento*, dando a ele a liberdade para seduzir o homem, que conta com todas as armas para empreender uma resistência determinada ao abandono do caminho certo, é um sinal da confiança no homem. E é também, um sinal de que o homem deve ser capaz de escolher seu destino por conta de sua vontade e capacidade, não por coerção ou

repressão que possam enfraquecer sua resolução e fazê-lo dobrar-se sob pressão. Esta é a diferença entre aquele que é influenciado pelos fatos e que cede ao domínio deles, e aquele que é senhor de seu próprio destino e que submete os fatos a sua força de vontade e escolha.

Agora, nos demoremos um pouco nesses versículos alcorânicos que falam sobre os papéis do homem e de Satã:

“Não invocam, em vez d’Ele, a não ser deidades femininas, e, com isso invocam o rebelde Satã, que Deus amaldiçoou. Ele (Satã) disse: Juro que me apoderarei de uma parte determinada dos Teus servos, a qual desviarei, fazendo-lhes falsas promessas. Ordenar-lhes-ei cercar as orelhas do gado e os incitarei a desfigurar a criação de Deus! Porém, quem tomar Satã por protetor, em vez de Deus, Ter-se-á perdido manifestamente, porquanto (ele) lhes promete e os ilude; entretanto, as promessas de Satã só causam decepções”. (C.4 –V.117 a 120)

“E continuou: Atenta para este, que preferiste a mim! Juro que se me tolerares até o Dia da Ressurreição, salvo uns poucos, apossar-me-ei da sua descendência! Disse-lhe (Deus): Vai-te, (Satã)! E para aqueles que te seguirem, o inferno será o castigo bem merecido! Seduze com a tua voz aqueles que puderes, dentre eles; aturde-os com a tua cavalaria e a tua infantaria; associa-te a eles nos bens e nos filhos, e faze-lhes promessas! Qual! Satã nada lhes promete, além de quimeras. Não terás autoridade alguma sobre os Meus servos, porque basta o teu Senhor para Guardiã”. (C.17 – V.62 a 65)

“Disse: Ó Senhor meu, tolera-me até ao dia em que forem ressuscitados! Disse-lhe: Serás, pois, dos tolerados, até ao dia do término prefixado. Disse: Ó Senhor meu, por me teres colocado no erro, juro que os alucinarei na terra e os colocarei, a todos, no erro; salvo, dentre eles, os Teus servos sinceros. Disse-lhes: Eis aqui a senda rela, que conduzirá a Mim! Tu não terá autoridade alguma sobre os Meus servos, a não ser sobre aqueles que te seguirem, dentre os seduzíveis”. (C.15 – V.36 a 42)

“Disse: Juro que, por me teres extraviado, desviá-los-ei da Tua senda reta. E, então, atacá-los-ei pela frente e por trás, pela direita e pela esquerda e não acharás, entre eles, muitos agradecidos! Deus lhe disse: Sai daqui! Vituperado! Rejeitado! Juro que encheréi o inferno contigo e com aqueles que te seguirem”. (C.7 – V.16 a 18)

“E quando a questão for decidida, Satã lhes dirá: Deus vos fez uma verdadeira promessa; assim, eu também vos prometi; porém, faltei à minha, pois não tive autoridade alguma sobre vós, a não ser convocar-vos, e vós me atendestes. Não me reproveis, mas reprovai a vós mesmos. Não sou o vosso salvador, nem vós sois os meus. Renego (o fato de) que me tendeis associado a Deus, e os iníquos sofrerão um doloroso castigo!” (C.14 – V.22)

Os limites da “autoridade” de Satã

Pode-se deduzir desses versículos que, em sua discussão com Deus, Satã parece determinado a seduzir a descendência de Adão para longe da senda reta, se colocando à espreita deles em cada canto e tentando-os com falsas promessas de um benefício iminente, se derem às costas a Deus. Porém, Deus concedeu a Satã o que este desejava, mas advertiu-o para que não se entregasse aos seus sonhos e a sua atitude, já que não teria qualquer poder direto para desencaminhar o homem. Isto é, ele não pode desencaminhar aqueles que se esforçam na senda da orientação. Não está em seu poder tentar aqueles que almejam a retidão e as boas ações. Assim, aqueles que são dominados por ilusões podem cair presas de sua sedução e segui-lo sem qualquer resistência.

Satã trata de extraviar as pessoas diretamente. No *Dia do Julgamento*, confessará isso diante daqueles que foram pegos por sua astúcia. Ele abdicará de sua responsabilidade no desvirtuamento das pessoas que lhe seguiram proclamando que seu papel foi limitado a tentá-las com sugestões perversas, ou seja, que não teve acesso a suas faculdades mentais, de maneira que pudesse afetar negativamente sua força de vontade e liberdade de escolha.

É evidente que a questão não é de desvio da senda da justiça na criação do homem e na direção de seus passos, já que isto está dentro de seu ambiente natural, como Deus desejou. Ou seja, este é um meio de despertar a luta dentro da psique humana, de modo que ele esteja em posição de escolher seu caminho exercendo seu livre-arbítrio, não por compulsão ou supressão do mesmo. Isto é o que o seguinte versículo ilustra:

“O próprio Satã confirmou que havia pensado certo a respeito deles – eles o seguiram, exceto uma parte dos fiéis; Se bem que não tivesse autoridade alguma sobre eles. Fizemos isto para certificar-Nos de quem, dentre eles, acreditava na outra vida e quem dela duvidava. Em verdade, teu Senhor é Guardião de tudo”. (C.34 – V.20 e 21)

Portanto, a imagem torna-se mais nítida quando se consulta outros versículos alcorânicos, os quais procuram despertar o homem e convocá-lo a ser indubitavelmente hostil à Satã. Os versículos buscam mostrar ao homem o caminho para ser o senhor de seu próprio destino, ignorando as tentações de Satã:

“Quando leres o Alcorão, ampara-te em Deus contra Satã, o maldito. Porque ele não tem nenhuma autoridade sobre os fiéis, que confiam em seu Senhor. Sua autoridade só alcança aqueles que a ele se submetem e aqueles que, por ele, são idólatras”. (C.16 – V.98 a 100)

“Posto que Satã é vosso inimigo, tratai-o, pois como inimigo, porque ele incita os seus prosélitos a que sejam condenados ao tártaro”. (C.35 – V.6)

“E quando alguma tentação de Satã te assediar, ampara-te em Deus, porque Ele é Oniouvinte, Sapiientíssimo. Quanto aos tementes, quando alguma tentação satânica os acossa, recordam-se de Deus; ei-los iluminados. Quanto aos irmãos (malignos) arremessam-nos mais e mais no erro, e dele não se retraem!” (C.7 – V.200 a 202)

Experimentar o clima do diálogo alcorânico entre Deus e Satã expõe a áspera atitude de Satã para com o homem. Está evidente que ele está disposto a destruí-lo e minar a alta posição em que Deus o colocou. Satã faz isto como reação ao fato de Deus expulsá-lo dos domínios de sua Misericórdia por não ter obedecido a suas ordens. Assim, não há nenhuma sombra de dúvida que a idéia de que Satã tenha sido injustiçado, e que ele seja um crente verdadeiro e fervoroso, é absurda. Ao contrário, a imagem de um psicopata surge muito claramente. As manifestações de sua imagem são sua desobediência às ordens de Deus e as atitudes que ele toma, que são induzidas por reações de egoísmo, sem considerar as conseqüências de suas ações para o seu destino neste mundo e na vida futura.